

ELA É INTELIGENTE E DESLUMBRANTE.
ELE É O HOMEM MAIS DESEJADO DE NOVA IORQUE.

TUDO O RESTO SÃO ILUSÕES E SEGREDOS.
PODERÁ O AMOR NASCER ASSIM?

A LEI DOS CORAÇÕES PERDIDOS



MARIANA FARIA



VICIANTE, DISTORCIDO, APAIXONANTE. SEM DÚVIDA, UM DOS MEUS LIVROS
FAVORITOS DO ANO. - MARIANA NUNES | @CHRONICLESOFMARIANA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ELA É INTELIGENTE E DESLUMBRANTE.
ELE É O HOMEM MAIS DESEJADO DE NOVA IORQUE.

TUDO O RESTO SÃO ILUSÕES E SEGREDOS.
PODERÁ O AMOR NASCER ASSIM?

A LEI DOS CORAÇÕES PERDIDOS



MARIANA FARIA



VICIANTE, DISTORCIDO, APAIXONANTE. SEM DÚVIDA, UM DOS MEUS LIVROS
FAVORITOS DO ANO. - MARIANA NUNES | @CHRONICLESOFMARIANA

Ficha Técnica



CHÁ DAS CINCO

livros com muito sentido

Título: *A Lei dos Corações Perdidos*

Autoria: *Mariana Faria*

Editor: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2024 *Edições Saída de Emergência*

Revisão: *Liliana Simões*

Composição: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 11*

Design da capa e interior: *Chá das Cinco*

Data de Edição E-Book: *julho, 2024*

isbn: *978-989-710-656-9*

Chá das Cinco é uma chancela do Grupo Saída de Emergência

Apartado 35

Loja CTT S.P. Estoril

2766-501 S. Pedro do Estoril

Acompanhe as nossas novidades em

www.sde.pt

[facebook](#)

[instagram](#)

[e twitter](#)

Mensagem Da Autora

Querido leitor ♥,

Muito muito obrigada
por seres adquirido

" A Lei dos Corações

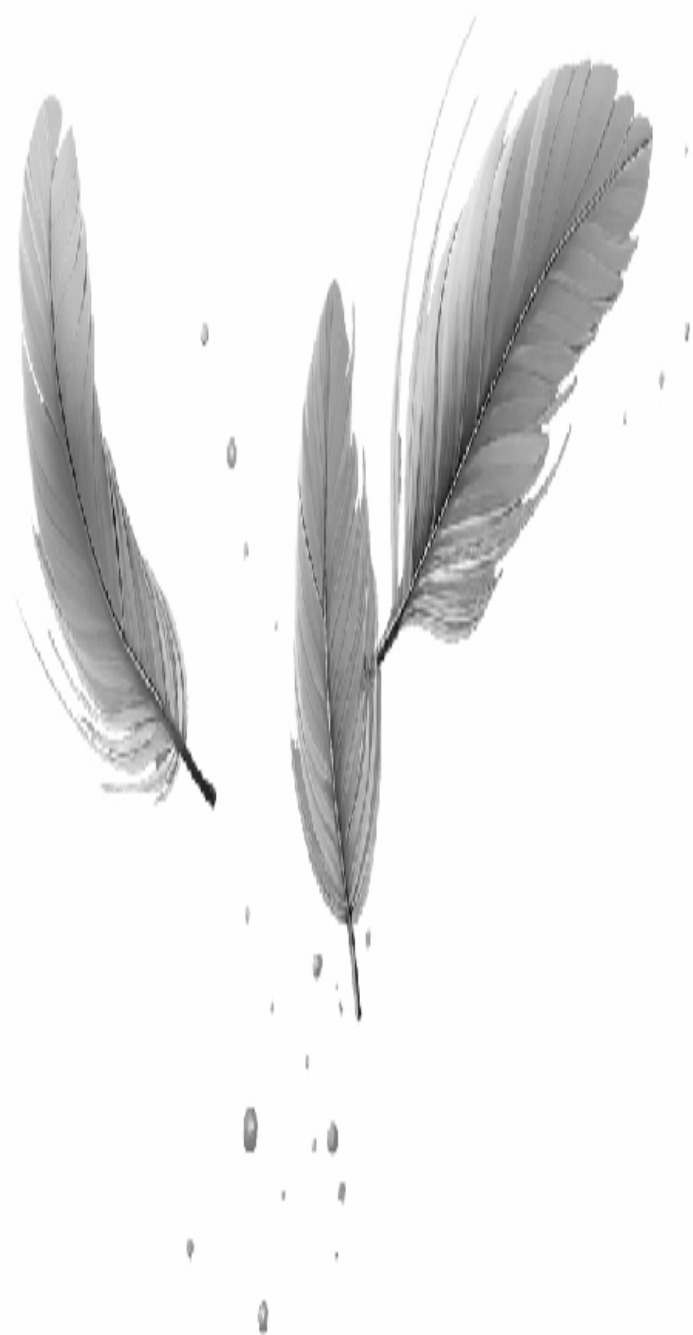
Perdidos "

Espero que a viagem da
Emma e do Tyler marque o
seu ♥ como marcou o meu.

Lembra-te, nada é o que
parece ...

M
Fay

Dedicatória



**Este livro
é dedicado a toda
a gente que tem
um sonho.**

Prólogo



Este restaurante parece mais pequeno que o normal. Não sei se talvez seja por estar cheio numa noite de sexta-feira, mas aposto que é apenas um efeito secundário de crescer. Ontem tinha onze anos e hoje tenho doze. Também somos doze aqui. Doze raparigas, uma por cada ano que eu existo. Eu queria convidar mais pessoas, mas a mamã disse que era muita gente. Aparentemente doze pessoas é perfeito para o décimo segundo aniversário.

Não tenho fome, mas tenho de comer, porque se não comer nada, o papá zanga-se e o papá nunca se pode zangar. O meu estômago dá voltas a cada dentada de *pizza* e o meu coração corre rápido no meu peito. Quer escapar, quer ser livre, mas não pode, pois ser livre não é ser perfeito e eu tenho de ser perfeita.

A minha melhor amiga, Courtney Santiago, vai contando anedotas, fazendo-nos rir. Eu quero rir o mais alto que a minha voz consegue, mas sei que tenho de me comportar, dar uma boa imagem e manter a postura. Não sei porque me sinto assim tão estranha hoje. Será que é o que acontece quando se faz doze anos? Será que todas as minhas amigas vão sentir o mesmo? Será que a mamã sentiu o mesmo? Quero muito saber, quero perguntar, mas as palavras enrolam-se na minha garganta e nada consegue sair. Sei perfeitamente que não se pode fazer este tipo de perguntas, não são apropriadas para pessoas perfeitas.

O empregado espera que todas acabemos os nossos jantares para trazer o meu bolo de aniversário, mas bolo é provavelmente a última coisa que me apetece agora. A mamã não pode estar aqui hoje, teve de ir até casa da tia para a ajudar, pois ela está doente e levou o meu irmão, James, com ela. É o primeiro ano que a mamã falta ao meu aniversário e isso deixa-me triste. O papá disse que também não podia vir porque tinha um jantar importante, mas que me vinha buscar quando terminasse. Sei que um deles está a mentir, mas não posso fazer perguntas, senão é mais um segredo para eu guardar. Talvez seja por isso que não tenho fome, estou demasiado cheia de segredos. Guardo os segredos da mamã, os segredos do papá e os meus segredos. Tento que em nenhum momento os segredos transbordem por todo o lado, causando uma inundação. Isso, sim, faria o papá zangar-se muito.

O restaurante diminui a luz e todas as pessoas cantam para mim, mesmo quem não me conhece. O aniversário é uma coisa divertida para todos, menos

para mim. Afinal, se não fosse a minha melhor amiga, estaria sozinha, pois mais ninguém que importa quis vir. Sorrio educadamente, mas o sorriso não é genuíno, aliás, acho que nunca na vida forcei tanto um sorriso como agora. Os segredos estão a acumular na minha garganta, quero chorar, quero que parem de cantar para mim, eu não mereço que cantem para mim, eu não sou perfeita como devia ser. A minha visão escurece ao aproximar-me das velas para as soprar e pedir o meu desejo: *Nunca mais quero ser perfeita, nunca mais quero ser perfeita...* repito para mim mesma.

Remexo na minha fatia de bolo, fazendo de conta que como. Olho o relógio de parede do restaurante vezes e vezes sem conta. Já são dez da noite. Suspiro de alívio à medida que, uma a uma, as minhas convidadas são levadas para casa pelos pais. Sinceramente não sei porque sou amiga delas, se me perguntassem porquê não seria capaz de responder. São apenas filhas de pessoas de quem o papá gosta. Apenas a Courtney faz sentido estar aqui, ela é a única pessoa que é minha amiga de verdade e simplesmente por um motivo: ela não é perfeita, os pais não são perfeitos. O meu papá não gosta deles, e eu adoro-a por ter pais de quem ele não gosta. Ela é tudo aquilo que eu queria ser e não posso.

Quando os pais dela chegam, dou-lhe um abraço forte e tenho de morder a língua para não chorar com a sua ida, pois esta é a última vez que vejo a única amiga na minha vida que faz sentido existir. A Courtney vai mudar-se para França porque o pai dela recebeu uma oportunidade de trabalho lá. Ela explicou-me o que era, mas sinceramente não consegui entender, deixei de a ouvir falar a partir do momento em que ela disse que se ia embora. Amanhã é o voo e com ela vão todas as minhas oportunidades de ser uma adolescente normal, cheia de disparates e aventuras, como as que vemos nos filmes. Aposto que a França vai ficar muito mais divertida, agora que ela vai para lá. Quando me afasto do seu abraço, ela leva a mão ao bolso, retirando um pequeno e fino embrulho.

— Feliz aniversário, Emma. — Agarro o pequeno embrulho com algum receio. O papá disse que não podia aceitar presentes pois nós temos muito dinheiro e parece mal, mas este vai ser o único e último presente dela, tenho de o aceitar. Quando abro, sorrio largamente ao observar a tatuagem temporária em forma de pena. Uma pequena lágrima rola pelo meu rosto e não é preciso dizer nada, ela sabe o quão especial este presente é para mim. Nada poderia simbolizar melhor a nossa amizade como uma tatuagem temporária.

Digo adeus aos pais dela antes de entrarem no carro e se afastarem pela última vez. Fico sentada nas escadas do restaurante à espera de que o papá apareça, mas isso não acontece. Passam-se algumas horas até o último

empregado sair do restaurante e me instruir que devo ir para casa antes que fique muito tarde. Tenho medo, não sei se aconteceu alguma coisa ao papá e não quero ir para casa sozinha. *E se acontece alguma coisa? E se chego a casa e o papá aparece aqui? E se ele se esqueceu de mim?* O empregado volta a mandar-me embora e percebo que não tenho opção senão ir embora. Solto o cabelo do meu puxo apertado que me faz doer a cabeça, deixando-o absolutamente imperfeito por causa da marca do elástico. Respiro fundo e ganho coragem para começar a andar. Não vivo muito longe daqui e por isso deixo de me importar de caminhar sozinha. O papá deve ter ficado preso no trânsito ou o jantar atrasou-se.

É meia-noite, já é março. Ontem era fevereiro, dia 28, mas esse não é o meu aniversário. O meu aniversário só é celebrado de quatro em quatro anos, pois eu sou uma daquelas pessoas estranhas que decidiram nascer no único dia do ano que é imperfeito e livre de aparecer apenas quando quer. Fazia sentido que isso me ajudasse a ter a mesma independência e liberdade, mas temo que isso só tornaria a minha vida cada vez mais controlada por aquilo que os outros decidem por mim.

Apesar de estar bastante frio, as minhas pernas tapadas por uns *collants* finos aguentam bem a temperatura, mas por algum motivo, cada passo que dou torna-se mais e mais esforçado. Sinto-me como se os meus pés tivessem pedras sobre eles, impedindo-me de caminhar. Podia ser por estar com eles gelados, mas isto é tudo porque não quero chegar a casa, não quero voltar à perfeição aparente que é a minha vida, quando na verdade por detrás da grande porta de madeira escura do meu alpendre em mármore encontram-se apenas coisas tristes.

As luzes dos candeeiros de rua piscam, fazendo-me olhar para a direita. Não acredito que andei este tempo todo e não reparei no enorme acidente que aconteceu numa das ruas paralelas à principal onde me encontro. Um conjunto de ambulâncias e carros da polícia rodeiam um carro preto completamente desfeito e virado ao contrário. Nunca tinha visto um acidente assim, espero que ninguém se tenha magoado, mas é quase impossível isso ser verdade. Fico parada a observar todo o aparato. Sinto imensa curiosidade em saber o que se passou, mas um dos bombeiros repara em mim e manda-me embora. O acidente traz-me novamente lágrimas aos olhos, não só pelas pessoas que se magoaram, mas também por perceber que eu própria vivo num gigante acidente.

Finalmente chego a casa. Quando abro os enormes portões de ferro verde que dão acesso ao jardim da entrada, o meu coração acelera. Olho em redor à procura do carro do papá para tentar perceber se ele está em casa. Não consigo vê-lo, mas também pode estar dentro da garagem. Passeio pelo

alpendre da entrada durante algum tempo na esperança que o papá apareça de repente e assim encontra-me aqui, sã e salva, mas está demasiado frio para ficar cá fora. Se calhar o papá está em casa e adormeceu; se calhar está preso no trânsito, ou se calhar simplesmente esqueceu-se. O que quer que seja, não posso ficar aqui mais tempo e por isso coloco as chaves na porta e começo a empurrá-la com toda a minha força. Abro-a com confiança, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Pode ser que o papá esteja a dormir e eu consiga fugir para o quarto. Um barulho de algo a partir chama a minha atenção para a sala. Assim que viro o rosto na direção do som, as correntes que me prendiam à nossa família perfeita partem-se para sempre.

Capítulo 1

Emma



Acordo com um sobressalto e suprimo um grito com a mão a tapar a boca. Levo-a em seguida ao peito e dentro dele o meu coração perde o controlo dos seus próprios batimentos. Respiro de forma descontrolada e levo alguns segundos a perceber que hoje não é aquele dia, já passaram treze anos e isto foi apenas um pesadelo. Ainda está escuro na rua, é demasiado cedo para o sol de dezembro se fazer ver. Durante inverno é sempre tímido e demora imenso a levantar-se. De certeza que o frio de Nova Iorque não ajuda. Eu entendo-o, também não me apetece mesmo nada sair do conforto da minha cama. Atiro-me para trás voltando a deitar o corpo suado e nervoso sobre o colchão fofo. Vou recordando todos os detalhes do meu pesadelo. Neles a situação nunca é clara, há sempre detalhes que a minha mente deixa de fora e tenho tendência a acordar antes da parte que me assombra a vida. Ultimamente os sonhos têm sido mais detalhados. Cada vez que os tenho, um pormenor é acrescentado. Pormenores esses que o meu eu desperto nunca se iria conseguir lembrar. Bufo bem alto e esfrego a cara com as mãos, tentando afastar estes pensamentos. Sento-me na berma da cama e decido levantar-me para caminhar até à janela e afastar as cortinas, de forma a deixar entrar a pouca luz do exterior. São exatamente seis da manhã e o ar frio de dezembro entra pelas frestas da janela, fazendo o meu braço arrepiar-se. Encosto a testa no vidro, como se a sensação gelada conseguisse resfriar as minhas emoções. Sei que não funciona dessa forma, mas ainda assim sorrio com o meu próprio pensamento, sendo apenas interrompida com o som de alguém a bater à porta do meu quarto:

— Sim? — respondo, dando permissão a quem quer que seja para entrar. O meu irmão, James, abre a porta gentilmente e olha em redor do quarto como se estivesse aqui pela primeira vez. Quando os seus olhos voltam a encarar-me, a sua expressão é de absoluta reprovção. Às vezes, a maneira como me encara é tão parecida com o nosso pai que me causa arrepios. — Ainda é de manhã e já estás de mau humor? — riposto, quando me viro da janela para o encarar. Cruzo os braços e continuo a observar os seus movimentos cuidados.

— Não é nada, não estou de mau humor. — James volta-se para trás para fechar a porta branca do quarto e começa a caminhar até mim. — O pai hoje está bem-disposto, por favor, não estragues tudo. Era bom poder passar algum tempo de qualidade com ele — declara enquanto se senta no fundo da minha

cama, amassando os lençóis de seda branca. James penteia com as mãos o cabelo castanho que definitivamente precisa de ser cortado, caindo-lhe desalinhado para um lado da sua cabeça.

Suspiro ao olhar para ele e para a sua inocência. O meu irmão tem uma forma bastante diferente de lidar com John Montgomery. Desde aquela noite que deixei de lhe chamar pai e passei a chamar John, pois não acho que ele seja merecedor desse título. James limita-se a aceitar a nossa dinâmica familiar de forma a não causar confusões. Ao contrário dele, eu disponho-me a enfrentá-lo. Já perdi conta ao número de vezes que tentei que a nossa mãe, Edith, acabasse com este casamento ridículo. Tenho de morder a língua algumas vezes antes de lhe responder. Por um lado não quero estragar a felicidade do meu irmão, mas por outro sei que não posso fazer promessas que não posso cumprir.

— Vou tentar o meu melhor, mas não prometo nada — afirmo. O sorriso que lhe surge no rosto faz brilhar os seus olhos azuis-oceano. Sinceramente hoje vai ser difícil manter a calma, o meu pesadelo lembrou-me de tudo o que odeio em John.

— Obrigado, Emma, vais ver como ele hoje está bem! Anda todo contente a organizar o jantar de Natal. Já sabes que ele nesta altura fica mais calmo. — James levanta-se da minha cama e abraça-me com força.

Ele não fica mais calmo, apenas tem mais cuidado para não ser apanhado. Decido não contrariar James e retribuo o seu abraço encostando a cabeça nele. Só nesse momento reparo que está vestido com um fato cinzento, camisa branca e gravata cinzenta a combinar. Afasto-me para apreciar melhor a sua roupa e não consigo conter o riso ao olhar para ele. James olha-se de alto a baixo no meu espelho de corpo inteiro que está no canto do quarto. As suas mãos afagam as lapelas do *blazer* como se estivesse à procura de algum defeito no tecido.

— De que é que estás a rir?! Se tenho alguma coisa no fato, diz-me para eu ir arranjar! — pergunta-me completamente em *stress*. Nego com a cabeça e aproximo-me dele para dar um pequeno jeito na gravata.

— Não tens nada no fato mas acho que estás a exagerar. Vais para a universidade, ainda não és advogado. Umas calças de ganga não eram o suficiente? — O rosto pálido dele ruboriza com a minha observação, mas ao mesmo tempo parece chateado por eu me estar a rir. Tapo os lábios com a mão, tentando parar, mas vê-lo tão nervoso com a aparência é simplesmente hilariante.

— Sabes que na universidade há muita gente que conhece o nosso pai e pensam que eu só estou lá por ser filho dele. Tenho de causar uma boa impressão, não achas? — O seu olhar baixa ao falar. Cruzo os braços e

começo a abanar a cabeça, revirando os olhos ao mesmo tempo. Às vezes pergunto-me se realmente partilhamos alguma genética, não podíamos ser mais diferentes nem se tentássemos. Não vou dizer que não gosto de andar arranjada pois isso seria mentira, mas não o faço porque me preocupo com o que os outros vão pensar e muito menos por ser filha do John Montgomery.

— Só me estás a dar razão. Se as pessoas já acham isso tudo, imagina o que vão pensar quando te virem sempre de fato? Acho que deverias manter a discrição, mais nada. — Afasto-me um pouco dele e começo a procurar as minhas calças que ontem deixei espalhadas pelo quarto. Isto está uma confusão e o facto de o quarto ser enorme só me dá mais espaço para deixar tudo por todo o lado. Vejo James continuar a encarar-se no espelho, ponderando sobre o que lhe estou a dizer. — Se fores assim, vão todos pensar que tens a cabeça do tamanho deste quarto e que te achas melhor que toda a gente. Olha eu, por exemplo, estou no último ano do mestrado e ninguém sabe quem eu sou. — Agarro as calças que finalmente encontro e entro no *closet* para encontrar uma camisola bem quente para vestir. James vem ter à porta do *closet* e apoia-se na ombreira da porta.

— Mas isso é porque estás a estudar História, como é óbvio ninguém vai conhecer o pai, ninguém nesse curso olha para as pessoas importantes do presente, vocês só olham para o passado. — Levanto o olhar para ele, um pouco magoada com a sua afirmação. — Não olhes para mim assim. Podias ter sido uma advogada incrível, mas gostas de estar sempre a falar do passado e das coisas que já não interessam para nada. — James caminha para a porta, decidido a não seguir o meu conselho sobre a sua roupa. Antes de sair, olha em redor do meu quarto e suspira. — Sinceramente, Emma, eu sou mais novo que tu e sei manter o meu quarto sempre perfeito.

O meu coração pesa ainda mais. Perfeito. A palavra que atormenta os meus pesadelos e toda a minha existência. *Hoje tens de estar perfeita, Emma; O teu cabelo não está perfeito, Emma; Estou desiludido, Emma, isto tinha de ser perfeito.* Olho em redor para a confusão instalada no meu quarto que quase esconde a elegância das paredes brancas decoradas com *boiserie*. Sento-me aos pés da cama no mesmo sítio onde o corpo do meu irmão deixou uma concavidade no edredom. Tento respirar fundo algumas vezes, pedindo a mim mesma para afastar todas as memórias dos momentos onde a perfeição me era exigida. Não só o meu irmão foi apanhado por esta mania das aparências de John, mas também fez questão de me dizer que eu devia ser mais como ele e ser advogada, o que deixaria o nosso pai orgulhoso. A verdade é que não sou advogada porque isso faria o John feliz, e quem precisa de ser feliz sou eu. Gosto de história porque perceber como as ações do nosso passado afetam o nosso presente, previne imensos erros e isso também me

ajuda um pouco a tentar aceitar a minha própria história. Decido ignorar por completo os comentários do meu irmão e continuar com a minha rotina matinal.

Quando finalmente saio do quarto, sinto-me pronta para enfrentar mais um dia. Às vezes parece que cada manhã é o início de uma nova batalha que nem sempre consigo vencer. Percorro o imponente corredor branco e detalhado, caminhando sobre o tapete que o percorre. O som dos meus sapatos ecoa alto e há alguma coisa nesse som que me enche de confiança. Vou olhando para os quadros clássicos e retratos espalhados pela parede, tentando adiar a minha descida ao andar de baixo o máximo possível. Alguns empregados vão passando por mim, atarefados com as coisas da manhã. Todos me dizem «bom-dia», ao que eu respondo com um pequeno aceno de cabeça. A mansão é extremamente clássica e elaborada, todas as paredes e tetos são decorados com esculturas e ladrilhos, tudo em tons de branco e dourado. Agarro o corrimão da escadaria central e preparo-me psicologicamente para enfrentar John. Assim que entro na imponente sala de jantar, um silêncio constrangedor instala-se automaticamente. Olho em redor e aproximo-me da minha mãe para lhe dar um beijo na face:

— Bom-dia, filha — diz-me, carinhosamente. Sorrio para ela e sento-me ao lado do meu irmão, tentando evitar olhar para John.

— Bom-dia — repito, enquanto retiro um pão da cesta do meio e me sirvo de uma chávena de café.

— O Owen e o Parker têm os carros prontos daqui a dez minutos. O Owen vem comigo, vocês vão com o Parker. Despachem-se — afirma John autoritariamente. Owen e Parker são os motoristas e seguranças da família. Pelo menos isso é o que John quer que pensemos sobre eles, mas eu sei perfeitamente que Owen em particular deveria mais ser chamado de espião que outra coisa. Monitoriza todos os nossos passos, informando sempre o seu patrão de onde estamos, com quem estamos e o que estamos a fazer.

— Eu vou levar o meu carro, quero conduzir. Diga-lhes que não preciso de vigia — respondo, enquanto vou comendo calmamente. James começa a bufar ao meu lado, relembrando-me da promessa que fiz no quarto e que não estou a conseguir cumprir.

— Sabe o quão mal parece os meus filhos chegarem à universidade num carro conduzido por eles? Quando há dinheiro mais do que suficiente para motoristas? — John exalta-se no seu lugar.

Dinheiro, essa coisa que falta a tanta gente e que nesta família há em demasia. Sempre fomos tratados como lordes, com motoristas e mordomos para tudo, tornando-me quase incapacitada de sequer estrear um ovo. Não é algo do qual tenha orgulho, mas torna mais complicada a decisão de deixar

esta casa para sempre.

Ignoro por completo a questão retórica. Acabo de comer e inclino-me para beijar a minha mãe na sua bochecha pálida. James levanta-se da mesa e diz-me que vai buscar o resto das suas coisas. Apenas confirmo com a cabeça e espero que ele saia para reparar melhor no pescoço dela, marcado por umas leves manchas vermelhas. Olho a minha mãe nos olhos e abano a cabeça algumas vezes antes de fulminar John com o olhar.

— Um dia vai pagar caro por isto, nem que seja a arder no Inferno — afirmo com frieza. John levanta-se da cadeira pronto para me dar um sermão, mas não lhe dou tempo para tal. Arranco o casaco da cadeira e vou até ao corredor determinada a chegar ao carro. Ouço passos atrás de mim e por momentos acho ser John para me torturar um pouco mais, mas respiro fundo ao ver a minha mãe a seguir-me.

— Filha, espere. — A sua mão segura o meu braço para me fazer parar de andar. Bufo alto, já sabendo perfeitamente o que ela vai dizer.

— Mãe, por favor, andamos nisto há anos. Já sabe que é só dizer uma palavra e saímos por aquela porta. Deixe-me ajudá-la! — A minha mãe encosta o dedo nos lábios a dizer-me para falar mais baixo.

— Querida, isto não é nada, sou eu que sou uma desastrada e fui contra um móvel lá no quarto. Agora vá, deixe o Parker levar-vos, o seu pai tem razão. Parece que há falta de dinheiro se for no seu carro. — A minha mãe fala alto para que John a consiga ouvir. Paraliso a olhar no dela e engulo a resposta que lhe quero dar. O meu irmão aproxima-se de nós e inspira o ar para falar, mas antes que o possa fazer caminho rapidamente até ao final do corredor que dá acesso à gigante garagem de cinco carros, ignorando a minha mãe e o seu discurso usual. Passo mesmo em frente a Parker e Owen sem dizer nada, decidida a conduzir o meu próprio carro.

— Miss Montgomery, o carro está pronto para si e para o seu irmão — diz-me Parker ao ver-me aproximar do meu carro. Solto uma leve risada irónica e ignoro-o por completo.

Desligo o carregador do *Tesla* branco e espero no interior pelo meu irmão, rezando para que John não decida perseguir-me até aqui com a sua raiva. Agarro o volante com força e abano a perna freneticamente com o nervosismo a consumir-me. Falhei logo pela manhã na promessa que fiz ao meu irmão. Bato com a cabeça no volante o que faz o carro buzinar bem alto. Nesse mesmo instante a porta do passageiro abre-se. James abraça-me com força e beija-me a fonte.

— As coisas vão melhorar, Emma. Ele vai mudar. Talvez se... — James interrompe a sua frase mesmo a meio. Reviro os olhos e olho-o com os braços cruzados.

— Sim? Podes dizer, eu já sei o que vem daí — afirmo, já cansada de ter a mesma conversa todos os dias.

— Eu só acho que se fizesses mais o que ele pede, as coisas seriam diferentes. Ele não ia andar tão chateado e nada disto acontecia. — Abano a cabeça com vontade de me teletransportar para Marte numa das naves do Elon Musk.

— James, eu não me vou culpar pela merda de homem que ele é. Nem vou nunca deixar de dizer à mãe que há uma saída e que eu a levo até lá. — James parece frustrado com a conversa. Esfrega a cara com força e respira fundo algumas vezes.

— Emma, só a estás a meter em mais sarilhos. Não podemos ajudar quem não quer ajuda. Vive a tua vida, arranja alguém e sai desta casa. Só te quero ver feliz, irmã. — Engulo em seco, processando as suas palavras. Não é nada que ele não me tenha dito antes, mas nunca se torna fácil de ouvir.

As intenções de James são as melhores, mas ele não sabe as coisas que eu sei, nem vê as coisas que eu vejo. John está sempre no seu melhor comportamento perante ele. Sei perfeitamente que não tenho vivido a minha vida, vivo-a em prol da minha mãe. Passo o tempo a tentar descobrir como lhe abrir os olhos e fazê-la feliz, deixando a minha felicidade em pausa. Respiro fundo enquanto penso numa forma de nos distrair da situação.

— Queres ir rápido? — pergunto com expectativa no olhar.

Ele limita-se a colocar o cinto de segurança a medo e a consentir com a cabeça. Sei que ele odeia quando acelero, mas concorda apenas para me fazer feliz de alguma forma. Mordo o lábio, tentando abafar o meu riso ao ver a cara de pânico do meu irmão. Arranco suavemente seguindo o caminho de gravilha até ao portão do jardim que se abre automaticamente ao ler a matrícula do meu carro. Assim que os pneus da frente tocam o alcatrão acelero loucamente por North Fork a caminho da Universidade de Columbia. O meu irmão agarra a porta com medo e arregala intensamente os olhos, o que me faz soltar o lábio e rir da sua figura.

— Emma, eu odeio o teu carro! Odeio! Um carro não pode ir assim tão rápido sem fazer nenhum barulho! — Os seus olhos vão fechando a cada arranque suave do carro, empurrando a sua cabeça para trás até colar ao banco. Percebo que o estou a fazer sofrer e por isso decido abrandar um pouco.

— *OK*, pronto, eu vou conduzir normalmente, seu cabeça de petróleo. — Abrando o carro ao sair da autoestrada. O trânsito usual de Nova Iorque começa a formar-se e por isso também já não ia conseguir andar rápido por muito mais tempo.

A condução foi precisamente o remédio indicado para a tristeza que

estava a sentir. Conduzir tira a minha mente do que está a acontecer à minha volta, dando-me um propósito imediato.

Quando chegamos à Columbia, o meu irmão salta do carro com a mesma pressa com que se sai de uma montanha-russa. Ele dirige-se até à porta e as suas pernas parecem tremer ao caminhar, o que me faz rir. Fico a observá-lo por um momento. James sorri quando encontra Iris, a sua namorada, no meio da confusão e apressa-se a beijá-la com força. O meu irmão costuma dizer-me várias vezes para encontrar alguém e ser feliz. Aliás, diz isso mais vezes do que eu gostava. Para além de ser incrivelmente difícil arranjar alguém capaz de aguentar toda a bagagem que trago, é igualmente complicado eu sentir qualquer tipo de atração emocional por alguém. Não se pode dizer que tenho falta de contacto com o sexo masculino. A verdade é que ao longo dos anos consigo o que quero quando quero, mas assim que a situação começa a desenvolver para algo mais afasto-me de imediato. O medo do compromisso apodera-se de mim. Nunca tive um desgosto amoroso pelo simples facto de que nunca me apaixonei. É incrivelmente difícil alguém que cresce num lar partido aprender a confiar.

1 Painéis de madeira decorativos usados nas paredes das casas.

Capítulo 2

Emma



Depois de estacionar o carro no parque da universidade, encaminho-me em passo rápido pelos corredores até encontrar o auditório. Os módulos de outono estão quase a terminar e cada um deles exige uma tese. Tudo isso enche-me de nervos, mas felizmente já estou bem adiantada em alguns deles, principalmente no módulo sobre a Segunda Guerra Mundial, já que sempre foi um tema que me interessou bastante.

Sou das primeiras a chegar à sala, ocupando calmamente um lugar ao acaso. Assim que me sento, não sou capaz de evitar lembrar a conversa com o meu irmão hoje de manhã. Desde aquela noite do meu aniversário que John sabe que sou um caso perdido, portanto acho que nem quis saber quando lhe disse que tinha entrado em História e não ia seguir Direito. Tudo o que ele quer é que o meu irmão não seja como eu, mas sim como ele. Conseguiu. O meu irmão é exatamente aquilo que ele sempre quis.

No momento em que o professor entra na sala, um último grupo de alunos entra com ele, enchendo a sala com um barulho ensurdecedor de pessoas a cumprimentarem-se e a conversar. Agarro o meu telemóvel e decido passear pelas redes sociais e responder a algumas mensagens das poucas pessoas com quem ainda falo. Não é que eu não tenha amigos, apenas não confio em nenhum deles. Não passam de pessoas com quem às vezes saio à noite para me distrair da porcaria que é a minha vida. Passo grande parte da aula a remexer no telemóvel discretamente para que o professor não veja. Não consigo deixar de pensar no meu pesadelo. Reviver tudo aquilo consome-me a alma cada vez que acontece. Ouço o professor clarear a voz e, quando levanto o rosto, percebo que está a olhar diretamente para mim. Sinto as bochechas corar e olho em volta, tentando perceber o que se passa. Vejo toda a gente de olhos postos em mim à espera de que eu diga alguma coisa.

— Miss Montgomery, responda à minha questão, por favor — diz o professor de forma severa. O meu coração bate na minha garganta à velocidade de um comboio. Eu não faço ideia do que ele estava a falar.

— Desculpe, professor, pode repetir a pergunta? — Falo tão baixo que quase não se consegue ouvir a minha voz. O professor encolhe os ombros e suspira chateado com a minha falta de atenção.

— Muito bem, mas não vou voltar a repetir. A pergunta foi se acha que o nosso país fez bem em juntar-se à guerra quando tudo estava a acontecer noutro continente. Porquê pôr em risco a vida dos nossos soldados por uma guerra que não era nossa? — Os seus braços cruzam enquanto aguarda pela minha resposta. Corro pela minha memória à procura de um motivo válido e

engulo em seco antes de responder.

— Não podíamos intitular-nos o país da liberdade e da democracia e não intervir. A Alemanha deixou claro que queria conquistar o mundo todo e havia sempre a possibilidade de vencerem. O que aconteceria ao nosso país nesse cenário? Lutamos pelo que acreditamos, pelo que amamos... — Interrompo a minha resposta para avaliar a reação do professor que aparenta rodar o canto do lábio apenas o suficiente para esboçar o mais leve dos sorrisos. Inspiro fundo agora mais calma por saber que estou a dizer algo acertado. — Era nossa responsabilidade proteger aquilo que por tanto lutamos, a segurança e liberdade dos que cá viviam — termino.

O professor apenas alarga o seu sorriso e continua a aula, desenvolvendo a minha resposta com algumas citações e eventos que levaram à intervenção da América na Guerra. Encosto-me atrás na cadeira e respiro de alívio por ter conseguido livrar-me de um sermão em frente a toda a gente. Sinto alguém tocar-me no ombro e rapidamente volto-me para trás. Um rapaz de cabelos castanho-claros olha-me com um sorriso e levanta o polegar como que a concordar com a minha resposta. Fico um pouco confusa a olhar para ele, mas agradeço baixinho e volto a olhar para a frente, fingindo ouvir o professor. O mais estranho é que acho que o conheço de algum lado, mas, por mais voltas que dê à cabeça, não consigo lembrar-me de onde.

A aula termina pouco depois. Levanto-me calmamente para arrumar as minhas coisas e me preparar para ir à biblioteca adiantar um pouco da dissertação deste módulo. O rapaz de há pouco desce do seu lugar e para à minha frente com as mãos nos bolsos das calças de ganga escura.

— Emma? — Olho para ele e o seu rosto parece tão confuso como o meu. *Como é que ele sabe o meu nome?* — Pensei que te ias lembrar de mim, estivemos juntos há uns meses, depois de uma festa em casa da Hilary? — *Oh, não!* O olhar de coração partido com que Jack me encara dá-me vontade de rir e ao mesmo tempo chorar de vergonha. Se houvesse um buraco no chão, com certeza eu enfiava-me nele para nunca mais sair.

— Eu acho que fui bastante clara contigo depois do que aconteceu — afirmo enquanto o tento contornar para sair do auditório. A sua mão agarra o meu braço e o meu corpo enrijece. *Ele não acabou de fazer isto.* — Agradeço que me largues se fazes o favor. — Fulmino-o com o olhar, o que o faz largar-me automaticamente.

— Desculpa, mas... — Ele faz uma pausa e suspira fundo. — Pensei que talvez pudéssemos ir jantar ou tomar um copo? Emma, quero conhecer-te melhor. — Reviro os olhos já um pouco cansada de me explicar. Eu não quero nada mais com ele, foi apenas uma noite.

— Jack, não voltes a falar comigo, por favor. Desculpa, mas não há

hipótese de coisa nenhuma. — Rapidamente viro costas e saio da sala a correr. Preciso de chegar à biblioteca o mais depressa possível. Não consigo evitar sorrir ao pensar no que acabou de acontecer, mas também me questiono do porquê de eu ser assim. Jack é bonito e foi por isso que quis estar com ele naquela festa, mas nem ele nem nenhum dos homens com quem estive ultimamente me conseguem atingir emocionalmente, por muito bons que sejam na cama.

Vou caminhando pelo corredor agora num passo mais lento. Olho para trás algumas vezes para ver se ele me segue, mas acho que a mensagem foi clara o suficiente para o fazer desistir. Vou passando o dedo pelo ecrã do telemóvel a ver as últimas publicações nas redes sociais quando alguém esbarra no meu ombro bruscamente, quase deitando o meu telemóvel ao chão. Inspiro com alguma força e rapidamente viro-me para trás para ver quem foi o responsável pelo acidente quase fatal à vida do meu *smartphone*.

— Ei! — exclamo de forma rude. A rapariga de cabelo castanho-escuro vira-se rapidamente de olhos arregalados e pronta a pedir desculpa. Quando observo bem o seu rosto, a minha mente viaja até memórias do meu passado, para uma amizade que há muito foi perdida.

— *Ce n'est pas possible!* Emma? — pergunta uma voz feminina leve. Ficamos a olhar-nos uns momentos, ambas ainda confusas sobre se somos quem realmente pensamos ser.

— Courtney? — questiono, calmamente, talvez com algum receio de que a resposta seja negativa.

Passaram-se tantos anos desde a última vez que a vi. Tanto aconteceu, tanto eu como ela mudámos imenso. Ela começa a abanar com a cabeça afirmativamente. Olhar para a minha amiga momentaneamente lavou todas as más memórias dos últimos anos. Tudo aquilo que eu sempre desejei poder partilhar com ela passou pela minha cabeça e senti como se estivesse a viver tudo novamente. Soltamos num suspiro em uníssono enquanto nos encontramos num abraço apertado. É estranho vê-la novamente, principalmente aqui no corredor da Columbia, depois de tantos anos. Quando nos afastamos, continuo a olhá-la boquiaberta.

— O que é que estás aqui a fazer?! — exclamo ainda com um sorriso bem rasgado no rosto.

— O mestrado em Psicologia! Tirei a licenciatura em França, mas decidi voltar. — O seu sotaque é um pouco carregado pela influência francesa na sua vida. Nota-se perfeitamente que não deve ter voltado há muito tempo. O seu rosto continua igual, os largos olhos castanho-claros que complementam o cabelo escuro, a pele ligeiramente morena...

— E tu? — pergunta-me calmamente.

— Mestrado em História, último ano. — Em criança sempre disse que seria advogada como John, por isso percebo a rosto confuso de Courtney ao ouvir que não foi esse o meu caminho.

A conversa é um pouco constrangedora. Quando ela foi embora, ainda não havia redes sociais, praticamente não havia telemóveis e mesmo que houvesse, nós éramos demasiado novas para ter um, por isso, quando uma pessoa mudava de país tínhamos de assumir que nunca mais a íamos ver. Não é possível voltar automaticamente à amizade que tínhamos. Afinal ambas passámos por experiências que nos definiram enquanto pessoas nos últimos anos. Éramos apenas crianças quando deixámos de nos ver e não se pode comparar uma pessoa de doze anos com uma de vinte e cinco.

— E os teus pais como estão? Não me lembro da última vez que vi a tua mãe, mas lembro-me de ver o teu pai quando te foi deixar ao restaurante no teu aniversário. — O meu corpo estremece apenas com a menção dessa noite. Engulo em seco e tento recompor-me para lhe responder convenientemente.

— Estão na mesma. Nada mudou. — Não minto, mas também não partilho a verdade. Courtney franze a sobancelha e fica a encarar-me uns momentos. É impossível que ela se lembre bem deles, e, aos olhos da população geral, eles são uma espécie de exemplo de tudo o que um casal deve ser — perfeitos.

— Certo... — Não sabemos o que dizer, ficamos apenas paradas no meio do corredor a olhar para os nossos próprios pés. A Courtney suspira e coloca a mão sobre o meu braço. — E que tal irmos tomar um café? O corredor não é sítio para falarmos! — exclama alegremente.

Apenas concordo com um aceno e caminhamos até ao café tipicamente nova-iorquino que está em frente à universidade. Depois de pedirmos, Courtney começa a contar-me algumas histórias sobre as suas aventuras em França e logicamente a conversa foi dar ao sexo oposto. Não é algo que eu queira falar, mas qualquer tema é melhor do que o da minha família, por isso ouço atentamente tudo o que ela tem para dizer:

— O Robert foi o último namorado a sério que tive. Foi mesmo incrível encontrar um americano na universidade em Paris. Antes dele, namorei sempre com franceses mas deixa-me que te diga, eles são uma porcaria na cama. — Olho para ela algo constrangida com o seu comentário e tento esconder o choque com um sorriso e um gole rápido no *cappuccino*. — Então e tu? Homens? Como vai isso? — pergunta-me. Encolho os ombros pois não há muito que lhe possa contar, nunca tive nenhum relacionamento como o que ela descreveu.

— Nada de especial. Tive um namorado aos dezassete anos que durou uns meses. Na altura foi o suficiente para o deixar tirar-me a virgindade.

Depois disso apenas coisas casuais — revelo, fazendo os seus olhos arregalar de surpresa. Já suspeitava que ela fosse reagir assim.

— Tu não estás com ninguém a sério desde os dezassete anos, Emma? Não deve ser por falta de procura! — A sua expressão estupefacta faz-me sorrir. Olho em redor, tentando encontrar as palavras, mas nem eu mesma sei explicar esta falta de atração emocional que não me deixa ter nada sério com ninguém.

— Alguns bem que tentaram ter algo mais. Levavam-me flores e queriam levar-me a jantar, mas ninguém me chamou a atenção. Se calhar devia começar a pensar ir para freira. — O seu rosto fica pensativo. Por momentos achei que o meu comentário tivesse alguma piada, mas parece que a fez lembrar de algo. Courtney começa a remexer na colher de bambu do café como se estivesse a procurar coragem para perguntar algo.

— Sabes que estou a tirar Psicologia, *oui*? — Engulo em seco e volto a beber um pouco do meu café. Eu sei até onde esta conversa está a ir e isso não me agrada nada.

— Sim, a tua mãe também é psicóloga, não é? — Courtney acaba rapidamente o seu café e empurra a chávena para o lado, apoiando os braços sobre a mesa, enquanto diz que sim com a cabeça.

— Sim, somos as duas. Ela conseguiu abrir um consultório em Portugal, por isso é que eles voltaram para lá e eu vim para aqui acabar os estudos — diz sem olhar diretamente para mim. Tenho de continuar a desviar a conversa o mais possível, mas antes de me deixar falar, a Courtney continua. — É só que não consigo evitar achar que, se calhar, há alguma coisa que esteja a causar essa tua maneira de pensar. — Acabo também o meu café e fico a olhar para a chávena um momento à procura da melhor resposta para lhe dar.

— Não é nada disso, acho que simplesmente ainda não apareceu ninguém interessante. — Olho para ela e tento ler a sua reação. Não a parece ter convencido nem um pouco, mas ela limita-se a encolher os ombros.

— Pois talvez tenhas razão, de certeza que um dia destes aparece um homem que te vai levantar os pés do chão. — Forço um sorriso mas rapidamente sou distraída pelo som do meu telemóvel a tocar.

— Desculpa, é o meu irmão — digo-lhe.

— *Allez!* — exclama. O meu francês é extremamente limitado, mas pela expressão dela entendo que me está a dar licença para atender a chamada.

Antes de atender, reparo nas horas e já são quatro da tarde. Eu e a Courtney estivemos horas neste café e nem me apercebi de que já tinha passado tanto tempo. Supostamente o James devia estar em aulas, por isso estranho a sua chamada:

— James Montgomery, estás a faltar às aulas? — digo-lhe, mal atendo.

— *Achas que eu algum dia falto às aulas?* — responde, um pouco indignado com a minha pergunta. Reviro os olhos. Já devia saber que ele não ia aceitar uma piada.

— Então, o que é que queres?

— *Emma, já te esqueceste de que hoje é o jantar de Natal da firma do pai? O Parker veio buscar-me para eu ir para casa arranjar-me.* — Eu já nem me lembrava de que estávamos quase no Natal quanto mais lembrar-me da festa.

— James, eu não vou à festa, porque é que me interessa saber quando é? — Ouço-o suspirar do outro lado da linha. Todos os anos me tenta convencer para ir com eles, mas eu não quero. Isso implicava fazer de conta que quero saber do John para alguma coisa.

— *Não vou insistir para vires, mas eu cheguei agora a casa e o pai perguntou por ti, acho que está à tua procura mas não te quer telefonar...*

— Ele não telefona porque sabe que eu não atendo. — Olho rapidamente para a Courtney para ver se ela percebeu a quem me estava a referir. É óbvio que percebeu, o seu olhar analisador não deixa esconder que está a ouvir tudo com muita atenção.

— *Não sejas assim! Tu hoje de manhã prometeste-me que não ias arranjar problemas. Vem para casa, por favor.* — Desencosto o telefone da orelha apenas para poder bufar o mais alto possível sem fazer o café inteiro olhar para mim.

— James, tu tens muita sorte por eu te adorar. Já vou para casa, *OK?* Não me pedes mais nada o resto da tua vida, combinado? — Ele ri-se alto do outro lado da linha, o que me faz também sorrir.

— *Não prometo nada! Até já!* — Ele desliga-me a chamada antes de me dar tempo para responder. Guardo o telefone na carteira e agarro o meu casaco enquanto olho para a Courtney um pouco triste por ter de a deixar tão cedo.

— Desculpa, Courtney, o meu irmão precisa que eu vá para casa. É a festa de Natal da empresa do... — Engulo antes de continuar a frase. — ... meu pai, deve precisar de alguma coisa. Combinamos qualquer coisa no fim de semana? — Ela agarra as suas coisas e prepara-se para sair também.

— Claro! Depois eu mando-te mensagem — diz-me, enquanto escreve rapidamente o número num guardanapo que me entrega. Esboço um pequeno sorriso e sem saber bem o que dizer viro costas para caminhar até à porta com ela. — Ah, é verdade!

— Sim?

— Vê lá se conheces algum advogado jeitoso na festa e te deixas de coisas. — Ambas desatamos a rir, mas mal ela sabe que eu estou

simplesmente a preparar-me para ficar em casa enquanto o resto da família sai.

Não é normal o John andar atrás de mim e mandar o James ligar-me para eu ir para casa. Com certeza é mais uma das suas tentativas anuais de me convencer a ir com eles, todos os anos é igual, mas eu acabo sempre por ficar em casa. Porque havia eu de querer passar uma noite rodeada de advogados chatos e enfadonhos e ainda por cima ter de fazer de conta que tenho orgulho no John? Mais vale começar já a pensar nas mil e uma desculpas possíveis para me escapar a isto novamente.

Capítulo 3

Emma



Odeio o Natal, odeio tudo sobre esta época. O Natal não passa de uma coisa inventada por alguém para celebrar a data de nascimento de alguém em quem eu nem sequer acredito. Não sou religiosa. Odeio que as pessoas tentem justificar tudo o que acontece com um poder maior e muitas delas até agem em Seu nome para matarem e torturarem. Estudo história, é impossível eu ignorar todos os momentos em que o ser humano fez algo de horrível justificado pela religião, além disso, ela só atrasou o nosso desenvolvimento enquanto sociedade igual e justa. É também uma época em que as pessoas tendem a passar mais tempo em família e eu não quero passar mais tempo com a minha. Já me chega ainda não ter arranjado uma maneira de sair de casa, simplesmente porque não sou capaz de deixar a minha mãe sozinha.

O sol já se pôs, e se enquanto ele brilhava estava frio, então agora está completamente impossível. Agradeço por o meu carro ter aquecimento até no volante, mas todo este conforto apenas aumenta a dificuldade de sair daqui de dentro. O carro de John está aqui, também veio mais cedo do escritório para se preparar para o jantar. Saio do carro finalmente, mas fico algum tempo na garagem a andar de um lado para o outro. É muito complicado chegar a casa e saber que tenho de o encarar, não consigo simplesmente ignorar a sua presença e fazer de conta que está tudo bem. A maior parte das vezes respondo com a primeira coisa que me vem à cabeça e isso só costuma piorar a situação. O meu coração salta quando a porta que dá acesso à casa abre repentinamente.

— Bem me parecia que tinhas chegado. O pai está à tua espera, Emma!
— James parece animado, mas eu não estou a achar piada nenhuma ao facto de ele estar a contar comigo para alguma coisa. O meu coração acelera cada vez mais e a sensação de que algo está errado aumenta. Ao perceber o meu nervosismo, James fecha a porta e vem até ao meu encontro, dando-me um abraço apertado. — Não precisas de estar nervosa, acho que o pai tem uma surpresa boa para ti.

— Não estás a ajudar.

— Vá lá, Emma, é Natal. Ele está feliz e tu prometeste hoje de manhã que não ias estragar tudo. — Bufo alto e passo por ele rápido para chegar à porta e acabar com isto o quanto antes.

— Já me disseste isso vezes que chegue hoje. Vá, vamos lá ver o que ele quer e acabar com o assunto. — James parece esboçar um sorriso que me faz revirar os olhos.

A porta dá acesso a um corredor curto que por sua vez nos deixa mesmo

em frente para a enorme e aberta sala de estar em mármore bege e mobília de mogno. O corredor parece agora ter quilómetros. Demoro algum tempo a percorrê-lo e observo a sala com cuidado antes de entrar. John está em pé em frente à lareira acesa. As decorações de Natal foram todas colocadas pela casa, incluindo a nossa enorme árvore que vai quase até ao teto, decorada com bolas douradas e vermelhas de vidro. Tudo cheira maravilhosamente a velas e pinheiro. Sorrio ao pensar em sentar-me na sala com um filme e uma *pizza* quando toda a gente sair para o jantar da empresa. OK, *nem eu sou um scrooge completo*. Aproximo-me do grande sofá em pele castanho onde a minha mãe está sentada com uma caixa branca no colo e cruza os braços numa posição altiva.

— O James disse que estava à minha espera — afirmo, friamente. John sobressalta-se ao ver-me aproximar e pousa o copo de *whisky* que tem na mão na mesa de centro de madeira e tampo de mármore.

— Ah, Emma! Finalmente chegou. Aqui tem, filha, este é para si. — Com um sorriso enorme estampado no rosto, vira-se para agarrar uma caixa igual à da minha mãe e estica-a na minha direção. Fico a olhar para ele alguns segundos, confusa, permanecendo com os braços cruzados.

— Ainda não é dia de Natal, acho que se enganou. — James observa-me com o mesmo olhar reprovador de John o que me causa um arrepio pelo corpo.

— Emma, vá lá... — sussurra James com uma mão pousada no meu ombro. — Eu vou começar a arranjar-me — anuncia enquanto caminha para o andar de cima. Volto a minha atenção para John que continua com a caixa sobre as mãos.

— Desde quando é que é preciso uma ocasião para um pai dar um presente à sua filha? — O comentário dá-me a volta ao estômago. Descruzo os braços, deixando-os cair ao lado do meu corpo ao som do expirar forte.

— Quer dar-me um presente? Deixe-me em paz uma noite da minha vida, por favor. Com licença. — Começo a virar costas mas ouço-o clarear a voz de forma autoritária.

— Emma. — Não é um grito, mas também não é apenas um tom normal, é a voz que usa quando está enervado. Sinto o gelo na sua voz trespassar-me. Viro-me imediatamente e engulo em seco ao ver a sua cara autoritária e a sua mão fechada em punho. Olho para a minha mãe à procura de ajuda para sair daqui, mas ela olha-me de olhos bem abertos, quase fazendo o azul desaparecer.

— Filha, por favor, é apenas um presente, não vamos arranjar problemas — diz-me a minha mãe. Engulo todos os insultos que tinha na ponta da língua prontos para atirar a John e em passo rápido sento-me ao lado da minha mãe.

Olho-a por um instante. Ela força um sorriso para o marido antes de puxar a fita dourada da caixa e a abrir. Percebo pela sua expressão que ela também não está confortável com a situação, o que só me chateia mais. Debaxo do papel crepe, também dourado, está um vestido azul-escuro completamente adornado de cristais. Vejo a minha mãe abrir a boca surpreendida com o presente, demorando um pouco a reagir. Ela acaba por levantar-se, agarrando o vestido contra o corpo, e deposita um frágil beijo na boca do seu marido. Imediatamente viro a cara. O café que bebi com a Courtney começa a arder no meu estômago, fazendo-me respirar fundo e focando a atenção de John em mim. Sei que está impacientemente à espera da minha reação, mas eu só quero sair daqui o mais rápido possível, por isso decido abrir a caixa de uma vez por todas, puxando a fita e tirando o papel à velocidade da luz. No seu interior está um dos vestidos vermelhos mais deslumbrantes que alguma vez vi. Tento ao máximo suprimir qualquer esgar de satisfação, o que se torna difícil depois de reparar bem no vestido. É extremamente decotado com alças finas e uns pequenos folhos na parte inferior. Consigo perceber só ao segurá-lo que se trata de um corte que me vai agarrar até às ancas e daí cair elegantemente. Fico a olhá-lo por alguns momentos, tentando regular as minhas emoções o mais possível. Era como se a minha cabeça girasse sem parar, tentando decidir se fica feliz por receber este presente ou zangada por suspeitar que ele quer que use isto esta noite.

— Gosta, querida? — pergunta a minha mãe.

— Sim — respondo com um sorriso rápido. Guardo o vestido dentro da caixa e preparo-me para escapar dali até ao meu quarto.

— Ainda bem, filha, vai usá-lo esta noite. — A trajetória que os meus pés se preparavam para percorrer até às escadas é congelada. Eu já sabia que era para isso que ele nos estava a oferecer os vestidos, faz o mesmo com a minha mãe todos os anos, mas esta é a primeira vez que faz isso comigo. Encaro John e a sua face que agora expõe um dos mais falsos sorrisos alguma vez vistos.

— Não me diga que se tinha esquecido do meu jantar de Natal — acrescenta, enquanto caminha até mim de mãos nos bolsos.

— Eu nunca vou ao jantar de Natal, você nunca me levou, lembra-se? — provoco. A maneira mais fácil de conseguir livrar-me de situações onde não quero estar é manipulá-lo com os seus segredos. Seguro a caixa debaixo do braço e mantenho as pernas ligeiramente afastadas numa pose de poder.

— Vem esta noite, não há discussão possível. Os cabeleireiros estarão cá daqui a pouco — afirma, retomando agora a sua voz extremamente severa.

— Não, não vou. Espero que tenha guardado o recibo do vestido. — Atiro a caixa para o chão, fazendo-a deslizar sobre o chão de mármore até

longe. Começo a caminhar até às escadas, mas sinto uma mão forte e severa a puxar o meu braço. Inspiro fundo e abafa um som de espanto e nervos. Os meus olhos arregalam na sua direção, implorando que me solte.

— Qual foi a parte do «não há discussão» que não percebeu? — Tento soltar o meu braço, mas nem toda a minha força é suficiente para o fazer largar-me.

— Largue-me! — grito com um esgar de desespero. A minha mãe corre para nós apressadamente e segura o braço de John, tentando puxá-lo para longe de mim. Sinto os olhos arder com a raiva.

— John, eu vou! Eu vou contigo como vou todos os anos! Mas larga a nossa filha, por favor! Se ela não quer vir, não faz mal! — A mão de John larga o meu braço e rapidamente efetua o trajeto em direção à minha mãe, passando a agarrar o braço dela com a mesma força que agarrava o meu. Cerro os dentes com a raiva e dou um passo até ele, mas assim que o faço, ele aperta mais o braço da minha mãe. Fecho a mão em punho, tentando absorver a vontade que tenho de ir até ele. Os olhos de John vão ao encontro dos meus, riados de vermelho e completamente descontrolados.

— Vem? — Sei perfeitamente que se disser que não, ele vai retaliar na minha mãe.

— Eu vou! Eu vou convosco! — desisto. O seu punho relaxa enquanto se encaminha para a minha mãe e lhe deposita um beijo na cabeça. A minha mãe fecha os olhos com força. A forma como estremece demonstra perfeitamente o medo e nojo que lhe tem.

— Monstro — sussurro. Eu sei que ele me ouviu, mas não deve estar com paciência para continuar a discutir comigo, simplesmente passa por mim para chegar ao primeiro degrau da enorme escadaria.

— Vou arranjar-me, sugiro que façam o mesmo. — Sobe as escadas determinadamente sem olhar para nenhuma de nós. Olho a minha mãe e corro para o seu abraço. As suas mãos afagam o meu cabelo, mas rapidamente se afasta de mim, segurando as minhas mãos para me falar.

— Emma, ouça com atenção. Vamos ao jantar todos e vai correr tudo bem, mantenha a calma e não fale de mais, filha, por favor. — Fico a olhar para ela confusa e seguro a sua cara com as mãos.

— Mãe, deixe-me ajudá-la, vamo-nos embora agora. Ele está lá em cima, podemos sair e ir à polícia — sussurro. A minha mãe suspira e beija a minha mão gentilmente.

— Emma, eu estou bem. É melhor irmos, ainda nos atrasamos. — A minha mãe larga-me como se nada tivesse acontecido. As suas mãos seguram cada lado do meu rosto e deposita um delicado beijo na minha testa antes de se afastar e subir também a enorme escadaria. Os meus olhos ardem pelas

lágrimas que nele se formam mas que nunca caem. Tenho quase a certeza que é possível ver o meu coração bater no meu peito, tal é a força dos seus batimentos.

Sinto um nó gigante formar-se na minha garganta ao pensar no que acabou de acontecer, especialmente porque eu podia ter evitado tudo. Bastava fingir um sorriso e dizer que sim ao seu pedido de ir à porcaria do jantar. Apanho a caixa branca do chão e caminho até ao sofá. Aperto a caixa com força deixando presente a marca das minhas unhas. Eu sei que já devia ter saído desta casa, mas ainda não o fiz porque tenho medo de que a minha ausência torne o comportamento de John ainda pior. A minha presença é uma lembrança daquilo que sei e que ele nunca vai querer que se descubra, mas ultimamente a sua manipulação comigo tem vindo a piorar. Sei que ele tenta controlar-me e evitar que eu tenha conversas com a minha mãe. Acho que tem receio que eu a consiga convencer a deixá-lo. O que aconteceu aqui não é nada de novo, acontece sempre que John não leva a sua avante, mas a diferença é que desta vez eu podia ter evitado tudo. Desta vez a culpa é completamente minha. Sou distraída dos meus pensamentos pelo barulho de alguém a tocar à campainha. A nossa governanta dirige-se ao intercomunicador e dá permissão para a entrada dos cabeleireiros. Os empregados desta casa veem tudo, sabem de tudo e ainda assim nada podem fazer. Todos assinaram um contrato de confidencialidade com John para nunca falar sobre nada do que se passa aqui dentro.

Enquanto os cabeleireiros entram e trazem todo o seu material consigo, subo as escadas e vou até ao meu quarto. Atiro a caixa do vestido para cima da cama e acabo por pontapear a porta, fazendo o estrondo ecoar pelo enorme corredor. Por muitas voltas que dê à cabeça não consigo pensar em nenhuma forma de me livrar disto sem prejudicar a minha mãe, por isso limito-me a despir a roupa e atirá-la para um canto qualquer. Ligo o chuveiro da minha casa de banho e esgueiro-me para o conforto da água quente que escorre agora pelo meu corpo e que deixa o meu cabelo castanho-claro parecer preto. Coloco as mãos na parede e baixo a cabeça, deixando os pensamentos apoderarem-se de mim na esperança de que a água os lave da mesma maneira que lava o meu corpo. É difícil explicar o que sinto quando vejo John magoar a minha mãe desta forma. Dentro de mim ainda vive uma ponta de esperança que implora todos os dias para que ele mude, tanto pela minha mãe e a sua felicidade, mas também por essa parte esperançosa ser a mesma parte que deseja mais do que tudo uma família normal.

Abano a cabeça, tentando sacudir todos os pensamentos e acabo de tomar banho. Desligo a água e enrolo-me na toalha macia de algodão egípcio que me espera pendurada, precisamente no momento em que alguém me bate à porta

do quarto.

— Está decente, filha? Está aqui o Erik para a pentear, a mãe já está quase pronta. — A voz de John é agora doce. A maneira como ele disfarça quem é quando está rodeado de outras pessoas é perturbadora. Visto um roupão branco de seda e abro a porta, forçando um sorriso para Erik.

— Não precisa de mudar o tom de voz só porque estão aqui visitas. Pode entrar, Erik. — John arregala os olhos e encara-me furioso, mas eu sei perfeitamente que ele não vai responder.

— Ah! Miss Montgomery! Vamos começar? — exclama Erik, sorridente, ignorando o meu comentário sarcástico. Limito-me a abrir mais a porta para trás para o deixar entrar. Sento-me na cadeira do toucador de madeira branca que se encontra em frente à minha cama. O espelho deve ser suficientemente grande para que ele consiga trabalhar. Erik olha o vestido vermelho estendido na cama e sorri.

— Magnífico! Cabelo ondulado, talvez? Fora da cara para se ver bem esses olhos azuis. — O seu comentário faz-me sorrir. John fica à porta a avaliar a situação. Olho para ele e faço sinal com a cabeça para ele sair.

— Quero-a perfeita, Erik. Hoje é uma noite muito importante — afirma, enquanto passa a mão pelo cabelo grisalho agora extremamente bem cortado. Viro o olhar para ele, o que o faz esboçar um sorriso sarcástico. — Vou deixá-lo trabalhar.

— Não fosse ficar obcecado com a perfeição. Não se preocupe que eu não vou estragar o seu quadro de falsidade. — Ele para por uns momentos para me fulminar com o olhar, deixando um ambiente constrangedor no quarto.

Quando finalmente sai, sinto Erik respirar fundo, como se estivesse a suster a respiração todo este tempo. Sei que Erik tenta o seu melhor para não fazer comentários sobre a conversa a que acabou de assistir. Não deve ser fácil testemunhar um claro confronto familiar, especialmente numa família como a nossa. Começo a relaxar e a deixar a mente sossegar, pois não há nada que possa fazer. Hoje vou ter de fazer parte disto. Erik penteia o meu cabelo cuidadosamente, fazendo umas ondas ao estilo clássico de Hollywood. Nenhum cabelo é deixado fora do lugar, ajudando a refletir a luz. A minha cadeira é rodada para que ele possa começar a maquilhar-me. Passados alguns minutos volta a virar-me para o espelho para que eu possa ver, o que me faz sorrir ao reparar nos olhos incrivelmente sobressaídos com tons escuros e os lábios vermelhos como o vestido. Agradeço o seu trabalho antes de ele sair e concentro-me no vestido. É de facto deslumbrante e agarra o meu corpo como uma luva feita à medida, ressaltando cada detalhe e recanto mais remoto. A porta do meu quarto abre bruscamente revelando a imagem autoritária de

John.

— Vamos — afirma, friamente.

— Não me queria perfeita? Agora tenha calma — respondo, enquanto agarro a pequena pochete preta com apenas o meu telemóvel e o batom para retocar durante a noite. A sua mão volta a agarrar o meu braço o que me faz bufar. — O que é agora? — Já estou farta desta noite e ainda nem começou.

— Sugiro que mantenha tento nessa língua o resto da noite. — Faço uma careta e tento puxar o braço novamente.

— E eu sugiro que me largue o braço, já. — John acaba por me largar mas percebo que está frustrado com a minha atitude. Escondo um sorriso vitorioso e passo por ele para conseguir sair do quarto. Caminho sem dizer uma única palavra e encontro a minha mãe no topo das escadas, enlaçando o meu braço no dela. O brilho do vestido parece mais forte debaixo das luzes em holofote do corredor.

— Está tão linda, filha! — diz, num suspiro.

— Não, mãe, você é que está. Aliás, é sempre a mulher mais linda do mundo. — Inclino a cabeça para me encostar a ela. Penso em dar-lhe um beijo, mas lembro-me de que os meus lábios vermelhos ficariam marcados na sua pele.

Na entrada da casa encontra-se estacionada uma enorme e luxuosa limusina, onde Owen nos aguarda no seu interior, assim como o meu irmão que se vai entretendo com o seu telemóvel. O fato cinzento foi agora substituído por um preto bastante mais formal. O seu cabelo foi finalmente cortado e barba completamente cortada. Ele levanta o olhar quando nos vê a entrar e sorri com intensidade.

— Emma! — exclama alegremente, fazendo-me corar. — E mãe! Vocês estão tão lindas! — A minha mãe olha para ele e estica a mão para James a agarrar, ao que ele responde com um leve beijo carinhoso.

O sol deu lugar à lua mais sumptuosa alguma vez vista. Fico a admirá-la pela janela do carro enquanto seguimos caminho até Madison Avenue. A cada momento que estamos mais perto do Lotte Palace, relembro-me do meu mantra: *é só uma noite...*

Capítulo 4

Emma



A limusina entra em fila com outros carros nos portões do Lotte Palace. A fachada de pedra e o seu espaço exterior foram completamente banhados de luzes. Mesmo no centro encontra-se uma enorme árvore de Natal igualmente iluminada. É impressionante a forma como este edifício elegante e clássico é rodeado pelos modernos arranha-céus cobertos de escritórios até ao topo. A combinação do antigo com o moderno faz-nos imaginar como seria este local antes de todos os prédios, no tempo em que este hotel era um palácio. O Lotte Palace sempre foi o hotel preferido de John para o jantar de Natal, especialmente pela forma cuidada como todas as decorações são colocadas e a extraordinária comida aqui servida. Durante os anos sei que John e o sócio, Simon, foram experimentando outros locais, mas acabam sempre por voltar aqui.

As portas do carro são abertas por quatro paquetes elegantemente vestidos de fato preto, luvas brancas e um chapéu alto. Os dois que abrem a minha porta e a da minha mãe seguram a nossa mão para nos ajudar a sair, enquanto um deles conversa com o Owen e prepara-se para levar o carro para o estacionamento. O meu pai sorri cordialmente e toma a mão da minha mãe, colocando-a no seu braço, *o mesmo braço com que a agrediu apenas horas antes*. O pensamento faz os pelos do meu braço levantarem e arrepiarem. Mordo a língua, tentando ao máximo manter o meu mantra bem presente na minha mente: *é só uma noite... é só uma noite*.

Subimos uns pequenos degraus e as portas de vidro são-nos abertas, dando acesso à entrada adornada por pilares de mármore, carpete cinzenta e enorme escadaria elegantemente curvada. Todo o hotel manteve o estilo característico do final do século XIX. De certa forma faz lembrar as imagens do *Titanic* tanto na decoração como no nível de luxo.

A entrada do hotel está cheia de pessoas tão bem vestidas como nós. Com certeza este não deve ser o único jantar a acontecer aqui hoje, fazendo os empregados caminhar atarefados de um lado para o outro, servindo aperitivos, bebidas e tomando os casacos para serem guardados. Sorrio ao admirar este momento, toda a ornamentação do hotel confere-lhe um tom dourado natural e quando conjugado com todas as joias aqui presentes esta noite, o brilho é sem dúvida inigualável. John segue o caminho determinado, claramente não precisa da ajuda do simpático empregado que o encaminha até ao salão. Já eu olho para todo o lado absolutamente encantada com o que vejo. Para além de esta ser a primeira vez que compareço a um dos jantares da firma, a historiadora em mim não consegue deixar de apreciar cada detalhe e imaginar todas as pessoas que por aqui já passaram. Talvez algum presidente aqui tenha estado? Quem sabe até a nobreza de um outro país?! Aperto o braço do meu

irmão para o chamar a atenção de tudo, mas ele não está tão impressionado como eu, afinal, ele vem aqui todos os anos desde que se consegue lembrar.

Quando chegamos à porta do salão, John coloca a mão nas costas da minha mãe e encaminha-a para o interior. Esse gesto é o suficiente para acabar com a magia de todo este momento e sou relembrada do caos que causei ao recusar vir. Relembro o que aquela mão lhe faz todos os outros dias, a dor que lhe provoca e que agora a encaminha para um mundo de *glamour* que com certeza causa na cabeça da minha mãe uma confusão constante. Sinto a raiva formar-se no meu ser e por isso olho para os candelabros gigantes no teto, respirando com força para a afastar. *É só uma noite, é só uma noite...* continuo a repetir para mim mesma. Um empregado clareia a voz chamando a minha atenção. Sorri enquanto segura uma bandeja de flutes de champanhe que estende na minha direção. Claramente consegue aperceber-se de que não estou lá muito feliz.

— Champanhe, Miss? — pergunta educadamente. Forço um sorriso para ele e agarro um copo. Bebo tudo de uma só vez, fazendo o homem abafar uma gargalhada. — Pode tirar outro. — Sorrio novamente, agora mais animada, e troco o copo vazio por outro cheio. Quando levanto o olhar, reparo que James me encara e abana a cabeça ao mesmo tempo, exatamente com o mesmo olhar que John faz quando discorda de alguma coisa.

— O que é? — questiono, mesmo já sabendo qual é o problema.

— Tu não te sabes mesmo comportar, pois não? Podias ser mais discreta — repreende-me no tom mais baixo que consegue.

— James, eu já estou chateada que chegue, não piores a situação. — Passo por ele para encontrar os nossos pais mas paro e volto a olhá-lo com raiva. Ele não pode falar-me assim. — Caso não te lembres, eu ainda sou a tua irmã mais velha, deves-me respeito e não tens minimamente o direito de me julgar como tens feito ultimamente. Eu vou precisar de litros de álcool para me manter aqui esta noite. Se tens algum problema com isso, sugiro que guardes os teus comentários para ti mesmo. — Os seus olhos encaram os meus em choque. Eu nunca lhe falo assim. Sei que fui dura, mas há alturas em que James precisa disso. Não posso permitir que fique obcecado com a perfeição tal como John.

— Tens razão, desculpa... — pede. Respiro com força e sorrio-lhe para o tranquilizar. Não quero que fique triste pois sei o quanto ele gosta destes jantares, mesmo que não o demonstre.

Viro costas e seguro o braço da minha mãe quando chego ao seu lado, o que a faz sorrir e segurar a minha mão. James acompanha-nos pouco depois e coloca-se ao lado de John, conversando sobre alguma coisa da empresa que o faz sorrir de orgulho. Fico a observá-los um momento. A forma como John

conversa com o filho não podia ser mais diferente do que a forma como conversa comigo. Não me lembro da última vez que demonstrou carinho para comigo ou que me disse algo sem ser hostil. Fico feliz que o meu irmão viva num mundo um pouco diferente, mas é impossível por vezes não sentir alguns ciúmes. Volto a trocar o copo antes de mudar a atenção para o espaço onde nos encontramos. O salão em forma oval está cheio de mesas redondas adornadas com arranjos enormes e o serviço mais elegante que já vi, tudo em tons de dourado e branco a condizer com a época natalícia. O salão foi também rodeado por pinheiros decorados nas mesmas cores.

John encara o relógio a cada cinco segundos, enquanto beberica o seu champanhe e vai retirando pequenos canapés das travessas que vão passando. Parece bastante ansioso e vai-se remexendo sem sair do sítio. Ainda ninguém está sentado, as pessoas vão conversando e cumprimentando o meu pai quando se apercebem da sua presença. Começo a sentir fome e já estou a ficar farta de estar aqui em pé sem sequer poder ir ao telemóvel. Encaro a janela e continuo a beber agora o meu terceiro copo de champanhe. Devia ter mais calma, já sinto a cabeça leve, como se estivesse a sobrevoar toda a cidade que se encontra à minha frente que consegue brilhar mais do que todas as luzes deste hotel.

— O Simon não tem mesmo noção das horas — reclama John.

— Deve estar muito trânsito, de certeza que estão mesmo a chegar — assegura a minha mãe. Reviro os olhos ao ouvir a forma doce como lhe fala. Se a condição para começarmos a comer é o sócio de John chegar, então até eu estou ansiosa que ele chegue.

John caminha para frente e para trás do salão, espreitando pela porta e indo ao cimo das escadas vezes e vezes sem conta. Estou a ficar tonta a vê-lo andar assim, isso ou o quarto copo de champanhe está-me a chegar ao cérebro. Reparo nas mulheres que se encontram ao meu lado. Estão exageradamente maquilhadas e as joias são demasiado grandes para as suas caras. Os seus olhos não conseguem desviar-se de John nem por um segundo, seguindo todos os seus passos atentamente.

— Meu Deus, o Mr. Montgomery está absolutamente delicioso — comenta uma delas.

— *Shh*, Cynthia! Olha que a mulher dele pode ouvir! — responde outra.

— Quero lá bem saber, Mary! Estava mais bem servido comigo, com certeza proporcionava-lhe uma noite mais interessante. — O comentário de Cynthia dá-me a volta ao estômago. As mulheres partilham gargalhadas que cessam no momento em que as encaro. Elas sabem quem eu sou, os meus olhos exatamente iguais aos da minha mãe não deixam margem para dúvidas sobre a minha identidade. Vejo-as engolir em seco e a postura ativa de antes

dá lugar às maçãs do rosto ruborizadas.

— Não têm vergonha? Falar assim num local como este? — As mulheres entreolham-se sem saber o que dizer, até que Mary se aproxima um pouco mais de mim.

— Desculpe, Miss Montgomery. Não comente nada com o seu pai, por favor. Estávamos só a brincar. — Solto um riso irónico por elas acharem que é pela honra do meu pai que estou ofendida. Sem lhes responder, chego-me perto da minha mãe e toco-lhe no ombro para lhe chamar à atenção.

— Já volto. Preciso de ir à casa de banho — afirmo enquanto me encaminho para a saída do salão um pouco tonta.

— Sabe onde é, Emma? — exclama a minha mãe.

— É um hotel, não um labirinto. Não deve ser muito difícil encontrar uma casa de banho. — Apercebo-me de que estou a falar alto de mais, pois toda a gente me olha horrorizada. Eu sei, deve ser um choque para todos os presentes saber que as pessoas utilizam casas de banho.

O som da música *jazz* natalícia do salão começa a ficar cada vez mais distante à medida que caminho. Tenho a visão ligeiramente turva, o que torna complicada a minha busca pela casa de banho. Empurro a porta assim que a encontro e entro logo no primeiro cubículo, ficando lá o máximo de tempo possível. Preciso de me distanciar daquele salão, daquela música, do álcool e especialmente daqueles comentários ridículos.

Quando me sinto mais calma, ajeito o meu vestido e coloco a mão no trinco do cubículo para o abrir. O efeito do álcool parece ter passado um pouco, já não me sinto tão tonta e tudo parece agora mais claro do que antes. A porta da casa de banho abre-se e ouço o som de alguém a desapertar um fecho, precisamente no momento em que abro o meu cubículo. Fico pasmada ao perceber que à minha frente está um homem a urinar.

— Mas o que... O que é que pensa que está a fazer?! — exclamo indignada. O homem de fato azul-marinho sobressalta-se e olha para trás.

O meu coração apressa-se a saltar no meu peito, provocando um enorme desconforto no meu estômago. Ele é incrivelmente deslumbrante. Os seus olhos castanho-vivos parecem olhar as partes mais remotas da minha existência, descontrolando momentaneamente a minha respiração. Todo o seu rosto parece esculpido de uma forma rude e irreverente, dando-lhe um ar altivo e sensual. Ele sorri ironicamente e nesse momento percebo que a parede que ele encara tem três urinóis pendurados. O seu sorriso transforma-se numa gargalhada à medida que continua a responder ao chamamento da natureza, fazendo-me trancar novamente dentro do cubículo, coberta na minha própria vergonha. *Claramente estás na casa de banho dos homens, Emma!* Ouço o autoclismo do urinol ser puxado, o que abafa a contínua gargalhada do

homem jovem que ali se encontra.

— Já pode sair, eu não mordo — diz, enquanto ouço a água do lavatório começar a correr. Como é que eu o vou encarar agora? Eu estou na casa de banho errada e vi-o a fazer xixi! Eu nunca mais vou sair daqui, nunca!

— Acho que prefiro ficar aqui até sair, obrigada — respondo com a voz trémula.

— Como queira, mas acho que seria interessante pelo menos saber o seu nome, já que partilhámos este momento tão próximo. — A sua voz é rouca, profunda, o que não ajuda minimamente o meu desconforto.

Consigo ver a sua sombra entrar pela parte de baixo da porta do cubículo, não me parece que ele vá sair daqui tão facilmente. Encho o peito de ar e expiro bruscamente antes de abrir a porta com alguma força, fazendo-a bater no cubículo do lado. O seu olhar escuro percorre-me por completo, esboçando um sorriso irónico de sobrelance erguida.

— Não consigo perceber o que uma mulher tão bonita veio aqui fazer — afirma, enquanto bloqueia o olhar no meu. O seu comentário provoca-me nervosismo.

— O champanhe está muito bom — respondo, tentando conter uma gargalhada.

O seu sorriso abre revelando os seus dentes incrivelmente brancos. Uma sensação estranha invade a minha barriga novamente e faz-me corar. Clareio a voz, tentando recompor-me. Tenho de, pelo menos, tentar manter a pouca dignidade que me resta, por isso a melhor solução é agir normalmente. Aproximo-me do lavatório onde ele está encostado e começo a lavar as mãos. Os seus olhos estão colados em mim, mas a sua expressão mudou. Parece agora confuso, o sorriso desapareceu por completo. Tem os braços cruzados revelando a sua verdadeira dimensão. Sinceramente, aquele *blazer* vai ceder a qualquer momento. Encaro-o com a mesma expressão confusa, apercebendo-me que ambos estamos a pensar o mesmo.

— Tenho a certeza de que a conheço de algum lado — afirma, friamente. Fico a encará-lo uns momentos e apesar de a sua cara não me ser nada estranha, decido ignorar o que ele diz e apenas sorrir.

— Sim, da casa de banho dos homens, onde eu não devia estar. — Apresso-me até à porta, passando tão perto dele que consigo sentir o seu perfume masculino misturado com o seu aroma natural. É intenso, quase tão intenso quanto ele. Vim à casa de banho para me tentar recompor do ambiente que me estava a perturbar no salão, mas saí daqui sem a minha dignidade e ainda mais perturbada do que antes.

Empurro a porta e olho em redor, tentando perceber se está alguém por perto. Antes de sair, olho para trás e percebo que ele continua a olhar-me

descaradamente, apreciando bem o vestido vermelho e as curvas que este realça. Sinto o coração latejar na minha garganta, é uma sensação estranha que me consome quase por completo. Há algo no seu olhar que me prende, que faz a minha mente ponderar se realmente já não o terei visto antes. Decido ignorar o meu cérebro e caminho rapidamente até ao salão onde agora toda a gente está sentada, pronta para receber o primeiro prato da enorme lista que nos espera. A imagem do homem de cabelos e olhos castanhos permanece gravada na minha mente. Pouso a mão sobre a testa, tentando recuperar a calma, mas rapidamente percebo que só mais álcool me vai salvar.

Na mesa principal, o meu pai encontra-se agora sentado entre um homem de aspeto autoritário e a minha mãe. Reconheço-o imediatamente. Simon McLain olha para mim e contorce ligeiramente o canto do lábio, o mais perto que alguma vez vai chegar a um sorriso. Se existe alguém neste mundo que é a personificação da antipatia, é Simon. Os seus cabelos negros e olhos verdes só contribuem para a sua aparência rude e mal-encarada. O meu pai apressa-se a levantar e coloca a mão nas minhas costas, enquanto me empurra suavemente até ao seu sócio, que também se levanta da cadeira onde se encontra.

— Simon, lembras-te da minha filha Emma? — A voz alegre do meu pai faz-me contorcer, ainda assim, forço o sorriso ao apertar a mão de Simon.

— É difícil lembrar, John, já não vejo a tua filha desde criança. — A sua voz não muda o tom autoritário ao apertar a minha mão com alguma força. — Com certeza não se lembra de mim. Simon McLain. — O seu comentário é extremamente constrangedor, a última vez que o vi devia ter doze anos, é óbvio que ele se lembra de mim. Reparo na mulher sentada ao seu lado, muito provavelmente a sua esposa. Nunca a tinha visto antes, é incrivelmente deslumbrante. A mulher levanta-se e cumprimenta-me delicadamente com um enorme sorriso.

— Victoria McLain, muito prazer, querida — exclama.

— Igualmente. — Victoria parece extremamente jovem para a idade que tem, não lhe daria mais de quarenta anos. O seu cabelo louro vibrante incrivelmente bem penteado faz inveja a qualquer pessoa. De repente, o seu olhar desvia para algo atrás de mim.

— Tyler! Finalmente chegaste! — exclama Victoria alegremente com um sorriso rasgado. Sigo o trajeto do seu olhar com o meu e o meu coração cai no chão ao ver o homem de fato azul da casa de banho caminhar até aqui.

— Bem me parecia que a conhecia de algum lado.

Oh, não!

Capítulo 5

Emma



Isto só a mim. O homem que eu acabei de ver na casa de banho é, nada mais nada menos, Tyler McLain, o filho de Simon. Sinto as minhas bochechas ruborizar e tudo o que quero é encontrar um buraco no chão para me enterrar. Sei que os olhos de todos naquela mesa estão colados a nós, provavelmente confusos com a sua observação. Ganho coragem para lhe estender a mão, mas sou interrompida pela sua mãe, que prossegue a abraçá-lo com força. Sinto-me envergonhada com tudo o que está a acontecer, por isso decido afastar-me e sentar-me à mesa ao lado do meu irmão. Olho para os meus próprios pés durante alguns segundos, mas a presença de Tyler distrai-me, fazendo-me observá-lo pelo canto do olho. Reparo nele de alto a baixo. O meu coração volta a bater na minha garganta e não consigo encontrar forma de acalmar este nervosismo. Victoria abraça o filho, mas a reação de Tyler é desajeitada, como se a tentasse afastar gentilmente. Já o vi algumas vezes em jornais e em revistas. Por algum motivo o meu cérebro não o reconheceu quando o vi na casa de banho e de certa forma agradeço por isso, ainda seria mais constrangedor se eu soubesse que ele é o filho de Simon McLain.

— Ainda bem que estás aqui querido, estávamos com receio de que não viesses — afirma Victoria enquanto lhe beija a face. Tyler contrai o rosto enfatizando a ruga carregada na sua testa. *Acalma-te, Emma, é apenas um homem. Um homem lindo de morrer, sim, mas apenas mais um homem.*

— Eu disse que ia chegar atrasado, estive no tribunal até agora — afirma de forma bastante séria. O seu olhar volta a cruzar o meu momentaneamente, provocando em mim um desconforto físico que nunca antes senti. Solta-se do abraço da sua mãe e apressa-se a apertar a mão de John.

— Mr. Montgomery — afirma, enquanto se cumprimentam com alguma força. Nunca vou compreender esta mania dos homens de quase arrancarem as mãos uns dos outros para se cumprimentarem.

— Fico feliz por saber que estás atrasado porque estavas a trabalhar. Tyler, já conhecestes a minha filha? — pergunta-lhe ironicamente. John chega-se ao meu lado e com a mão nas minhas costas empurra-me para me levantar. Não sei porque é que ele acha que eu não sou educada o suficiente para saber que tenho de cumprimentar as pessoas.

— Sim, cruzei-me com a sua filha lá fora quando cheguei. — *Mentiroso.* Os seus olhos bloqueiam nos meus enquanto me estende uma mão. Acho que ele consegue perceber o meu nervosismo, o que o faz sorrir de forma atrevida.

— Tyler McLain.

— Emma Montgomery. — A minha voz quase que não se ouve. Quando

estendo também a minha mão para ele, ele agarra-a, afagando o topo com o polegar. As suas mãos são robustas, dedos compridos e extremamente masculinos. Em vez de a apertar, Tyler leva a minha mão até aos seus lábios e beija-a sem retirar os olhos dos meus. Não consigo evitar abrir a boca de espanto e só consigo pensar na quantidade de vinho que vou ter de beber ao jantar para me recompor.

Tyler olha de relance para John. O seu sorriso desaparece e os seus olhos castanhos endurecem. Ao largar a minha mão, limita-se a cumprimentar o resto das pessoas na mesa com um simples aperto de mão frio. Simon dá ordem para nos sentarmos e os empregados que estavam à espera trazem o primeiro prato da refeição. James olha Tyler com uma certa admiração, estudando cautelosamente cada movimento dele. Imagino que para o meu irmão ele seja tudo aquilo que ele aspira ser, um bom advogado na empresa do pai.

— Queres um guardanapo, maninho? — pergunto-lhe ao ouvido com ironia. James olha-me chateado, o que me faz rir.

— Ele é um superadvogado, Emma, como é óbvio é uma inspiração para mim. Acho que quem se está a babar um bocado és tu! — Olho para ele com a expressão mais passiva que consigo fazer. Sento-me direita na cadeira enquanto coloco o guardanapo de tecido no colo, movendo-me elegantemente e sem demonstrar desconforto.

— Porque é que eu havia de me estar a babar por ele? Conhecês-me melhor que isso. — James arregala os olhos e abafa uma gargalhada, focando em alguma coisa mesmo atrás de mim. Olho para trás e vejo Tyler chegar-se até nós, puxando a cadeira vazia que está ao meu lado.

— Por favor, Miss Montgomery, acho que babar não é minimamente indicado para esta ocasião. Estas toalhas são caríssimas. — Tyler acaba por se sentar do meu lado direito e ao lado da sua mãe. *Mas não havia outro sítio para ele se sentar?*

Expiro fortemente com alguma frustração e agarro o copo de vinho que está à minha frente. Molho os lábios no líquido rubi e amargo, apenas provando-o antes de decidir beber o copo todo de uma só vez. Não quero parecer minimamente incomodada com a situação, mas é completamente impossível. Se já senti atração física instantânea por algum homem antes? Já, algumas vezes em festas e discotecas, mas isto é diferente. Não consigo explicar mas a sua presença deixa-me nervosa. Tyler vira a cara para mim e começo a sentir o seu aroma cada vez mais próximo. Sei que ele me vai falar ao ouvido, mas está a prolongar demasiado o tempo antes de dizer alguma coisa. A antecipação está a consumir-me. Como é óbvio, ele é o tipo de homem que sabe exatamente o que faz.

— Aposto que estás satisfeita por teres lavado as mãos — sussurra ao meu ouvido. Sorrio com o seu comentário.

— Estou mais grata por também teres lavado as tuas. — Viro a cara para ele, fazendo-nos ficar a milímetros um do outro. Os meus olhos reparam na sua boca que é extremamente apetecível. Os seus lábios finos e desenhados são emoldurados por uma perfeita barba de três dias. Ele suspira e tenta esconder o seu sorriso ao morder o lábio.

— Desculpa não te ter reconhecido lá fora. Nunca te vi por estes jantares — afirma, enquanto coloca o seu guardanapo no colo. Encolho os ombros sem saber bem como sair desta embrulhada.

— Não gosto de dar nas vistas — respondo.

— Diz a mulher de vestido vermelho justo que acabou de usar a casa de banho dos homens. — O sarcasmo na sua voz faz-me rir. Não foi a resposta mais inteligente, admito, mas neste momento só preciso que ele pare de falar comigo.

— Se não te importas, podias chegar-te para lá novamente para eu conseguir jantar em paz? — digo-lhe o mais seriamente que consigo. Tyler solta o lábio que mordia, abrindo mais o sorriso.

— A tua paz é facilmente perturbada, Emma. — O meu nome na sua boca é música. Tyler acaba por se afastar de mim, virando a sua atenção para a sua mãe, que lhe faz algumas perguntas às quais não presto muita atenção. Finalmente consigo respirar novamente. Quando olho em frente, reparo que John está demasiado focado em mim. Fico a olhá-lo durante alguns segundos, percebendo que tem esboçado um sorriso sarcástico. A sua expressão causa-me desconforto. Não sei o que está a pensar e isso não é normal para mim. De repente o seu olhar desvia de mim para encarar Tyler.

— Então, Tyler, como correu hoje o julgamento? — A pergunta parece ter apanhado Tyler de surpresa, pois ele fica com um olhar confuso. James começa a prestar imensa atenção à conversa, largando rapidamente o telemóvel que escondia desajeitadamente debaixo da mesa. Sinto Tyler movimentar-se na cadeira de forma desconfortável, colocando as mãos sobre as pernas e esfregando algumas vezes.

— Prolongou-se mais do que o esperado, mas o nosso cliente ganhou o caso, como é normal. — A resposta dele não demonstra qualquer entusiasmo, apenas um toque de arrogância. — Só que eu tenho a certeza que lhe tinha mandado mensagem a dizer isto assim que saí do tribunal. — O seu olhar levanta para o de John. Não consigo perceber minimamente o que se está a passar, ambos parecem estar a competir por alguma coisa, o que seria ridículo uma vez que se trata de patrão e empregado.

— Sobre o que era o julgamento? — interrompe o meu irmão com

entusiasmo. Dou-lhe um pequeno toque debaixo da mesa para ele se calar. Não me parece que este seja o momento indicado para ele se meter no assunto. Isto mais parece uma batalha naval. Tyler solta uma inesperada gargalhada quando olha para o meu irmão após a sua pergunta.

— Essa é mesmo a melhor parte, James! — exclama num tom sarcástico. — Fraude! — Os seus olhos bloqueiam nos de John. — Mas de certeza que o teu pai percebe mais disso do que eu, em termos de advocacia é claro.

Os olhos de John emanam raiva enquanto os de Tyler se mantêm confiantes. *Mas que raio se passa aqui?* O meu irmão olha para mim à procura de respostas, mas eu encolho os ombros, pois sei tanto quanto ele. *Fraude?* O que está Tyler a querer insinuar? Olho para ele de sobranceiras franzidas à espera de que ele continue, mas Simon interrompe-o rapidamente.

— Tyler, já chega, ganhámos o caso, é o que interessa. — Simon está encostado na sua cadeira sem expressão no rosto. Nunca na vida vi um homem com tanta falta de emoção, tudo o que diz é como uma brisa de gelo. Tyler solta um som frustrado e esfrega os lábios com o polegar.

— Eu preciso de um momento, com licença. — Agarra o copo de vinho que tem à sua frente e bebe de uma só vez, voltando a pousá-lo na mesa para encher novamente. Arregalo os olhos ao ver mais alguém beber tanto como eu hoje.

Tyler afasta-se até à entrada do salão com o copo na mão. Os meus olhos seguem discretamente todos os seus movimentos. Quero mais que tudo desviar a atenção dele, mas não consigo, ele intriga-me demasiado. Tyler é extremamente atraente. As minhas pernas apertam uma contra a outra, tentando esconder a sensação maravilhosa que entre elas se forma. Esta reação não é normal em mim, não assim, não desta forma arrebatadora. Tyler acaba de beber o copo de vinho, fazendo sobressair a sua maçã de Adão. Só consigo imaginar tudo o que estará escondido por aquele fato. A imagem faz-me corar quando ele se senta novamente ao meu lado. Atrevo-me a apresentar-lhe um sorriso sensual, enquanto mordo o lábio inferior.

— Estás a rir de quê? — pergunta, baixinho.

— Nada, mas se continuas assim, vais acabar a noite na casa de banho das senhoras. — O seu rosto revela novamente o deslumbrante sorriso que possuí.

— Eu sou mais cuidadoso do que isso, Emma. — O sorriso é rapidamente varrido do meu rosto. Isto não tem piada, é simplesmente perturbador. Agarro o meu segundo copo de vinho e vou bebendo suavemente, apreciando o trago amargo e fresco. Tenho de mesmo de o ignorar, ele é o filho do sócio do meu pai.

Os pratos vão sendo trocados à nossa frente vezes e vezes sem conta.

Permaneço encostada na cadeira com o copo na mão, um pouco perdida em pensamentos. As conversas que acontecem na mesa não me interessam, ou estão a falar da empresa ou da economia e nenhuma delas é dirigida a mim. Quero mais que tudo agarrar o meu telemóvel e falar com Courtney, perguntar-lhe se ela é vidente e se sabia que ia ter a noite perturbada por um advogado, mas sei que não o posso fazer. Todos os pratos são demasiado elaborados para mim, portanto só consigo comer quando finalmente o prato principal de carne aparece. O enorme bife até me estava a saber bem, mas rapidamente perco o interesse quando, ao olhar para a frente, reparo nas carícias que a mão de John vai fazendo no braço da minha mãe. A minha mãe sorri de cada vez que ele lhe sussurra algo ao ouvido, um sorriso forçado e infeliz.

— Acho fabuloso como, ao fim de tantos anos, continuam assim tão apaixonados! — Victoria McLain observa os meus pais com admiração. Sou obrigada a abafar uma gargalhada nervosa, tapando a boca com um gole de vinho. John lança-me o seu usual olhar reprovador, antes de se focar em Victoria com um sorriso falso e convencido.

— Como é que eu podia deixar de amar uma mulher tão encantadora? Ela é tudo para mim. — Os seus olhares entrelaçam-se, fazendo a minha mãe sorrir. — E tu sabes bem disso, querida. — O meu estômago dá uma volta e começo a sentir o vinho a queimar na minha garganta.

— Se não fosse advogado, devia ser ator. — Digo isto apenas para mim mesma, mas Tyler e James ouvem e ficam a olhar para mim ao mesmo tempo. Tyler parece confuso e James arregala-me os olhos para eu me calar.

— Estás a ver, querido? Também podias ser assim romântico. — Victoria agarra a cara do marido antes de lhe depositar um beijo.

— Sabes bem que és o amor da minha vida. — Simon McLain retribui com um beijo calmo.

Tyler desvia o olhar e fecha a mão em punho em cima da mesa. Ele parece desconfortável com a situação dos pais, mas a verdade é que o que eu sinto é mais que uma mera vergonha natural que se sente ao vermos os nossos pais beijarem-se. Eu estou a assistir ao maior movimento de manipulação da história.

— Não sabia que o jantar vinha com tanto entretenimento. — Desta vez digo isto em voz alta. James calca o meu pé debaixo da mesa, mas eu nem me mexo um milímetro.

— O que te está a entreter tanto, querida filha? — pergunta John num tom tão sarcástico como o meu.

— Este circo todo; se soubesse, tinha vindo vestida de palhaça, para participar também. — Simon e Victoria abrem a boca em surpresa e a minha

mãe levanta o dedo até à boca para eu me calar.

— Emma Montgomery... — começa John.

— Já sei, é para me calar, não é? Eu peço desculpa, já volto. O jantar não me está a cair bem e preciso de um intervalo na atuação. — Puxo a cadeira para trás com alguma força e saio disparada do salão com vários olhares confusos a seguirem-me. Ainda consegui ouvir John falar às restantes pessoas da mesa, com uma desculpa qualquer de que estou apenas chateada por não ter atenção. Como é óbvio, isto vai ter ao assunto do costume: *A Emma não é advogada, a Emma não percebe, a Emma é mimada.*

Acabo por sair completamente do Lotte Palace e vou até ao pátio exterior onde algumas pessoas se juntam a observar as decorações. Está demasiado frio para eu estar aqui fora apenas com este vestido, mas a raiva que sinto é o suficiente para me aquecer o corpo por agora. Coloco as mãos sobre os meus joelhos e tento controlar a respiração da melhor maneira possível. Não consegui manter a boca fechada. Sei que devia controlar-me mais, mas há alturas em que é impossível. *Como é que ele é capaz de manipular toda a gente desta maneira?* Sento-me na berma da fonte desligada e tapo a cara com as mãos. Sei que as pessoas estão todas a olhar para mim e a pensarem o que raio se passa, mas ninguém se atreve a perguntar. Passado alguns momentos, sinto uma sombra formar-se à minha frente e um aroma perturbador volta a percorrer-me o nariz.

— Emma — chama. Levanto o olhar enevoado pelas lágrimas para encarar Tyler. A sua expressão é serena, com os lábios ligeiramente pressionados um no outro.

— Vai-te embora. Por favor — peço, um pouco chateada. Não o conheço para querer partilhar este momento com ele, mas sou completamente ignorada. Tyler senta-se ao meu lado e apoia os braços sobre os joelhos.

— Também não me apetece nada estar ali dentro. Posso ficar aqui? — pergunta-me.

— Faz o que quiseses, não mando em ti. — Sinto-o suspirar fundo e a sua mão vem pousar na pele gelada das minhas costas, fazendo-me arrepiar não pelo frio, mas pela sensação da ponta dos seus dedos contra a minha pele. Inspiro com alguma força e levanto a cabeça com rapidez, virando o meu olhar para ele. Tyler continua a deslizar os dedos pela minha pele agora coberta de pequenos altinhos.

— Por favor, não chores. Odeio ver pessoas a chorar — diz-me calmamente. Solto um pequeno riso irónico que o faz franzir a sobrancelha.

— Não é algo que consiga controlar. Se não me queres ver assim, então, por favor, volta lá para dentro. — Tyler suspira fundo e retira a mão das minhas costas.

— Queres contar-me o que se passou?

— Não e não insistas, por favor. — Não confio nele para lhe contar os meus segredos, nem nele nem em ninguém. Este é o meu fardo, apenas meu.

— Estás gelada, Emma — afirma.

— Não estou nada, não te preocupes comigo. — As minhas capacidades para ter uma conversa estão limitadas.

Só consigo pensar no que raio vim aqui fazer esta noite. Assistir a este teatro? Servir de filha troféu para ele mostrar aos colegas? Não consigo perceber, sempre consegui evitar estes jantares, não há motivo nenhum para John ter tido esta atitude este ano. Aliás, ele nunca me quis aqui, sabendo que uma cena destas provavelmente ia acontecer. Tyler abana com a cabeça e despe o *blazer* do fato, colocando-o suavemente sobre os meus ombros. O casaco está quente e cheira intensamente ao seu *aftershave*. Desvio o olhar para ele, agora que as lágrimas cessaram consigo vê-lo claramente. Os seus olhos também parecem focados nos meus numa expressão pensativa e confusa.

A música do salão começa a entoar bem alto, tão alto que se consegue ouvir do exterior do hotel. Sinto-o afastar o olhar do meu, o que me puxa do transe em que me encontrava de volta para a realidade. A sua mão masculina e robusta estica na minha direção.

— Então, dás-me a honra desta dança? — pergunta agora já levantado. Torço o nariz só de pensar em voltar lá para dentro, além de eu ser uma bailarina terrível.

— Eu tenho dois pés esquerdos...

— Então ainda bem que eu tenho dois pés direitos. — O seu comentário faz-me rir. Agarra a minha mão com alguma força e obriga-me a levantar. Devolvo-lhe o seu casaco, mas ele fica apenas a segurá-lo sem o vestir. Os seus olhos cruzam os meus de forma prolongada. Parece pensativo, confuso. Não sei o que lhe está a passar pela cabeça, mas a sua expressão faz as suas sobrancelhas enrugarem. — Vamos — afirma. A sua mão pousa no fundo das minhas costas enquanto me encaminha novamente para o salão. A sensação da sua mão contra o meu corpo faz-me estremecer, e não com o frio.

Todos os olhos ficam colados em nós assim que surgimos pela porta. Foi designada uma zona para dançar, perto de onde a banda toca agora acompanhada por um magnífico cantor. Tyler atira o *blazer* para a sua cadeira sem prestar atenção a ninguém. Quando se volta a juntar a mim, aperta-me contra si e começa a dançar suavemente. A sua mão livre coloca a minha sobre o seu ombro antes de se entrelaçar também nas minhas costas. A música embala-nos suavemente, relaxando todo o meu corpo.

— Obrigada — digo. Sinto-o suspirar com alguma força. A sua cabeça

baixa na direção do meu pescoço, enquanto inspira o aroma do meu perfume. O seu gesto arrepia todo o meu corpo de cima a baixo. A sensação da sua respiração e do seu corpo tão próximo do meu desperta em mim todo o tipo de sensações. A sua cabeça levanta deixando-me algo desiludida, mas não por muito tempo. A sua testa encosta na minha e os seus olhos fecham, apreciando o momento.

— Emma, não me agradeças. — A sua voz é dura, sofrida. Os seus olhos abrem e procuram algo em redor da sala, parando quando se cruzam com a figura dos nossos pais sentados na mesa, cada um com o seu copo de *whisky*. Tyler prende o maxilar com força e volta a olhar para mim. — Eu não sou boa pessoa.

— Não digas isso. Não existem más pessoas neste mundo Tyler. Existe algo de bom e de mau em todos nós, o que importa é a parte a que decidimos dar ouvidos mais vezes. — Sinto-o sorrir com a minha afirmação.

— O Hitler ia gostar de te conhecer. — Mordo o lábio para evitar a gargalhada, mas isso só o faz focar o olhar nos meus lábios.

— Estás a olhar para onde? — pergunto sem desviar os meus olhos dos dele. O seu sorriso muda para um trejeito sensual e as suas mãos descem pelas minhas costas suavemente.

— Para ti, a morder o lábio. — Primeiro pasmo, mas rapidamente volto a fazê-lo num jeito provocador. — Que me dizes a sairmos daqui? O meu apartamento não é longe. — Abafo uma pequena gargalhada e abano com a cabeça, um pouco incrédula pela forma descarada como ele disse isto.

— Nem nos seus sonhos, Mr. McLain. — Tyler suspira fundo e afasta-se de mim sem perder o sorriso arrogante e convencido. Ele sabe que é atraente. A sua mente divaga para um outro lugar e rapidamente a expressão divertida de há três segundos é substituída por uma sombria e sem emoção.

— O ser humano é incrível a colocar máscaras, Emma. Máscaras que usamos todos os dias. Não confies em ninguém, nunca. — Tyler volta a agarrar a minha mão para a levar até aos lábios, mas antes de me dar hipótese de o interrogar sobre o que quis dizer com isto, simplesmente afasta-se e caminha em direção à mesa, deixando-me espedada no meio da pista.

Vejo-o apertar a mão de toda a gente na mesa. *Já se vai embora?* Tyler agarra o *blazer* que deixou sobre a cadeira e veste-o rapidamente. Os seus braços levantam algumas vezes enquanto fala, como se estivesse a explicar o porquê de se ir embora. Victoria abraça-o com força e sussurra-lhe algo ao ouvido. Começo a caminhar até lá a um passo determinado, mas antes de conseguir chegar até eles, já Tyler se encontra a caminho da porta do salão. Tyler passa a mão pelo cabelo várias vezes enquanto caminha para a saída. Fico a percorrer o seu trajeto com o olhar, e, antes de sair de uma vez por

todas, o seu olhar cruza-se com o meu, fazendo o meu coração disparar. Fica parado a olhar-me durante algum tempo, mas acaba por quebrar o contacto visual e descer as escadas principais apressadamente.

Volto a sentar-me no meu lugar sobre o olhar atento de todos mas especialmente do meu irmão que parece não conseguir esconder o sorriso trocista. Empurro o seu ombro com a mão para que pare e procuro a mala para retirar o meu telemóvel e mandar uma mensagem à Courtney. Agora que ele foi embora, não há mesmo mais nada que me prenda a este jantar ridículo, por isso decido que agora posso estar à vontade para mexer no telefone. Assim que abro a mala, descubro um cartão azul-escuro, dizendo:

Tyler McLain

Sociedade de Advogados Montgomery & McLain

917-335-6356

Capítulo 6

Tyler



M

erda!

Já não aguentava nem mais um segundo naquela porcaria de jantar. Tenho mais que fazer do que ficar aqui a levar com isto. Desaperto o botão do *blazer* enquanto caminho e passo a mão pelo cabelo vezes sem conta. Odeio fazer coisas que não quero e vir a este jantar estava no topo da minha lista de coisas a não fazer hoje. Tive um dia horrível fechado num tribunal e o mínimo que mereço é um copo de vinho bem cheio assim que chegar a casa. Procuro o meu carro no enorme estacionamento. Não faço a mínima ideia onde o estacionei, estava com tanta pressa que nem reparei e agora ando aqui às voltas. Avisto o *Roadster* vermelho mais ao fundo e sorrio para mim mesmo só de pensar no aquecimento do carro. Entro imediatamente e aperto o volante com alguma força, expirando como se esta fosse a primeira vez que me sinto capaz de respirar normalmente desde que ali entrei. *Mas quem é que eles pensam que são?* Não suporto o meu pai, não suporto o John Montgomery. Se a falsidade fosse veneno, já estariam os dois mortos.

Preciso de esquecer esta noite, preciso de esquecer tudo o que aconteceu e principalmente preciso de me afastar da Emma Montgomery. A minha vida já é repleta de problemas, não preciso de mais um, mesmo que seja no formato da mulher mais linda que alguma vez vi. Mas porque é que ela não podia ser feia? Assim era mais fácil! Mas não, tinha de ser uma *brasa*. Tal como disse, ela é um problema e tenho de esquecê-la. Sinto o telefone vibrar e fico confuso. Já passa da meia-noite, se é algum cliente juro que lhe vou gritar, não são horas para me estarem a chatear. Desbloqueio o ecrã e fico a olhar a mensagem sem conseguir evitar uma risada.

Espero que não estejas muito cansado.

Fiquei a semana toda à espera de notícias tuas.

Em tua casa? Daqui a 20 minutos?

Acho que te consigo aliviar algum stress.

Lexi, xoxo

Já devia estar à espera desta mensagem, ela não aguenta nem uma semana sem me ver. Se eu não disser nada, ela acaba sempre por mandar mensagem. Desaperto o primeiro botão da camisa que me estava a incomodar a respiração e puxo um pouco a gravata, sem a desapertar completamente. Lexi e eu não mantemos nenhuma relação amorosa, apesar de eu saber perfeitamente que

ela quer mais do que o que temos. Eu não sou capaz de sentir isso a que chamam de «amor» por ninguém, mas sinto aquilo que qualquer homem sentiria ao olhar para ela: tesão. Passo o dedo pelo lábio e pondero se a devo ver esta noite. Não quero que isto se prolongue por muito mais tempo, mas ela sabe perfeitamente para o que vem e eu não sou homem de recusar uma oferta destas.

Eu nunca estou cansado, Lexi.

Tens vinte minutos.

Arranco suavemente e conduzo pela cidade, agora sem trânsito, até ao meu apartamento. Não vivo muito longe do Lotte, o meu apartamento fica no Upper East Side de Manhattan, extremamente perto do Central Park. Comprei-o no ano passado porque fiquei farto de alugar casas às quais não podia chamar «minhas». Acho que se pode dizer que tenho um problema com controlo. Em menos de dez minutos, estou a entrar pela garagem e a estacionar o carro. Não se pode dizer que estou com pressa de chegar, não há nada que precise de fazer antes de a Lexi aparecer. Tenho uma empregada que me mantém a casa arrumada e em relação a mim, só preciso mesmo de me despir.

Subo no elevador até ao 50.º andar. Como é óbvio tinha de ter a *penthouse* para mim, gosto de sentir que sou a única pessoa naquele andar. Vivo sozinho e por isso poder ter todo um andar só meu só me faz sentir ainda mais como o rei desta cidade. Os jornais gostam de escrever sobre as minhas vitórias e as revistas sobre a minha vida. Quero que assim se mantenha enquanto respiro. A porta do elevador abre-se no início de um longo corredor de paredes brancas e chão de madeira clara. Acendo todas as luzes e caminho rapidamente até chegar à divisão principal emoldurada por janelas do chão ao teto. Atiro o casaco para cima do sofá em pele branca e volto até à cozinha para me servir de um copo de vinho tinto, aquela porcaria que estavam a servir ao jantar não me deixou animado o suficiente. Paro em frente a uma janela e admiro as vistas e luzes da cidade que me mantém vivo.

Os meus pensamentos voltam ao jantar de Natal da firma. Não para o jantar exatamente, mas para *ela*. Não fosse a situação que é, esta noite tinha-se desenrolado de forma diferente, estaria agora aqui com ela e não à espera de Lexi. Nada de mais, apenas mais uma noite na minha vida, mas Emma é estranha, diferente. Há algo nela que me intrigou, algo nos seus olhos estupidamente azuis que me deixou quase sem pensar direito. Ela é um perigo

para a minha vida e só gostava de a esquecer o quanto antes, mas não posso... Sou distraído da minha epifania pelo meu telefone que volta a vibrar.

Espero que estejas pronto para mim.

Estou mesmo a chegar, querido.

Lexi

Querido? Desde quando é que eu lhe dei permissão para me chamar de querido? Não estou a gostar nada do rumo que a conversa dela está a levar. Temo que esteja a chegar a altura de lhe ferir os sentimentos e acabar com isto tudo. Preciso de mais vinho. Pouso o copo nos balcões escuros da cozinha de conceito aberto. Não costumo beber tanto, mas hoje a minha mente não consegue sossegar. Provavelmente é um estranho caso de «falta de sexo». Dou um gole forte que faz algumas gotas de vinho cair sobre a camisa branca. *Porra*, isto nunca vai sair e as minhas camisas não são propriamente baratas. Vou ter de rezar que a Mrs. Clark consiga fazer milagres. Quando olho para baixo para a nódoa, reparo que a minha camisa tem também uma mancha bege no colarinho. *É uma mancha de maquilhagem... dela...*

Foda-se.

Pouso o copo em cima da mesa da ilha da cozinha e vou rapidamente até ao quarto trocar de roupa. Dispo a camisa e enfio-a no cesto da roupa suja que está dentro da *suite*. Não me parece nada boa ideia receber uma mulher em casa com uma mancha de maquilhagem de outra. Penso em tomar um duche rápido, mas acho que não tenho tempo para isso. Vou até ao *closet* e visto uma *t-shirt* branca e troco também as calças do fato por umas de ganga escura, mesmo a tempo de ouvir o som da campainha a tocar. *Ainda bem que não tomei duche.*

Sei que é a Lexi, mas em Nova Iorque nunca se pode ser demasiado seguro, por isso ligo o monitor só para ter a certeza. Consigo ver que traz uma camisola extremamente decotada que tenta tapar com o longo cabelo preto. Ela já devia saber que aquele peito é impossível de disfarçar. Abro a porta do prédio e dou ordem ao porteiro para a deixar subir. Vou até à cozinha e agarro um copo para lhe servir também vinho, acho que ela vai precisar. Uma das muitas vantagens de ter uma cozinha de conceito aberto é que consigo vê-la caminhar pelo corredor assim que chega. Agora o cabelo já não está a tentar tapar coisa nenhuma, está tudo bem à mostra. Caminho até ela com o copo na mão que lhe entrego sem dizer nada.

— Nem tenho direito a um «olá»? — Começa a subir o corpo em relação

a mim para chegar aos meus lábios, fazendo-me desviar imediatamente.

— Olá — digo, friamente. — Bebe, vais gostar. — Nunca entendi esta necessidade das mulheres de terem todas estas cordialidades.

Porque é que lhe tenho de dizer olá? Beijar? Será que está à espera de flores? Por favor, eu só quero sexo e um bocado de companhia, não um jantar formal. Para isso, tinha ficado a aturar aqueles desgraçados no Lotte, e podia continuar a olhar para Emma... Abano a cabeça discretamente, afasto-me dela e ligo música na aparelhagem para distrair a situação. A música *jazz* enche agora o apartamento. Quando o comprei, perguntei quais eram os limites de barulho. Acontece que ter uma *penthouse* tem imensas vantagens.

Lexi caminha em redor da curvatura que a sala faz antes de se decidir sentar no canto do sofá. Os seus sapatos são atirados para o chão, dando-lhe permissão para se deitar, revelando a totalidade das suas pernas. *Ela não tinha uma saia mais curta para vestir?* Os seus olhos não desviam de mim enquanto esfrega suavemente as pernas uma na outra. Ela não quer perder tempo e eu muito menos. Aproximo-me dela e coloco os braços um de cada lado do seu corpo. Ela é extremamente pequena em comparação comigo, o que me provoca uma agradável sensação de dominância. Molho os lábios com a língua e vejo o seu olhar seguir todos os meus movimentos enquanto as suas mãos pousam na bainha da minha *t-shirt*.

— O que é que queres, Lexi? — digo ao seu ouvido. Sinto-a inspirar com força pela boca. Mordo-lhe a orelha para a provocar ainda mais.

— Tu sabes o que eu quero, Tyler. — A sua voz é trémula, quase nem consegue falar e eu ainda não lhe fiz nada. Solto um grunhido satisfeito, adoro sentir todo este poder sobre ela.

— Quero que digas. Quero ouvir-te. — Começo a morder-lhe o pescoço em pequenas dentadas leves. As suas pernas relaxam e afastam ligeiramente. Está a convidar-me, e eu não sou mal-educado para dizer que não.

— Tyler... estás a matar-me. — A camisola que traz vestida tem uns pequenos botões à frente. Vou desapertando até conseguir retirar um dos seus seios para fora. Mordo-lhe o mamilo com alguma intensidade, fazendo-a gemer alto.

— Matar-te? Eu ainda nem fiz nada, Lexi. — A sua mão entra pelas minhas calças, acariciando-me com alguma força, o que me faz queixar.

— Eu também sei brincar, Mr. Advogado. — Tenho de morder o lábio para travar o riso. Ela acha-se muito melhor do que o que realmente é e isso anima-me. Eu não preciso que ela seja boa, não tenciono que isto dure muito mais tempo e sinceramente já estou farto de brincar no sofá.

— Diz. Diz o que queres. — Roço a minha mão no interior da sua coxa até chegar onde ela espera que eu toque. Fico apenas parado à espera da sua

resposta. Ela sabe que não vai ter nada a não ser que fale.

— Merda, Tyler! Quero-te! Todo! — A sua resposta não é bem o que esperava, sei que tem duplo significado.

Começo a acariciá-la suavemente, acelerando quando chego ao sítio certo. *Ela veio sem cuecas*. Os seus gemidos estão a deixar-me louco. Levanto as suas costas e puxo-a para o meu quadril o mais rapidamente que consigo. As suas mãos agarram o meu cabelo com alguma força enquanto investe nos meus lábios, sujando-me a cara com o batom vermelho. Começo a caminhar até ao quarto decidido no rumo que isto vai levar. Quando chegamos, atiro-a para a cama e dispo a camisola um pouco mais lentamente que o normal. Sei perfeitamente que ela gosta de me admirar enquanto o faço. Coloco-me novamente em cima dela e fico a observá-la enquanto despe o resto da camisola e a saia. Eu não sou parvo o suficiente para não perceber que a maneira como faço as coisas não é normal, este desapego total por todas as mulheres que alguma vez conheci não devia acontecer. Devia haver pelo menos uma que me fizesse sentir mais do que este desejo carnal, mas não há. Os beijos que Lexi vai dando pelo meu pescoço puxam-me novamente até ao planeta Terra. A sua boca vai descendo pelo meu corpo, depositando pequenos beijos no meu peito, estômago e, finalmente... *Oh... Isso mesmo... É disto que estou a precisar*.

*

Viro a cara o suficiente para conseguir ver o relógio que está na mesa de cabeceira. São quase cinco da manhã. Lexi está deitada ao meu lado a acariciar o braço que tenho sobre ela. Sei que isto que temos não pode continuar, ela está demasiado envolvida na situação e eu não quero que isto se prolongue até ao ponto de eu a magoar ainda mais. Olho em frente e tento não me focar muito nela, apreciando o sol que começa a nascer sobre a cidade. Este apartamento não podia ter mais janelas e foi exatamente isso que me fez comprá-lo. Lexi suspira fundo e aperta o meu braço como que a tracejar a tinta escura que forma a minha tatuagem.

— Alguma vez me vais contar o que significa isto? — Olho de relance para o desenho permanente no meu braço. As árvores mortas cobertas de névoa estão em toda a volta do meu pulso e estendem-se quase até ao cotovelo esquerdo. No fundo, dois pássaros voam para longe. Engulo em seco já a prever a avalanche de perguntas que aí vem.

— Não — respondo, friamente.

— Vá lá... — Ela vira-se para mim e começa a acariciar o meu peito. —

Conta-me... — Aperto a cana do nariz entre os olhos. Já me está a doer a cabeça e ela mal começou a falar.

— Lexi, para. — A minha voz começa a sair chateada. Não lhe quero falar torto, mas começo a ficar farto de acabar sempre nesta situação com todas as mulheres com que durmo. Os seus olhos encaram os meus e as suas mãos cessam as carícias que antes faziam.

— Porque é que és sempre tão mecânico na cama? Não me olhas nos olhos, não me beijas, não me falas... Não sou boa? É isso? — Ela fala com alguma tristeza. *Já chega...*

— Acho melhor ires para casa — afirmo, enquanto empurro o meu corpo para trás para me sentar na cama encostado à cabeceira.

— Agora? Não posso ficar aqui contigo? Só esta noite... — O seu corpo eleva-se para me beijar, mas eu recuso. Consigo sentir que está a ficar triste e é exatamente por isto que ela não pode ficar. O seu respirar profundo parece engolir as suas lágrimas e se há coisa que eu não aguento é ver alguém a chorar.

— Lexi — chamo com calma. — Eu já te tinha avisado. Eu não namoro, com ninguém. — Ela afasta-se de mim e senta-se na cama. *Por favor, não chores.*

— Eu não sou boa o suficiente? É isso? O que é que queres, Tyler? — Consigo ver os seus olhos encherem-se de lágrimas. Reviro os olhos sem que ela veja e respiro fundo enquanto penso na melhor maneira de a mandar embora. Sou o melhor advogado desta cidade, mantenho pessoas fora da prisão todos os dias, e nem assim consigo encontrar as palavras para momentos como este.

— Tu és uma mulher incrível que merece alguém que te dê o devido valor, mas esse alguém não sou eu. — Respiro fundo e procuro os meus boxers no chão para me poder levantar. Agarro o telemóvel e volto a olhar para ela. — Vou chamar-te um táxi, *OK?* — Ela acena com a cabeça e começa a vestir-se rapidamente. O seu rosto está tão vermelho que parece que vai explodir.

— E tu és um homem horrível, Tyler McLain. Nunca conheci ninguém com tão pouco amor para dar. Se continuas assim, vais acabar sozinho com o teu dinheiro. — *Já sabia que ia partir para o ataque...* Ela fita-me com brutalidade e agarra a almofada que estava no chão, apenas para a atirar para cima da cama com força. Eu cruzo os braços e fico a olhá-la.

— Tu já sabias onde te estavas a meter. Fui claro desde início. E onde eu vou ou não vou acabar só a mim diz respeito. — Mas por que raio tenho de me estar a explicar? Encontrei-a num bar uma vez e trouxe-a para casa. Aconteceu novamente e eu disse-lhe nessa noite que não ia passar disso. É

assim tão difícil compreender?

— Então é assim? Ficamos por aqui? — A sua pergunta soa mais como uma ameaça.

— Para ficarmos por aqui alguma coisa tinha de ter começado.

— Merda, Tyler! — grita-me. Ela coloca os braços em volta do corpo como se estivesse a escondê-lo de mim. Não percebo, eu acabei de a ver nua, não há nada que eu já não tenha visto, e agora é que lhe dá a vergonha?

— Lexi, o táxi está lá em baixo — digo sem expressão no rosto e emoção na voz.

— Vais arrepender-te disto. Eu sou a melhor mulher que podias ter na tua vida. — Lexi corre para fora do meu apartamento o mais rápido que consegue. Não tive tempo de lhe responder e por um lado ainda bem, já estava farto da conversa.

Não consigo sentir nem um pingo de remorsos pelo que acabei de fazer, simplesmente porque eu não a enganei, nem a ela nem a ninguém com quem já fiz o mesmo. Sempre fui extremamente claro desde o início, mas elas acabam sempre a querer mais do que aquilo que eu posso dar. *Mais valia pedirem um carro, isso eu já era capaz de oferecer.* Sento-me no sofá com o resto do copo de vinho que tinha ficado esquecido. Sei que devia ir dormir, mas o sol já está a nascer. Mais vale começar já o dia da melhor maneira: bêbado e aliviado. Encosto a cabeça para trás e deixo-me desfrutar da música que continua a tocar. O meu telefone volta a vibrar, quase aposto que é uma longa mensagem raivosa de Lexi. Quando desbloqueio o ecrã, não encontro o que estava à espera.

*Não estou a precisar de advogado,
mas obrigada por deixar o seu contacto na minha mala.
Até um dia, Mr. McLain.
Emma*

Capítulo 7

Emma



Mas o que é que eu tinha na cabeça? Mandar-lhe aquela mensagem

às cinco da manhã? Como é óbvio, ele ignorou. Passou um dia inteiro e não tive qualquer resposta, mas isso só faz de mim a idiota que mandou uma mensagem de madrugada quando não conseguia dormir. A verdade é que só mandei aquilo para ele ficar com o meu número e isso faz-me sentir demasiada vergonha para eu sequer explicar. Olho para o relógio na minha mesa de cabeceira. São onze da manhã de domingo, já devia estar a pé, mas o domingo é aquele dia que implica a presença de toda a família em casa, e eu não tenho paciência. Consigo ouvir música de Natal tocar pela casa e os passos apressados de todos os empregados. Viro-me de barriga para baixo bruscamente e tapo a cabeça com a almofada. Não quero ouvir esta música nem entrar no espírito de coisa nenhuma.

O meu telefone vibra, dando sinal de mensagem. O meu coração acelera com a expectativa, fazendo-me sentir ainda mais ridícula do que antes. Solto um pequeno grito exasperado contra o colchão e espero mais uns segundos antes de pegar no telemóvel. Quando olho para o ecrã, suspiro ao ver que a mensagem é da Courtney.

Bom-dia!

Já tomaste o pequeno-almoço?

***Acabei de acordar e pensei que podíamos
ir ao brunch, o que achas?***

Beijinhos

Suspiro e contemplo a ideia de ter de me levantar e arranjar. É sempre uma batalha convencer-me a aceitar convites para sair. Não é que eu não queira ir, quero passar mais tempo com Courtney e reconstruir a amizade que perdemos, mas a minha cama está tão quente e confortável que também parece convidar-me a ficar nela todo o dia. Respiro fundo e ganho coragem para me levantar, sentando-me na cama tão rápido que sinto uma tontura. *Vais sair com a Courtney e vais deixar de ser preguiçosa Emma Montgomery*, digo a mim mesma várias vezes. Agarro novamente no telemóvel e trato de responder, antes de dar oportunidade ao meu cérebro para mudar de ideias.

Olá, bom-dia!

Vem mesmo a calhar, ainda nem me tinha levantado.

Diz-me onde queres ir, encontro-te lá.

Até já!

Encho o peito de ar e empurro os lençóis para trás com alguma força. Levanto-me de uma só vez e corro para a casa de banho para me arranjar, tentando que os movimentos bruscos persuadam o meu corpo a acordar. Está extremamente frio em Nova Iorque, durante a noite a neve caiu e cobriu tudo de branco. Adoro neve, a sua cor é tão pura que transmite uma sensação de paz imensa. Visto roupa bastante quente e prendo o cabelo num puxo elegantemente desengonçado. Quando abro a porta do quarto, consigo ouvir música de Natal a tocar ainda mais alto, fazendo-me revirar os olhos. Isto significa que a minha família está lá em baixo. Todos os domingos por volta desta hora as empregadas preparam o *brunch* para todos. É sempre extremamente elaborado, com vários tipos de sumo, panquecas e todo o tipo de pastelaria que se possa imaginar. Sei que vou ter de enfrentar John Montgomery no meu caminho até ao carro. Cada vez mais dou por mim a responder em momentos onde outrora ficaria calada. Isso contribui para a sua raiva, mas nem sempre é possível morder a língua.

Desço as escadas ao mesmo tempo que visto o casaco preto comprido. Quero passar por ali o mais rapidamente possível, de forma que ninguém me veja sair. Assim que o meu pé toca no chão do primeiro andar ouço John mexer-se na sua poltrona e focar o olhar em mim. É como se estivesse à minha espera para implicar comigo.

— Emma? Onde vai? — questiona, enquanto fecha o jornal. Continuo o meu caminho até ao início do pequeno corredor de acesso à garagem sem retirar os olhos dele. Ouço o som das conversas no interior da sala de jantar. Consigo distinguir a voz de algumas amigas da minha mãe e de outros familiares. Volto a focar-me nele e coloco as mãos nos bolsos do casaco.

— Vou sair. Acho que já não tenho idade para dar justificações. — Ele levanta-se e atira o jornal para cima da mesa de centro. O seu peito enche-se de ar, dando-lhe um aspeto altivo. Sei que vai contrapor, os domingos em família são uma das coisas de que ele mais se orgulha, para poder mostrar a toda a gente como tudo está bem nesta casa. Copio exatamente a sua posição, elevando também o corpo e aproximo-me dele sem medo. Olho para o relógio com pressa de sair.

— Hoje é domingo, temos o nosso *brunch* em família, não vai a lado nenhum, filha. — Retenho o riso ao ouvi-lo chamar-me *filha* um pouco mais alto para que ouçam no interior da casa.

Limito-me a abanar a cabeça com um sorriso irónico estampado no rosto. Caminho para trás ainda sem desviar o olhar e levanto a mão no ar acenando em adeus. Assim que me viro, caminho com confiança até à porta da garagem, fazendo o pequeno salto dos meus sapatos entoar bem alto pela casa. Espero que as pessoas na sala de jantar tenham ouvido os meus passos, para que saibam que a sua «filha» saiu de casa mesmo ele dizendo que não.

Entro rapidamente no meu carro e consigo finalmente expirar com força. Não me tinha apercebido de que estive este tempo todo a sustentar a respiração, mas a verdade é que preciso de alguns segundos para recompor os níveis de oxigénio do meu corpo antes de arrancar até ao restaurante, onde vou encontrar Courtney. Atiro o casaco para o banco de trás e aperto o volante com força enquanto solto uma gargalhada nervosa. É um misto de emoções estranhas, por um lado sinto o meu coração a saltar fora do meu peito com a ansiedade de o enfrentar, e por outro só consigo rir da sua cara de raiva ao ver-me sair sem pensar duas vezes. A adrenalina do pequeno conflito faz-me agarrar o volante com força e conduzir a alta velocidade pelo caminho em pedrinhas até ao enorme portão de ferro preto. Ainda bem que o James não está no carro comigo, ele ia odiar a velocidade a que estou prestes a conduzir.

*

Quando chego ao Russ & Daughters Cafe, Courtney já se encontra à minha espera numa das mesas. O café é agradável e bastante tradicional. Cada mesa está na sua pequena divisória e os assentos são sofás azuis extremamente confortáveis. É o típico *diner* americano e a comida é sempre ótima. Aproximo-me dela com um sorriso estampado no rosto. Courtney retira o olhar do telemóvel assim que repara em mim e apressa-se a levantar-se para me abraçar com força.

— Bom-dia! — exclama com entusiasmo.

— Bom-dia! — retribuo no mesmo tom.

— Já estive aqui a dar uma vista de olhos na ementa, nem sei por onde escolher! Tem tudo tão bom aspeto! — Dispo o casaco e coloco-o ao meu lado na cadeira enquanto me sento em frente a ela. Sinto o olhar de um dos empregados colar em nós. Courtney cruza o seu olhar com o dele e sorri atrevidamente. — Mas acho que vou pedir aquele empregado para o pequeno-almoço, que achas?

— Courtney! — exclamo entre o riso. Ajeito-me na cadeira e pouso o telemóvel ao meu lado.

Agarro a ementa e começo a ler as opções, ignorando completamente os olhares do rapaz. Não é que não seja bonito, mas é mais um daqueles que não me faz sentir absolutamente nada. A minha mente passa imediatamente para o jantar de sexta-feira. A imagem de Tyler volta a encher os meus pensamentos e imediatamente o meu coração acelera. Involuntariamente mordo o lábio ao recordar o seu aroma intenso e masculino que invadiu todo o meu ser quando me agarrou para dançar. A minha barriga dá uma volta com o nervosismo que nela se acumula, ao mesmo tempo que a minha mente recorda o seu olhar escuro e penetrante.

— Terra chama Emma! — grita Courtney. Estava tão distraída nos meus pensamentos que nem me apercebi de que ela estava a falar comigo. Sinto imediatamente as bochechas a aquecer e agarro o jarro de água que está na mesa para me servir e beber rapidamente.

— Desculpa, estava distraída. — Ela enrugando o olhar. Apesar de já se terem passado tantos anos, ela ainda me conhece bem. Coloco o cabelo que cai do puxo atrás da orelha com alguma vergonha.

— Não, não, tu não estás distraída, tu estás a pensar em alguma coisa... ou em alguém? — Assim que ela diz a palavra «alguém», a minha mente volta a apresentar-me a imagem de Tyler. Um sorriso parvo forma-se no meu rosto sem que eu consiga evitar. — Eu sabia! Conta-me tudo! — exclama com entusiasmo.

— Quem te disse que não é por causa do empregado que tu queres comer? Também posso querer um pedaço. — Courtney faz-me sinal para me calar e arregala os olhos. O rapaz aproxima-se da nossa mesa e anota os nossos pedidos. Os seus olhos não desviam de nós, mas ao contrário de Courtney que lhe retribui o olhar com um sorriso, eu ignoro completamente a sua presença. *Bolas...* Acho que acabei de dar cabo da desculpa esfarrapada sobre quem estava a pensar. Assim que ele se afasta, Courtney volta a olhar para mim com entusiasmo.

— Claramente não é nele que estás a pensar. Agora, vá, conta-me tudo! — Ela consegue ser tão persistente que chega a enervar. Já em criança era igual. Suspiro e reviro os olhos aborrecida com o seu interrogatório.

— Não é nada, a sério, não estou a pensar em ninguém. — O meu telefone vibra nesse exato momento e a minha reação é olhar para ele com expectativa, fazendo-me sentir uma idiota quando percebo que é apenas uma mensagem da companhia telefónica a avisar quantos dados móveis me restam.

— Nota-se... É por isso que quase saltaste quando o telefone tocou. — O sorriso tonto que tem estampado no rosto faz-me rir. Ela não vai descansar enquanto não lhe disser alguma coisa que a sacie, por isso tenho de manter a informação o mais breve possível, até porque a verdade é que não há nada

para contar.

— OK, pronto! — exclamo enquanto levanto as mãos. O empregado traz os nossos cafés nesse preciso momento por isso aguardo que ele se afaste novamente para começar a falar. — Não é nada de especial, a sério. Na sexta-feira, no jantar de Natal da empresa do Jo... do meu pai, conheci o filho do sócio dele... — Calo-me enquanto pondero as próximas palavras.

— Conheceste como? Explica melhor isso! Ele é giro? — Courtney coloca o queixo sobre as mãos como uma criança que aguarda a história para adormecer.

— É normal... Eu nunca o tinha visto pessoalmente, só em revistas. Nunca fui muito destes jantares da empresa. — Tento ser o mais vaga possível. Consigo ver no seu olhar que Courtney quer saber o porquê de eu não comparecer aos jantares da empresa, mas sei que está mais interessada em saber coisas sobre Tyler e que vai deixar esse assunto para outro momento.

— Tens alguma foto dele? Quero avaliar! Como se chama? — A sua voz sai um pouco alto de mais e por isso encosto o dedo à boca, enquanto faço «*shh*».

— Tyler. — O seu nome sai da minha boca com algum nervosismo, como se fosse uma espécie de nome proibido. — E é claro que não tenho uma foto dele! Achas que eu sou algum *paparazzo*? — Agora foi a minha vez de falar mais alto que o que queria, fazendo o empregado que traz as nossas panquecas sorrir. *Será que acha que estou a falar nele?* Agradeço secamente a comida esclarecendo que a conversa não tem nada a ver com ele.

— Emma, sabes que existe uma coisa chamada redes sociais? Escreves o nome das pessoas e encontras. — O seu tom sarcástico faz-me rir. Agarro o telemóvel e procuro por ele no Instagram. Cada vez me sinto mais ridícula por estar a agir como uma adolescente. Onde já se viu? Andar à procura do perfil dele na internet para mostrar a uma amiga? Quando encontro, fico a olhar para as suas fotos durante alguns segundos, principalmente para algumas fotos do verão em que ele está em Miami... na praia... em tronco nu... A minha garganta seca rapidamente. Viro o telefone para Courtney e procuro o café, tentando recuperar a compostura.

— Normal?! Tu estás a brincar só pode! Emma! Ele é lindo! — O seu entusiasmo faz-me corar.

— Não é nada disso. Não há nada entre nós. Os nossos pais são sócios, mais nada. Eu não quero nada com ele — afirmo o mais friamente que consigo.

— Bem, se não queres, deixa ficar que vai haver quem queira. — Os meus olhos arregalam. — Mentas muito mal, Emma! — As suas gargalhadas enchem o café e acabam por me contagiar. Courtney estica o braço para me

devolver o telemóvel, mas este vibra nesse preciso momento, fazendo-a olhar para as notificações. — Ah! Ainda bem que alguém tem juízo nesta situação! — Fico confusa com a sua afirmação, mas logo entendo.

*Bom-dia, Miss Montgomery,
Sei que não precisas de advogado,
mas eu gostava muito de te voltar a ver.
Jantar? Hoje à noite? Ou talvez uma bebida? Tu escolhes.
Tyler*

Os meus olhos abrem-se para verem bem o que ali está escrito. Por que raio ele quer voltar a ver-me? Não posso aceitar. Ele é filho do sócio da empresa, tudo isto é a receita para o desastre e eu disse já tenho que chegue na minha vida. Bloqueio o telefone e viro o ecrã para baixo, começando a comer as minhas panquecas. Já que ele me ignorou a mensagem, também posso ignorar a dele. Além disso, eu nem sei se quero jantar com ele.

— Emma! Não vais responder?! — exclama Courtney.

— Não. Eu não quero nada com ele, já te disse. Nem sequer vou inventar uma desculpa, vou ignorar que é melhor. — Ela abana a cabeça num sinal reprovador. Sei o que está a pensar. Claramente eu sou doida em recusar, mas assim é melhor, evito muitas confusões ao ficar longe dele, por muito que me custe tomar esta decisão. É verdade que ele é o único homem que alguma vez me intrigou desta forma, mas isso não significa que por isso seja a melhor opção eu aceitar os seus pedidos para encontros. Estou melhor assim como estou.

Capítulo 8

Emma



Eu nem acredito que estive na universidade até agora. São quase oito da noite e depois de um dia inteiro de aulas, estou finalmente a ir para casa. Este curso vai dar cabo do meu sistema nervoso. Está incrivelmente frio hoje. Tenho o casaco fechado o máximo que consigo e escondo a cara no carapuço para a proteger do vento gélido. Avisto o meu carro ao fundo do parque, é tão branco como a neve do chão, mascarando-se perfeitamente. Caminho para ele determinada a entrar e a aquecer-me o mais rapidamente possível. Remexo na minha carteira vezes e vezes sem conta, mas com as luvas é complicado encontrar o que quer que seja. Quando estou mais perto do carro, ouço-o destrancar.

— Belo carro — diz uma voz familiar atrás de mim.

Oh, não!

Levanto o olhar para ele. O frio que estava a sentir passou rapidamente, agora sinto calor como se fosse um dia de verão. Tyler aproxima-se de mim com um sorriso resplandecente. Traz vestido um sobretudo preto por cima de uma camisola grossa de gola alta cinzenta. Os colarinhos do casaco estão levantados e as mãos estão tapadas por umas luvas de pele pretas. *Como é que mesmo completamente tapado consegue ser assim tão giro?*

— O que é que estás aqui a fazer? — Tenho a certeza de que continuo com a boca aberta e cara de idiota a olhar para ele, por isso trato de me recompor e elevar a postura. Tyler começa a caminhar na direção do meu carro, colocando a mão em cima da bagageira e percorrendo-a como se a estivesse a acariciar.

— Não me respondeste à mensagem — afirma. Ele contorna o carro ainda com a mão nele pousada. Quando está mesmo à minha frente, encara os meus olhos. — Eu queria mesmo voltar a ver-te. Achavas que estava a brincar? — Engulo em seco enquanto olho para ele. Não consigo pensar em nada para lhe dizer, fico apenas espedada a apreciar a forma como a sua cara ruboriza com o frio e a sua mão pousa sobre o meu carro. — Bem, já que não dizes nada, digo eu. Vamos jantar. Diz a alguém para te vir buscar o carro. — Tyler aproxima-se um pouco mais de mim, fazendo-me dar um passo atrás. Solto um trejeito que faz o fumo sair da minha boca como o respirar de um dragão.

— Desculpa? Vamos? Eu não me lembro de ter aceitado o convite. — Cruzo os braços, tentando parecer indignada com a sua firmeza. Tyler sorri e levanta o olhar por baixo nas pestanas, como uma criança que vai pedir alguma coisa que sabe que vai ter. Não consigo deixar de revirar os olhos

perante tanta arrogância.

— Não achas que está demasiado frio para ainda estarmos a fazer de conta que não vais aceitar vir comigo? — Tyler volta a dar um passo na minha direção. Os seus olhos escuros estão cravados nos meus. Eu estou a fazer disto um desafio para ele.

— Não estaria frio se me tivesses deixado entrar no carro, onde tenho aquecimento. — Ele morde o lábio, continuando a abafar o riso. Deve ter imensa piada para ele ter um pequeno desafio, imagino que para ele levar pessoas a jantar seja tão fácil como estalar os dedos.

— Ambos sabemos que a minha presença te incomoda. — O fumo que sai das nossas bocas enevoa o ar. O meu coração já não consegue parar quieto. A minha mão agarra a porta do carro numa tentativa de me manter direita.

— Incomoda, sim, porque eu quero ir para casa e tu estás aqui. — Ele solta uma leve gargalhada e desvia o olhar do meu para encarar os próprios pés. Tudo nesta situação o está a divertir enquanto a mim só me causa nervos.

— Eu não vou aceitar um não como resposta, Emma. — A sua voz dá ênfase no meu nome. Engulo em seco e sinto todo o meu corpo ficar tenso. O dia mais frio do ano tornou-se rapidamente no mais quente com apenas uma palavra. Sinto-o afastar-se, deixando-me finalmente respirar fundo e sentir um pouco de paz. Ele volta a colocar as mãos nos bolsos e a olhar para mim com o seu sorriso irresistível. — Já estou a ficar com os pés congelados, os meus sapatos não foram feitos para estas temperaturas. — O seu sarcasmo faz-me revirar os olhos.

— Não, Tyler, eu não posso ir jantar contigo. — As palavras entalam-se na minha garganta, lutando para não saírem, mas eu tenho de recusar. Não posso ir com ele. Tal como disse à Courtney, eu não quero ter nada com ele. Tyler volta a aproximar-se de mim. A sua mão pousa na janela do meu carro mesmo ao lado da minha cabeça.

— Eu já disse que não ia aceitar um não. Já fiz uma reserva num restaurante. Liga ao motorista do teu pai para vir buscar o teu carro, vamos no meu. — Abro a boca para lhe responder com todos os motivos pelos quais não posso ir com ele, mas não sou capaz. Limito-me a trancar o carro e acenar com a cabeça, provocando-lhe um sorriso ainda mais resplandecente do que antes, se é que isso é possível.

— Espera — afirmo. Procuro o número de Owen no meu telefone e ligo para ele. Preciso de lhe pedir para vir buscar o meu carro, mas sei que isso vai fazer com que John saiba que estou com Tyler. Tyler coloca a mão no fundo das minhas costas e começa a encaminhar-me para algum lado. Não questiono, apenas vou.

— Miss Montgomery? Em que posso ser útil? — atende Owen.

— Owen, preciso de lhe pedir um favor. Será que podia vir buscar o meu carro ao estacionamento da Columbia? — pergunto cautelosamente. Tyler para de andar à beira de um carro vermelho. *Mas que raio? Ele tinha de ter um carro da mesma marca que o meu, não tinha?*

— Claro, não se preocupe. — Surpreendo-me pela falta de interrogatório.

— É só isso? Não há quatro minutos de perguntas hoje? — Tyler fica a olhar para mim encostado à mala do *Tesla Roadster* vermelho. Sei que Owen ficou constrangido com a minha pergunta, visto o silêncio do outro lado da linha. — Sabe qual é o carro, não sabe? Se o John perguntar alguma coisa, agradeço que não lhe diga nada. — Não dou tempo para Owen responder. Simplesmente desligo e enfio o telefone no bolso.

Esboço um sorriso por entre uma mordida no lábio e passo a mão pelo seu carro tal como ele fez com o meu. Os seus olhos seguem os meus movimentos cautelosamente, mas não conseguem desviar dos meus lábios durante muito tempo.

— Belo carro... — digo com a mesma entoação de Tyler. Ele sorri para mim e abre a porta do lado do passageiro.

— Por favor, Miss Montgomery — afirma. Contorço todos os meus músculos ao ouvi-lo chamar-me pelo meu último nome; como eu adorava conseguir mudá-lo.

Tyler fecha a porta e contorna o carro para entrar no seu lugar. Dispo o casaco e atiro-o para o banco de trás. *O que é que eu estou a fazer aqui no carro dele?* Devia ter entrado no meu carro e fugido para longe, mas não! Tinha de ceder. Tyler senta-se ao meu lado e olha-me de alto a baixo com algum descaramento.

— O que foi? — pergunto. Os seus olhos colam nos meus de sobrelanceira franzida.

Tyler levanta-se ligeiramente do seu lugar e inclina-se na minha direção. Ele não diz uma palavra, apenas me olha desta forma rude com os lábios ligeiramente separados. A sua mão pousa na lateral do meu banco sem desviar o olhar do meu nem por um momento. *O que é que ele está a fazer?* Encosto-me ao banco o mais que consigo, ficando com o queixo a tocar no peito. Não consigo impedir os meus lábios de separar, fazendo o seu olhar mudar a sua atenção para eles. Ele está quase com o corpo em cima de mim, deixando-me numa expectativa que me consome. Quando a sua testa cola na minha, consigo sentir ainda mais o seu aroma. Conto até dez mentalmente para me acalmar, mas nada parece resultar. Os seus lábios estão a centímetros dos meus e todo o meu corpo lhe pede para que se aproxime um pouco mais.

— Eu não te vou beijar. — A sua afirmação faz-me suspirar. Não é que eu não queira que ele me beije, quero, mas por um lado é melhor que nunca o

faça. A sua mão livre puxa o cinto de segurança e prende-o. Expiro com alguma força quando ele regressa ao seu lugar e começa a tirar o carro do estacionamento. Procuro onde reduzir o aquecimento do carro. Eu já estou quente que chegue, não preciso de mais. Ele morde o lábio, tentando abafar uma gargalhada, mas sem sucesso.

— Ainda bem que te divirto — afirmo, friamente. Não gosto que brinquem comigo desta maneira.

— Oh, Emma, se tu soubesses o quanto eu queria divertir-me contigo. — A sua resposta apanha-me de surpresa. Tyler continua com um sorriso irónico estampado no rosto. Fico a olhá-lo durante alguns segundos sem saber o que dizer.

— Desculpa? — O carro para num semáforo vermelho, deixando que ele desvie o olhar da estrada para poder focá-lo em mim. — Não estou a gostar nada destas tuas brincadeiras, sabias? — Ele morde o lábio e suspira fundo, baixando o olhar.

— Eu nunca brinco. Só se me pedires. — Uma ideia passa-me pela cabeça. Desaperto o cinto e coloco uma mão na sua perna, apertando com alguma força. O meu gesto fá-lo soltar um grunhido bem audível. Aproximo a boca do seu ouvido e suspiro antes de falar.

— Não te vou pedir nada, nunca. — Sorrio para a mim mesma. Volto a sentar-me e a apertar o cinto sem tirar o sorriso do rosto. Tyler aperta o volante com alguma força, fazendo sobressair os músculos do seu braço. O semáforo fica verde nesse preciso momento, fazendo-o arrancar com alguma velocidade. A sua cara parece desconcertada e isso satisfaz-me imensamente.

Tyler mantém-se calado durante o resto da viagem até ao restaurante. Não lhe pergunto para onde me leva, porque sinceramente não interessa. Rapidamente chegamos a um elegante restaurante de hambúrgueres *gourmet* chamado 4 Charles Prime Rib. Não sei como ele se lembrou de aqui vir, mas a verdade é que um succulento hambúrguer é provavelmente a minha refeição preferida. O restaurante é extremamente elegante. Paredes cobertas de madeira e poltronas em pele castanha e verde são apenas iluminadas por velas e os pequenos holofotes inseridos no teto. O ambiente escuro faz lembrar um pouco um escritório ou biblioteca antiga de algum magnata. Pode dizer-se que é extremamente romântico, o que me deixa ainda mais nervosa do que já estou. O empregado encaminha-nos até uma mesa isolada num canto do restaurante. Não consigo falar. Francamente quase nem consigo respirar. A minha mente revive vezes sem conta o que fiz no carro, é como se ainda sentisse o seu músculo da perna na minha mão. Arrepio-me completamente, fazendo-o olhar para mim:

— Tens frio? — pergunta com a sobrancelha franzida numa expressão

irónica. Ele sabe que não, estamos dentro do restaurante, está quente aqui.

— Não, Tyler, não tenho frio. — A minha resposta sai-me secamente. Tento ao máximo não parecer incomodada com toda a situação.

— Pergunto porque te vi tremer. Espero que isso não seja nervosismo. — Tyler não tira os olhos de mim. As suas mãos esfregam uma na outra suavemente e não sabia que esse movimento poderia ser tão sedutor.

— Porque havia eu de estar nervosa? Tu não me intimidas, aliás, se bem me recordo, tu é que vieste atrás de mim. — Agarro o copo de água e dou um gole prolongado, deixando a marca do batom vermelho-escuro na berma do copo. Tyler encosta-se para trás na cadeira e entrelaça as mãos sobre o tronco.

— Achas que eu fui atrás de ti? — A pergunta sai-lhe como se fosse uma anedota.

— Porque é que estavas na minha universidade? — pergunto com confiança. Preciso de saber que resposta tem preparada para mim. Ele clareia a voz antes de falar.

— Tive de ir lá falar com um antigo professor meu que estou a ajudar com uns problemas. Quando estava a ir para o meu carro, vi-te. Já te tinha convidado para saíres comigo ontem, mas decidiste ignorar. — *Mas que lata!* Ele também ignorou a minha mensagem!

— Caso não te lembres, tu ignoraste-me no sábado. Eu fui uma idiota em ter mandado aquela mensagem. — Sou franca com ele, não tenho motivos para mentir. A verdade é que às vezes arrependo-me de ter dito alguma coisa e outras vezes de o ter dito tão tarde.

— Eu sei e peço desculpa. — Ele agarra a garrafa de vinho tinto pousada na mesa pelo empregado e enche o meu copo e o seu. Tyler dá um pequeno gole no vinho, fazendo-me focar na sua maçã de Adão deliciosamente proeminente. — Mas queria ver-te.

— Porquê? — Agarro também o meu copo de vinho e bebo um pouco. O calor na garganta agrada-me, assim como o travo amargo e robusto. Sorrio um pouco com o primeiro gole, sinto-me poderosa e em pleno controlo da situação. O seu desconforto com as minhas perguntas é evidente.

— Porque sim, Emma. O que queres que diga mais? És linda de morrer e eu gosto de levar mulheres bonitas a jantar fora. — Suspiro com a sua resposta.

— Eu sou muito mais do que uma mulher bonita, Tyler. Deve ser difícil ver apenas o exterior das pessoas. — O meu comentário parece incomodá-lo mas não me importo, ele precisava de o ouvir.

Quando toma outro gole do seu vinho, Tyler passa o dedo pelo lábio suavemente, limpando a tonalidade vermelha deixada pela bebida. Observo cada movimento atentamente. Ele está a fazer isto de propósito e eu não estou

minimamente incomodada com isso. Cruzo as minhas pernas por baixo da mesa, tentando esconder a sensação que ele me está a provocar, mas não consigo parar de as balançar freneticamente com o nervosismo. Ele olha para baixo da mesa para ver o que estou a fazer com as pernas, mas estou demasiado perturbada para me manter quieta, fazendo-o rir com as minhas reações.

— Então vais-me dizer que esse abanar da tua perna não é nervosismo? — Reviro os olhos antes de me focar nele, erguendo a sobrancelha num jeito que eu tenho plena noção que é sensual.

— Talvez seja apenas um tique, ou talvez esteja com fome e farta de esperar pela minha comida. — Tyler perde o sorriso, o seu rosto endurece ao encarar a minha expressão tensa.

— Posso fazer-te uma pergunta? — diz-me. Engulo em seco, com receio do que possa vir dali.

— Podes, não prometo é responder.

— O que é que te aconteceu no jantar de Natal? E não digas que não foi nada, eu ouvi o que disseste na mesa sobre o teu pai. — Eu já sabia que devia ser alguma coisa deste género. Respiro fundo e dou outro gole no vinho antes de encolher os ombros.

— Nada de especial, apenas não gosto de espetáculos. Tu também não me parecias nada agradado em ver os teus pais aos beijos. — Tyler torce o nariz e bebe também um pouco de vinho.

— Isso não é para aqui chamado — afirma.

— Então larga este assunto. — O meu tom de voz soa como uma ameaça, fazendo-o erguer as mãos no ar e deixar-se cair para trás na sua cadeira.

— Só estava a tentar saber um pouco mais sobre ti. És bastante difícil de ler, até para mim que sou advogado. — A forma arrogante como ele fala faz-me revirar os olhos novamente.

— Não sabia que ser advogado era sinónimo de ser leitor de mentes. — O meu comentário fá-lo rir, um riso genuíno que lhe dá um ar mais relaxado e jovial. Respiro fundo antes de lhe explicar um pouco mais sobre mim. — Emma Montgomery, vinte e cinco anos, último ano do mestrado em História na Universidade de Columbia. Gosto de *piñas coladas* e de passear à chuva. — Não consigo acabar a frase sem me rir, mas Tyler está novamente sério. *Raios*. Este homem muda de humor como quem muda de camisa.

— História? — Levanto o olhar para ele. Tyler chega-se à frente e volta a encher o meu copo vazio, como se achasse que o álcool o vai levar a algum lado comigo. — O teu pai deve adorar a ideia.

— Ainda bem que não é o John que está a tirar o curso. — Abro a boca em choque assim que acabo de falar. Chamei-lhe John em frente a Tyler, é

impossível isto não ir gerar mais perguntas. Agarro o copo de vinho e bebo-o todo de uma só vez, pousando-o com força na mesa quando acabo. Felizmente, antes que Tyler tenha a hipótese de fazer mais perguntas, o empregado aproxima-se da mesa com os nossos pedidos. Os olhos de Tyler não desviam de mim, como se me tentasse estudar cuidadosamente. Surpreende-me ele não querer saber mais, mas simplesmente começa a comer sem tocar mais no assunto.

— Onde queres ir depois daqui? — pergunta-me.

— Para casa, este jantar só aconteceu porque tu insististe tanto, não volta a acontecer. — Preciso mesmo de manter a distância dele, isto é perigoso a diversos níveis.

— Isso é o que dizes agora, daqui a pouco já te convenço a vires comigo. — Solto um trejeito em choque com as suas palavras.

— Repete lá isso novamente. — Tyler solta um suspiro irritado.

— És uma pessoa complicada não és? Achas que vínhamos só jantar e depois íamos para casa? Vá lá, Emma, nem que seja beber um copo. — Pouse o hambúrguer abruptamente no prato, perdendo de imediato o apetite.

— Tu achas que as mulheres te caem todas aos pés, não é? — afirmo sem o encarar. — Achas que basta pestanejares e que tens tudo o que queres. — Tyler deixa a dentada que ia dar no seu hambúrguer a meio. Sei que me está a ouvir com atenção. — É verdade, tu és um homem atraente, mas isso não quer dizer que vais ter tudo de mão beijada. Eu estava a falar a sério quando disse que tu não vias mais nada para além do exterior. — O seu riso sarcástico faz-me contorcer na minha cadeira, não era esta a reação que esperava dele.

Tyler pousa o hambúrguer no prato e limpa as mãos ao guardanapo que tem no colo. Agarra a cadeira onde está sentado e levanta-a para se vir sentar ao meu lado. Fico confusa a olhar para ele. Os seus dedos começam a percorrer o meu rosto, fazendo-me estremecer. Tyler aproxima-se ainda mais de mim e a sua boca tão perto da minha orelha que me obriga a suprimir qualquer som.

— Eu sinto o que tu estás a sentir. — O seu dedo esfrega pela minha pele suavemente. — Eu sei o que estás a pensar. — Mordo imediatamente o lábio, abafando qualquer som. — Eu sei tudo o que queres — diz como num suspiro. — Eu sou o melhor advogado desta cidade, Emma, não cheguei lá a olhar para o exterior.

Sorrio com alguma ironia enquanto esfrego a minha mão pela sua perna. Sinto-o estremecer por não estar a contar com o meu toque. A sua cara vira para encarar a minha mão que passa agora para o seu braço e para o seu pescoço. Ele tem a pele incrivelmente suave e o aroma é tão masculino e perturbador que me faz desejar poder engarrafá-lo. Aproximo-me do seu

ouvido e faço questão de soltar um suspiro bem audível, fazendo a sua mão apertar com força a cadeira em que está sentado. A sua derrota será gloriosa, e ele ainda não o sabe.

— Tu não sabes nada sobre mim, Tyler McLain. — Digo o seu nome da forma mais sensual que consigo. A sua cara vira bruscamente para mim, mas eu afasto-me imediatamente, deixando-o de olhos arregalados. Agarro o meu casaco e carteira e levanto-me com um sorriso estampado no rosto.

— Emma? Onde é que vais? — Ele parece confuso e um pouco desiludido. Exatamente o que eu queria.

— Vou-me embora, o que parece? — Tyler apressa-se a levantar-se, mas eu começo a afastar-me.

— Estás a falar a sério? Vais mesmo fazer isto? — Na sua voz há um novo desafio, um que eu vou vencer.

— Adeus, Mr. McLain. Foi um prazer. — Pisco-lhe o olho e retiro da mala umas notas que deixo pousadas em cima da mesa. Nem sequer lhe vou dar a satisfação de pagar o jantar.

Afasto-me até à porta do restaurante, deixando-o completamente confuso e sem reação. Viro-me para trás e reparo que ele continua em pé a olhar para mim; provavelmente esta é a primeira vez que uma mulher lhe faz isto e isso deixa-me orgulhosa. Assobio por um táxi que rapidamente para à minha frente. Entro e dou a minha morada, sentindo-me grata por não ter de esperar muito tempo para chegar a casa. O meu telemóvel vibra pouco depois, sei perfeitamente quem é.

A Miss Montgomery nunca deixa de surpreender.

Isto não fica por aqui.

Tyler

O Mr. McLain tem de aprender que nem tudo é como quer.

E, sim, isto fica por aqui.

Adeus, Tyler, tem uma boa vida.

Emma

Capítulo 9

Emma



P assou exatamente uma semana desde o jantar com Tyler. Nunca mais tive notícias dele. Por um lado arrependo-me de ter sido tão bruta. Saí do jantar antes de o deixar saborear o hambúrguer em condições, mas a verdade é que ele é o tipo de homem que acha que consegue tudo de uma mulher sem ter de se esforçar, e não é isso que quero para mim. Se perguntar a mim mesma do que estou à procura, a resposta é simples: não sei. Talvez por não ter crescido com o melhor exemplo de uma relação amorosa no meu lar isso faça com que seja extremamente picuinhas com os homens. O mais certo é acabar por ficar sozinha.

É a primeira semana da interrupção de semestre por causa do Natal. Era exatamente disto que estava a precisar, uns dias para mim sem pensar em nada e muito menos em advogados arrogantes mas apetecíveis. Sento-me na poltrona branca no canto do quarto e agarro um livro sobre os principais reinados da Inglaterra. Tento distrair-me com o livro, mas na minha sala a música da época toca cada vez mais alto à medida que os dias se aproximam daquela que é para muitos a manhã mais esperada do ano, aquela que passam rodeados de amor e de presentes. Respiro com alguma força e coloco a mão no peito. Este aperta tanto que parece querer encolher. É a primeira vez que penso no quanto gostava de ter alguém nesta altura do ano, no quanto gostava de poder beijar alguém debaixo do azevinho e partilhar os doze desejos na passagem de ano.

— Não sejas parva, Emma — afirmo em voz alta.

Agarro o meu telemóvel e fico a olhar para o seu contacto durante algum tempo. Abro as mensagens e releio algumas vezes a última que recebi dele: *Isto não fica por aqui*. Mas ficou, desde aquela noite nunca mais tentou, nunca mais me procurou. Eu sou uma parva por estar aqui a sentir-me assim, nunca vai haver nada entre nós, nem eu quero que haja. Eu não sou mulher de namorar e a verdade é que eu lhe disse para ele ter uma boa vida... *Não sei se sou mais parva por ter dito isso ou por agora estar arrependida*. Bloqueio o telemóvel e atiro-o gentilmente para a cama. Não passam nem dois segundos desde que o telemóvel toca no colchão quando o ouço vibrar. Salto imediatamente da minha cadeira e agarro-o, encarando a notificação com alguma expectativa.

*Espero que não tenhas sentido muitas saudades minhas.
Eu estava a falar a sério quando disse que não ia desistir.
Como estás, Emma?
Tyler*

O meu coração saltou três batimentos com a sua mensagem. Não é possível que ele estivesse a pensar em mim neste preciso momento. Sento-me na cama e esboço mentalmente cinquenta versões da resposta que lhe quero dar, até que o meu consciente acende uma luz e me grita: *Emma Montgomery, tu não és esta pessoa. Ele só tem uma coisa na cabeça, e sabes bem disso!*

*E eu estava a falar a sério quando meti o ponto final.
Não tens mais nenhuma mulher para chatear?
Com certeza tens muitas na tua lista de standby
para quando estás com necessidades.
Deixa-me em paz, Tyler.
E porque é que assinas sempre as mensagens?
Eu sei que és tu!*

Sinto-me imediatamente satisfeita com a minha resposta. Carrego em enviar e volto a pôr o telemóvel longe de mim. Caminho de um lado para o outro pelo quarto, consumida pela ansiedade e pela expectativa da sua resposta. O meu telemóvel volta a tremer, fazendo-me saltar para ele.

*As minhas necessidades ainda não te dizem respeito.
Estamos a começar tudo com o pé errado, Emma.
Aceitas jantar comigo hoje?
P. S.: Eu assino as mensagens porque quero
que me imagines quando lês o meu nome.
Tyler*

Ainda? A lata dele não tem fim! Volto a ler o seu nome no fundo da mensagem e apercebo-me de que ele tem razão. Cada vez que entoo o seu nome na minha mente a imagem dos seus penetrantes olhos castanhos invade-me. Consigo sentir o seu aroma masculino e perturbador como se ele estivesse aqui mesmo. Volto a atirar o telemóvel para a cama, dando um pequeno grito de frustração. Decido ignorar por completo a sua mensagem. Não, não quero

jantar com ele, dele só quero mesmo distância.

25 de dezembro

Sete da manhã e a casa está mais atarefada do que nunca. Consigo sentir o aroma de rolos de canela entrar pela frincha da porta do quarto. Os passos apressados de todos os empregados da casa não me deixam descansar nem mais um segundo. Rolo para o lado e uma vontade imensa de chorar apodera-se de mim. Não sei porque me sinto tão triste, mas desconfio que esteja relacionado com a falta de amor que me rodeia neste dia onde esse sentimento devia ser partilhado. O que vale é que depois de hoje tenho 365 dias para me preparar psicologicamente para o próximo Natal. O alarme toca no meu telemóvel, fazendo-me retorcer ainda mais. Agarro-o para o desligar, mas sou interrompida por mais uma mensagem... dele...

Feliz Natal, Emma.

***Quais são as hipóteses de me deixares
dar-te um presente hoje?***

Encara-o como uma oferta de paz.

***O meu comportamento para contigo
não tem sido o melhor.***

Tyler

Um sentimento de tristeza emana pela sua mensagem. Algo me diz que para ele o Natal também é uma data complicada. Mas porque é que ele me comprou um presente? Eu não tenho nada para lhe dar e por isso não posso aceitar o que quer que seja que ele tenha para mim. Como é que ele acha que me pode simplesmente comprar com coisas? Será que ele não sabe que eu cresci com tudo menos com a única coisa que realmente me faz falta? Não tenho cabeça para discutir com ele hoje, sinto-me demasiado triste para sequer pensar em provocações para o enervar.

Eu não tenho nada para te dar em troca.

Não posso aceitar o teu presente, não quero.

Emma,

O teu perdão é o suficiente, por agora.

O teu presente fica guardado, até te ver novamente.

Não me vais desejar um Feliz Natal?

Desculpa mas não.

Odeio o Natal.

Ainda bem, eu também não gosto.

Aliás, estou sozinho em casa se quiseres aparecer...

Não penses coisas que não deves,

simplesmente pensei que podíamos ser «grinchs» juntos.

Não consigo evitar sorrir com a sua mensagem. A possibilidade de alguma vez o voltar a ver apressa-me o coração. Sou apoderada por um desesperado desejo de o ter aqui. A sua mensagem inunda-me o pensamento, como se o conseguisse ouvir dizer cada palavra, especialmente o meu nome. Não sei como lhe responder, por isso limito-me a encostar o telemóvel ao peito e a encarar o teto com um sorriso idiota.

A minha mente vagueia para um local perigoso. Um pequeno pensamento leva-me a imaginar como seria ter Tyler só para mim. Não o penso de uma maneira romântica, mas, sim, de uma maneira erótica. Sou levada até à noite em que o deixei no restaurante. O momento em que o tive próximo da minha boca é repetido para mim vezes e vezes sem conta. Pouso a mão sobre o meu baixo-ventre, tentando apaziguar a vontade que nele se forma, mas é em vão. Sinto o seu hálito como se ele estivesse colado a mim, fazendo-me arrepiar dos pés à cabeça. Imagino como seria ter a sua boca colada à minha, o seu corpo próximo do meu o suficiente para lhe sentir o peso dos músculos. A mão que pousava sobre a minha barriga começa a viajar para baixo. Quero imaginar mais, quero poder ter uma pequena noção de como seria se fosse ele a fazer-me isto, não só com a sua mão. O prazer apodera-se de mim, obrigando-me a tapar a boca. Só o vejo a ele, só o sinto a ele e, por um momento, só o quero a ele. Arrepios constantes percorrem o meu corpo, indicando-me o quão consumida pelo desejo estou neste momento. A cada movimento da minha mão imagino a dele, os seus dedos suaves e masculinos tocam-me sem tirar os olhos dos meus, aqueles olhos castanhos poderosos e sensuais. Esse último pensamento é o suficiente para libertar todo o desejo que aguardava dentro de mim. Mordo a minha própria mão, abafando o gemido que não consegui conter. Pouco a pouco recupero a consciência e para além do alívio e prazer que ainda sinto, sinto também vergonha. *O que é que*

acabaste de fazer, Emma? Solto uma pequena gargalhada, tentando esquecer a vergonha que estou a sentir. Afinal, ninguém pode julgar-me pelo que acabei de fazer sem ser eu mesma, e eu não vou dar oportunidade ao meu subconsciente para me fazer sentir mal. Foi o mais próximo que alguma vez vou estar dele dessa forma e isso satisfaz-me, por agora.

1 de fevereiro

Não podia estar mais exausta. É sábado e passei o dia todo colada ao meu computador a trabalhar nos vários projetos que tenho de entregar até ao final do mês. Obviamente que o que mais me interessa é o da Segunda Guerra Mundial. Decidi escrever sobre os fugitivos da guerra e como foi a vida destes na chegada à América. Fecho o computador e esfrego os olhos várias vezes, borratando ainda mais a maquilhagem que tive preguiça de tirar ontem à noite. Uma noite com algumas bebidas e a companhia da minha amiga era aquilo que mais precisava. Foi bom poder espair e explicar a alguns copos de tequila todos os meus problemas. Não me lembro ao certo quantos copos foram, mas a dor de cabeça com que acordei hoje indicam-me que foram bastantes. São agora sete da noite e só me apetece ir para a cama e dormir até amanhã, repondo as horas de sono que tenho em falta. Agarro o meu telemóvel e envio uma mensagem a Courtney.

Diz-me se te estás a sentir tão mal como eu.

Estou a ficar velha para estas noites, Court...

Mal acabo de pressionar o botão de enviar, o meu telemóvel é consumido por uma mensagem de fonte perturbadora.

Curiosa para saberes qual é o teu presente?

Tyler

A sua mensagem deixa-me um pouco confusa. Presente? Ele está a falar do presente de Natal que disse que tinha para mim? Mas será que ele não desiste mesmo?

Tyler, já estou a ficar cansada de te

*dizer para me deixares em paz.
Devolve o presente onde quer que o tenhas
comprado porque eu não o quero.
Além disso, tinhas de estar comigo para mo dares,
o que não vai acontecer.*

3

Mas que raio?

2

Porque é que ele está a mandar mensagens a cada segundo com números?

1

...

No preciso momento em que a última mensagem entra no meu telemóvel, consigo ouvir os portões abrirem e o som dos pneus a calcarem as pedrinhas do caminho até à entrada. Salto da cama e corro para a janela. Um *Porsche Cayenne* preto aproxima-se da entrada e estaciona mesmo à beira das escadas em mármore que dão acesso à porta principal. Abro a janela e estico-me o máximo possível para ver quem dele sai. O meu coração sobressalta-se quando Simon e Victoria McLain saem do seu interior elegantemente vestidos como é seu costume. Quando as portas fecham, percebo que Tyler não está com eles e isso sossega-me. Encolho os ombros e suspiro, mentalizando-me de que vou ter de passar algumas horas na presença daquele homem extremamente antipático, mas pelo menos o seu desconcertante filho prodígio não está...

Piii!

O som da buzina faz-me levantar o olhar de imediato.

Merda!

O *Tesla Roadster* vermelho efetua o mesmo caminho do *Porsche*, parando mesmo atrás deste. Fecho a janela o mais rapidamente possível, entalando o dedo com alguma força, fazendo-me gritar um pouco alto de mais. Corro para a casa de banho e coloco-o debaixo de água gelada, tentando

aliviar o ardor que sinto. O meu telemóvel volta a vibrar. Basta um pequeno olhar para o ecrã para perceber que esta será sem dúvida a noite mais complexa da minha vida.

Eu nunca desisto, Emma.

Tenho o teu presente e um pedido de desculpas.

Tyler

Capítulo 10

Emma



Ouço a porta principal abrir, as vozes começam a misturar-se no *hall*

da entrada embrenhando-se em cumprimentos sem fim. Os meus ouvidos tentam ao máximo decifrar a voz de Tyler no meio de tanto barulho. Tenho ambas as mãos pousadas na porta do meu quarto com a cabeça caída entre elas. Não consigo acreditar que ninguém teve a decência de me avisar que eles estariam aqui esta noite, passei o dia tão embrenhada na minha tese como no suor do meu corpo que não tive paciência de lavar. Não estou minimamente preparada para receber visitas, muito menos a *dele*. Levo a mão à chave e tranco imediatamente a porta do quarto. Agarro uma escova e faço de tudo para tirar a maioria dos nós que se formaram involuntariamente pelo meu cabelo levemente ondulado. Rapidamente encaminho-me para a casa de banho do quarto e tomo o duche mais rápido da minha existência, apenas o suficiente para deixar de cheirar à tequila com quem passei tão bons momentos. Quando penso que finalmente estou num bom caminho para evitar envergonhar-me eternamente, os meus ouvidos começam a ouvir passos pelas escadas, cada vez mais próximos da porta do meu quarto. Enrolo a toalha o mais que consigo e encosto as costas à porta. Sei que está trancada, mas todo o cuidado é pouco nesta circunstância.

— Emma? — ouço-o questionar baixinho pelo corredor fora. — Vais obrigar-me a abrir estas portas todas até descobrir onde estás? — A sua voz é calma, como um suspiro. Tapo a boca com a mão, tentando abafar o som da minha respiração. Os seus passos cessam. O meu coração para momentaneamente. Pouso a mão suavemente na chave que me separa de ter um encontro extremamente inapropriado.

— Vamos fazer isto toda a noite? — Suprimo o riso ao morder o lábio inferior.

— Não te posso deixar entrar. Não seria apropriado. — A minha mão vai brincando com a chave, tentada a simplesmente deixar cair a toalha e abrir a porta assim mesmo.

Por muito que eu tente reprimir todas as emoções, elas voltam sempre à flor da pele quando ele está por perto. Repito para mim de cada vez que penso nele que nada vai acontecer, que eu não o quero, mas neste momento como em tantos outros não o consigo retirar da mente. *Ele é filho do sócio do teu pai* é a desculpa que mais vezes dou a mim mesma, por mais ridículo que pareça esse é exatamente o que mantém os meus dedos quietos à volta do trinco. Ouço-o suspirar com alguma força do outro lado. Imagino a forma como o seu peito quase rasgou o que quer que tenha vestido. Encosto a cabeça na porta,

fazendo uma pequena pancada ecoar e destruir o silêncio deste momento:

— Tu estás nua, não estás? — A sua pergunta apanha-me desprevenida.

— E se estiver? Que tencionas fazer em relação a isso? — Ouço uma pequena gargalhada rouca sair da sua garganta.

— Veste-te. — A porta abana um pouco quando o seu corpo se aproxima dela. — O que eu mais quero é arrombar esta porta e ver-te nua, mas não o vou fazer. — Todo o oxigénio é sugado do meu corpo. Preciso de me relembrar de como se respira para conseguir manter-me em pé.

— Dá-me dez minutos, eu já te abro a porta — acabo por dizer com a voz ainda trémula.

Corro para longe da porta e entro no *closet* à procura de algo para vestir. Agarro um vestido de padrão floral e decote em V. Adoro este vestido, a tonalidade azul sobressai os meus olhos e o decote sobressai o meu peito, mesmo este não sendo grande por natureza. Calço uns sapatos beges de salto alto e faço a maquilhagem mais simples e rápida da história. O meu coração está demasiado acelerado, a respiração descontrolada. Abro a porta repentinamente e encontro-o encostado à parede a olhar para todos os retratos de família que preenchem o corredor. O seu olhar está intensamente focado para uma fotografia minha com a minha mãe na praia, quando eu tinha cinco anos. Tyler aproxima-se dessa fotografia e percorre-a com o dedo suavemente. Fico apenas a observá-lo sem querer interromper a sua epifania.

— Há coisas na vida que nós tomamos como garantidas, Emma. — Ele sabe que estou aqui e ainda assim recusa virar o olhar para o meu. — Eras feliz?

— Era — afirmo calmamente, caminhando ao seu encontro. É a verdade, eu era extremamente feliz. Durante a infância era imune a tudo o que se passava à minha volta. Paro mesmo ao seu lado, roçando o meu braço no seu, fazendo-o finalmente encarar-me. Ele esboça um sorriso terno ao olhar-me de alto a baixo.

— Fala-me sobre aquela foto — pede-me. Fico algo confusa com o seu pedido, é apenas uma fotografia de infância, mas ainda assim faço-lhe a vontade.

— Não é nada de especial. Acho que estávamos de férias no Havai. Aquela foto foi tirada na praia, no meu primeiro dia de praia, aliás. — Sorrio momentaneamente ao tentar recordar essas pequenas memórias.

— Foi o teu pai que tirou a foto? — A sua voz arrasta a pergunta, num tom baixo como se tivesse receio de a fazer. Engulo em seco com os nervos a começarem a formar-se dentro de mim.

— Sim, acho que sim — admito.

— Quando foi a última vez que te sentiste assim? Tão feliz? — Encosto-

me também à parede, ficando com o braço extremamente próximo do dele. Quase sinto os nossos corpos tocarem-se, e mesmo os míseros milímetros que estão entre nós não são suficientes para impedir-me de arrepiar. Suspiro ao pensar na sua pergunta.

— Talvez ali mesmo naquela praia... — Tyler inspira fundo, mas não parece surpreso com a minha resposta. Reparo no pequeno saco vermelho que traz na mão, fechado por uma fita dourada. O meu olhar vai-se dividindo entre o saco e os seus olhos, não sabendo bem o que transmitir ao meu cérebro para este sentir a emoção apropriada para o momento.

— Vou-te pedir que não digas nada. Fecha os olhos, por favor. — O seu corpo roda de forma a ficar de frente para mim. A maneira como me observa faz-me sentir a mulher mais bela de toda a existência. Mesmo assim, sinto que não devia aceitar o seu presente.

— Tyler... — começo a dizer.

— Não. — As suas mãos agarram a minha cara com alguma força enquanto o seu corpo me segura contra a parede. A sua testa encosta na minha e a sua boca cria apenas um pequeno espaço até à minha. — Já chega de me empurrares, não achas? — As palavras que saem da sua boca fazem a minha secar, desejando que ele lhe devolva a vida que acabou de lhe ser retirada. Coloco as mãos no seu tronco e seguro-me à sua camisa branca extremamente bem engomada.

— Porque é que fazes isto? Todos os jogos, as perguntas e agora os presentes... Tyler eu não te consigo acompanhar. — A sua respiração descontrolada faz o meu corpo irradiar uma mistura tóxica de ansiedade e prazer. Se ele conseguisse sentir o mesmo que eu neste momento, de certeza que me estaria a empurrar para dentro daquele quarto, e eu não iria recusar.

— Um homem tem de ter os seus truques, não achas? — O seu corpo pressiona o meu com alguma força.

— Não faças isto... — A minha voz sai trémula, por pouco as palavras não ficam entaladas na minha garganta. Ele leva o polegar a minha bochecha e afaga-a suavemente.

— Vais ter de aceitar o presente sabes? Já passou muito tempo, não o posso devolver. — Um pequeno sorriso forma-se no seu rosto. O seu corpo afasta-se do meu, deixando saudades imediatas da pressão que ele colocava na minha barriga.

— Vira-te. — Obedeço contrariada mas com um sorriso tonto estampado no rosto. — Confias em mim? — pergunta calmamente ao meu ouvido. Mordo ligeiramente o lábio e abano a cabeça a dizer sim. A sua mão afasta o meu cabelo da parte de trás do meu pescoço. Ele deposita um pequeno beijo na minha nuca, fazendo-me arrepiar. — Não devias, já te disse, não podes

confiar em ninguém. — A sua mão sobrevoa os meus olhos antes de a encostar calmamente, bloqueando-me a visão. — Não abras os olhos. Fica quieta.

— Não achas que estás a ser demasiado mandão?

— *Shh...* — sussurra ao meu ouvido. — Satisfaz-me só esta vontade. — Não há um centímetro do meu corpo que não esteja a arder. Toda a expectativa que ele está a criar é como uma forma de tortura medieval, e eu sou a sua prisioneira.

Consgo perceber pelo som que está a mexer no pequeno saco que, entretanto, ficou caído no chão. Passado alguns segundos os seus dedos passam ligeiramente pela pele exposta pelas costas do meu vestido, fazendo-me arrepiar. Um pequeno objeto frio toca o meu peito. É um colar. Tyler prende-o suavemente, tentando evitar que algum cabelo meu fique preso no fio. Remexo no pequeno pendente várias vezes, tentando perceber do que se trata. As suas mãos passam para os meus ombros e encaminham-me até algum lado.

— Continua com os olhos fechados. — Quando paramos de andar, Tyler afaga gentilmente o meu braço. Sinto-o inspirar fundo algumas vezes, como se estivesse nervoso. — Podes abrir.

Tyler encaminhou-me para o espelho enorme que está numa das paredes do corredor. Quando finalmente abro os olhos, preciso de inspirar com alguma força pela boca, tentando esconder o choque que sinto quando vejo do que o colar se trata. O fio fino em ouro branco segura um pendente azul em forma de lágrima.

— Isto é...

— Uma safira — interrompe. — Mas não só. — Tyler leva a mão ao colar e segura um outro pequeno ornamento. É um pássaro que aparenta voar em direção à safira.

— Mas... Tyler, não era preciso nada disto! — O meu cérebro procura pela melhor maneira de lhe agradecer, mas tenho demasiadas perguntas na cabeça para lhe fazer. Afago o pequeno pássaro com o dedo. — Porquê? — consigo apenas dizer. As suas mãos descem pelos meus braços e envolvem-me. Pousa o queixo na minha cabeça e suspira.

— A safira era necessária, fez-me lembrar os teus olhos... — Tyler vira-me para me poder encarar, sorrindo com genuinidade. — O pássaro foi apenas uma ideia. — As suas mãos passam para os seus bolsos, baixando o olhar.

— Que ideia? — Cada palavra sai-me a custo. Estou em completo choque com este presente e nem sei bem o que dizer. Ele franze o sobrolho enquanto pensa no que responder.

— Nada. Vamos descer? Devem estar à nossa espera para jantar. — Tyler

forma um C com o seu braço, oferecendo o perfeito lugar para eu me segurar. Não insisto numa resposta, o que quer que tenha sido, vou saber com o tempo.

Coloco lentamente a mão no seu braço e começamos a descer as escadas. Continuo a mexer no pequeno colar com a mão livre e respiro fundo várias vezes de forma a controlar as emoções. Devia estar chateada por ele ter gastado tanto dinheiro, por eu ter aceitado este presente e por me estar a deixar levar por ele. Revivo os momentos anteriores de forma a tentar perceber se lhe agradeci convenientemente, mas acho que qualquer tipo de «obrigada» seria demasiado pequeno para igualar o seu gesto.

— Tyler? — Respiro fundo, tentando procurar as melhores palavras. Continuo a remexer no colar suavemente, afagando o pequeno pássaro com o dedo. O meu coração bate descontrolado e nervoso, não sabendo bem o que pensar depois disto tudo. Solto um pequeno sorriso terno na sua direção.

— Não precisas de dizer nada, Emma, eu sei que gostaste e que estás grata pelo presente, mesmo que o tenhas recusado tantas vezes. — Tyler pisca-me o olho mas rapidamente o seu sorriso desvanece. Os seus olhos cruzam os meus, enrugando a testa com uma expressão pesada. — Posso fazer-te mais uma pergunta? — Para de descer as escadas e fica um degrau abaixo de mim, fazendo a nossa diferença de alturas desaparecer por completo. Apenas consinto com a cabeça, encarando-o um pouco confusa com as suas mudanças de humor tão repentinas. — O que é que fazias se eu tentasse raptar-te deste jantar de merda e te levasse para bem longe daqui? — Os seus braços agarram o meu corpo. As suas mãos deslizam pelas minhas costas, parando perigosamente perto do meu rabo. Respiro fundo e envolvo o seu pescoço suavemente.

— Isso depende. Precisava de saber o teu nome completo primeiro. — O seu rosto fica ainda mais confuso.

— De que forma é que isso influencia a tua resposta? — Consigo ver os cantos dos seus lábios virarem num sorriso extremamente sensual.

— Para poder telefonar à polícia se me tentares fazer mal. Sabes quantos Tyler McLain devem existir em Nova Iorque que conduzem um *Tesla Roadster* vermelho? Demasiados para eu poder ser salva rápido! — Uma pequena gargalhada rouca surge do fundo da sua garganta, fazendo-me sorrir também.

— Tyler Ian McLain. Agora já me deixas raptar-te? — As suas mãos começam a descer um pouco mais. Uma delas aventura-se lentamente até à minha nádega. Os seus olhos encaram-me com intensidade. Sei que ele está à espera de que eu o pare, mas não o faço. Ele aperta suavemente o meu rabo e fecha os olhos com alguma força. A sua reação enche-me de prazer. Quem é que estou a enganar? Não precisava de saber o nome dele para nada, deixava-

o levar-me daqui num suspiro.

— Sabes que as tuas iniciais estão apenas a um pequeno erro ortográfico de serem TMI2... — sussurro. As suas mãos largam o meu rabo e passam para a minha cara. Deposita um prolongado beijo na minha testa e suspira fundo.

— Nem tu imaginas quanto... — Agarro o seu cabelo com alguma força e aproximo-me o máximo possível dos seus lábios sem lhes tocar.

Uma das suas mãos agarra o meu cabelo enquanto a outra passa novamente para o meu rabo. Decido provocá-lo com um pequeno gemido mesmo ao seu ouvido. A curiosidade que sinto no sabor dos seus lábios está a matar-me aos poucos, assim como a ansiedade que cada toque me provoca. Tyler puxa um pouco mais o meu cabelo, fazendo-me olhar para ele enquanto sobe o degrau para ficar mais alto que eu.

— Se fosse a ti, parava com a brincadeira, antes que eu perca o controlo aqui mesmo, nestas escadas. — Aproximo-me um pouco mais dele, ignorando por completo a sua ameaça.

— Gostava de te ver tentar. — Viro-me repentinamente e desço as escadas sem esperar por ele, compondo suavemente o cabelo pelo caminho. O meu subconsciente aplaude o meu movimento no complexo jogo de sedução em que estamos envolvidos.

Caminho até à grande sala de jantar onde todos se encontram a partilhar um copo de *gin*. Entro lentamente, esperando que a minha presença passe o mais despercebida possível, mas o barulho causado pelo salto dos meus sapatos faz-se ouvir mais alto do que a elegante música de fundo. John lança-me um olhar ameaçador, sei que está à espera de que cumprimente os convidados e eu assim o faço, não porque ele me mandou, mas porque não sou mal-educada. Aproximo-me da mãe de Tyler e cumprimento-a com um pequeno beijo na bochecha. Ela é absolutamente deslumbrante, o seu longo cabelo loiro e olhos castanhos brilham sob as luzes do candelabro dourado.

— Boa-noite, Mrs. McLain — cumprimento calmamente. Ela sorri e segura a minha mão.

— Victoria, querida — corrige-me. Forço um sorriso e passo a esticar a mão a Simon que me olha com uma expressão pesada. Engulo um pouco em seco com receio.

— Mr. McLain — pronuncio. A sua mão aperta a minha com um pouco de força a mais, fazendo-me sobressaltar.

— Mas que colar encantador, Miss Montgomery. — Os seus olhos não deixam de olhar para a safira que reluz agora no meu peito. Ele ia a dizer mais alguma coisa, mas Tyler apareceu ao meu lado e interrompeu o seu aperto de mão demasiado prolongado literalmente puxando a mão do pai para longe de mim.

— Foi a minha prenda de Natal — afirma Tyler. Simon esboça um esgar perturbado, esfregando o polegar na boca enquanto encara o chão. Agarra um copo de *gin* e entrega ao filho que imediatamente bebe um gole prolongado. O ambiente na sala ficou tão pesado que parece que estamos sem oxigénio suficiente para respirar. Desta vez até John parece confuso com a situação, tentando imediatamente mudar o assunto.

— Vamo-nos sentar? Este marisco não se vai comer sozinho! — exclama John, tentando distrair a situação. Sento-me no meu lugar normal, mesmo em frente a John e entre Tyler e o meu irmão, que olha para o meu colar de boca aberta.

— Fecha a boca, James, ainda te entra uma mosca — brinco. Ele imediatamente vira a cara e senta-se direito na cadeira.

Sinto Tyler agarrar a minha mão por baixo da mesa, fazendo-me olhar para ele num sobressalto. Os seus olhos parecem pedir desculpa, ele está magoado pela atitude do pai e eu não podia compreender melhor o que ele está a sentir. John desvia o olhar para nós, fazendo-me largar a mão de Tyler quase imediatamente. O meu irmão tapa a boca com a mão e tenta abafar o riso. Calco o seu tornozelo com o salto, fazendo-o queixar quase imediatamente. O ambiente na sala continua intenso. John levanta-se para atender uma chamada de trabalho e na sua ausência ninguém conversa, a não ser a minha mãe e Victoria. Quando ele finalmente volta a sentar-se, após desligar o telefone, os empregados começam a servir-nos de aperitivos e de todo o marisco que se pode imaginar.

— Espero que a minha filha tenha agradecido convenientemente o presente, Tyler — afirma John sem deixar que eu tenha cinco minutos para saborear o meu camarão-tigre.

— Acho que não precisa de se preocupar com as minhas maneiras. É claro que agradeçi. Mas acho que o meu colar se está a tornar um ponto muito focal do jantar, não acha? Há coisas mais interessantes a serem faladas. — Continuo a comer normalmente, nem sequer levanto o olhar para o encarar.

— Sim, claro, não estou a duvidar das minhas capacidades como pai. — Quase me entalo com a pequena dentada que dei no meu camarão. A gargalhada que tento suprimir é mais forte do que eu e acaba por sair algo esganiçada, fazendo todos encararem-me.

— Nem das tuas capacidades como mentiroso... — digo o mais baixo que consigo.

— Isso levanta-me uma questão — afirma Simon. Olho para ele imediatamente, pousando os talheres para agarrar o copo de vinho. Sinto que vou precisar de beber para aguentar isto. — Porque é que não estuda advocacia como o seu irmão? Certamente teria feito o seu pai muito feliz. —

A sua questão é uma provocação. Tyler fulmina o pai com o olhar.

— Mas que raio de pergunta vem a ser essa, pai?

— A minha filha nunca foi de me agradar, Simon. Sempre fez o que quis, raras são as vezes que segue os meus planos. — Simon solta um pequeno riso abafado.

— É bom saber que acha que a sua vida é assim tão perfeita que a Emma a devia copiar. — Levanto o olhar para ele. *Oh, não! Tyler, cala-te, por favor.*

— Não achas que tenho uma boa vida, Tyler? — John agarra propositadamente a mão da minha mãe, fazendo-a saltar levemente no seu lugar. — Boa carreira, uma mulher que me ama... Que mais podia eu querer? — A sua afirmação volta a enojar-me como sempre que fala da minha mãe daquela forma em frente aos outros. — E quanto aos meus filhos, o James está a fazer um incrível trabalho na faculdade. Filho, conta ao Simon o que o professor ontem te disse. — O foco passou a ser o meu irmão prodígio e isso fez-me suspirar de alívio.

Tyler permanece calado o resto do jantar, olhando para mim de sobrancelhas franzidas a maior parte do tempo. Gostava de ter o talento de lher a mente e perceber o que nela se passa. A conversa mantém-se sobre a empresa, ou sobre o futuro brilhante do meu irmão. Eu limito-me apenas a comer o meu jantar e beber mais vinho do que o meu pequeno estômago aguenta. A sensação de leveza é talvez a única coisa que me impede de correr daqui para fora. John e Simon conversam sobre algum caso em particular, até que John rapidamente vira a atenção para Tyler.

— Já preparaste o julgamento de segunda-feira? — Tyler levantou o olhar para John.

— Claro que sim. Alguma vez falhei com o meu trabalho? — Ele parece realmente incomodado com a questão.

— Não, mas agora pareces andar um pouco mais distraído do que o normal, só estava a verificar. — Tyler cerra a mão em punho em cima da mesa.

— Eu cumpro sempre o que me é pedido, Mr. Montgomery.

— Não acha que já chega? — digo alto enquanto levanto o olhar para John. A raiva está novamente a apoderar-se de mim e se não tenho cuidado, vou rebentar. A situação já estava pesada o suficiente, não eram necessárias estas intervenções estúpidas.

— Emma, não posso pôr em causa a concentração de um dos meus melhores advogados. — Tyler continua a cerrar o punho com bastante força, fulminando John. — Iria perceber se tivesse feito a escolha certa e estudasse advocacia como o seu irmão.

— E eu a achar que já te tinhas cansado de me envergonhar por uma

noite. — Cerro os dentes, tentando fechar as palavras na minha boca. Baixo o olhar para as minhas mãos que apertam o meu vestido com alguma força. Sinto as emoções varrerem-me o corpo. Desta vez não é raiva, mas, sim, tristeza. Odeio sentir-me assim, especialmente por causa de John. Será um jantar em paz pedir muita coisa?

— Espero que dê o teu melhor na segunda, Tyler. Não pode haver erros. — John ignora completamente o meu comentário, o que só me magoa ainda mais.

— Emma? — chama Tyler. Olho ligeiramente para ele, tentando apertar as emoções nos confins do meu interior. — Ias mostrar-me o jardim, lembraste? — Sorrio levemente, agradecida pela maneira que ele arranjou para me tirar dali.

— Sim, vamos agora. Com licença. — Ambos saímos dos nossos lugares em uníssono, fazendo o ranger das cadeiras ecoar bem alto na sala de jantar.

Caminho um pouco mais rápido do que Tyler até às enormes portas de ferro que dão acesso ao alpendre em mármore da traseira da casa. Abro-as com tanta força que ambas batem na parede atrás delas. Inspiro o ar do exterior com força, sentindo um enorme alívio por sair daquele ambiente horrível. Tyler caminha calmamente até mim, fechando as portas atrás dele. Viro-me para ele, sentindo-me completamente derrotada por John. Quero agradecer-lhe pela ajuda, quero que ele perceba exatamente tudo o que se passa por trás da fachada de mármore imponente da casa. Sei que não lhe posso contar nada, isso seria apenas meio caminho andado para que John descobrisse que dei com a língua nos dentes, piorando toda a situação. Tyler para a alguma distância de mim, ficando com as mãos nos bolsos a encarar-me com intensidade:

— Obrigada por tentares, mas não devias, não devias provocá-lo desta forma. — Ele dá um passo em frente, separando ligeiramente os seus lábios e franzindo as sobrancelhas daquela maneira que me deixa doida. Engulo em seco antes de prosseguir. — Ele é sempre assim sabes? Ele não quer saber de mim para nada... — Coloco as mãos nas ancas e baixo a cabeça. Estou cansada. Cansada de viver assim, cansada de ser rebaixada, de não ser amada, de me sentir sem família. Nem sempre consigo ter a capacidade de processar o que ele me faz e diz. Hoje foi um dos dias em que deixei que me afetasse.

— Emma. — Levanto o olhar para ele. Tyler caminha na minha direção e segura a minha cara com força. — Diz-me o teu nome completo. Preciso de saber. — Olho-o bastante confusa, talvez da mesma maneira que ele me olhou antes.

— Sabes quantas Emma Montgomery existem em Nova Iorque que conduzem um *Tesla 3* branco? — Sorrio levemente.

— Emma Adelaide Montgomery. — Fecho um dos meus olhos com alguma força, tentando esconder a vergonha do meu obviamente antiquado segundo nome. O seu rosto forma o sorriso mais estonteante que alguma vez vi. Os seus lábios aproximam-se dos meus, deixando novamente aquele pequeno espaço que eu quero mais do que tudo que ele quebre.

— Emma Adelaide... — Sinto a carne macia do seu lábio superior roçar o meu. Ele parece ponderar se deve ou não fazer isto. Pouso as minhas mãos no seu peito e consigo sentir a força dos seus batimentos cardíacos.

— Tyler Ian, deixa-te de merdas e beija-me de uma vez por todas — digo quase como uma súplica.

— Que se lixe — expira.

Os seus lábios investem nos meus com alguma força. O seu toque faz libertar todo o acumular de sensações que se têm vindo a aglomerar. Era como se o seu beijo fosse o oxigénio que transforma uma pequena labareda numa chama ardente. Aperto a sua camisa com alguma força quando sinto que o beijo inicial se transforma agora em algo bastante mais indicativo de desejo. A sua língua penetra na minha boca de uma forma apaixonante, fazendo-me ter a certeza de que este é o melhor beijo da minha vida. Tyler agarra os meus pulsos e começa a caminhar, fazendo-me recuar até ir contra uma das paredes do exterior da casa. Quando me encontro completamente encurralada pelo seu corpo, atrevo-me a agarrar a parte de baixo da sua camisa e a puxá-la para fora das calças escuras elegantes. Ouço um pequeno grunhido formar-se na sua garganta enquanto a sua mão aperta o meu rabo com força. Passo a mão pela sua pele, sentindo todos os seus recantos. O meu vestido é ligeiramente levantado, dando acesso à minha coxa e nádega. Tyler não perde a oportunidade de me apertar cada recanto exposto pelo vestido, nunca separando os seus lábios dos meus. Sem pensar, começo a desapertar os botões da sua camisa, cravando as unhas no seu pescoço. A sua barba curta arranha o meu rosto. Nunca antes um beijo me fez sentir desta forma, fazendo-me queixar quando o sinto abrandar o ritmo do nosso encontro.

— Vamos parar — afirma com a voz rouca. A minha respiração completamente descontrolada não ajuda a acalmar os seus impulsos. Tyler afaga o meu cabelo suavemente e volta a depositar um pequeno beijo nos meus lábios novamente sedentos. A sua expressão outrora leve e sensual volta a ficar pesada. Acaricio o seu rosto e olho-o nos olhos. Não consigo identificar ao certo o que estou a sentir, apenas sei que vou ficar destruída quando este momento acabar. As suas mãos voltam a segurar as minhas e o seu olhar encara o meu. Ele está triste, derrotado, como se tivesse entrado numa batalha e perdido. Nunca vi um olhar tão sedutoramente infeliz.

— Tyler? — pergunto suavemente. Ele deposita um prolongado beijo na

minha testa e acaba por se afastar.

— Tenho de ir, Emma, desculpa. — A rapidez com que vai embora é a mesma com que chegou, não apenas até mim para me beijar mas também à minha vida.

Observo os seus passos acelerados até à entrada da mansão sem conseguir reagir. Ele não se despede de ninguém, simplesmente desaparece. O meu coração pesa de uma forma que nunca antes pesou, estou de rastros de todas as formas possíveis da palavra. O seu cheiro e sabor perduram em mim. A forma como me beijou deixou danos permanentes nas minhas entranhas, *e na minha roupa interior*. Sem dizer nada, subo até ao meu quarto e tranco a porta. Preciso de estar sozinha e processar tudo o que acabou de acontecer.

² TMI: expressão inglesa para *too much information*, demasiada informação.

Capítulo 11

Emma



Passaram quase duas semanas desde aquela noite. Nenhuma mensagem, nenhuma chamada, nenhum interesse. Felizmente hoje só tive uma aula da parte da manhã e posso finalmente ir para casa. O ambiente lá não é propenso para me ajudar a curar os meus problemas, mas é melhor do que ficar a olhar infinitamente para o parque de estacionamento à espera de que Tyler apareça. Não sei porque fiquei assim depois do beijo. Já beijei dezenas de homens antes e fui eu própria quem acabou tudo por ali, mas isto foi diferente. Aquele beijo incendiou em mim sentimentos que eu não sabia ter, foi perigoso e ao mesmo tempo só quero mais. Courtney tem algo a dizer sobre os meus planos de ir para casa conversar com a minha almofada o resto do dia, na opinião da minha amiga preciso de uma *pizza* para me animar. Não a contrariei, recuso-me a ficar a chorar pelos cantos por causa de um homem, mesmo que esse homem seja *ele*.

— Emma?! — grita a minha amiga já enervada com o meu aspeto abatido. Pisco os olhos várias vezes, tentando ao máximo lembrar-me do que ela estava a dizer.

— Desculpa, não ouvi nada do que disseste — admito envergonhada. Courtney respira fundo e para de andar no meio do corredor da universidade.

— Emma, se precisas de falar sobre o que te está a incomodar, sabes que eu estou aqui. Eu sou tua amiga! — Deve ser frustrante para Courtney ver-me assim sem saber porquê. Ela quer ajudar-me e eu não estou a partilhar o suficiente.

— O Tyler beijou-me — digo à velocidade da luz e num tom quase impercetível.

— *Quê?! E tu não me contavas isto?! Isso é ótimo, Emma! Porque é que estás tão em baixo?* — O seu entusiasmo faz-me revirar os olhos.

— Porque isto aconteceu há duas semanas e o idiota ainda não teve a capacidade de me mandar sequer uma mensagem. — Expiro. Courtney morde o lábio, tentando suprimir uma gargalhada.

— Estás assim tão apanhada por ele? — acaba por deixar escapar entre o riso. Cruzo os braços e encaro-a um pouco chateada. A sério que a preocupação dela neste momento é o que eu sinto? Isso deixou de importar a partir do momento que ele desapareceu sem deixar rasto, após o melhor beijo da minha vida.

— Isso não interessa. Ele podia ao menos dizer qualquer coisa, nem que fosse «*beijas mal e nunca mais te quero ver*». — Respiro fundo, tentando recompor os pensamentos. Courtney não contém um sorriso.

— O que é que aconteceu à Emma que não se apegue por nenhum homem? — Levanto o olhar para ela. *Bolas...* Não sei realmente o que aconteceu a essa Emma. Encolho os ombros sem saber o que lhe responder.

— Não é nada disso, Courtney, apenas gostava de tirar as coisas a limpo, mas ele não vai querer voltar a ver-me e eu entendo. — É a melhor resposta que consigo arranjar-lhe. Se por um lado quero voltar a vê-lo, por outro quero que ele fique bem longe, antes que as coisas se compliquem ainda mais.

— Acho que não tens de te preocupar com isso, Emma. — O seu olhar desvia para algo atrás de mim. Viro-me e vejo-o caminhar até nós num passo confiante e decisivo.

Não há uma única figura neste corredor que não esteja a olhar para ele, enquanto caminha com as mãos nos bolsos das calças do seu fato cinzento-escuro. É um caminhar poderoso que nos faz estremecer a cada passo. Tem o cabelo extremamente bem cortado e penteado e o fato assenta-lhe que nem uma luva. Tyler para de caminhar a uns míseros centímetros de mim. Estou sem reação, todos os momentos que passo com ele parecem um elástico, ora estamos demasiado perto ora demasiado longe.

— Olá — diz cautelosamente. O seu olhar desvia do meu para encarar a Courtney e imediatamente estende-lhe a mão. — Tyler McLain — diz brevemente. Courtney aperta a sua mão com um sorriso tonto no rosto. Os seus olhos voltam a focar em mim, esperando alguma reação.

— Posso saber o que estás aqui a fazer? — Cruzo os braços, tentando aumentar a distância entre nós.

— Vim buscar-te para almoçar, preciso de falar contigo. — Tyler usa a frase que todas as pessoas temem ouvir dos seus interesses amorosos. Aquela frase que nos faz percorrer a nossa vida mentalmente e reviver todos os erros que alguma vez cometemos. A audácia que ele tem de simplesmente aparecer aqui e achar que eu vou a correr atrás dele.

— Não. Não podes simplesmente aparecer aqui e esperar que eu te siga para todo o lado. Eu não sou o teu cão! Podes dar meia-volta e ir embora, aliás, eu vou almoçar com a Courtney. Ela não é como tu, não me beija e deixa especada duas semanas. — Assim que acabo a frase, percebo o quão estúpida foi. Courtney tapa a boca com a mão e tenta ao máximo não rir. Reviro os olhos um pouco frustrada comigo mesma, mas continuo com os braços cruzados e a posição altiva.

— Ainda bem que a Courtney não te beijou, isso far-me-ia questionar muita coisa. — O seu olhar passa para o da minha amiga que parece extremamente divertida com a situação. — Vamos declarar tréguas e admitir que eu ganhei a guerra?

— É toda tua! — exclama Courtney com demasiado entusiasmo.

— Importam-se de parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui?
— Afasto-me de Tyler e aponto-lhe o dedo. — Tu confundes-me!

— Já chega de falarmos no meio do corredor com toda a gente a olhar para nós. Vem comigo, por favor. — Os seus olhos imploram que eu aceite. Respiro fundo com alguma frustração e levanto os braços no ar.

— Tu és impossível, sabias? Continuas a achar que consegues tudo o que queres assim de mão beijada? — Tyler solta um trejeito desesperado e cansado.

— Emma, eu tenho uma reunião daqui a bocado, não tenho muito tempo! Por favor, vamos almoçar, eu preciso mesmo de falar contigo, a sós. — Bufo alto e viro o olhar para Courtney à procura da sua ajuda.

— Ah! Eu lembrei-me agora de que tenho coisas para fazer! — Arregalo os olhos em completo choque. Courtney ri-se e dá-me uma leve palmadinha no ombro. — Falamos mais logo, *au revoir*! — Ela caminha tão rápido para longe de nós que é quase como se se evaporasse. Não tenho escapatória possível. Volto a olhar para Tyler que agora está de braços cruzados e a morder o lábio inferior, prendendo o riso.

— Ainda vais tentar fugir? — pergunta-me, enquanto os seus olhos encaram os meus como uma súplica.

Solto um pequeno grunhido exasperado e começo a caminhar até ao parque de estacionamento o mais rápido que os meus pés conseguem. Fico de braços cruzados à espera de Tyler, encostando-me ao inconfundível carro vermelho. Mando rapidamente uma mensagem a Owen para pedir novamente para recolher o meu carro do estacionamento. Não me atrevo a telefonar-lhe para pedir a mesma coisa novamente. Se ele não fez perguntas nesse dia, hoje iria com certeza fazer. Tyler aproxima-se de mim e coloca-se mesmo à minha frente.

— Emma — chama. Levanto o olhar para Tyler, fazendo a expressão mais chateada que a minha cara consegue.

— O que foi? — O meu humor não está com paciência para os jogos dele, tudo isto me magoa mais do que quero admitir. Eu sou a pessoa que nunca fica magoada nesta situação, eu sou a pessoa que deixa os outros assim, confusos e magoados.

— Vá lá, deixa-me ao menos falar contigo com calma, eu posso explicar tudo. — É aquela frase típica que eu já devia saber que não quer dizer nada.

— Porque é que me fazes isto? — Olho-o nos olhos ainda magoada com a sua atitude.

— Precisei de pensar — admite. O seu maxilar aperta e sinto-o engolir em seco. — Falamos melhor ao almoço, pode ser? — Apenas aceno com a cabeça e entro no carro assim que ele me abre a porta num perfeito ato de

cavalheirismo. A maneira séria como ele fala deixou-me a morrer de curiosidade, mas o que quer que seja não vou ter de esperar muito para saber.

*

Se em algum momento me passou pela cabeça que Tyler me pudesse levar a comer a uma simples pizzaria, tal como eu ia fazer com Courtney, estava redondamente enganada. A sua definição de um mero almoço para conversar aparentemente inclui o Manhatta mesmo na baixa de Manhattan. À medida que subimos o elevador até ao 60.º andar, vou penteando o cabelo com os dedos e verificando mil vezes o que trago vestido. Felizmente o vestido *bodycon* preto que escolhi de manhã enquadra-se perfeitamente no cenário deste luxuoso restaurante. Tyler afaga as minhas costas e agarra a minha mão que ajeita o meu cabelo sem parar.

— Estás perfeita, Emma. Para de mexer no cabelo, por favor. — A sua mão larga a minha suavemente, mas antes de ter tempo de a soltar, todo o meu corpo estremece com o que ele acabou de dizer. O uso dessa palavra nos seus lábios gela todo o meu corpo. Sinto as pernas perderem a força que as segura em pé e a mente a reviver o momento que mais marcou a minha vida. Arregalo os olhos ao encarar os meus próprios pés, enquanto a minha mente viaja numa espiral de maus momentos.

— Eu não sou perfeita, Tyler. — A frase pesa-me mais do que alguma vez ele poderá entender. A minha relação com a noção de perfeição perseguiu-me de uma maneira extremamente negativa durante a vida. Essa palavra foi usada para comigo vezes e vezes sem conta como forma de insulto, para me fazer sentir que não sou boa o suficiente para me enquadrar na minha família, pois essa seria supostamente perfeita. — Nunca mais digas isso. Nunca — enfatizo.

Tyler olha-me com uma expressão confusa. Assim que a porta do elevador abre, saio rapidamente, tentando recuperar o fôlego. Aquela palavra provoca uma maior reação em mim do que aquilo que eu esperava. A sua mão pousa suavemente nas minhas costas, afagando com carinho:

— Ei... — Os seus braços envolvem-me suavemente, colocando a minha cabeça no seu peito. — Desculpa se disse alguma coisa que não devia. — Deixo-me inspirar o seu aroma masculino. Volto a estremecer, mas desta vez não por causa das suas palavras. *Este homem vai matar-me.* Afasto-me calmamente do seu abraço e forço um sorriso quando levanto o olhar para ele.

— Está tudo bem. Vamos? — O seu rosto fica confuso. Ele deve ter mil e uma perguntas a sobrevoar na sua mente sobre o que acabou de acontecer,

mas decide não dizer nada. A sua mão passa para o fundo das minhas costas e encaminha-me até à entrada do restaurante. Tyler permanece estranhamente calado até o empregado nos levar para uma mesa encostada às enormes janelas de vidro.

Espreito para baixo, pensando que isto é o mais próximo do topo do mundo que alguma vez estive. Observo Tyler encostar-se para trás na sua cadeira e suspirar fundo. O seu rosto pensativo e pesado encara as vistas. Desejava que ele olhasse para mim e não para a cidade, mas por um lado tenho medo que o seu olhar me faça novamente sentir pequena. O empregado chega com uma garrafa de vinho que Tyler lhe retira da mão rapidamente antes de ele ter oportunidade de nos servir.

— Deixe comigo, pode ir — diz seriamente. Dirijo um sorriso apoloético ao pobre empregado. O que quer que seja que se passa com Tyler está a deixá-lo com o pior humor que alguma vez lhe vi.

— Podias ter sido mais educado — afirmo. Os seus olhos finalmente encontram os meus. Toda a vontade que sentia de lhe gritar é dissipada nesse instante. Não consigo ficar quieta na cadeira enquanto ele me olha como se eu fosse o prato principal.

— Sinceramente, não podia estar menos importado com os meus modos neste momento. — O seu braço estica sobre a mesa para encher o meu copo de vinho. — Não o queria aqui a perder tempo. — Agarro o copo e bebo um pouco para tentar distrair-me desta situação constrangedora.

— O que é que tens para falar comigo? — Encosto-me à minha cadeira, imitando a sua pose altiva e erguendo uma sobranceira.

— É pena não teres seguido advocacia, esse olhar arranca o que quiser de quem quiser. — Intensifico ainda mais esse olhar de que ele fala. Vejo-o engolir em seco. Estou a intimidá-lo e isso deixa-me satisfeita.

— Não ia dar esse prazer a John Montgomery. — Se havia alguma réstia de humor em Tyler, é varrido neste preciso momento.

— Porque é que chamas John ao teu pai? — Engulo em seco e perco a posição. Agarro o copo de vinho e bebo um pouco, tentando adiar a resposta o mais possível. *Porque ele não merece ser chamado pai; porque ele é um monstro; porque ele fez algo sem perdão.*

— O que é que isso te interessa, Tyler? Também não te vejo a morrer de amores pelos teus pais e não faço perguntas. — Ele levanta a mão no ar como que a mandar-me calar.

— Não fales do que não sabes, Emma.

— Digo-te o mesmo — riposto. Tyler enche o peito de ar com o mesmo olhar pensativo de antes. O seu rosto forma uma pequena ruga no meio das sobranceiras, enquanto os seus lábios finos e definidos separam-se

ligeiramente. O seu dedo aponta até ao meu peito antes de falar novamente.

— Não tiraste o colar — observa. Levo a mão ao pendente azul-vivo e esfrego-o entre os dedos.

— Pensei nisso. Pensei em voltar a pô-lo na caixa e atirá-lo pela janela vezes sem conta. — Chego-me à frente na cadeira para conseguir olhá-lo mais de perto. — Não sei o que pensas que estás a fazer comigo. Não sei quem achas que eu sou. — Baixo a voz a tempo do empregado se aproximar com as nossas entradas. Estranho, eu nem me lembro de ter pedido nada, estava tão distraída a olhar lá para fora que nem me apercebi quando ele esteve aqui a recolher os pedidos.

— Emma. — O meu nome sai da sua boca como um suspiro. — Eu precisei de tempo para pensar, *OK*? Há coisas que eu não te sei nem consigo explicar que tornam esta situação mais difícil do que parece. — A sua frase parece ficar a meio. Baixa o olhar e expira com alguma força. As suas mãos agarram cada lado da mesa com alguma força.

— Que coisas, Tyler? Ou queres estar comigo ou não queres, é simples. — O seu ar enigmático, por muito atraente que seja, vai endoidecer-me. Porque é que ele não pode simplesmente dizer as coisas como elas são?

— Se fosse simples, eu não tinha saído a correr de tua casa depois de te beijar daquela maneira, não achas? — Ambos suspiramos em uníssono já cansados desta conversa que ainda agora começou. Remexo com o garfo no meu prato sem saber o que fazer comigo mesma. Não sei do que é que ele está a falar, nem o que quer dizer com o pouco que diz. Além disso, nem eu sei o que quero.

— Porque é que te foste embora? Foi só um beijo. — Maior mentira do século. Não foi apenas um beijo, pelo menos para mim, foi uma explosão de coisas que nunca senti e que sinceramente me assustam.

— Quando é que vais perceber que eu vivo a vida a ler o que as pessoas querem e pensam? Emma, foi tudo menos *só um beijo*. Por isso é que fui embora, porque eu não me envolvo. — Levanto o olhar para ele. Porque é que isto me magoou tanto? Porque é que ele admitir que não tem relacionamentos me lacera o coração? Eu também sou assim, também não desenvolvo sentimentos nem mantenho relações sérias, *certo*?

— Acho que tens de trabalhar nas tuas capacidades, Tyler, quem te disse a ti que eu me envolvo? — O seu olhar torce de forma confusa. Ele não estava à espera de que eu dissesse isto, ou, então, ele tem algum polígrafo instalado no cérebro que consegue ver que me estou a tentar convencer a mim mesma disto.

— Então, o que é que sugeres? — pergunta-me calmamente. O seu corpo chega-se mais à frente na mesa. Os meus olhos focam nos seus lábios e é

como se os conseguisse saborear. O meu coração bate novamente descontrolado e tudo isto é demasiado confuso. Eu já tenho problemas que cheguem na minha vida.

— Se calhar é melhor almoçarmos em paz e depois disto ficamos por aqui — admito. Sinto um nó formar-se na minha garganta, arrastando com ele as últimas palavras do que acabei de dizer. É como se não saíssem de forma audível, mas, pelo olhar sombrio que Tyler me lança, sei que ele ouviu perfeitamente.

— É isso que queres? — Pouso o garfo bruscamente sobre o prato, fazendo o som estridente ecoar pelo restaurante sossegado. Encolho os ombros com alguma força e levo o dedo à boca para roer levemente o canto da unha. Tyler parece expectante, contando os segundos para a minha resposta.

— O que é que tu queres, Tyler? — Ele copia o meu encolher de ombros, dando uma resposta sem ser preciso dizer nada. Nenhum de nós sabe o que quer, apenas sabemos que nada sabemos, o que já é alguma coisa.

— Fazemos assim, eu prometo não fugir mais e tu prometes compreender as minhas mudanças de humor, sem fazer perguntas. — Encho o peito de ar para lhe responder, mas Tyler junta as mãos num sinal de reza e deita a cara sobre elas. Quando o seu olhar volta a encarar o meu, é como se de uma súplica isto se tratasse.

— Sem perguntas, e sem rótulos? — acrescento. *Emma Adelaide estás a cavar a tua cova.*

— Sem rótulos — repete.

— Arrastaste-me até aqui apenas para me dizeres que queres continuar a encontrar-te comigo de forma casual? — Ele esfrega as mãos na cara, confuso com o que lhe estou a perguntar.

— Precisava de saber se estávamos na mesma página, eu não te posso prometer nada. — Esta é talvez a resposta mais sincera que já tive dele, o que me faz suspirar e desviar o olhar para o meu prato.

— *O... OK...* — consigo apenas dizer. *Muito bem, Emma, não só te estás a deixar apanhar por ele, como agora até prometes coisas que sabes perfeitamente que não vais cumprir.*

O silêncio consome o resto do almoço, deixando um ambiente desconfortável. Não sei se ele se arrependeu desta conversa ou se simplesmente continua a pensar no que quer que seja que lhe enche a cabeça. A maior parte do tempo, Tyler está noutro mundo. Provavelmente o trabalho dele é exaustivo e tem sempre muito em que pensar, mas as vezes parece mais que isso. Ele parece carregar com ele um peso, algo que já vi em mim algumas vezes. O seu olhar permanentemente quebrado assemelha-se ao meu,

e às vezes penso se não será isso que me atrai tanto nele. Remexo no prato algumas vezes, comendo pequenas dentadas que parecem não saber a nada.

— De todas as vezes que já estivemos numa refeição juntos, eu nunca te vi comer em condições. — Tyler quebra o silêncio para fazer uma válida observação.

— Estás a falar da vez em que quase me entalei na estupidez do jantar de Natal? Ou talvez da vez que te deixei pendurado porque estavas a ser um idiota? Ah, já sei, foi por causa do jantar em minha casa em que os nossos pais estavam a fazer o especial favor de me torturarem. — Eu prometi não fazer perguntas, não prometi ser simpática ou não dizer o que penso.

— OK, já percebi. Mas isto assim não pode ser. — Tyler levanta-se do seu lugar e senta-se ao meu lado, trazendo consigo o seu prato e talheres. Agarra uma garfada do meu prato e fica a segurá-la em frente à minha boca. Franzo o olhar, sentindo-me como uma criança de três anos que está a recusar comer os vegetais.

— A minha mãe dizia sempre que não havia sobremesa sem comer tudo o que está no prato. — Um largo sorriso preenche-o até ao olhar, sendo impossível eu não ser contagiada.

Brinco um pouco com ele e abano a cabeça recusando a comida. Ele suspira fundo e começa a desabotoar os punhos da camisa, puxando as mangas para trás até ao cotovelo. Petrifico ao encarar a tatuagem gigante que Tyler tem no braço esquerdo. A silhueta de uma árvore morta gigante preenche todo o espaço do pulso até ao cotovelo, rodeada por outras árvores mais pequenas e as sombras de um céu melancólico. Dois pequenos pássaros parecem voar ao fundo do cenário. Demoro alguns momentos até deixar de olhar para a tatuagem e encarar Tyler novamente.

— É incrível — deixo escapar num suspiro. Toco no desenho permanente na sua pele com o dedo e sorrio levemente. Quando levanto o olhar para encontrar o dele, os seus olhos brilham com intensidade na direção dos meus.

— Porquê? — pergunto simplesmente.

— Para nunca me esquecer — responde apenas. Não insisto numa explicação, as suas palavras são o suficiente para eu entender que não quer falar no assunto. Levo a mão ao colar no meu pescoço.

— O pássaro no meu colar. — Tyler imediatamente cruza o seu olhar com o meu. — Tem alguma coisa a ver com estes? — pergunto, enquanto passo novamente o dedo pela tatuagem.

— Já te esqueceste do que combinámos? — Engulo em seco. É uma das perguntas que ele não quer que eu faça, mas que por si só é um sim estampado. Tudo o que eu quero é saber o porquê.

— Não te achava com coragem para tal coisa. — O meu tom provocador

aligeira o seu humor extremamente flutuante. A sua mão passa para a minha cara e afaga-a suavemente. Por mais que tente não consigo parar de olhar para a sua tatuagem, ainda em choque com a revelação.

— Eu tenho coragem para muita coisa, Emma. Agora come, sem discussão. — Respiro fundo e abro a boca, deixando-o levar o garfo até mim.

O nosso tempo juntos é limitado. Tyler tem uma reunião e eu tenho imenso trabalho académico para fazer assim que chegar a casa. Depois de me obrigar a terminar tudo o que tinha no prato, sou compensada com uma maravilhosa fatia de *cheesecake* que decidimos dividir entre os dois. Durante o resto do tempo, o meu olhar vai desviando para o seu braço, agora ciente do que a elegante camisa branca esconde. «*Para nunca me esquecer*», o que raio quer ele dizer com isso?

Capítulo 12

Emma



Um silêncio perturbador perdura durante a nossa viagem até minha casa. As mangas da sua camisa voltaram a cobrir a tatuagem, mas eu não consigo deixar de a ver. A curiosidade sobre o seu significado faz-me questionar tudo o que sei sobre ele. Aquilo não é uma simples tatuagem que se faça sem grande significado. As suas mãos apertam o volante com alguma força. Tyler parece tenso e a energia que emana perturba-me. Mordo o lábio com alguma força ao imaginar como seria tê-lo mais próximo, tê-lo da forma como sei que ambos queremos estar. O almoço de hoje não deixou espaço para dúvidas sobre o que se passa aqui. A atração entre nós é impossível de negar e eu não estou com paciência de esperar muito mais. Coloco uma mão sobre a sua perna e começo a massajar suavemente, atrevendo-me a chegar cada vez mais perto do sítio onde eu sei que ele quer que eu toque. A sua respiração descontrola-se, obrigando-o a respirar fundo bastantes vezes.

— Emma? — Suspira. A forma como o estou a perturbar enche-me de orgulho, simplesmente quero-o e não há mais desculpas na minha cabeça para me impedir. — O que é que estás a fazer? — A sua voz rouca arrasta-se pela sua garganta num tom sensual.

— O que é que parece que estou a fazer? — Viro o olhar para ele para ver melhor a sua reação ao meu toque. Os seus lábios ligeiramente separados inspiram com tanta força que a sua maçã de Adão sobe e desce rapidamente.

— Parece que te estás a meter num grande problema, Miss Montgomery. — Mordo o lábio, cobrindo o meu sorriso.

— Ótimo.

Ao parar num semáforo vermelho, a sua mão larga o volante e passa rapidamente para a minha perna, subindo-a por baixo do meu vestido e acariciando-me gentilmente. O seu olhar percorre-me de alto a baixo, não deixando qualquer dúvida sobre o que está a pensar. Engulo em seco e fecho os olhos com força, desejando que este semáforo nunca mude de cor. Sei que estamos extremamente perto de minha casa, mas tudo o que eu quero são apenas mais alguns momentos com ele. Agarro a sua mão com alguma força e olho-o imediatamente:

— Vira aqui, não sigas em frente — peço. Tyler parece ponderar momentaneamente, mas assim que o verde aparece o seu carro vira tão rápido que faz os pneus chiar.

Chegamos a uma rua sem saída desprovida de casas, apenas com árvores de cada lado e uma entrada para um parque no seu final. Tyler estaciona desajeitadamente e ambos desapertamos o cinto o mais rapidamente que as

nossas mãos conseguem. Ele atira-se aos meus lábios com ferocidade, sobrevoando o meu corpo com o seu. É um beijo intenso, semelhante ao daquela noite do jantar. Toda a sua boca envolve a minha num desespero eletrizante que me faz agarrar o seu cabelo como se a minha vida dependesse disso. As suas mãos procuram o meu corpo de forma desesperada, apertando cada recanto como se tivesse medo de me soltar.

— O que é que eu vou fazer contigo? — A sua voz é ofegante, descontrolada, mas sem nunca perder o seu característico tom sarcástico.

Os seus olhos estão semifechados, completamente invadidos pela adrenalina do momento. Volto a beijá-lo impedindo que continue a falar. Sinto-o gemer contra o meu pescoço, fazendo-me soltar um som equivalente. As suas mãos viram a minha cara na sua direção. No momento em que encostamos testas ficamos a respirar o ar um do outro. Olho para baixo e novamente para ele, pedindo-lhe literalmente que me toque. O sorriso que Tyler solta faz-me corar, ele sabe perfeitamente o que eu quero. Sinto a sua mão pousar firmemente sobre a minha coxa, fazendo-me sobressaltar ao mesmo tempo que sugo o ar entre nós. Os seus lábios voltam a tocar os meus, desacelerando o ritmo em que estamos.

— Queres que pare? — pergunta sem olhar para mim, completamente focado no meu corpo.

— Nunca. — Puxo os colarinhos da sua camisa com alguma força e invisto na sua boca ferozmente.

A sua mão livre agarra as minhas costas e puxa-me para o seu encontro, enquanto a outra sobe o meu vestido completamente. Respiro fundo quando sinto a sua mão descer os *collants* que outrora me mantinham quente. São absolutamente inúteis agora, apenas apresentam um obstáculo ao nosso objetivo. Os nossos olhares focam-se um no outro intensamente, a sua expressão completamente petrificada em mim causa-me arrepios. Os seus dedos afastam a minha roupa interior, enquanto o outro braço levanta ligeiramente o meu corpo na sua direção. Por uns segundos, penso bem na situação em que me encontro. Permito à minha mente contemplar exatamente onde está e o que está prestes a acontecer: exatamente aquilo que eu imaginei na manhã de Natal. Tyler parece fazer o mesmo, a sua respiração fica mais forte no momento em que os seus dedos começam a tocar-me. O meu coração acelerado ajuda-me a lembrar que isto não é um sonho, que estou mesmo neste carro com Tyler a ser tocada desta maneira.

— Emma? — chama num suspiro. Levanto o meu olhar para o seu. Tyler esboça um sorriso sensual quando começa a acelerar o ritmo dos seus dedos em meu redor. Sei que estou a fazer mais barulho que aquilo que quero admitir, mas a sensação que me está a causar é impossível de suprimir. —

Isso. Quero que faças barulho, quero que sintas tudo — diz-me ao meu ouvido. Aperto a sua camisa com ainda mais força e enterro a cara no seu pescoço, mas Tyler não me permite ficar lá muito tempo. Agarra os meus cabelos com força e obriga-me a olhar para ele. — Preciso de te ver — afirma no preciso momento em que os seus dedos entram dentro de mim. Solto um gemido sem largar o olhar do dele, quero que ele entenda o prazer que me provoca.

— Tyler. — O seu nome foge-me por entre gemidos.

As minhas ancas balançam ao ritmo dos movimentos que a sua mão faz no meu interior, aumentando a cada segundo a vontade de libertar o prazer que se vai formando. A sua boca preenche a minha com a mesma intensidade com que os seus dedos se apoderam de mim, não sei se consigo aguentar muito mais tempo. Cada vez mais a vontade torna-se difícil de suprimir, e os sons animalescos que Tyler liberta não estão a ajudar.

— Tyler, eu vou...

— *Shh* — interrompe-me. — Eu sei. Vem-te na minha mão, Emma. — Não preciso de nem mais um segundo após a sua frase para todo o meu corpo explodir de prazer tal como ele me implorou que fizesse.

As convulsões de prazer acompanham o meu último suspiro contra o seu peito. Aperto o seu corpo contra o meu com força, cravando um pouco as unhas nas suas costas cobertas pela camisa suave. Os seus dedos deslizam suavemente para o meu exterior enquanto me cobre a testa com a sua. Não consigo evitar rir ao voltar a olhar para ele, ao que Tyler retribui com um sorriso igualmente satisfeito.

— Isto não fazia parte do acordo, Miss Montgomery. — O seu tom sarcástico alegra-me ainda mais. — Sabes que agora me estás a dever, não sabes? — diz, enquanto morde o lábio. Apenas aceno afirmativamente com a cabeça.

— Não por muito tempo, Mr. McLain.

Coloco ambas as mãos no seu peito e empurro-o para o seu acento. Tyler arregala os olhos completamente chocado com o que acabei de fazer. Passo o corpo para cima dele com uma perna de cada lado e volto a beijá-lo intensamente. As suas mãos passam para o meu rabo, apertando-o com força. Os meus sentimentos e emoções estão completamente confusos e embrenhados neste momento. É como se tudo isto fosse uma mistura de alegria, medo e nervosismo e eu não consigo decidir qual sentir com mais força. Puxo a sua gravata pelo nó que facilmente desfaço. Atiro-a para o banco de trás e seguro o rosto de Tyler com as duas mãos enquanto o beijo como se não houvesse nada à minha espera. Tyler despe o casaco do fato cinzento-escuro brilhante e atira-o também para longe.

— Tu és completamente louca — diz-me entre beijos enquanto puxa o meu cabelo para trás, expondo o meu pescoço completamente.

— Tu ainda não viste nada. — Estico-me para carregar no botão que desce a parte de trás do seu assento, fazendo-o sobressaltar ao sentir o corpo deitar.

Consigo senti-lo crescer debaixo de mim, e se antes eu já estava louca, então agora deixei de estar em mim. O meu cérebro deixou de funcionar. Não há nada a ocupar a minha mente sem ser Tyler e o sabor da sua boca. Desaperto rapidamente a sua camisa, decidida a finalmente ver o que esta esconde. A antecipação de tudo o que está prestes a acontecer comanda todos os meus movimentos e sons. Não sou capaz de não suspirar a cada toque seu pelo meu corpo. Tyler começa a subir mais o meu vestido, mas antes de o conseguir tirar completamente, o nosso devaneio sexual é interrompido pelo som do seu telemóvel, fazendo-nos expirar com força.

— Não vou atender! — exclama a plenos pulmões. Sorrio para ele e retomo o beijo apaixonante de anteriormente, mas antes de conseguir recuperar o caminho que estávamos a tomar, somos novamente interrompidos pelo maldito som. Expiro com força e subo o meu corpo de forma a ficar sentada sobre ele.

— É melhor atenderes — digo. Tyler suspira e prende os lábios num gesto apologetico. Retira o telemóvel do bolso e rapidamente atende a chamada.

— Tyler McLain, em que posso ser útil? — *Tyler em modo advogado, podia habituar-me a isto.* — Darla, eu sei que tenho uma reunião, não me lembro de ter pedido para seres o meu alarme! — A sua frustração faz-me rir, eu sei que está a falar assim por termos ficado a meio daquilo que ia ser o ponto alto do seu dia. Tyler afasta o telemóvel do ouvido e arregala os olhos. — Merda, eu perdi a noção das horas. Darla, diz ao Mr. Patterson que eu estou aí daqui a meia hora. — Tyler revira os olhos e aperta a mão em punho. — Darla, sem sermão, OK? Meia hora! Eu resolvo tudo quando aí chegar. — Ele desliga a chamada e suspira fundo a olhar para mim.

— Tens de ir, não é? — Sorrio apenas com metade do lábio, completamente derrotada e com um mau humor infernal a percorrer-me.

— Desculpa, Emma, o cliente já está à minha espera...

— Não tens de explicar. — Beijo os seus lábios levemente e volto ao lugar do passageiro onde tento recompor a minha roupa da melhor maneira. Tyler suspira fundo e volta a beijar-me suavemente.

— Eu prometo que te vou compensar — diz-me ao ouvido.

— Não tenho dúvidas disso. — Sorrio forçadamente. Por muito que eu diga que não tem mal e que entendo, esta frustração vai-me atormentar o resto

do dia. — Levas-me a casa? — peço.

Tyler limita-se a concordar com a cabeça. Vejo-o respirar fundo algumas vezes antes de arrancar com o carro, talvez para acalmar a vontade que eu sei que estava a sentir. O seu olhar cruza o meu novamente com a sua ruga característica entre as sobrancelhas. Começo a perceber que esta é a sua expressão pensativa e que alguma coisa lhe está a passar pela cabeça, mas prometi não fazer demasiadas perguntas, e tenciono manter essa promessa.

*

Abro a gigante porta principal de ferro preto, ainda um pouco tonta com tudo o que se passou. Tento ao máximo ajeitar a roupa e esconder o sorriso tonto que tenho estampado no rosto, mas tal tarefa parece impossível. Passo mesmo em frente à enorme sala onde espero que não esteja ninguém para interromper a minha felicidade, mas obviamente isso seria pedir demasiado para um só dia.

— Emma? — chama John. Interrompo a minha caminhada decidida até às escadas e reviro os olhos. O sorriso que tinha foi agora completamente varrido. Vou até à sala e paro atrás do sofá de pele castanha. John está sentado na sua usual poltrona e o seu olhar desvia dos papéis que tem à frente para me encarar. *Mas por que raio não está ele no escritório?* Coloco as mãos com força sobre as costas do sofá e tento concentrar a minha raiva na ponta dos meus dedos.

— Posso ajudar? — John continua a olhar-me sem expressão. — Se não vai dizer nada... — Começo a virar costas, mas, como é óbvio, não ia ser assim tão fácil.

— Onde estive? Ficámos à sua espera para almoçar. A Helen hoje fez salmão, o seu preferido. — Respiro fundo e volto a focar o meu olhar no dele.

— Fui almoçar fora. — Pressinto que uma longa conversa se avizinha, por isso decido sentar-me no sofá oposto ao dele, ajeitando o vestido e tentando disfarçar o enorme rasgão nas meias de vidro. John pousa por completo os seus papéis na mesa de centro de mogno. O seu corpo muda de posição, ficando mais à frente do sofá, invocando uma postura altiva.

— Eu sei que foi com o Tyler. O Owen foi buscar o seu carro e ele é bem mais perspicaz do que parece. — Engulo em seco algumas vezes, o facto de Owen controlar todos os meus passos enoja-me.

— E eu sei bem do que Owen é capaz e não tenho motivos para esconder onde fui ou com quem fui. — Cruzo os braços enervada com esta conversa, só

quero ir para o meu quarto para poder estar em paz.

— Não fique assim, eu aprovo esta situação. — O seu riso sarcástico arrepia-me de alto a baixo.

— Eu não preciso da sua aprovação para nada. — Pelo canto do olho consigo ver a minha mãe sentada na outra ponta da sala, sentada num divã bege, a ler. Quando volto a encarar John, reparo que o seu olhar seguia a mesma direção do meu.

— Não, mas eu sei que se sentirá melhor em saber que essa relação me faz feliz. Assim estamos todos felizes, não acha? — O meu sangue ferve nas minhas veias, fazendo-me levantar ferozmente do sofá e dar um passo em direção a ele.

— Como se atreve a dizer isso? Usar a minha mãe para fazer chantagem comigo? — Dou um soco forte na mesa de centro que faz a minha mãe sobressaltar-se e desviar os olhos do seu livro. Se o olhar de John matasse, eu com certeza estaria estendida no chão. — Para sua informação, eu e o Tyler não temos nada um com o outro, e se tivéssemos, a sua felicidade seria e sempre será excluída da minha lista de prioridades. Com licença. — Vou ao encontro da minha mãe sem ter o cuidado de tapar o rasgão, quero que ele o veja. Ela segura a minha mão com força e aproxima-se de mim para me falar.

— Emma, se calhar está na hora de você deixar esta casa. — Reviro os olhos cansada do nosso constante *loop*. Ora sou eu a dizer-lhe para sair comigo ou ela a dizer para eu sair.

— Eu não saio daqui sem si, ponto final! — exclamo, enquanto solto a mão dela e viro costas.

— Emma! — chama a minha mãe.

— Tenho coisas para fazer! — Falo alto e a minha voz enraivecida parece ecoar pela mansão inteira.

Começo a dirigir-me até ao meu quarto, subindo as escadas a correr e batendo com a porta assim que me encontro no meu espaço de segurança. Mas quem é que ele pensa que é? Que raio de conversa foi esta? O que quer que seja, não vou deixar que estrague o meu dia. Perdi demasiados anos da minha vida a tentar proteger toda a gente nesta casa da sua ira, esquecendo-me completamente de tomar conta de mim mesma. Não há um momento nesta casa que eu não passe com medo. Durmo com um olho aberto e outro fechado, como rápido para sair da beira dele o mais depressa possível e acima de tudo evito ser feliz para estar 100% disponível para a minha mãe e irmão. Isso acabou. Eu, Emma Adelaide Montgomery, prometo cuidar da minha felicidade em primeiro lugar.

Capítulo 13

Emma



Sempre pensei que os sábados fossem simplesmente um dia para descansar, mas desde que comecei o curso, os sábados tornaram-se apenas mais um dia da semana. Levanto-me da minha secretária e estico-me o máximo possível, fazendo os ossos do meu tronco e braços estalar. Agarro o telemóvel e inspeciono por sinais de Tyler, mas sem sucesso. Apenas desta vez, permito-me ser a primeira a tomar a iniciativa e abro as mensagens para lhe falar. Encaro o telemóvel alguns segundos, pensando bem naquilo que devo dizer. Assim que estou prestes a enviar um miserável «Olá», observo os três pontos aparecerem do seu lado.

*Tenho um pedido muito constrangedor
para te fazer.*

Tyler

Como assim?

Podes vir jantar comigo hoje?

Porque é que isso é constrangedor?

Eu janto contigo, mas preciso de pelo menos

1 hora para me arranjar.

Podes estar aqui às 19?

Não estás a perceber, Emma.

O jantar é em casa dos meus pais.

Por favor, não recuses.

Ah não! Contemplo a ideia de jantar na casa de Tyler e todos os cenários que correm pela minha mente nunca acabam bem. Reescrevo «sim» e «não» uma dezena de vezes antes de decidir se quero ir meter-me na toca do lobo, mas a expectativa que tenho em vê-lo novamente faz-me pender para o «sim». Tyler também parece desconfortável com este jantar, o que me faz lembrar todos os momentos em que assisti às suas interações com os pais. Algo me diz que a relação entre eles é complicada.

Isto não viola o nosso contrato de pouca proximidade?

*De mais maneiras do que imaginas,
Mas é só hoje e eu preciso que venhas.*

*Só vou se prometeres que vai haver álcool.
Acho que só consigo estar numa sala
com o teu pai se for bêbada.*

*Prometo.
Dá-me 1 hora e estarei aí.
Nem sei como te agradecer, Emma.*

Dou por mim a reler a sua mensagem algumas vezes. Estará ele assim tão desesperado por companhia para ir jantar com os pais? Se não se sente à vontade, porque é que vai? Bastava recusar o convite, é o que eu faço sempre que me obrigam a mais do que eu quero. Sei que não posso comparar a relação que eu tenho com o meu pai com a que Tyler tem com os dele. Simon pode ser frio e distante, mas não acho que seja capaz de magoar Victoria. Ainda assim, há algo de estranho naquela dinâmica familiar, mas como prometi não fazer perguntas agora tenho de ficar incomodada com a minha própria curiosidade.

Dirijo-me ao meu *closet* e reviro toda a minha roupa até descobrir um vestido com um padrão floral escuro. Já me tinha esquecido que o tinha e as mangas compridas e a bainha mesmo abaixo do joelho são perfeitos para este tempo. Após um duche e a maquilhagem feita, sento-me no toucador a secar o cabelo, formando pequenas ondas que caem elegantemente pelas minhas costas. Acentuo o decote em V com o exuberante colar oferecido por Tyler. O vestido cai-me elegantemente, ficando ainda melhor assim que subo para os sapatos altos pretos com o inconfundível vermelho na parte de baixo. No preciso momento em que me sinto pronta, ouço os grandes portões abrir, deixando entrar o deslumbrante carro vermelho.

Agarro um sobretudo preto e desço as escadas. John está sentado na sua poltrona de sempre e olha-me atentamente à medida que caminho até à porta. Encaro-o de esguelha e reparo no seu sorriso irónico. Paro de andar à espera de que comece com o seu interrogatório habitual, mas sou retribuída com apenas silêncio e a continuação do sorriso algo maldoso. Volto a correr para a

porta, tentando esquecer o desconforto que o seu olhar me causou. Era como se estivesse à espera de que eu saísse de casa. Saio tão rápido que nem dou hipótese para a porta abrir mais do que o suficiente para o meu corpo passar. Tyler espera-me encostado ao carro. Os seus olhos cruzam os meus assim que me aproximo dele, fazendo-o afastar-se do *Tesla* para me receber. Pasma uns breves segundos a olhar para ele. O sobretudo que trazia no outro dia tapa agora uma camisa cinzenta e as calças escuras clássicas. Os seus braços imediatamente rodeiam o meu corpo num abraço leve e algo desajeitado. Quando me solta, permanece alguns segundos a encarar-me confuso. Talvez esteja a ponderar beijar-me, mas como ele não o faz decido não ser eu a tomar essa iniciativa.

— Vamos? — pergunta-me.

— Lá terá de ser — respondo num suspiro, desiludida por ele não me ter beijado.

Tyler abre a porta do carro, mas demoro algum tempo a entrar. Algo faz-me sentir observada. Olho para trás e deparo-me com a figura de John na enorme janela da sala. O seu rosto sisudo observa-nos atentamente, como se estivesse a tirar notas mentais do que se está a passar. Apresso-me a entrar no carro, feliz por Tyler não se aperceber do sucedido. Arrancamos em silêncio, quer dizer, pelo menos eu estou em silêncio. Tyler vai falando sobre um caso que teve durante a semana e como era quase impossível vencer, mas a minha mente está na imagem do John na janela, a controlar todos os meus passos.

— Emma? — Tyler chama por mim. Pestanejo algumas vezes e passo a mão pelo cabelo com alguma frustração.

— Desculpa — acabo por dizer.

— Não peças desculpa, eu não te devia ter metido nesta situação. Se calhar é melhor voltarmos para trás...

— Não! — exclamo rapidamente. Os seus músculos, outrora tensos, parecem agora relaxar completamente.

Talvez eu não consiga realmente compreender a importância da minha presença neste jantar, mas tudo o que eu menos quero é voltar para casa. Tyler continua a conduzir até chegarmos à autoestrada que nos leva para fora da cidade atarefada. Tento manter-me calada, mas sei que o meu silêncio o está a deixar inquieto. Levo o dedo à boca e começo a roer o canto da unha. Só consigo ver a imagem de John na janela a observar-me entrar no carro com Tyler. Será porque ontem lhe disse que eu e Tyler não tínhamos nada e ele quis tirar as teimas? Expiro com força e viro o olhar para Tyler.

— O John estava a olhar muito para nós quando eu saí de casa — acabo por afirmar rapidamente. Tyler mantém os olhos na estrada mas consigo perceber que estão franzidos.

— Como assim? — A sua voz um pouco rouca esquentava o ambiente no carro.

— Não é nada de especial, é só que ele costuma fazer muitas perguntas quando me vê sair, mas hoje nem sequer me dirigiu a palavra. Deixou-me sair sem interrogatórios e depois foi para a janela da sala olhar para nós. — Tyler encolhe os ombros e aperta o volante com mais força.

— Não reparei, devia estar de costas.

— Ele ontem perguntou por nós. — Olho pela janela e aprecio a paisagem da cidade ficar cada vez mais longe, mas ao ouvir o grunhido que Tyler solta, os meus olhos vão novamente ao seu encontro.

— Queria saber se andamos a sair? — pergunta-me. Apenas digo que sim com a cabeça. — E tu o que respondeste? — continua nervosamente. Sorrio levemente e pouso a mão sobre a sua perna.

— Disse que estávamos profundamente apaixonados e que vamos casar para a semana. — Tyler arregala os olhos e desvia o olhar da estrada para me encarar.

— Emma, eu...

— Relaxa, Tyler, disse-lhe que não havia nada entre nós. Ou querias que dissesse a verdade? *Sim, paizinho, eu e o Tyler quase fodemos no carro dele ainda agora.* — Tyler permanece com os olhos arregalados. Apesar de eu me estar a rir, ele continua chocado com a minha resposta.

— Muito bem, Miss Montgomery, conseguiste deixar o melhor advogado de Nova Iorque sem resposta, podes estar orgulhosa. — Agora o seu riso acompanha o meu, estando bastante mais relaxado do que antes.

Tyler vira o carro bruscamente na saída da autoestrada e segue o caminho deserto com cada vez mais velocidade. A rua completamente emoldurada por altos pinheiros parece tremer à nossa passagem. As mãos de Tyler agarram o volante cada vez com mais força à medida que continua a acelerar sem fim. A força g faz o meu corpo colar com força ao banco.

— Tyler! — grito. Consigo ver que está a sorrir e que as minhas súplicas nada fazem para o abrandar, pelo contrário, é como se a minha reação ainda o entusiasmasse mais.

As árvores parecem agora uma grande mancha verde-escura, misturada com o brilho das estrelas espalhadas pelo céu da noite. Permito-me gritar como se estivesse numa montanha-russa. Surpreendentemente, Tyler junta-se a mim e solta alguns gritos de adrenalina, antes de suavemente abrandar o carro e parar num portão de ferro verde completamente rodeado por vegetação. Antes de tocar na campainha, Tyler segura a minha mão com força e deposita um pequeno beijo nos meus lábios. Fico um pouco sem reação com o seu beijo, nem sei ao certo se fechei os olhos e correspondi como deve ser,

mas eu pensava que tinha ficado claro que não ia haver este tipo de interações entre nós.

— Espero que isto tenha sido o suficiente para relaxares, porque daqui para a frente vai ser constrangimento o resto da noite. — Os seus olhos focam-se nos meus intensamente. Sinto os batimentos do meu coração descontrolados. A maneira como me olha é como se eu fosse um pilar vital na sua noite e eu não sei se consigo desempenhar o papel que ele me está a pedir.

O caminho de gravilha rodeado por árvores leva-nos até uma imponente mansão de pedra azulada. Toda a casa é iluminada por dezenas de luzes exteriores que acentuam a madeira branca de todas as janelas e pilares que suportam o alpendre. Tyler abre uma das garagens ao lado da casa com um comando e estaciona rapidamente. Sei que ele está a dar a volta ao carro para me abrir a porta, mas assim que chega até mim já eu estou em pé à sua espera, ainda boquiaberta com a beleza da sua casa.

— Ainda vives aqui? — pergunto.

— Não. — É a única resposta que me dá. Desde que entramos pelo portão, Tyler ficou extremamente tenso e calado. Não questiono mais, permaneço segura ao seu braço enquanto caminhamos até ao alpendre da casa. A porta abre-se sem termos de chegar perto dela, e Victoria espera-nos com um largo sorriso.

— Tyler! Não nos dissteste que trazias companhia! — O sorriso que antes lhe retribuí é-me varrido do rosto. *Ele não os avisou de que eu vinha?!* Provavelmente reparando na minha expressão de choque, Victoria apressa-se a corrigir-se. — Não, querida, não tem problema nenhum! Fico muito feliz que tenhas vindo! Vá, entrem, está bastante mais agradável cá dentro! — Tyler encaminha-me para o interior da casa sem cumprimentar a mãe em condições, apenas lhe dá um beijo rápido na bochecha e continua a andar. Não querendo dar uma má impressão, apresso-me a cumprimentar Victoria com o melhor sorriso que consigo fingir.

— Eu peço imensa desculpa, Mrs. McLain, eu achei que o Tyler tinha combinado convosco...

— Não tens nada de pedir desculpa. És como família. — Torço um pouco o nariz mas rapidamente volto a forçar o sorriso, tentando que este contagie Victoria que parece bastante abatida.

O pequeno corredor dá acesso a uma enorme sala de tetos altos, emoldurados por tábuas de madeira escura. Toda a decoração é extremamente acolhedora e elegante. A parede do fundo é coberta de janelas que dão vista para um lago que deve fazer maravilhas num dia quente de verão. Penduro o meu casaco no bengaleiro à entrada, copiando cada movimento e passo dado por Tyler. Mesmo ao lado da escadaria que dá acesso ao piso superior, está

um bar de madeira escura, onde Tyler agarra dois copos, servindo-nos de um pouco de *whisky*. Os seus olhos encaram os meus como num pedido de desculpa, enquanto estende o pequeno copo até mim.

— Eu prometi que te dava de beber — afirma com um pequeno sorriso nervoso. Estou prestes a abrir a boca para lhe ralar, quando da cozinha, que se encontra ao fundo, surge uma senhora na casa dos sessenta anos com um enorme sorriso, caminhando na nossa direção.

— Tyler! — exclama. Tyler vira o rosto para ela e rapidamente sorri-lhe. Os seus braços abrem para a receber assim que a senhora chega ao seu encontro.

— Mrs. Thomas! — Fico um pouco para trás, deixando-me render à forma carinhosa como Tyler abraça Mrs. Thomas.

— Olhe para si, querido, está tão bem! Já não o via há tanto tempo! Está cada vez mais parecido com...

— Mrs. Thomas, esta é a Emma. Emma Montgomery. — Tyler interrompe-a e dirige a sua mão até mim, fazendo questão de acentuar o meu apelido de forma completamente desnecessária.

Caminho até ela e pouse o copo no bar antes de segurar a sua mão, esboçando um carinhoso sorriso para a senhora misteriosa. Ela apressa-se a abraçar-me, o que me faz sobressaltar. Não estou habituada a ser acarinhada desta forma, muito menos por uma estranha. Não conheço a Mrs. Thomas, mas consigo imediatamente perceber o porquê de Tyler gostar tanto dela.

— Bem-vinda, minha querida. Eu sou a Anna Thomas e tomo conta desta casa desde que o Tyler era bebé. Não imagina a felicidade que me traz vê-lo assim com alguém. — Abro a boca para esclarecer tudo, mas Tyler dá-me um encontrão com o braço, fazendo-me engolir as palavras imediatamente.

— Prazer em conhecê-la, Mrs. Thomas — digo apenas.

— O prazer é todo meu. Vá, vou deixar-vos em paz e vou voltar para a cozinha, o jantar está quase pronto! — E da mesma maneira ligeira com que se aproximou de nós, a Mrs. Thomas volta a abraçar Tyler, sussurrando-lhe algo ao ouvido que faz o seu rosto animado desmoronar um pouco. Esboço um sorriso alegre para Tyler, tentando elevar novamente o humor.

— Então é à Mrs. Thomas que tenho de perguntar todos os teus segredos? — pergunto, num tom divertido. Tyler sorri e coloca uma mão nas minhas costas.

— Nem penses nisso. — A sua mão passa para o meu cabelo e afaga-o suavemente, colocando uma mecha atrás da minha orelha. O seu maxilar contrai à medida que os seus olhos desviam dos meus para percorrer o espaço em que nos encontramos. — Detesto esta casa — suspira.

— Eu também não gosto da minha. — Tyler volta a focar o seu olhar no

meu, pousando rapidamente o copo de *whisky* para segurar o meu rosto com ambas as mãos. Sinto a sua respiração aproximar-se cada vez mais, mas antes dos nossos lábios se poderem tocar, um intrometido clarear de garganta interrompe o seu encontro. *Se ele não quer nada sério, porque é que me ia beijar ainda agora?*

— Boa-noite, Miss Montgomery, não sabia que vinha cá hoje. — Respiro fundo antes de encarar Simon McLain, que desce as escadas até ao nosso encontro. Estendo-lhe a mão com o sorriso mais forçado que lhe consigo apresentar.

— Peço desculpa por...

— Eu convidei-a. Espero que não haja problema. — Tyler agarra a minha mão com força e interrompe o meu pedido de desculpas. Fico um pouco chateada pela sua interrupção, mas não contrariado. Simon liberta um sorriso maldoso extremamente semelhante ao que o John fez quando saí de casa. Estremeço ao reviver aquele momento e Tyler olha na minha direção, claramente ciente do meu constrangimento.

— Claro que não, filho, a Emma é sempre bem-vinda. Bem, vamos jantar que já são horas. — Simon caminha à nossa frente até à enorme mesa de jantar de madeira escura, extremamente bem decorada com toques rústicos e acolhedores.

Tyler senta-se num canto da mesa, mesmo ao lado do lugar da cabeceira tomado pelo pai. Tomo a liberdade de me sentar ao seu lado, bebericando no copo o líquido âmbar ardente que lhe resta. Victoria emerge da cozinha com a Mrs. Thomas que traz uma enorme bandeja de variados tipos de canapés. Decido esperar que alguém comece a comer para me servir, mas Tyler apressa-se a retirar duas *bruschettas* para o pequeno prato à minha frente. Victoria dirige-me um pequeno sorriso, tentando aligeirar um pouco o ambiente constrangedor.

— Deviam jantar connosco mais vezes. Sentimos a sua falta, Tyler. — Victoria olha o filho com esperança na sua resposta, mas Tyler não está para aí virado, nem sequer lhe dirigindo o olhar para responder.

— Já sabe que não gosto de vir aqui. Só vim por ser o dia que é. — Olho-o um pouco confusa. Não percebi que o jantar tinha um motivo particular. Tyler dirige-me um sorriso apologetico. — É o meu aniversário. — O meu queixo deve ter ficado a arrastar no chão porque Victoria abafa uma pequena gargalhada.

— O quê? — pasmo.

— Não é preciso ser o seu vigésimo nono aniversário para vir até aqui. Esta casa também é sua — afirma Simon. Tyler pousa os talheres sobre o prato com alguma força e levanta o olhar para o pai.

— Será que posso jantar em paz? Já falámos sobre isto. — O silêncio volta a reinar na refeição, tornando-se um pouco complicado forçar-me a comer quando me sinto tão irritada. *Como é que ele pode simplesmente não me dizer que é o aniversário dele?* OK, tudo bem que concordámos que não temos obrigação nenhuma um com o outro, mas acho que era o mínimo.

Victoria vai-me falando sobre o seu jardim e em como adora passar os dias a arranjar as flores e árvores de frutos que mantém pelo terreno. Tento ao máximo fazer de conta que estou a prestar atenção, mas a minha mente não para de pensar na mentira escondida por Tyler toda a noite. Vou afagando o colar no meu pescoço, pensando em todos os possíveis presentes que também poderia ter-lhe comprado. Tyler olha fixamente para o lago, ignorando as conversas que acontecem na mesa, até a voz do seu pai nos tirar a ambos do transe em que nos encontramos:

— O lago é a melhor parte desta casa. No verão é incrível ter ali uma forma de matar o calor. O Tyler estava sempre lá metido. Todos os dias. Era difícil tirá-lo de lá. — Tyler vira o rosto repentinamente e abafa um sorriso irónico.

— É engraçado como se lembra disso quando nunca estava em casa. — Rapidamente agarro a sua mão por baixo da mesa, tentando que ele se cale. Eu sei exatamente o que é sentir esse vômito de palavras na garganta e arrependo-me sempre do mau ambiente que causo em todo o lado.

— Tyler... — diz Victoria num suspiro.

— Não, ele precisa de ouvir isto. — A sua mão larga a minha para bater em punho na mesa. — Para que é que está a tentar pintar a imagem de um pai preocupado? Ambos sabemos perfeitamente quem é. — A sua voz começa a elevar-se e todo o meu corpo estremece a cada palavra.

— Alguém nesta casa tinha de trabalhar. Acha que o conforto da sua vida não tem um preço? — Olho Victoria de esguelha. Ela parece estar tão desconfortável como eu com o rumo da conversa. Ambas decidimos não nos intrometer e eu apenas tento não deixar que os meus problemas se envolvam demasiado no assunto.

— Você é a razão por que tudo aconteceu! A mãe sempre foi infeliz e você sabe bem disso! — Acho que Tyler se esqueceu de que estou aqui, pois por algum motivo sinto que não devia estar a ouvir esta conversa. Simon olha-o fulminante, como se estivesse prestes a disparar.

— Tyler veja lá o que vai dizer — afirma, friamente. Tyler engole todo o vinho do seu copo de uma vez e levanta-se bruscamente.

— Desculpe, não quero estragar o seu quadro da família perfeita. — Tyler agarra o copo agora novamente cheio e sai disparado até ao alpendre das traseiras.

Fico a observá-lo alguns segundos, enquanto as suas palavras me trespassam. Ele repetiu exatamente a mesma frase que eu digo constantemente a John. Levanto-me rapidamente sem dizer nada, tentando conter os meus próprios sentimentos. Caminho sobre o olhar atento dos pais de Tyler até encontrar a porta que dá acesso ao alpendre onde ele caminha de um lado para o outro, desamparado nos seus pensamentos.

— Tyler? — chamo. É em vão, ele continua perdido a falar consigo próprio tão baixinho que é impossível compreender o que diz.

Pousa com força o copo na mesa de vidro que adorna uma zona de sentar. O barulho dos estilhaços zumba nos meus ouvidos e é como se os vidros conseguissem penetrar o meu corpo. Vê-lo assim dói. Dói não só porque claramente preocupo-me mais com ele do que quero aceitar, mas também porque aquilo que ele está a sentir é-me tão familiar. Os seus braços poderosos seguram o seu corpo na vedação de madeira branca, mas apesar de todos os músculos estarem tensos, é como se todo ele fosse segurado por um pequeno fio prestes a quebrar. Aproximo-me lentamente e agarro a sua mão quando me encontro ao seu lado. Todo o seu corpo relaxa assim que as nossas peles se tocam, mudando rapidamente de posição para me envolver no seu abraço.

— Desculpa, Emma, desculpa... — Os seus lábios procuram os meus, sedentos e desesperados. — Desculpa... — continua a dizer por entre beijos.

A dor na sua voz faz-me soltar uma pequena lágrima prendida por mim há algum tempo. As suas mãos poderosas seguram o meu rosto, mas os seus olhos recusam encarar os meus. O meu coração vai rebentar se continuar a bater a este ritmo descontrolado. Seguro-me à sua camisa, tentando manter-me em pé mesmo quando tudo o resto parece cair.

— Por favor, para de pedir desculpa por algo que eu não entendo. — Tyler roça os lábios pelo meu pescoço antes de me encontrar novamente num beijo errático e sensualmente desajeitado. Sinto todo o meu corpo estremecer a cada toque seu. Estou num sarilho, um belo e perturbador sarilho.

— Vem comigo. — Os seus olhos abrem repentinamente, enquanto se afasta de mim à velocidade da luz. Fico um pouco confusa com o seu pedido, fazendo-me inclinar a cabeça. — Vem para minha casa, fica comigo esta noite. — O seu pedido é absolutamente desesperado.

— Tyler, eu não sei se é boa ideia. Não preferes ficar sozinho? — Ele abana com a cabeça extremamente rápido, pousando as mãos sobre as ancas enquanto tenta controlar a respiração.

— Emma, eu não posso estar sozinho, hoje não, OK? — Dou uma pequena volta sobre o meu próprio corpo, baixando os braços numa perfeita derrota.

— Porque é que...

— Sem perguntas, Emma, tu prometeste. — Expiro com força e limito-me a confirmar com a cabeça. Como é que lhe vou dizer que não?

Tyler sorri o máximo que as suas emoções lhe permitem e volta a atirar-se aos meus lábios, sem saber bem o porquê de me estar a beijar. Toda esta noite foi a maior confusão a que já assisti, mas no meio de tanta tempestade percebi que Tyler e eu somos mais parecidos do que sabemos, e assim será difícil manter as promessas que fizemos um ao outro.

Capítulo 14

Emma



T yler solta-me do seu abraço e volta apressadamente para o interior da casa. Permaneço neste alpendre de madeira por uns momentos, apreciando a paisagem da floresta sombria e do lago que está mesmo à minha frente. Desço as pequenas escadas de madeira e descalço os sapatos para andar pela areia. Está extremamente frio, a areia gelada congela-me os pés, mas essa mesma sensação faz-me querer continuar a andar. Uma paz imensa apodera-se de mim. Fecho os olhos e inspiro com força, dirigindo a cabeça ao céu. A confusão dos últimos tempos começa a percorrer-me. Como é que eu vou manter os meus sentimentos afastados disto? Eles já estão envolvidos, embrenhados e amarrados em milhares de nós impossíveis de desfazer.

Sou interrompida do meu devaneio pelos passos que ecoam na madeira do alpendre. Abro os olhos e viro-me para trás, encontrando Tyler encostado a um dos pilares ao lado das escadas a olhar-me tão intensamente que a sua boca fica aberta e o castanho do seu olhar sobressai mais do que o normal, refletindo a luz do lago:

— O que foi? — pergunto calmamente.

— Pensei que tinhas ido para dentro comigo. — Os seus braços cruzam aumentado a sua dimensão. Encolho os ombros e passo o pé pela areia, fazendo pequenos desenhos aleatórios com o dedo.

— Gosto de estar aqui fora. — Volto a olhar em redor. — É tão calmo, tão bonito. — Tyler começa a descer os degraus e caminha até mim. A sua mão toca-me no ombro, virando a minha atenção para ele. Os seus olhos cruzam os meus, continuando com o mesmo brilho de antes, como se o mundo lhe passasse pela vista e ele pudesse ver tudo.

— Fizeste-me lembrar uma coisa. — A sua mão afaga a minha bochecha gelada.

— O quê? — pergunto. Tyler apenas encolhe os ombros e diz que não com a cabeça. — É uma das perguntas proibidas?

— É. — Respiro fundo e baixo o olhar um pouco frustrada com toda a situação. Tyler obriga-me a olhar para ele ao colocar o dedo debaixo do meu queixo para o encarar. — Vamo-nos embora daqui, por favor. — Digo que sim com a cabeça e caminho atrás dele para o interior da casa.

Tyler vai até à entrada diretamente, enquanto eu me aproximo de Simon e estendo a mão para me despedir. Simon respira fundo e levanta-se da sua cadeira para me apertar a mão com a sua habitual força desnecessária.

— Boa-noite, Mr. McLain, obrigada por me receber. — Simon apenas consegue levantar os cantos dos lábios, fingindo um sorriso.

— A porta está sempre aberta Miss Montgomery, para os dois. — Enrugo o olhar, confusa com a sua mágoa. Simon não me parece de todo o homem de ficar triste, mas aparentemente a reação explosiva do filho teve um efeito nele. Quando me solta a mão, caminho até Victoria que se apressa a abraçar-me sem dizer nada. Apenas nos entreolhamos antes de eu dar meia-volta e ir até à entrada.

Tyler abraça fortemente Mrs. Thomas. Ela sussurra-lhe ao ouvido qualquer coisa que faz o seu rosto franzir. Dirijo-me até eles e agarro o meu casaco. Tyler abre a porta e começa a caminhar para o carro, enquanto eu me aproximo de Mrs. Thomas para me despedir, mas ela rapidamente agarra as minhas mãos carinhosamente e olha-me nos olhos.

— Tome conta dele, querida. Ele é como um filho para mim. — As suas palavras apanham-me desprevenida. Eu consigo ver que eles têm uma relação especial, mas nunca pensei que fosse a este ponto.

— Eu tomo, Mrs. Thomas, prometo — sussurro cautelosamente, tentando impedir que Tyler ouça a nossa conversa. Ela solta as minhas mãos e suspira fundo.

— Você faz-me lembrar alguém de quem eu gostava muito. — É a última coisa que me diz antes de voltar para o interior da casa. Fico espedada na entrada a olhar para a Mrs. Thomas afastar-se num passo ligeiro.

— Emma? — chama Tyler. Pestanejo algumas vezes para romper o meu transe e caminho até ele, fechando a porta da casa atrás de mim.

Se na viagem até aqui vim calada por causa de John, agora as palavras faltam-me por coisas bem mais complexas e misteriosas do que as usuais esquisitices do Mr. Montgomery. Todas as perguntas que Tyler me pediu para não fazer estão à luta na minha cabeça a ver qual é que vai sair primeiro. Só gostava de ter algumas respostas, mas as perguntas são demasiadas para poderem ser saciadas assim do nada. Porque é que ele se dá mal com o pai? Porque é que aquela casa mexe tanto com ele? Quem é que faço a Mrs. Thomas lembrar? *Porque é que eu quero saber?!* Solto um som frustrado um pouco mais alto do que antecipei, fazendo Tyler voltar a sua atenção para mim.

— Passa-se alguma coisa? — pergunta. Aperto o assento de pele com alguma força, tentando apertar de igual forma as minhas palavras, mas é tarde de mais.

— Passa-se. Estes teus mistérios vão-me pôr maluca! — Os olhos de Tyler brilham à medida que a luz do exterior se apodera do carro. Quando paramos num semáforo a sua cabeça cai entre os seus ombros, frustrado e cansado.

— Pensei que tínhamos um acordo — afirma. Tínhamos, temos, não sei

bem o que é a verdade neste momento, só sei que quero saber mais e ele não me deixa.

— Do que é que tens tanto medo, Tyler? Que alguém te conheça minimamente? — atrevo-me a perguntar.

— Ninguém me conhece minimamente, e eu gostava que continuasse assim, mas tu és tão difícil de deixar de fora. — Pasma a olhar para ele.

— Então, concede-me só uma pergunta, apenas uma, Tyler. — Ele engole em seco e levanta o olhar até ao céu, tal como eu fiz junto ao lago.

— Apenas uma, usa-a com cuidado. — Prendo o sorriso vitorioso com uma leve mordida de lábios. Pondero por uns momentos, mas sei exatamente o que perguntar.

— Porque é que não me deixas fazer mais perguntas? — Tyler solta uma leve gargalhada.

— A sério que desperdiçaste a tua única oportunidade com isso?

— Não julgues, apenas responde. — Tyler encolhe os ombros ainda a rir-se e continua a conduzir agora pelo centro da cidade.

— Sou uma pessoa privada, não gosto de me envolver demasiado e acho que andar a contar a minha vida a toda a gente é estúpido. Se houver alguma coisa que eu quero que saibas, então eu digo-te. Tu também deves ter os teus segredos, não? — Perco logo o sorriso. Ainda não me tinha ocorrido que, se eu começar a fazer muitas perguntas, então ele também o vai fazer.

O carro entra na garagem de um prédio extremamente alto. Tyler estaciona agilmente e não perde tempo em sair do carro para me abrir a porta. Continuo meio atordoada com tudo isto, mas limito-me a caminhar ao seu lado até ao elevador. *Mas o que é que estás a fazer na casa dele, Emma? Tu bem que te vieste meter na toca do lobo.*

O elevador para no 50.º andar. As portas dão acesso a um dos apartamentos mais deslumbrantes que alguma vez vislumbrei. A sala e a cozinha de conceito aberto são rodeadas por dezenas de janelas altas que emolduram o espaço com a vista da cidade. Tyler acende as luzes, acentuando o contraste entre as paredes brancas e o chão de madeira natural. Caminho pelo espaço, fazendo o som dos saltos ecoar um pouco alto de mais para as horas que são. Fico a olhar para Tyler que observa cautelosamente todos os meus movimentos. Tento esconder o meu nervosismo com um pequeno sorriso que o faz caminhar até mim e imediatamente encostar a testa à minha. As suas mãos percorrem as minhas costas enquanto o seu nariz toca o meu suavemente.

— Tira os sapatos — sussurra. Obedeço, aumentando a nossa diferença de alturas. Os seus lábios continuam a roçar os meus de forma provocadora, descontrolando o meu coração quando a sua mão agarra o meu vestido. O seu

rosto forma um sorriso intimidante, mas Tyler afasta-se de mim repentinamente e caminha até à cozinha. Expiro todo o ar que continha num som audível.

— Tu vais deixar-me louca — acabo por dizer. Suspiro derrotada e tomo a liberdade de me sentar no sofá. Os dois copos de vinho que outrora trazia consigo são rapidamente pousados na ilha escura que separa a cozinha da sala. Tyler fica parado sem reação. Rapidamente caminha até mim e segura as minhas mãos para me levantar do sofá. Fico confusa com a sua reação, mas levanto-me, ficando extremamente próxima dele.

— Não te sentes aí. — A sua voz rouca arrepia-me. *Porquê?* Mais uma para a lista das perguntas que nunca vão ter resposta. — Achas que sou eu que te estou a pôr louca? — diz-me.

Tyler agarra todo o meu corpo e rapidamente coloca-me no seu quadril. Os seus olhos focam os meus antes de se virar para se sentar no sofá. Apoio as mãos na pele branca, tentando recompor a respiração. É como se tivesse acabado de entrar na mais alucinante das montanhas-russas, todas as hipóteses que tinha de escapar são-me retiradas e já só consigo pensar na adrenalina eminente. Encosto a testa na dele, reparando que os seus olhos estão agora focados no meu decote.

— Sim. Tu deixas-me completamente louca, Tyler. — Sinto a sua mão afastar o meu cabelo para ter acesso ao meu pescoço. Os seus beijos carinhosos apoderam-se de toda aquela zona do meu corpo e a mão que outrora simplesmente afastou o meu cabelo, começa agora a procurar-me.

— Isto é apenas uma noite, Emma. — O meu coração para de bater momentaneamente. Todos os músculos do meu corpo petrificam ao olhar os seus olhos intensamente castanhos. — Mas nesta noite, és toda minha, prometes? — As suas mãos agarram as minhas coxas e começam a subir o meu vestido. Os meus olhos permanecem fechados, absolutamente consumidos pelo seu toque e pelo som da sua voz. O meu corpo arde pelo seu, sedento, aceso, desesperado, sentindo cada vez mais a sua excitação crescer contra mim. Não me interessa se o tenho por uma noite ou por uma vida, apenas preciso de o ter. — Emma? — Sou retirada do meu transe pelo som melódico do meu nome na sua boca.

— Apenas esta noite, sou tua — acabo por dizer, completamente derrotada.

A minha boca investe na sua completamente rendida a tudo o que ele representa. As suas mãos agarram a minha cintura e empurram-me gentilmente para que eu me levante, ficando frente a frente ao seu corpo tão pronto para o meu. As sombras da noite refletem no rosto de Tyler, todos os seus contornos enaltecidos pela luz exterior. Tyler levanta-se também, as suas

mãos segurando a bainha do meu vestido, subindo-o lentamente, relembrando-me do que ele está prestes a ver.

— Tyler? — digo rapidamente. Ele larga imediatamente o meu vestido e segura as minhas mãos.

— Queres que pare? — A desilusão no seu olhar faz-me sorrir. Aproximo-me dele e beijo o canto da sua boca delicadamente.

— Não. Não pares, por favor. É só que... — Seguro as suas mãos e levo-as novamente ao meu vestido. — Não te assustes. — As suas sobrancelhas franzem, confusas com as minhas palavras.

Tyler continua a subir a mísera peça de roupa até a tirar completamente pela minha cabeça. O seu olhar abre ao encarar não só o meu corpo, mas também a tatuagem. A pena desfaz-se em dezenas de pássaros e emoldura a parte de baixo do meu seio esquerdo. Esta tatuagem significa mais para mim do que alguma vez serei capaz de lhe explicar. A sua mão sobe para lhe tocar, contornando delicadamente o meu peito para a sentir. O toque dos seus dedos contra a minha pele faz todo o meu corpo arrepiar e não consigo suprimir um pequeno suspiro. A sua mão continua a percorrer o meu corpo suavemente, parando depois de sentir os pequenos altos na minha perna e nádega.

— O que é isto? — pergunta. — Emma, estás coberta de cicatrizes! — Engulo em seco e seguro a sua mão com a minha.

— Eu disse para não te assustares. — O seu peito desce repentinamente com o seu expirar.

— Como é que fizeste isto? — As suas mãos seguram o meu rosto com força. — *Quem* é que te fez isto? — Começo a abanar com a cabeça gentilmente.

— Agora é a minha vez de dizer para não fazeres perguntas. — O seu corpo aproxima-se mais do meu sem nunca largar o meu rosto.

Os seus músculos contraem com a tensão do momento. Estas cicatrizes têm uma história que não pode ser contada, por isso mais vale desistir já da ideia. Calo os seus pensamentos com um beijo forte e uma leve mordida no seu lábio que o faz queixar-se. Sinto-o relaxar quando as suas mãos percorrem o meu peito e a sua boca beija todos os meus recantos, começando a descer até ficar a encarar as minhas cuecas de renda preta, ajoelhando-se perante mim. O seu dedo indicador desvia ligeiramente a minha roupa interior para o lado, expondo-me perante ele. A sua boca investe sobre mim, fazendo-me contorcer pelo prazer causado. Sou obrigada a apoiar as mãos nos seus ombros enquanto ele me balança com a força das suas investidas. Os gemidos são cada vez mais audíveis e desesperados. Todo o meu corpo arde de vontade pelo dele, preciso de o ter o mais rapidamente possível.

— Tyler — chamo por entre gemidos. — Tyler... — volto a chamar,

praticamente consumida pela vontade de libertar todo o prazer acumulado.

A sua investida irresistível é interrompida pelos meus chamamentos, fazendo-o levantar-se. A sua roupa é atirada para o chão, ficando apenas de boxers, revelando a imensidão da sua ereção. Eu já esperava que ele tivesse o corpo de um Deus, mas não estava minimamente preparada para isto. Todo o seu corpo é esculpido pelo mais talentoso artista, cada recanto é perfeito e impede que os meus olhos se mexam da sua direção. As suas mãos pousam nas minhas cuecas, forçando-as a sair do meu corpo o mais rapidamente possível. A força com que me empurra para si obriga-nos a sentar no sofá, o meu corpo cobrindo o seu. A impressionante ereção pressiona-se contra mim e eu só consigo pensar na sensação de o ter dentro de mim, de sermos um só, nem que por uns breves momentos. Atrevo-me a percorrer o seu corpo esculpido com a ponta dos dedos, sentindo-o estremecer quando chego perto do elástico dos boxers.

— Emma. — Olho-o nos olhos e seguro o seu rosto com as mãos. Os seus lábios apoderam-se dos meus, sedentos de prazer. — Estás a pôr-me louco.

— Ainda bem. Quero-te louco, desesperado. Quero que precisas de mim — digo ao seu ouvido. A sua mão estica-se para agarrar as suas calças do chão. De lá retira o pequeno invólucro de um preservativo que abre com os dentes, olhando-me como se de uma refeição eu me tratasse.

— Não devias ter dito isso. — As suas mãos baixam as minhas cuecas à velocidade da luz, guiando-se para dentro de mim.

— Vou levar-te às estrelas, Tyler. — A sua mão puxa o meu cabelo fortemente, enquanto a garganta arranhada geme, quase me fazendo sucumbir ao prazer ali mesmo.

— Já estou lá, Emma.

Vejo os seus olhos revirar para trás, bêbados de prazer. A sua língua investe sobre a minha boca enquanto a sua mão segura as minhas costas, ajudando aos meus movimentos. O calor da sua pele contra a minha provoca-me calafrios que incentivam ainda mais o meu corpo a subir e a descer sobre o seu. A forma como Tyler me segura é como se eu fosse a única coisa que o mantém na terra. Saber que o seu corpo pede o meu desta forma desesperada intensifica ainda mais todo o prazer que sinto. Agarro a sua cara com ambas as mãos, apreciando cada rolar dos seus olhos possuídos pelo momento. Sinto todos os meus músculos arder pelo desgaste físico, ainda assim, aumento a ferocidade das minhas investidas, levando-me ao limite das minhas forças. Tyler geme descontroladamente contra o meu pescoço, dando início ao orgasmo que eu tanto aguardava.

— Tyler, não sei se aguento mais — profiro, praticamente perdida no

prazer que ele me causa.

— Grita o meu nome, Emma, grita bem alto. Quero ouvir-te. — Expludo sobre o seu corpo, gritando o seu nome bem alto tal como me pediu. As suas unhas cravam nas minhas costas, apertando a pele exposta, enquanto o sinto ejacular. Tyler profere o meu nome várias vezes contra o meu peito, beijando-o suavemente quando a sensação acalma.

— Isto foi...

— *Shh*. — O seu beijo obriga-me a calar à medida que o sinto sair de mim, deixando um enorme vazio.

— Feliz aniversário, Tyler — digo num suspiro e com um sorriso.

As suas mãos cansadas levantam-me o suficiente para me colocar no seu colo antes de caminhar para a cama. Não obtenho resposta. Sou apenas embrulhada no seu abraço, sucumbindo ao cansaço e relaxamento que se apoderam de mim. A sua mão puxa a minha cabeça mais para o seu peito onde consigo ouvir o quão descontrolado o seu coração está. Tyler beija gentilmente a minha cabeça enquanto afaga as minhas costas. O seu colo é provavelmente o melhor local onde já descansei, e sei que nem a melhor das almofadas vai ser capaz de o substituir. Estou metida num grande sarilho, e não sei até que ponto quero que isto seja tudo aquilo que temos.

Quero mais, quero-o por inteiro.

Capítulo 15

Emma



As minhas pálpebras pesam como elefantes. Demoro alguns segundos até recordar onde estou e tudo o que aconteceu nas últimas horas. Permito que os meus olhos enxerguem um pouco do que se passa à sua volta, mas a única luz no quarto continua apenas a ser a da cidade que nunca descansa. Na mesa de cabeceira o relógio marca quatro e meia da manhã, fazendo-me enterrar a cabeça na almofada pedindo ao meu corpo que descanse mais, mas é inútil. Olho em redor, tentando perceber o que é que me acordou a esta hora. Tyler dorme ao meu lado, deitado de barriga para cima e com a mão sobre o peito, mas o seu sono não é descansado. O seu corpo estremece a cada respirar, fazendo a cama vibrar levemente. O seu sobrolho franzido exalta a sua expressão preocupada, enquanto os seus lábios vão murmurando qualquer coisa impercetível. Coloco a minha mão levemente sobre o seu peito, sentindo-o suado e sobressaltado. Não sei o que fazer, claramente ele está a ter um pesadelo, mas eu não sei como o ajudar. Sento-me ao seu lado e começo a abaná-lo gentilmente.

— Tyler? — chamo. O meu toque parece estar a fazer pior. Os seus murmúrios são agora gemidos de dor mais audíveis e a mão que pousava no seu peito agarra a minha com força. — Tyler? Acorda, por favor. É só um pesadelo.

— Não! — grita alto, enquanto todo o seu corpo é catapultado da cama, ficando sentado de olhos arregalados e confuso com o seu redor. A sua mão continua a segurar a minha com tanta força que me está a magoar. Toco no seu rosto suavemente e encosto a minha testa na dele.

— Ei... Está tudo bem, foi só um pesadelo, está tudo bem. — Tyler respira com força algumas vezes até conseguir perceber que, o que quer que se passasse no seu pesadelo, acabou.

Sei bem o que ele está a sentir, tenho pesadelos tantas vezes que sinceramente já nem me assustam. Os seus olhos deixam de encarar o vazio para encontrarem os meus. A sua mão agarra os meus cabelos com força enquanto os seus lábios se apoderam da minha boca desesperadamente. Sou apanhada despercebida, soltando um pequeno trejeito ao sentir este inesperado, mas tão irresistível beijo. Começo a sentir um leve travo salgado na minha boca. Levo as mãos ao seu rosto e sinto-o completamente encharcado nas suas próprias lágrimas. Afasto-me momentaneamente e pasmo ao vê-lo chorar desta maneira.

— Tyler? — questiono.

— Emma, agora não, sem perguntas, por favor. — As suas palavras

interrompem os seus beijos eletrizantes.

Coloco as minhas mãos no seu peito e empurro-o gentilmente, fazendo-o arregalar os olhos ao perceber que o estou a negar. Não quero estar com ele dessa forma enquanto ele está neste estado, não seria justo, nem para mim nem para ele. Tyler suspira fundo e limpa as próprias lágrimas com a parte de trás da mão, antes de se levantar à velocidade da luz, agarrar alguma roupa do chão e sair disparado pelo quarto. Respiro fundo e embrulho mais o lençol à minha volta, sem saber ao certo o que pensar. Sinto uma onda de emoções contraditórias percorrer-me. O meu coração acelerado parece explodir no meu peito. Estou confusa, não só sobre o que acabou de acontecer, mas também sobre os meus sentimentos. Sento-me ao fundo da cama a olhar a paisagem levemente adormecida de Nova Iorque. Levo as mãos ao rosto, pousando o queixo sobre os nódulos dos dedos entrelaçados. É impossível eu negar que ver Tyler neste estado mexe comigo, o meu coração rasgou com cada lágrima sua como se de facas se tratassem.

Pela frincha da porta uma pequena luz vinda do resto da casa espreita sorrateiramente. Levanto-me e caminho até à porta, decidida a trazê-lo de volta para aqui. Mesmo antes de agarrar a maçaneta percebo que estou completamente nua e por um momento sinto-me constrangida. Tenho perfeita noção de que ele já viu tudo o que havia para ver, mas ainda assim acho um pouco exagerado caminhar pela casa sem nada vestido. Entro no seu *closet* à procura de uma simples *t-shirt*. Dezenas de fatos pendurados emolduram a pequena divisão. A madeira escura dos armários dá um aspeto elegante ao *closet* apenas iluminado pelas tiras de luzes que correm atrás da mobília. É como se fosse uma loja de roupa privada do homem que agora me dá voltas à cabeça.

Visto a primeira camisola preta básica que encontro e abro a porta rapidamente. Os meus passos são praticamente indetetáveis pelo longo corredor branco. Tyler não tem nenhuma fotografia pela casa, apenas alguns quadros abstratos e espelhos. Não sei o que esperar quando chego ao final do corredor, não sei se estará ainda a chorar, se estará agora zangado ou simplesmente mais calmo, mas apesar de ter fabricado na minha cabeça todas as possibilidades, não consigo deixar de pasmear ao vê-lo sentado no sofá com um copo pousado na mesa de centro. Fico a observá-lo discretamente, tentando controlar o barulho da minha respiração. As suas mãos agarram o seu cabelo com força. A sua respiração está descontrolada e parece bastante nervoso, o que faz o meu coração sobressaltar a cada vez que o seu corpo inspira. Tyler levanta-se repentinamente e agarra o copo que tem na mesa. Toda a sua frustração é depositada na força com que o atira através da sala e no grito arranhado e desesperado que solta. O cristal estilhaça-se em mil

pedaços no chão mesmo à minha frente, fazendo-me sobressaltar e sem querer revelar a minha presença a este descontrolado Tyler. Ele fica imóvel ao encarar-me, os movimentos que o seu peito faz a cada respirar sobressaem todos os seus recantos.

— Desculpa — balbucio a medo, preparando-me para dar meia-volta até ao quarto. Tyler aproxima-se de mim, tentando evitar os vidros no chão. As suas mãos robustas e masculinas envolvem o meu rosto, permitindo ao meu corpo relaxar sobre elas.

— Eu é que peço desculpa, Emma. — As suas palavras arrastam-se pela garganta rouca. Há uma perturbação na sua voz que vai para além do meu entender. Consigo ver a dor no seu olhar, uma dor profunda e complicada.

— Se calhar é melhor eu ir para casa — confesso derrotada. Tyler abana a cabeça freneticamente.

— Não podes fazer isso. — A sua testa encosta na minha, expirando com força o hálito a álcool. Respiro fundo e acaricio suavemente o seu rosto. Não sei bem como reagir, normalmente eu sou a pessoa desfeita que precisa de conforto, nunca estive do lado oposto e por isso não sei o que dizer ou fazer para o ajudar.

— Queres contar-me o que aconteceu? — Tyler parece pensar um pouco, processando se quer ou não partilhar o que quer que seja que lhe vai na alma. Decido sentar-me no sofá enquanto ele volta até ao bar para retirar dois copos de *whisky*, pousando-os sobre a mesa. Não me apetece beber, mas não tenho coragem de recusar, por isso limito-me a dar um pequeno gole ao mesmo tempo que ele.

— Às vezes eu tenho pesadelos. A maior parte dos dias estou tão cansado que nem me lembro de adormecer. Mas aquela casa... — Tyler expira e deixa cair a cabeça entre os braços que se dobram sobre os seus joelhos. — Aquela casa traz-me demasiadas memórias. — Cada palavra parece ser-lhe arrancada a ferros. O seu cérebro deve estar numa batalha constante entre o que quer e não quer dizer, e acho que a melhor maneira de o fazer sentir-se bem é se eu mesma abrir um pouco do meu baú de segredos.

— Eu também tenho pesadelos, Tyler. Tenho-os mais do que gosto de admitir. — O seu olhar encontra o meu de sobrolho franzido. Endireito-me e respiro fundo algumas vezes antes de dizer o que quer que seja.

— Isso tem alguma coisa a ver com as tuas cicatrizes? — pergunta-me antes de eu conseguir pensar no que ia dizer a seguir. Engulo em seco e bloqueio o meu olhar no dele. Ele prometeu não fazer perguntas.

— Tyler, por favor, isso é o meu assunto proibido, *OK*?

— Não me vais perguntar sobre o que são os meus pesadelos? — Apenas encolho os ombros e sorrio levemente, tentando acalmá-lo.

— Tu não ias contar mesmo que eu perguntasse, não me vou cansar com perguntas sem resposta. — Vejo-o sorrir com metade do lábio, o que considero um grande avanço no seu humor.

— É por isto que eu nunca deixo ninguém dormir comigo, isso é porque não me quero envolver. — Sou apanhada despercebida pela sua honestidade.

— Eu posso ir para casa, Tyler, é só chamar um táxi, eu não fico chateada.

— Tarde de mais, Emma... — responde apenas. — Qual é o teu maior medo? — Tyler aproxima-se de mim. Sinto o sabor da sua boca à medida que os seus lábios roçam os meus. O leve hálito a *whisky* deveria ser o suficiente para abrandar as emoções que me percorrem, mas em vez disso apenas torna tudo mais intenso.

— Não te posso dizer isso.

— Porquê?

— Porque é segredo, Mr. McLain. — Tyler engole em seco e afasta-se cautelosamente. — E o teu? — pergunto.

— Ser como o meu pai. — O meu estômago dá uma volta. Não estava minimamente à espera de que ele me respondesse, o que me faz abrir a boca num ponto que parece fazê-lo rir por um instante. — Idiota, não é? Quem vê todas as casas, carros, mordomos, pensa que temos uma vida de sonho, quando não passa de um terrível pesadelo. — Tyler tem o dom de pôr em palavras tudo o que eu sempre senti mas nunca consegui expressar. Talvez seja exatamente isso que faz dele um advogado brilhante.

— Podes sempre vender este apartamento e ir viver para uma cabana. — O seu sorriso comprova que consegui aligeirar o ambiente. Tyler aproxima-se e segura as minhas ancas com as mãos.

— Mas na cabana não há este sofá para brincar, Miss Montgomery. — O seu lábio morde o meu suavemente. Inspiro com força e queixo-me um pouco da sua ação.

— Ou, então, podes vender o *Tesla* e andar de transportes públicos. — As suas mãos agarram as minhas pernas com força, puxando-me para si.

— Ou posso voltar a levar-te para a cama e dar-te outro orgasmo. — Envolvero o seu corpo com ambas as pernas, prendendo-o contra mim.

As suas mãos seguram-me para se levantar e encaminhar-me para o seu quarto. Os beijos que trocamos explodem num entendimento mútuo que acho que nenhum de nós alguma vez sentiu. Como é que vamos alguma vez conseguir voltar ao normal depois disto? *Emma Adelaide, nada na tua vida alguma vez foi normal.*

Capítulo 16

Emma



Quando os meus olhos voltam a abrir, a luz da manhã já inunda o quarto. Sinto o meu corpo dorido e cansado, por isso decido ficar mais um pouco com a cabeça na almofada. O aroma do quarto não deixa dúvidas sobre quem é o seu dono. Todo o meu nariz é invadido por este cheiro intenso e masculino tão característico de Tyler. Coloco a mão sobre o lugar na cama ao meu lado, tentando perceber se ele ainda está aqui comigo, mas suspiro de desilusão ao sentir o vazio sobre o lençol cinzento. À medida que volto a ganhar consciência, consigo ouvir a voz dele ao longe. Não sei ao certo de onde está a vir e demoro um pouco a perceber se está a falar comigo ou se está ao telefone.

Levanto-me lentamente e pouso a mão sobre a testa, tentando apaziguar a dor de cabeça que bate como um martelo. A *t-shirt* preta que roubei do armário de Tyler ontem continua no meu corpo, mas as cuecas ficaram perdidas em algum lado. Procuro por todo o quarto, mas sem sorte. Expiro com força e desisto de procurar. *Vou assim mesmo.*

Abro a porta do quarto, puxando a camisola freneticamente para baixo. Primeiro viro o corpo em direção à sala, mas rapidamente apercebo-me que o som não vem de lá. Ainda assim, continuo até à cozinha para beber um copo de água. Os vidros do copo foram limpos e a sala ganha agora outra vida com a luz do dia. Abro o frigorífico e retiro o jarro de água que está lá dentro, enchendo um copo que bebo de uma só vez. A voz exaltada de Tyler chama-me à atenção na direção oposta, mais para o interior da casa onde ainda não estive. Pouso o copo na bancada, percorro o corredor e observo todas as portas, ponderando o que se esconde por detrás delas. Quando encontro a porta de onde o som vem, a forma chateada de Tyler detém-me de a abrir:

— *Mas ainda quer que eu faça mais do que aquilo que me pediu?! Eu não sou a sua marioneta! O que quer que seja que tem para fazer hoje, eu não tenho nada que ver com isso!*

Uma pausa surge no seu discurso, mas com ela vem também o som de uma forte pancada. Acho que Tyler deu um soco em algo, talvez uma poltrona, pelo som abafado. Já testemunhei Tyler com milhares de humores diferentes, mas o Tyler descontrolado é talvez aquele que mais me prende a ele. Há nele um desespero por algo que é difícil perceber e que me faz querer ficar mais do que qualquer coisa. Passeio os dedos sobre a maçaneta, ainda contemplando se devo abrir a porta ou não. Ele deve estar numa chamada de trabalho, mas ao mesmo tempo não consigo abafar esta vontade de o ver.

— *Eu não quero continuar! Isto está a ficar demasiado confuso! Eu estou*

a envolver-me demasiado!

Mais uma longa pausa. A curiosidade apodera-se de mim. Encosto o ouvido à porta de forma a ouvir melhor, tentando decifrar exatamente do que se trata a conversa.

— OK! *Agora pare de me chatear, por favor. Eu faço isso, mas que seja a última vez que me pede tal coisa, porque eu juro que não vou continuar com este plano.*

Sobressalto-me ao ouvir os pés de Tyler caminharem rapidamente. Quando penso que ele vai abrir a porta, ouço uma cadeira ser puxada, por isso assumo que ele se sentou. Bato à porta levemente, mas assim que o faço, sinto uma onda de nervosismo percorrer-me. Nós combinamos que isto seria apenas uma noite, que não ia haver envolvimento. E se ele ficar chateado por eu ainda aqui estar? Será que devia ter saído sem lhe dizer nada? Não consigo entender como é que deixei envolver-me desta maneira, normalmente é tudo tão simples. Apenas uma noite de diversão e nada mais, mas com Tyler é diferente.

— Emma? — ouço-o perguntar. Abano a cabeça, interrompendo os pensamentos que tanto me estão a causar ansiedade. Abro a porta gentilmente e espreito para dentro, olhando em redor à procura dele.

Tyler está sentado numa secretária de madeira escura rodeada por estantes com centenas de livros. As habituais janelas altas também emolduram uma das paredes do escritório, deixando a luz da manhã acentuar o chão de madeira natural e as prateleiras escuras como a secretária. Sorrio-lhe levemente e fecho a porta atrás de mim, atrevendo-me a caminhar até ele para me sentar numa das poltronas cinzentas que estão à sua frente. Os seus olhos levantam da montanha de papéis para me encararem descaradamente. Cruzo as pernas ao sentar-me, tentando disfarçar a minha falta de roupa interior, mas é difícil manter-me confortável com Tyler a olhar-me desta maneira. Mordo o lábio ao vê-lo nesta posição de poder, em tronco nu e com as calças de fato de treino cinzentas.

— Bom-dia — diz-me, ao dobrar levemente os cantos dos lábios.

— Nem ao domingo descansas? — pergunto, enquanto tento perceber o que raio são aquelas montanhas de papéis que tem à sua frente.

— Achas que Nova Iorque se chama a cidade que nunca dorme por capricho? — Ambos rimos levemente.

— Não, mas tu és a minha boleia para casa, e eu também tenho trabalho académico para fazer. — Tyler coloca os cotovelos na secretária e entrelaça os dedos para pousar o queixo sobre eles.

Os seus olhos continuam com dificuldade em desviar do meu semblante. Eu devo estar horrível com este cabelo completamente desalinhado, banho por

tomar e a sua *t-shirt* que dificilmente tapa mais do que as minhas nádegas. Clareio a voz e sento-me mais para a frente na poltrona, puxando o tecido preto para baixo. Tyler fecha o computador para se levantar, dando a volta à secretária. O seu corpo encosta na berma com as mãos a agarrá-la, expondo as veias agora mais salientes das suas mãos e braços.

— Que me dizes a trabalhar aqui comigo hoje? — propõe. Ergo a sobrancelha um pouco confusa com a sua sugestão.

— Eu pensei que ias querer que eu fosse embora, até apanhava um táxi se estivesse muito ocupado. — O seu ar jovial e descontraído, tensa com as minhas palavras.

— Se eu quisesse que fosses embora já te tinha mandado sair ao tempo, aliás, nem tinhas cá dormido. — Baixo a cabeça para olhar as minhas mãos. Tento esconder o sorriso satisfeito por ele admitir que me quer aqui.

— Por muito tentadora que a tua proposta seja, eu não tenho aqui nada. Nem o computador nem roupa para vestir. — Tyler revira os olhos e expira com força.

— Os empregados do teu pai não servem só para decoração. Pede a alguém que te traga o que precisas, mas não é só para trabalhares, logo vamos sair. — Levanto a sobrancelha espantada com a sua proposta.

— Sair? — pergunto ainda em choque. Tyler aproxima-se, ficando em pé, extremamente próximo de mim.

— Sim, sair. Numa discoteca, beber, com música... — Sorrio pela forma sarcástica como explica o que é uma saída.

— Eu percebi, mas não julguei que fosses pessoa disso. — Tyler encolhe os ombros e estende-me a mão. Agarro-a e levanto-me lentamente da poltrona, tentando que a camisola não levante, revelando a minha nudez. Tyler franze o sobrolho ao ver-me segurar a camisola com tanto desespero. A sua mão entra rapidamente pelo fino tecido preto e toca-me atrevidamente, fazendo-me saltar com o meu próprio suspiro. Seguro-me nos seus ombros para não perder o equilíbrio e foco o meu olhar no dele.

— Sem cuecas, Miss Montgomery? Sempre cheia de surpresas. — Antes de dar tempo ao meu cérebro de ponderar a decisão, atiro-me aos seus lábios intensamente. As nossas bocas embrenham-se novamente num encontro desesperado à medida que as mãos de Tyler continuam a tocar-me.

— Ainda não estás saciado? — pergunto atrevidamente.

— De ti? Nunca. — Tyler arregala os olhos assim que me responde. O meu rosto copia a sua expressão de choque. O seu corpo separa-se do meu bruscamente à medida que passa a mão pelo cabelo e clareia a voz. Fico a observar cautelosamente os seus movimentos. Ele volta a sentar-se à secretária, desviando o olhar do meu com medo de me encarar.

— Tyler, eu posso ir-me embora. — Coloco as mãos na secretária, sobrevoando o meu corpo sobre a imensa papelada na sua direção. Os seus olhos finalmente cruzam os meus, soltando um suspiro exasperado.

— Emma, não, fica aqui. Pede ao Owen ou a alguém para te trazer coisas e vamos sair, eu já combinei com os meus amigos. — Arregalo os olhos. *Amigos?* Ele vai levar-me a sair com os amigos dele?

— Tu tens a certeza de que queres que eu vá? — Tyler cruza os braços e afasta um pouco a cadeira.

— Porque é que não ia ter? — pergunta-me.

— Porque isso é quebrar muitas regras? — Tyler estica-me a mão. Contorno a secretária e caminho até ele, pousando a minha mão sobre a dele. O seu braço puxa-me até me sentar sobre o seu colo, envolvendo-me no seu abraço.

— Nós já quebrámos muitas regras. O que são mais algumas? — Forço um sorriso, ainda sem estar convencida com a sua resposta. Sim, é verdade que o que fizemos nos últimos dias viola demasiadas cláusulas do nosso acordo. Se já jantei com os pais dele, o que é uma saída de amigos?

— Vou ligar ao Owen — afirmo, enquanto me levanto do seu colo.

— Antes disso, vem comigo ao quarto, há uma coisa que não vais precisar. — Franzo o sobrolho mas sigo-o sem questionar as suas intenções.

Tyler caminha para o *closet* e dele tira um saco branco com um laço dourado. Decido sentar-me na ponta da cama enquanto o olho ainda confusa. Tyler entrega-me o elegante saco da *Yves Saint Laurent*. Solto um grunhir chateado, ele não pode continuar a comprar-me coisas e depois a negar o que temos um com o outro.

— Tyler, não podes estar sempre a comprar-me presentes! Especialmente presentes destes. — Fico a segurar o saco um pouco confusa com tudo. Por que raio tinha ele este presente no seu armário?

— Não é o teu aniversário em breve? — petrifico a olhar para ele.

— Como é que sabes disso? Eu nunca celebro o meu aniversário. — Não tencionava contar-lhe sobre a data que mudou a minha vida. Não celebro o meu aniversário desde aquela noite. Os seus olhos franzem enquanto as suas mãos pousam sobre os meus joelhos. Sei que ele quer perguntar-me porque é que não celebro a data, mas se o nosso acordo serve para alguma coisa é para isto.

— Eu não vou poder estar contigo nesse dia. Tinha comprado a prenda para te dar antes ou depois, mas acho que te pode dar jeito hoje. Abre, vais gostar. — Tyler não me encara enquanto fala. Continuo a acariciar o saco suavemente, contemplando se o devo abrir.

— Eu nunca te ofereci nada. Não te dei nada nem no Natal nem no teu

aniversário. Não posso aceitar, Tyler, isto, sim, não faz parte do nosso acordo. — Ele respira fundo um pouco chateado com a minha constante recusa.

— Sabes que és a pessoa mais chata de sempre para dar presentes não sabes? — Suspira exasperado.

Volto a agarrar o saco branco e fico a encará-lo por alguns momentos. Isto é tudo demasiado estranho; para uma pessoa que não tem relacionamentos, Tyler sabe ser extremamente carinhoso e romântico. Eu sei o que são relações casuais e isto não é uma delas. Decido finalmente retirar a caixa dourada do interior do saco e coloco-a no meu colo antes de a abrir. Consigo sentir os olhos nervosos de Tyler postos em mim, seguindo cada movimento meu. Levanto a tampa e pasmo a olhar para o incrível vestido de renda branca. Seguro-o com as mãos a tremer e encosto-o ao meu corpo enquanto caminho para o espelho de corpo inteiro do *closet*. O vestido é curto, parando por cima do joelho, mas tem as mais incríveis mangas compridas e gola subida, completamente coberto na mais elaborada renda branca que alguma vez vi.

— Diz alguma coisa — pede Tyler nervosamente. Volto o olhar para ele e solto o mais genuíno dos sorrisos. Pouso suavemente o vestido na cama e atiro-me para os seus braços com toda a minha força, fazendo-o cair para trás com a surpresa.

— Eu não sei como te agradecer. É incrível, Tyler, obrigada! — exclamo entre beijos que o fazem soltar pequenos risinhos tímidos.

As suas mãos agarram o meu rabo e empurram-me para ele, voltando a acender todos os meus sentidos. Começo involuntariamente a roçar o meu corpo contra o seu, provocando-lhe aqueles sons animalescos que me endoidecem. Agarro o seu rosto com alguma força e enterro os meus lábios nos seus. Tyler olha-me intensamente enquanto segura a bainha da *t-shirt* preta que me cobre o corpo. Antes de lhe dar tempo para pensar, eu própria dispo a camisola, revelando-me perante ele uma outra vez.

— Acho que já descobriste como me agradecer.

Voltamos a embrenhar-nos na única coisa que não é confusa entre nós. Fora desta cama tudo é confuso, tanto nas nossas vidas como nos nossos sentimentos. Aqui não há trabalho, não há problemas, não há confusão. Estamos em sintonia, como uma composição clássica comandada pelo mais experiente dos maestros.

reunidas pela casa, incluindo o meu computador. Tyler e eu passamos o resto do dia no seu escritório a trabalhar, apenas fazendo uma pausa para almoçar uma *pizza* que eu insisti em pedir com ananás, apesar de Tyler achar que isso ia rebentar a terceira guerra mundial. São agora nove da noite e estou na casa de banho do quarto a acabar de colocar o batom rosa-velho que combina perfeitamente com a maquilhagem escura que fiz nos olhos. Assim que me sinto pronta, abro a porta e fico a observá-lo a apertar os botões da camisa azul-bebé que lhe assenta como uma luva, fazendo-me suspirar.

Tyler levanta o olhar para mim, quase caindo para trás na cama com a força da sua surpresa ao ver-me com o vestido que me comprou. Por muito que os seus presentes me confundam, tenho de admitir que ele tem um gosto impecável. O vestido abraça-me elegantemente pelo corpo, tapando os meus braços com a renda elaborada, mas expondo as minhas pernas. É ao mesmo tempo elegante e provocador. Ergo levemente a sobrancelha e esboço um sorriso, sabendo perfeitamente as sensações que isso lhe provoca. Tyler levanta-se da cama e caminha até mim com um sorriso tonto, colocando a mão na minha cintura e puxando-me para si.

— Fazes ideia do quão deslumbrante és? — diz-me. Limito-me a sorrir, sem saber bem o que lhe responder.

A sua mão segura-me o rabo e aperta-o levemente, endurecendo os seus olhos com o desejo que o volta a consumir. Já estive com alguns homens na minha vida, não posso dizer que nunca tinha gostado de sexo antes de Tyler, mas com ele é diferente. Não é suposto haver este desejo constante, esta vontade que não apaga e que nem me deixa pensar. As coisas devem ser calmas, mas connosco cada movimento que fazemos na cama é como se fosse o último, num ritmo desesperado que nos consome mesmo quando cessa. Os seus lábios beijam-me relutantemente, talvez por não querer sujar-se com o batom. Os seus dedos voltam a tocar-me suavemente, mas a sua expressão continua dura. Quando a sua mão para de me tocar, não evito soltar um suspiro desesperado, tentando aliviar o mau humor que a sua interrupção me deixou.

— Vais pagar caro por isso — ameaço. Tyler ri-se e agarra o seu *blazer* de cima da cama, vestindo-o sem tirar os olhos de mim.

— Isso é uma ameaça, Emma? — pergunta-me, enquanto agarra o meu pulso para me puxar para ele. Beijo o canto do seu lábio e atrevo-me a roçar a língua ao de leve na sua boca.

— É uma promessa, Tyler. — Dou ênfase no seu nome. — Estamos atrasados, Mr. McLain. Temos muito tempo para brincar depois. — Caminho até ao elevador sem conseguir conter a gargalhada sinistra que se forma na minha garganta. Tyler junta-se a mim rapidamente e assim que o elevador

abre, a sua mão agarra o meu braço e empurra-me com força para o vidro que fornece as incríveis vistas da cidade. Mordo o lábio, tentando prender ainda mais o riso.

— Isto tem piada para si, Miss Montgomery? Quem vai pagar caro és tu, entendes? — A sua mão agarra o meu maxilar, virando-me para ele.

— Eu não tenho medo. — Tyler foca o seu olhar no meu, encostando o seu corpo a mim.

— De mim? Talvez não, mas e daquilo que eu te faço sentir? — Apenas digo que não com a cabeça, incrédula com a sua pergunta disfarçada de aviso.

— Eu não sinto nada, Tyler. — Minto muito mal. Antes de ele poder responder, o elevador para na garagem, abrindo a porta e deixando dois vizinhos de olhos arregalados sem saber o que dizer.

Tyler clareia a voz e endireita o corpo sem dizer nada. A sua mão entrelaça na minha e encaminha-me até ao carro. Sinto as bochechas queimarem, devem estar tão vermelhas como um tomate.

— Isto foi constrangedor.

— Podia ter sido bem pior. Podiam ter-me apanhado com os dedos dentro de ti, isso, sim, seria constrangedor. — Abro a boca ao ponto de o maxilar me doer. Às vezes as coisas que ele diz deixam-me sem palavras, mas pelas gargalhadas que ele solta isso parece entretê-lo imensamente. Baixo a cabeça e entro rapidamente no carro, tentando esconder o meu espanto que agora se mascara com um sorriso envergonhado.

Quanto mais Tyler conduz, mais eu imagino como será esta noite. Todas as malditas regras que tentamos colocar entre nós estão a desfazer-se como um castelo de areia na praia, ficando apenas uma vaga marca do sítio onde estavam anteriormente. Não sei quanto tempo vou conseguir continuar a mentir a mim própria. Isto não é casual, não é simples, pelo menos para mim.

Capítulo 17

Tyler



Paro o carro em frente ao gigante edifício envidraçado. Abro a porta e contorno o carro para abrir a dela. Mantenho as mãos nos bolsos das minhas calças pretas, evitando que ela a procure ou que eu caia na tentação de lhe oferecer. Sinto-me a maior besta deste mundo, mas tudo isto é necessário para devolver a distância que nunca devia ter quebrado entre nós. Entrego as chaves ao valete que caminha até nós e subo a enorme escadaria até à porta principal. Emma segue-me de cabeça baixa. Desde que saímos do meu apartamento que não disse uma palavra e eu sei exatamente porquê. Estou a criar nela uma confusão que em mim não existe, tudo é claro como água, simplesmente não lhe posso explicar.

— Tyler McLain — digo apenas ao segurança da entrada. O homem de camisa preta, calças pretas e óculos escuros procura pela lista que tem à frente. O último andar do arranha-céus é um bar extremamente exclusivo que necessita de convite para se poder entrar. O segurança aponta para a Emma à espera de que eu diga o nome dela.

— E ela? — pergunta rudemente.

— Está comigo. — O segurança franze o sobrolho mas acaba por abrir a porta contrariado. A sua mão levanta a corda que nos separa da porta e apenas consinto com a cabeça antes de entrar.

— Tu tens a tendência de não dizeres a ninguém quando me trazes contigo — diz-me Emma.

Acho que não era suposto ter ouvido isto, mas ela não falou baixo o suficiente. Aperto o maxilar, tentando engolir as verdades que me vêm à boca. Mantenho-me em silêncio enquanto espero que o elevador apareça para podermos subir. Ela suspira fundo talvez um pouco farta das minhas atitudes contraditórias. É bom sinal, quanto mais ela se farta de mim mais fácil tudo se vai tornar. Quero que ela me odeie. Quero que ela seja apenas mais uma. Quero parar com isto antes que seja pior para todos.

Limito-me a colocar a mão nas suas costas para a guiar para dentro do elevador, subindo até ao 70.º andar. A cada número que muda no ecrã do elevador, o meu coração sobressalta-se. Normalmente estou em controlo de tudo, afinal não me tornei no advogado que sou sem ter poder supremo sobre tudo o que faço, mas agora sinto-me perdido. Os meus amigos nunca me viram com ninguém ao meu lado, sem ser a sair de uma festa até à minha casa. Isto não é normal a todos os níveis, mas especialmente não é normal a dificuldade que estou a ter em manter a distância dela. Basta-me sentir os seus contornos debaixo da minha mão para me fazer engolir em seco e perder o ar

dos pulmões. O elevador abre já dentro da discoteca. O som da música é ensurdecedor e uma montanha de pessoas junta-se a dançar loucamente no centro. É raro vir a um sítio destes, mas quando venho, nunca trago companhia, dando asas à possibilidade de encontrar alguém sóbrio o suficiente para tomar a decisão de vir comigo embora. Emma puxa-me o braço, distraíndo-me do meu devaneio de uma outra vida.

— A Courtney ia adorar isto! Ela é como eu, sabes? Adora dançar. — Não consigo evitar sorrir. Emma lança-me um olhar convidativo que me retira momentaneamente o ar descontraído.

— Nem pensar, Emma. Nem morto me apanhas a dançar numa discoteca — afirmo o mais seriamente que consigo. Ela morde o lábio ao olhar-me de alto a baixo.

— Diz-me isso daqui a umas cinco tequilas. — Coloco a mão nas suas costas e puxo-a para mim sem pensar. Apanho-me no impulso de a auxiliar na mordida dos seus lábios, mesmo a tempo de ser interrompido pelo som do meu próprio nome.

— Tyler! — ouço gritar.

Viro a cara e vejo Damien sorrir na minha direção e a abanar a mão no ar. O seu ar brincalhão dissipa-se à medida que caminha até mim pela multidão e me vê na companhia de Emma e com a mão ainda pousada nas suas costas. Rapidamente volto a colocá-la no bolso, tentando disfarçar o meu óbvio desconforto. O olhar de Emma encara o meu, desiludida, mas consente com a cabeça, parecendo compreender o porquê do meu gesto. Damien chega agora junto de nós e apressa-se a abraçar-me com força, apanhando-me desprevenido. Não consigo evitar rir com a sua reação entusiasta.

— Damien, parece que andei desaparecido em combate. Viste-me antes do Natal, lembras-te? — brinco. O seu olhar intrigado desvia-se para Emma e novamente para mim.

— Mas quando te vi, não trazias uma mulher destas contigo. Vais apresentar-me ou nem por isso? — Engulo em seco, tentando escolher cautelosamente as minhas palavras. Emma estende rapidamente a mão para Damien.

— Emma Montgomery, sou amiga do Tyler. — Quando o ar me sai repentinamente dos pulmões, percebo que estive este tempo todo a sustentar a respiração. De alguma maneira, ela sabia o que me estava a afligir e fez o que eu não tive coragem para fazer.

— Montgomery? — questiona Damien de olhos arregalados. A sua gargalhada enche a sala tanto como a música. — Tyler, tu sempre foste imprevisível, mas a filha do teu patrão é capaz de ser arriscado, não achas? — Fulmino-o com o olhar para que se cale. Ele limita-se a apertar a mão de

Emma gentilmente ao perceber que abriu mais a boca do que devia. — Damien Fox. Agora já se pode beber?

— Dá-me o mais forte que encontrares — afirmo. Damien afasta-se para ir até ao bar buscar bebidas, dando-me oportunidade para encarar o rosto chateado de Emma. — Desculpa... Não sabia o que lhe dizer.

— Por isso disse eu. Somos amigos que *foderam* toda a noite, não é? Achei melhor omitir essa última parte. — Pasma a olhar para ela. É raro eu ficar sem palavras, mas ela é capaz de o fazer com uma naturalidade impressionante. Damien aproxima-se com três *Long Island Iced Teas* e o seu irritante sorriso na cara. Emma agarra um dos copos e começa a beber com alguma rapidez. Engulo em seco algumas vezes, tentando controlar a respiração evidentemente acelerada. Damien abafa uma gargalhada e entrega-me a bebida.

— Bebe amigo, acho que estás a precisar — diz-me com ironia. Dou três goles fortes, sentindo o ardor do álcool na garganta. — Vamos? O resto do grupo está sentado ali.

Sigo Damien com uma mão no bolso e outra a segurar a bebida. Emma segue-me, mas mantém a atenção na pista de dança para onde sei que quer que eu vá com ela. Não posso fazê-lo. Tenho de me relembrar da distância que tenho de implementar entre nós. Em redor de uma mesa baixa estão o resto dos meus amigos, sentados em pufes de pele preta cada um com a sua bebida. Todos ficam confusos com a chegada de Emma atrás de mim.

— Já viram? O McLain agora já traz a companhia com ele em vez de a levar só à saída! — Petrifico a olhar Jason e fecho a mão em punho. Jason ri alto e levanta as mãos em sinal de rendição. — Calma! Estava só a brincar! Se não a levas embora, levo eu. — Limito-me a sentar no pufe vago, deixando algum espaço para Emma se sentar ao meu lado, mas ela permanece em pé, acabando a sua bebida. O seu copo pousa com força na mesa de centro e sorri ironicamente para mim antes de focar Jason.

— Levar embora é um redondo não, mas podes levar-me até à pista de dança. — Olho rapidamente para ela. Quero mais do que tudo impedi-la de fazer isto e agarrar a sua mão para ser eu a levá-la a dançar. Jason caminha sorridente até Emma que segue à sua frente até à pista de dança. Fico a olhá-los à distância, apertando o copo com tanta força que é impressionante como não se parte. Bebo o resto de uma só vez e fico a observar o copo vazio.

— Devíamos beber uns *shots*, o que acham? — afirma Chloe.

— Traz-me o mais forte que tiverem. Não interessa o que é. — Ela afasta-se de mãos dadas com o namorado, Daniel, ambos confusos com o meu humor.

Não pode ser assim tão óbvio que estou a deitar fumo pelas orelhas por a

ver dançar com um dos meus amigos. Eu recusei dançar com ela, de que é que estava à espera? E pior, porque é que me importo? *Não quero saber, ela é só mais uma.* Ainda assim, é-me difícil tirar os olhos deles por um momento que seja. De vez em quando voltam para a nossa mesa para beber um copo e é só aí que evito cruzar os nossos olhares, se o fizesse já não a ia deixar ir. A cada *shot* que vou bebendo, a minha cabeça parece separar-se do meu corpo, sinto-me como se estivesse a dormir e a ter um pesadelo ao vê-la dançar assim com um dos meus melhores amigos. Sobressalto-me ao sentir a mão de Damien bater-me no ombro.

— Então? Estás assim tão apanhado por ela? Nunca te vi assim com ninguém. — Afasto a mão dele bruscamente e volto a engolir outro *shot*.

— Não sei do que estás a falar. Tu conheces-me, só há uma coisa que quero dela. Por mim pode dançar com o Jason toda a noite. — As palavras entalam-se pela minha garganta. Quando Chloe chega com um novo tabuleiro, agarro dois copos de um líquido transparente e bebo imediatamente. Neste momento já tudo me sabe ao mesmo, só sei que preciso desta bebedeira para voltar ao meu eu normal.

— Nota-se. Estás com ciúmes, não tentes negar. Ela não é só uma cara bonita, amigo, tu sabes disso. — Reviro os olhos com as suas palavras. É claro que ela não é só uma cara bonita, ela é muito mais do que algum deles alguma vez saberá. *Merda, isto tem de acabar hoje.* Damien entrega-me outro copo com *whisky* para a mão. Aquela pequena quantidade não é suficiente, engulo tudo de uma vez e rapidamente levanto-me para ir até ao bar.

A tarefa de andar apresenta-se mais complicada do que antecipei. Os meus pés cambaleiam e tenho dificuldade em seguir uma linha reta. Vejo-os dançar no meio da pista e o calor que me ruboriza as bochechas é incendiado pela visão da Emma com Jason. *É comigo que ela devia estar a dançar.* Ao passar pela multidão vou propositadamente contra Jason com alguma força, fazendo-o tropeçar ligeiramente.

— Então, Tyler? Vê por onde vais, diabo! — Paro de andar e viro-me para ele. Sinto os olhos arder, mas ao mesmo tempo não consigo evitar rir da expressão confusa deles.

— Eu vou dançar com ela e tu estás no meu caminho. — Emma olha para mim, pasmada.

Limito-me a estender-lhe a mão que ela relutantemente agarra. Sei que ela estava à espera há horas que eu fizesse isto, mas já ficou estabelecido que sou um cobarde. Um empregado passa com uma bandeja de copos cheios em direção à nossa mesa. Agarro um copo ao acaso e bebo de uma só vez sem saber ao certo o que era.

— Não se preocupe, aqui o meu amigo já vai pagar. Aliás... — Agarro

mais dois copos, ficando com um e dando o outro a Emma. — Ele vai pagar mais estes também. — Jason fulmina-me com o olhar.

— O que é que se passa contigo, *meu*? Tyler, se calhar devias ter calma com as bebidas. — Jason tenta agarrar o meu copo mas eu afasto-o da sua direção, rindo da sua expressão preocupada. Ele não faz a menor ideia do quanto eu preciso de estar bêbado.

— Dançaste com ela este tempo todo e nem lhe pagas uma bebida? Não admira que ninguém te queira. — Jason empurra o meu braço com alguma força, fazendo verter a bebida para o chão. A minha mente começa a ferver e a minha única vontade é desfazer-lhe a cara toda. Emma agarra o meu braço cerrado em punho e puxa-me para si.

— Tyler, já chega! — grita-me. Viro o olhar para ela e aprecio os seus olhos azul-vivos debaixo das luzes do bar. Sinto os meus lábios secar e pedirem mais álcool, *ou mais Emma...*

Emma acaba a sua bebida rapidamente e pousa o copo num canto qualquer. A sua mão puxa o meu braço, encaminhando-a mais para o meio da multidão com alguma força. Sinto-me tonto e um pouco desorientado, não sei se é por causa do álcool ou se pela sensação familiar da sua mão no meu corpo. Seguro-a pela cintura enquanto os seus braços envolvem o meu pescoço. A música é lenta o suficiente para a incentivar a dançar com o seu corpo contra o meu. Respiro fundo de cada vez que a sinto roçar contra mim, tentando suportar a minha excitação agora bem formada. Só penso em sentir o seu corpo no meu novamente, levando-me a enfiar uma mão por baixo do seu vestido até tocar o seu rabo. Emma estremece e tira a minha mão bruscamente.

— Estamos no meio de uma discoteca, lembras-te? — ralha-me. Apenas sorrio e puxo-a mais contra mim.

— A sério? Não tinha reparado. — Fecho os olhos com alguma força ao sentir a luz desaparecer momentaneamente. Parece que o chão me está a fugir dos pés e quase me arrependo de ter bebido tanto, mas só quase.

— Não consegues ouvir a música? Bem, isso está pior do que pensei. — Roço rapidamente o meu corpo no dela, expondo a minha excitação. Emma suga todo o oxigénio que lhe é possível num suspiro que abafa tudo à minha volta.

— Só consigo ouvir os teus gemidos. Que me dizes a sairmos daqui? Divertíamos-nos mais no meu apartamento. Podia fazer-te gemer o resto da noite. — Ela estremece com a minha afirmação, mas abana com a cabeça como se estivesse em negação.

— Tyler, para. Este não és tu — diz ao meu ouvido. A sua voz arrepia todo o meu corpo, aumentando a sensação de visão túnel. Começo a rir, não

sei porquê, apenas é a única reação que consigo ter. As gargalhadas fazem doer a minha cabeça, mas ignoro por completo a dor.

— Achas? Se calhar não conheces o verdadeiro Tyler. Isto sou eu numa noite normal, *querida*. — *Merda*. A palavra escapou-me sem eu ter tempo de pensar. Engulo em seco várias vezes até decidir afastar-me dela por completo. Emma permanece de boca aberta, em completo choque com o que acabei de dizer.

— Tyler... — Levanto a mão, interrompendo o que ela ia dizer. A palavra escapou, não quer dizer nada. Estou cada vez mais a enterrar-me e a dar-lhe a ideia errada.

— Eu não estou a pensar bem, Emma. Preciso de espaço. Eu já volto.

Deixo-a no meio da pista e caminho até ao bar. Não olho para trás à medida que caminho. Qualquer troca de olhares pode ser o suficiente para me fazer perder o controlo da situação. Sento-me ao balcão e peço ao empregado um copo bem cheio de *vodka* cola. Ele olha-me torto, mas acaba por ceder ao ver a nota de 100 dólares, que deslizo até ele. Rodopio o copo algumas vezes entre goladas. Eu não sabia que era possível ter a vida tão destruída e confusa como agora. Esta brincadeira levou-me a um caminho sinuoso do qual não consigo sair. *Era só sexo!* Era só esse o meu trabalho. Convencê-la a ter sexo comigo algumas vezes para ambos nos entretermos, mas não, tinha de meter os pés pelas mãos. Eu não preciso disto, não preciso dela para curar o meu passado. Estava perfeitamente bem até isto acontecer. Eu posso ter qualquer mulher que está nesta discoteca por uma noite, mas esse é o problema, eu só as quero por uma noite. Rapidamente fico aborrecido da rotina e afastam-me. Deixo cair a cara entre as mãos com os cotovelos pousados no balcão. Sinto umas mãos tocarem as minhas costas, fazendo-me contrair com a surpresa. As mãos suaves afagam as minhas costas com confiança. Suspiro ao imaginar Emma massajar-me desta forma, mas ainda não me sinto pronto para a encerrar.

— Por favor, eu pedi espaço. Já volto para a mesa.

— Espaço para quê, querido? Ambos sabemos que nunca foi isso que quiseste de mim. — Esta voz não é da Emma. *Oh, não...*

— Lexi. — Por momentos acho que o álcool me está a pregar partidas, mas assim que viro a cara vejo os seus olhos negros brilharem na minha direção. Contraio o maxilar, tentando não expressar qualquer surpresa. Ela sorri e apressa-se a abraçar-me. Afasto-me o mais rapidamente que o meu corpo bêbado me deixa, intensificando as tonturas na minha cabeça.

— Acho que nunca te vi assim tão bêbado. Da maneira como estás quem te levava para a cama hoje era eu. — Sustenho a respiração.

— Isso nunca mais vai acontecer, Lexi, eu fui claro. — Tapo a cara com

as mãos e viro-me para o empregado do bar com algum esforço. — Água, acho que já chega por hoje. — O homem revira os olhos, talvez por ter tentado dar-me água antes de eu ter insistido na porcaria da *vodka*.

— Quase que me convences. Isto é tudo pela *cabra* que estava a dançar com o Jason há pouco? Parecias bastante incomodado. — Lexi coloca o seu corpo à frente do meu, bloqueando o meu campo de visão. Volto a chegar-me para trás, mas o bar impede que fuja muito mais.

— Não tens nada a ver com isso. — Ignoro o insulto dela para Emma. Reagir seria estúpido da minha parte.

— Eu quero que acabes tudo o que tens com ela. Vais fazer isso agora. — Não consigo conter a gargalhada que enche o bar mais que a música. Lexi sorri, o que me faz parar de rir pois é um sorriso sinistro e malicioso que imediatamente me deixa nervoso. — Vais fazer o que te digo, Tyler, senão eu vou contar-lhe tudo o que sei. — Gelo. Os meus olhos param nos dela como em busca da verdade.

— Não há nada para contar. — Tento relaxar enquanto falo. É quase impossível ela saber alguma coisa sobre mim e a Emma, muito menos a verdade.

— Mas há, Tyler. Eu sei tudo, sei exatamente o que lhe estás a esconder. Coitada, vai ficar despedaçada quando souber. Só que eu sei que perdê-la te vai destruir a ti também, por isso estou a dar-te a opção. Podes sair disto só tu magoado ou os dois. — Os seus olhos penetram os meus com a vitória estampada neles. Não lhe vou dar esta satisfação, tanto quanto sei pode estar a fazer *bluff*. Levanto-me bruscamente e agarro o seu braço com demasiada força. O sorriso desaparece-lhe do rosto e é substituído pelo medo.

— Achas que ameaças resultam comigo? Podias ser a única mulher no mundo e mesmo assim eu não ia ter nada contigo. O que quer que pensas que sabes, vais esquecer. — Preparo-me para continuar a falar quando por um segundo desvio o olhar para um grupo que começa a caminhar de costas na minha direção. Lexi tenta soltar o braço, mas é impossível ela ter força suficiente para se soltar de mim. Um pouco da multidão afasta-se e consigo ver Emma a tentar soltar-se dos braços de um homem.

— Tyler! — ouço-a gritar.

Todo o meu corpo reage sem pensar. Largo o braço de Lexi e empurro-me pelo meio da multidão, derrubando algumas bebidas pelo caminho. Não sei como consigo arranjar a destreza para andar, mas a adrenalina comanda todo o meu corpo. Sem deixar passar dois segundos, agarro o homem pelos colarinhos da camisa e enfio-lhe um soco forte na cara. O homem cai no chão provocando alvoroço nas pessoas à nossa volta. Ainda sinto a sua pele contra os nós dos meus dedos e o alívio que me trouxe finalmente canalizar tudo o

que sinto num brilhante soco. O homem limpa o canto do lábio ensanguentado com um sorriso estampado. A raiva volta a possuir-me. Baixo-me para o levantar do chão e volto a dar-lhe um valente soco.

— Ainda achas piada?! Ou precisas de levar mais?! — grito-lhe. Emma apressa-se a puxar o meu braço, desviando a minha atenção para ela.

— Tyler, já chega! Eu estou bem! — As suas mãos pousam no meu braço tenso que ainda segura a camisa deste idiota, mas os meus olhos estão agora nos dela.

— Eu vou desfazê-lo, Emma! — grito.

— Não vais fazer nada! Queres a tua cara amanhã na capa de um tabloide? Vamo-nos embora. — Ela tem razão. Largo-o e rapidamente envolvo um braço à sua volta, apertando-a contra mim. As pessoas parecem todas voltar às suas conversas, todas exceto os meus amigos. Damien olha-me com a boca aberta como se tivesse visto um fantasma. Não me importa o que estão a pensar, tudo o que importa é se ela está bem e se aquele anormal não a magoou. Só o pensamento do que podia ter acontecido endoidece-me mais do que qualquer coisa.

— Diz-me que ele não te tocou — digo em voz rouca. O álcool secou-me imenso a garganta e todas as palavras parecem arranhar.

— Vieste a tempo. — A sua cabeça enterra-se no meu peito e não resisto em beijar-lhe a cabeça, inspirando o seu aroma. *O que é que estás a fazer comigo, Emma?*

Sem dizer mais nada a ninguém, caminho com ela debaixo do meu braço até à saída. Reparo uma última vez em Damien que me sorri genuinamente. Levanto a mão apenas para lhe acenar e ignoro os olhares confusos do resto do grupo. Entrego o cartão dos casacos ao porteiro com as mãos a tremer da bebedeira. Quando olho para trás uma última vez, Lexi olha-me com um sorriso maldoso de braços cruzados. *Ela não sabe nada*, repito mil vezes a mim mesmo. Esta noite foi uma desgraça épica e agora tenho a certeza que não posso continuar assim.

Capítulo 18

Emma



Seria possível esta noite ter corrido pior? A raiva que me percorre nem me deixa sequer olhar para ele. Se o fizesse, sei que certamente iria gritar e, pelo seu aspeto, não me parece que Tyler esteja preparado para ouvir grandes barulhos. Os meus ouvidos ainda zumbem por causa da música ridiculamente alta da discoteca. A garganta seca-me a cada tentativa que faço para falar, não sei se por sede ou se pelo pânico que ainda me percorre. Se Tyler tivesse bebido mais uma gota de álcool, certamente já não me ia conseguir ajudar. Estou encostada a um canto do elevador enquanto Tyler agarra as barras de ferro com toda a sua força. Não faço a menor ideia de como ele espera chegar a casa neste estado, mas se está à espera de que eu leve o seu carro está muito enganado. Sinto-me usada e humilhada como nunca me senti. A maneira como Tyler escolheu abordar esta noite veio confirmar as suas intenções comigo. Não passo de mais uma na sua vida para ele juntar à infinita lista de mulheres com quem dormiu.

— Emma... — começa a dizer.

— Se abrires muito a boca de certeza que vais vomitar, por isso fica calado — interrompo. As minhas bochechas ardem com a raiva e o calor da discoteca. É como se toda a noite me passasse como um *flash*. Eu sei perfeitamente que fizemos promessas e acordos, mas fui burra para achar que desde então as coisas tinham mudado. Caramba, ele levou-me a jantar a casa dos pais dele.

Tyler junta as suas poucas forças para levantar o seu corpo da barra do elevador e caminhar para mim. Fujo agilmente para o outro canto. Ele está tão bêbado que nem se consegue mexer. Nunca o vi assim, tão destruído e descontrolado. Nem sei como é que ele conseguiu vir ter comigo no meio da multidão, quando agora nem consegue movimentar-se mais rápido que um caracol. No momento em que afastou Jason de mim, foi como se eu tivesse vencido uma batalha. Tudo o que eu queria era provocar uma reação nele, algo que comprovasse que eu não sou apenas mais uma, mas fui estúpida o suficiente para deixar essa felicidade invadir-me, aquilo tudo não passou de um jogo de dominância entre eles.

— Desculpa — ouço-o dizer por entre um suspiro.

— Não desculpo. — A porta do elevador abre-se no rés do chão. Saio disparada, movida pela vontade de estar longe dele. O cheiro a álcool que emana enjoa-me e relembra-me da merda que andou a fazer toda a noite.

Procuro um táxi que esteja a passar para me levar para casa, mas a esta hora da madrugada são escassos os carros na estrada, dando tempo a Tyler

para chegar ao pé de mim e agarrar o meu braço. O seu toque envia uma descarga elétrica pelo meu corpo. Ele sabe o efeito que tem sobre mim e está a usar isso para sua vantagem, mas eu não vou deixar que isso aconteça. Solto o meu braço com força e dou alguns passos para trás para me afastar dele. Os seus olhos arregalam como se estivesse surpreendido com a minha atitude. Ele enfia as mãos nos bolsos e fica a encarar-me com alguma frieza, preparando-se para defender o seu ego com toda a força. O seu rosto está pálido e é claro que se está a sentir mal disposto, mas isso não é suficiente para o fazer baixar a sua guarda perante mim.

— Vamos ficar aqui no meio da rua? Emma vamos para casa, lá conversamos melhor. — Tyler decide manter a distância que eu construí entre nós. Fico aliviada por ver que ele respeita a minha vontade de estar longe dele, mas ao mesmo tempo sei que se for com ele para casa só lhe estou a dar mais armas para ele conseguir sair desta situação. Preciso de o confrontar agora ou nunca me irei perdoar a mim mesma.

— Por acaso vamos, Tyler. Tu achas que estás em condições de me levar para onde quer que seja? Provavelmente estás a ver três de mim neste momento. — Embrulho-me mais no meu casaco. Está extremamente frio e isso começa a incomodar-me. Tento ao máximo não mostrar o meu desconforto, mas é inútil. Os meus dentes batem freneticamente e o ar que expiro forma uma nuvem de fumo em redor do meu rosto. Tyler suspira e aproxima-se de mim, colocando os braços à minha volta e apertando gentilmente. O seu corpo quente faz-me suspirar e o seu aroma masculino quase que dissipa toda a minha raiva.

— Estás a tremer de frio. Eu não sou parvo ao ponto de meter as nossas vidas em risco. Vamos apanhar um táxi e amanhã eu venho aqui buscar o carro, *OK*? — Encosto momentaneamente a cabeça no seu peito e inspiro-o. As suas mãos afagam as minhas costas e à medida que o frio dissipa consigo pensar com mais clareza.

Sinto o meu cérebro rodar como uma roleta russa entre o sim e o não, mas rapidamente *flashes* da noite inteira passam na minha frente. A forma como ele me ignorou, a maneira como me falou, como foi incapaz de admitir perante os amigos que tinha alguma coisa comigo e como se embebedou. Relembro também vê-lo no bar a falar com uma mulher de cabelos negros compridos. Ele pensa que eu não ouvi, mas os comentários que o seu grupo fazia só comprovavam o meu maior medo: é apenas sexo e eu deixei-me envolver de mais. Uma luz acende na minha cabeça e empurro-o rapidamente. Tyler arregala o olhar e a anterior expressão passiva enche-se de raiva.

— Tyler, eu vou embora para casa e sugiro que faças o mesmo, sozinho. O que aconteceu hoje foi apenas uma prova do que eu já suspeitava, por favor,

deixa-me em paz. — Os seus olhos focam os meus completamente raiados de vermelho.

— E o que é isso? Que revelação fantástica foi essa que descobriste hoje, Emma? — A sua pele parece ganhar alguma cor agora que a raiva também toma conta dele. A minha respiração acelera, o fumo sai pela minha boca com cada expirar e sinto o sangue ferver no meu corpo. Franzo o sobrolho, incrédula com a maneira como ele me fala.

— Que tu és o maior idiota que alguma vez conheci. — Começo a levantar-lhe a voz e fico feliz por a rua estar completamente deserta, à exceção do porteiro que nos encara sem expressão. Sei o que deve estar a pensar e ver-nos discutir deve ser o melhor entretenimento da sua noite.

— Não pareceste importar-te com isso nas últimas 24 horas, Miss Montgomery, ou estavas demasiado apanhada por mim para reparar que sou uma besta? — O meu coração lacera com as suas palavras, os meus olhos começam a encher-se de robustas lágrimas que tento engolir, enquanto os pensamentos de tudo o que lhe podia dizer me atingem como uma avalanche. Podia mentir, negar todos os meus sentimentos e apenas desistir, mas antes que eu pudesse ponderar todas as minhas hipóteses, a minha boca decide falar.

— Sim, Tyler, estou demasiado apanhada por ti! Estás contente? — Os meus braços caem derrotados ao lado do meu corpo. Os seus olhos arregalam com a minha confissão e o seu queixo cai quase a arrastar no chão.

— Emma... Não. Não digas isso.

— Preferes que te minta? Tyler, eu pensei que fosse óbvio. Eu estou completamente apanhada por ti. A culpa é minha. — Paro de falar para encarar a sua expressão. Ele parece chocado com o que estou a dizer, mas eu acho que na verdade sempre soube o que eu sinto. Engulo em seco e percebo que agora é tarde de mais, que tenho de continuar a confessar tudo ou vou rebentar. — Fui uma estúpida e deixei-me envolver. Eu juro que isto nunca me aconteceu, mas por momentos, podia jurar que tu sentias o mesmo por mim, mas esta noite... — Suspiro. — Esta noite provou o quão errada eu estava. Sou só mais uma, não é? — O meu corpo treme por completo. Não sei se é frio ou se é o nervosismo.

— Eu sempre te disse que eu não sou boa pessoa, sempre te disse para ficares longe de mim. Nós tínhamos um acordo. Não tens o direito de te sentir enganada quando eu sempre fui claro contigo. — Tyler fala como se estas palavras lhe fossem naturais. O seu rosto fica sem expressão, como se estivesse aborrecido ou cansado.

— Claro? Tyler, tu quebraste o nosso acordo no momento em que me levaste a jantar com os teus pais, ou isso é uma coisa que costumavas fazer com todas? — Ele tem uma lata! Sim, eu deixei-me envolver, mas a culpa aqui não

é só minha. Ele também mandou sinais contraditórios.

— Porra, isso foi uma exceção, *OK*? Porque é que estás a ver coisas onde elas não existem? — Tyler parece agora exasperado, cansado desta conversa e de estar no meio da rua aos gritos comigo, mas esta conversa tinha de acontecer.

Ele tem razão. Ele pediu uma noite, apenas uma noite e eu concordei, também achei que era isso que eu queria. Ele disse-me para não confiar nele. Ele disse-me que não era quem eu achava. Eu fui burra. Eu deixei sentimentos que nunca tive por ninguém tomarem conta de mim, deixei o meu corpo misturar-se com a minha mente e ficarem ambos enfeitiçados por ele. Os últimos dois dias com ele percorrem-me como um filme, lembrando-me daquilo que mais me está a incomodar desde que saímos da discoteca.

— Quem era ela, Tyler?

— Vais ter de ser mais específica, Emma. — Enjoo ao perceber o que ele quer dizer com isto.

— A mulher com quem estavas a falar no bar, de cabelos negros. — A sua mão cerra em punho e o olhar desvia-se do meu. Era o que eu pensava, mais uma das suas conquistas.

— Lexi. O nome dela é Lexi. — *Lexi*. Entoo o nome na minha cabeça. O meu estômago dobra-se sobre si mesmo e preciso de respirar fundo para não vomitar as bebidas no chão. Penso em dar meia-volta e voltar para a discoteca, agarrá-la pelos cabelos e desfazê-la em pedaços, mas estou apenas a canalizar a minha raiva pois isso não vai resolver nada. Cruzo os braços e adoto uma postura altiva.

— Um bocado espalhafatosa para ti, não achas?

— Já chega. — Tyler apressa-se a chegar até mim e agarra-me o braço com alguma força. Começa a encaminhar-me até um pequeno café aberto 24 horas na esquina da rua. Tento soltar-me dele o mais que consigo, mas como é óbvio as minhas tentativas são inúteis.

— Larga-me, Tyler — digo o mais calmamente que consigo.

— Eu não vou ter esta conversa contigo no meio da rua. Sou um advogado famoso e a última coisa que quero é a minha cara escarrapachada numa revista amanhã. Se queres falar, vens comigo e acabou. — A sua voz é fria, rouca. Ele está mais zangado do que alguma vez o vi, mas também consigo perceber o porquê de ele querer sair dali. Posso não ser uma advogada famosa, mas sou filha de um e não seria a primeira vez que a minha cara ronda as revistas.

Tyler empurra-me ligeiramente para a sua frente antes de abrir a porta de vidro do pequeno café. Estamos definitivamente demasiado bem vestidos para estar aqui. A empregada sorri-nos cautelosamente, talvez por as nossas caras

serem tudo menos afáveis neste momento. Retribuo o sorriso para ela, mas a sua atenção já não está em mim e sim nele. Reviro os olhos, sabendo perfeitamente o que ela está a pensar. Ele transpira sexo e isso faz com que seja muito difícil discutir. Sento-me no banco de pele vermelha no fundo do café, longe dos olhares dos poucos clientes que aqui estão. Tyler senta-se no lado oposto ao meu e fica a fulminar-me alguns segundos. Quando se prepara para finalmente abrir a boca, a empregada aproxima-se da mesa com um pequeno bloco de notas e uma caneta na mão.

— Boa-noite! O que vos posso trazer? — Não consigo compreender como está tão bem-disposta a esta hora da noite, mas agradeço o pouco da boa energia que ela está a trazer ao meu corpo completamente repleto de nervos.

— Dois cafés bem fortes. — Tyler não desvia o olhar de mim para fazer o pedido. Não sei se quero café, acho que não consigo beber o que quer que seja neste momento, mas decido não contrariar simplesmente porque é mais fácil do que criar outro assunto para discutir com ele. A empregada afasta-se e rapidamente traz duas canecas cheias de café bem quente e escuro. — Sim, Emma, ela é muito espalhafatosa para mim, mas sabes porque é que isso não importa? Porque era apenas sexo. Ela tem vinte e poucos anos. Só estava comigo para se divertir e eu também. — Engulo em seco. Agarro a caneca para beber um pouco de café, tentando processar o que ele disse. O café é horrível, sabe completamente a queimado, mas tudo é melhor do que ouvir isto.

— Ela não estava contigo só para se divertir — afirmo.

— E como é que sabes isso?

— Porque de homens como tu ninguém recupera, Tyler. Homens como tu deixam um rasto de mulheres despedaçadas que nunca serão o suficiente para te fazer feliz. — Os meus olhos não levantam do líquido castanho-escuro. A caneca a ferver aquece-me as mãos e decido focar a minha atenção nessa sensação quente. Tyler respira fundo e encolhe os ombros antes de beber mais um pouco de café.

— Eu nunca enganei ninguém. — A sua voz treme. *Uma mentira?*

— Alguma vez amaste alguém, Tyler? Sem ser tu mesmo.

— Não. — Tyler engole em seco antes de responder. *Outra mentira.* — Se estás à espera de ser a primeira, então o melhor mesmo é isto ficar por aqui. — O meu coração salta no meu peito. Custa-me respirar fundo e é como se o meu corpo não estivesse aqui neste momento. Levo a mão ao pescoço e acaricio o pendente azul.

— Dás safiras e vestidos a todas as mulheres com quem dormes? Isso é bastante generoso, não sei como ainda não estás pobre. — Ele solta um riso sarcástico.

— Foi uma prenda de Natal e de aniversário. Estás a ver o problema? Estás a ler mais a fundo coisas sem significado nenhum. Emma, eu posso dar-te noites como nunca tiveste na tua vida, como tenho dado. Posso dar-te três orgasmos seguidos e fazer-te gritar até te doerem os pulmões, mas se queres mais do que isso, eu não sou o homem para tal. — As lágrimas enchem os meus olhos. Isto dói, por muito que eu queira negar esta dor, ela está cá, a lacerar o meu corpo.

— Cobarde — suspiro-lhe. — Eu sei o acordo que tínhamos, porque é o mesmo que eu sempre fiz com todos os homens. Contigo as coisas foram diferentes, não sei explicar porquê mas pela primeira vez na minha vida aconteceu, mas ao menos tenho a coragem para admitir! — Sei que estou a levantar a voz mais do que devia para um espaço público, mas não consigo evitar.

— Emma, nunca enganei ninguém... — Ele repete a mesma frase e cada vez mais me convence que é mentira.

— Enganaste sim, a ti mesmo. Mas se te ajudar a dormir de noite pensar que não o fizeste, então que assim seja, Tyler. — Ele suspira alto e agarra a minha mão sobre a mesa, fazendo-me estremecer.

— Eu não te disse que era só uma noite? E tu não concordaste? — A sua pergunta é retórica. Reviro os olhos e solto a minha mão da dele.

— E não me disseste hoje de manhã que não querias que eu fosse embora? Quantas mulheres já viram os teus pesadelos? — Tyler abre a boca para falar, mas parece ficar com as palavras a meio. Tal como eu pensei, nenhuma. O meu coração não consegue arranjar um ritmo que lhe agrade, batendo loucamente por todo o meu corpo. — Porque é que não admites o que sentes? — É a minha última tentativa, que já sei ser em vão.

— Porque eu não sinto nada, Emma. Eu sou incapaz de amar quem quer que seja. — Ele parece arrepende-se imediatamente, tapando a cara com ambas as mãos. — Foda-se! Porque é que isto é tão complicado?

— Não é, Tyler — digo num suspiro. Agarro o meu casaco e carteira e começo lentamente a levantar-me da mesa.

— O que estás a fazer?

— Pela segunda vez, a ir embora e a deixar-te sozinho num restaurante. Espero que um dia sejas capaz de amar alguém, Tyler. Não venhas com a porcaria da história que explicaste tudo e que a culpa é minha por ter-me envolvido. Eu envolvi-me mesmo sabendo que tens mais problemas do que partilhas, mesmo sabendo que tens a cabeça completamente fodida. — Levanto-me mas a sua mão rapidamente agarra a minha.

— Emma, por favor, fica. — Os seus olhos estão brilhantes.

— Alguém vai passar na tua casa a recolher as minhas coisas. — Chego-

me até ele e deposito um pequeno beijo na sua testa, sentindo-o inspirar-me desesperadamente. O meu corpo acende-se, mas rapidamente as minhas lágrimas apagam a chama. — Adeus, Tyler.

Começo a caminhar lentamente pelo corredor do café com os olhos tapados pelas lágrimas. Procuro um táxi e felizmente passa um naquele preciso momento, dando-me oportunidade para acenar ao motorista, que para assim que me vê. Investigo o meu redor antes de entrar, na esperança que ele tivesse mudado de ideias. É triste pensar assim, mas não o consigo evitar. Ao olhar para o prédio de onde saímos, reparo na mulher de cabelos negros na entrada. Lexi encara-me com um sorriso maldoso que me enoja. O seu rosto provoca-me um desconforto difícil de explicar, *talvez ciúmes?* Os meus joelhos tremem e decido entrar no táxi o mais rapidamente possível.

— A morada, menina? — O taxista acorda-me do meu transe. Abano a cabeça, tentando recompor-me.

— Desculpe. — Digo a morada tão atrapalhadamente que espero que ele tenha entendido.

Levo a mão ao pescoço instintivamente para acariciar o colar, para me lembrar de como não devo confiar em ninguém. Mordo o lábio, tentando engolir as lágrimas que teimam em cair. O único homem que alguma vez quis apenas me via como sexo, ou então é um covarde incapaz de assumir os seus sentimentos. De qualquer das maneiras, acabou sem começar, e a minha alma nunca esteve tão vazia.

Capítulo 19

Emma



O céu escuro permite-me ver bem todas as estrelas. Começo a contá-las como se de um jogo se tratasse. Algumas formam desenhos em linhas finas. Lembro-me que aprendi algumas constelações na escola e por isso tento encontrá-las no céu. Mantenho-me entretida no meu caminho até casa. Está bastante frio, mas a pressa para chegar mantém-me quente o suficiente, apesar de os meus pés pesarem como se fossem pedras. A cada passo que dou o meu coração acelera com o medo de chegar a casa. O papá não apareceu, se estiver em casa e eu aparecer lá sozinha ele vai-se zangar. O papá nunca se pode zangar. Enrolo o casaco em meu redor e tento distrair-me com o fumo que sai da minha boca, apreciando as formas que faz antes de desaparecer para o ar. Não me lembro de chegar até ao meu portão, mas sei que pelo caminho distraí-me com um enorme e aparatoso acidente. As ambulâncias e carros da polícia chegavam apressados, enchendo a rua de barulho. Ainda tentei ficar a ver, assim ganhava tempo para chegar a casa mas um bombeiro viu-me e mandou-me embora.

— Isto não são coisas para tu veres. Onde é que moras? — perguntou com as mãos nas ancas. Lembro-me da sua voz, estridente e stressada. Apontei até à enorme mansão ao cimo da colina. — Vai para casa! — gritou-me novamente.

Agora estou aqui à porta a andar de um lado para o outro com medo de entrar. Se calhar o papá está em casa e adormeceu; se calhar está preso no trânsito, ou se calhar simplesmente esqueceu-se. Ponho e tiro a mão da maçaneta vezes e vezes sem conta. De qualquer maneira, não posso ficar aqui fora mais tempo e por isso enfio as chaves na porta e começo a empurrá-la com toda a minha força. Decido entrar e tentar esgueirar-me para o meu quarto sem ninguém me ver. Se o papá estiver em casa a dormir, ele é que se esqueceu de me ir buscar, não pode ficar chateado comigo. O plano parece-me seguro o suficiente para me incentivar a abrir a porta de uma vez por todas. Empurro a porta de ferro preto pesado o mais gentilmente que consigo. Tiro as pequenas sabrinhas antes de entrar no gigante hall em mármore. As escadas estão mesmo à minha frente, são apenas pequenos passos até lá. Encho o peito de ar e confiança e caminho, fechando a porta atrás de mim. Cada passo que dou alivia o nervosismo que sinto, as escadas estão tão perto... Está quase...

O barulho ensurdecedor de algo a partir chama a minha atenção para a sala, viro o rosto para lá e reparo no vaso azul e branco estilhaçado no chão. Levanto o olhar à procura do que levou aquele vaso a cair e os meus pulmões explodem num grito desesperado.

Todo o meu corpo se levanta da cama ainda com o grito a arranhar a minha garganta. Este grito abafado deixa-me sem ar, forçando-me a respirar com toda a força que os meus pulmões conseguem. A pressão que as palmas das minhas mãos exercem sobre o colchão começa a fazer os meus braços tremer com o esforço. Sinto-as arder cada vez mais à medida que aperto o lençol com todas as minhas forças. O coração bate descontrolado por todo o meu corpo, fazendo o meu estômago contorcer-se com náuseas. Tento respirar fundo algumas vezes, mas sempre que inspiro os meus pulmões tremem, incapazes de segurar o ar que tento enviar-lhes.

Sento-me melhor na cama e agarro o telemóvel para ver as horas. São três da manhã do dia 28 de fevereiro, o meu aniversário falso. Não há ano nenhum que consiga evitar os pesadelos nesta data. Por mais que me tente distrair, não consigo impedir de acordar neste estado durante a madrugada. Olho para o chão ao lado da minha cama e vejo a garrafa de *vodka* meio vazia, e arrependo-me de achar que uma bebedeira me faria dormir ao ponto de me quebrar a memória. Agora para além do pesadelo também estou com ressaca. Por algum motivo, o meu cérebro decidiu que agora era um bom momento para se lembrar de mais detalhes daquela noite e apresentar-me as provas todas as noites durante uma semana inteira. Hoje foi o vaso azul e branco, que por algum motivo achei relevante.

Estico o braço para agarrar a garrafa de *vodka* do chão e engulo um largo travo do líquido ardente. Estou enjoada, mas qualquer coisa é melhor do que sentir toda esta dor que carrego no peito. Encosto a cabeça à moldura da cama e encaro o teto, tentando segurar as lágrimas. A minha vida é a maior confusão da história, vivo nesta casa para proteger a minha mãe, guardo um segredo que não me deixa dormir, segredo esse que me causou traumas para a vida toda, impedindo-me de encontrar o amor.

— À tua, seu sádico. — Levanto a garrafa até ao teto na esperança de que alguém de outra dimensão me ouça. Se acredito em Deus? Claro que não, ou não teria de arrastar toda esta merda comigo. Se Ele estivesse mesmo a verme, acho que pelo menos teria alguma pena do que se passa nesta casa e o Mr. Montgomery já não andaria em duas pernas.

Levanto-me rapidamente, cambaleando algumas vezes por causa do efeito do álcool. Caminho sem sentido pelo quarto fora, levando a garrafa de *vodka* à boca vezes e vezes sem conta. Paro em frente à janela e observo o jardim da frente. O mesmo jardim por onde caminhei há catorze anos, o mesmo jardim onde deixei de ser a Emma que fazia tudo para agradar, onde

deixei de ser perfeita. As memórias de todos estes anos entoam na minha cabeça como *flashes* de luz para uma pessoa epilética:

«*Tu não viste nada, Emma!*»

«*Se abrires a boca, eu mato-a.*»

Aperto o gargalo da garrafa com força antes de me virar para a atirar contra o espelho de corpo inteiro. Grito. Grito o mais alto que consigo no momento em que os vidros colidem, partindo-se por completo. Grito mesmo quando os meus pulmões estão sem ar, fazendo-me cair de joelhos sobre os vidros no chão. Dói, mas nada dói tanto como o que estou a sentir. Ouço a porta abrir de rompante e as luzes acenderem-se, mas não me dou ao trabalho de abrir os olhos que tanto me ardem por causa das lágrimas.

— Emma! — grita o meu irmão desesperadamente.

Sinto os seus braços levantarem-me do chão e sentarem-me na cama, mas a mistura da bebedeira com os gritos e agora o sangue que escorre pelas minhas pernas não me permitem manter a cabeça em pé. Deixo-a cair sobre o colchão, exausta com tudo o que se passa em meu redor.

— O que é que tens na cabeça?! Se o pai vê isto, estamos perdidos, Emma! — James corre a trancar a porta e caminha novamente até mim. — Emma?! Responde-me, porra! — Levo as mãos à cabeça, tentando apaziguar a dor.

— *Shh*, estás a falar muito alto — acabo por dizer.

— Tu estavas aos berros feita doida e a partir espelhos, não me dês lições sobre fazer barulho! — Abro os olhos e vejo-o encarar-me de olhos raiados de vermelho.

Respiro fundo e faço um esforço para me sentar na cama, sentindo a cabeça latejar com cada pequeno movimento. Levo as mãos aos joelhos e vejo o sangue escorrer pelas minhas pernas até ao chão. Olho em redor para o caos que causei enquanto o meu irmão fica apenas a observar-me sem saber o que fazer comigo. Sinto as lágrimas invadirem-me novamente, fazendo-me embrulhar nos meus próprios braços.

— Desculpa, James, por favor, desculpa-me — repito entre soluços. Ele senta-se ao meu lado e envolve-me num abraço. Aperto os seus braços com alguma força. As minhas lágrimas rolam pelo meu rosto antes de passarem para a sua pele. A sua mão afaga o meu cabelo gentilmente, tão gentilmente que é como se tivesse medo de me tocar.

— O que é que se passou, Emma? Passaste a semana toda a ter pesadelos, mas isto hoje foi de mais. Não consigo ver-te assim, és minha irmã! — Sinto os seus lábios pousarem na minha cabeça várias vezes. Ele está assustado e é compreensível, eu também estaria. Sinto o seu corpo tremer tanto como o meu. As dores dos cortes começam a tornar-se insuportáveis, fazendo-me

queixar.

— Se calhar devia ir limpar isto. — Tento levantar-me mas pousar os pés no chão faz os cortes doerem mais. Gemo de dor e volto a sentar-me rapidamente.

— Para quieta, eu ajudo-te. Vem cá. — James coloca um braço por trás dos meus joelhos e levanta-me agilmente, caminhando comigo ao colo até à casa de banho do quarto.

Seguro-me ao seu pescoço, sentindo os efeitos do álcool cada vez mais fazerem das suas. A visão do sangue enoja-me a um ponto sem retorno. Quando toquei nos joelhos espalhei-o para os meus braços e para os do meu irmão, está por todo o lado e parece impossível livrar-me dele. James senta-me no tampo da sanita e tudo o que tenho tempo de fazer é virar a cara até ao lavatório ao meu lado e começar a vomitar tudo o que tenho no estômago.

— Foda-se! — exclama James ao ver-me como se estivesse num exorcismo.

Começo a chorar novamente enquanto vomito. A dor física está a acompanhar a dor psicológica, o que era exatamente o que eu queria. O meu irmão passa um pano molhado pela minha testa enquanto segura o meu cabelo. Apoio a cabeça com as mãos, demasiado cansada para continuar acordada neste estado. Os vômitos cessam e consigo arranjar consciência para abrir a torneira para limpar o lavatório e levar alguma água fresca à boca. Tenho a respiração acelerada e sinto a do meu irmão tão descontrolada como a minha. A sua mão afaga as minhas costas enquanto a outra continua a passar o pano fresco sobre a minha cabeça.

— Tu vais matar-me de ataque cardíaco, espero que saibas disso. — Não evito sorrir com a sua afirmação. Seguro a sua mão com força e volto a sentar-me direita na sanita, desviando os olhos do sangue que continua a cair. Retiro o pano da sua mão e continuo a passá-lo pela minha cabeça.

— Não devias estar aqui a ver-me neste estado — consigo dizer. Ele agarra o *kit* de primeiros socorros do armário e começa a retirar todos os pequenos pedaços de vidro que continuam espetados na minha pele. Alguns cortes parecem mais preocupantes que outros, mas nada que justifique ir ao hospital.

— Porquê? Só porque sou o teu irmão mais novo? Tomas conta de mim desde que me lembro, Emma, agora é a minha vez. — Suspira fundo ao continuar a limpar todo o sangue e desinfetando as feridas. O ardor faz-me estremecer, mas por um breve momento agradeço por alguma coisa doer mais do que os meus pensamentos. Passo o pano pelas mãos várias vezes até todo o sangue sair, e só o facto de este desaparecer faz-me sentir um pouco melhor.

— Emma?

— Sim?

— Acho que devias ir a um psicólogo ou assim... — James diz isto com algum receio. Não sei se o seu medo é a minha reação ou o facto de perceber que a irmã precisa de ajuda. Penso um pouco sobre o assunto e sinceramente acho que é algo que já devia ter feito antes.

— Eu sei. Vou arranjar alguém esta semana, prometo. — O seu rosto parece chocado, mas um pequeno sorriso surge-lhe ao perceber que finalmente alguém vai tentar fazer mais do que limpar o meu sangue, suor e lágrimas, *literalmente*.

— Não me parecem cortes graves, mas vou tapar na mesma. O que era de ti sem um irmão com curso de primeiros socorros? — James tenta fazer piadas para me manter consciente o máximo de tempo possível.

O meu corpo está tão exausto que tudo o que ele diz parece estar longe. As feridas ardem tanto que sinto toda a pele a ser apertada ao ponto do desespero. O coração lateja fortemente nos cortes mais fundos. Só quero voltar a adormecer e pedir por tudo para que desta vez o sono venha sem mais tormentas. James desiste de conversar, assim que todas as feridas estão tapadas volta a pegar-me ao colo e enfia-me na cama. Sinto-o aconchegar-me nos lençóis antes de usar uma toalha da casa de banho para tentar reunir todos os vidros do chão e embrulhá-los. Abro novamente os olhos e vejo-o encarar-me exasperado.

— O que é que vamos fazer com o espelho? — pergunto, usando as minhas poucas forças.

— Acho que vou tentar levar tudo para o lixo da rua. Aliás, vou fazer isso agora. Sabes que acabaste de ganhar sete anos de azar, não sabes? — A forma séria como fala em superstições anima-me o suficiente para lhe sorrir.

— O que são sete anos para mim, irmãozinho?

— Nada — diz num suspiro. — Tens de aprender a ser feliz, Emma. Os teus dias são passados numa luta pela felicidade dos outros, acho que está na altura de lutares por ti.

Respiro fundo, lembrando-me que a minha esperança de encontrar a felicidade tinha ficado naquele estúpido café no centro da cidade. James agarra a toalha onde embrulhou os estilhaços e o espelho antes de sair. Não sei quanto tempo passa entre a sua saída e o seu retorno, acho que devo ter adormecido momentaneamente, mas voltei a despertar quando o senti deitar-se ao meu lado.

— Não tens de fazer isto — sussurro.

— Dorme, Emma, por favor. — Limito-me a suspirar fundo e deixar o cansaço levar-me para um lugar melhor que esta casa. O meu corpo está tão esgotado que a minha mente não é capaz de fabricar mais sonhos inúteis,

deixando-me finalmente descansar.

Capítulo 20

Emma



Quando volto a abrir os olhos, suspiro de alívio por ter conseguido finalmente dormir umas horas sem ser interrompida pelos meus pesadelos. A minha cabeça dói tanto que toda a luz me incomoda. Encolho-me na cama e tapo os olhos com o edredom, gemendo com as dores intensas que sinto por todo o corpo. Ao encolher-me sinto os cortes arderem por baixo de todos os curativos que o meu irmão me fez. Sou uma valente idiota impulsiva que nunca mais devia beber na vida. O meu estômago range de fome, mas só de pensar em comida fico tão enjoada como ontem. Esta é, sem dúvida, a pior ressaca da minha vida.

Viro-me para o lado para verificar se o meu irmão ainda aqui está, mas deve ter-se esgueirado de volta para o seu quarto depois de eu adormecer. Tento espreguiçar-me, mas sou novamente atordoada pela dor da pele a esticar nas minhas pernas. Bufo alto, tentando compreender o porquê de me ter sacrificado a este ponto ontem, acho que só prova a teoria de James de eu precisar de ajuda. Tudo o que eu queria era esquecer a dor, toda ela. A dor do meu passado, do meu presente e quem sabe a dor de um futuro que nem sei como me vai magoar, apenas sei que vai.

Agarro o telemóvel com o objetivo de pesquisar no Google por algum médico, mas sou distraída por dezenas de notificações de pessoas a desejarem-me os parabéns no Facebook e Instagram. A maioria são familiares que não se incomodam em telefonar e pessoas que conheci ao longo do tempo no secundário e na universidade. Decido ignorar completamente as mensagens e publicações. Se estas pessoas me conhecessem minimamente, saberiam que eu odeio celebrar o meu aniversário. Uma mensagem de Courtney chega ao meu telemóvel e arrependo-me imediatamente de pensar assim sobre as pessoas que simplesmente me querem alegrar o dia. Ela não sabe de nada do que aconteceu naquela noite. Para ela hoje é apenas o dia que quer celebrar com a amiga.

Parabéns à minha melhor amiga!

Que achas de hoje celebrarmos as duas?

Um dia no spa, talvez?

Pondero seriamente a sua oferta, mas a dor de cabeça que sinto não deixa muitas dúvidas sobre o que devo e quero fazer com o meu dia. Além disso, não vejo motivos para sair de casa e ir celebrar o pior dia da minha vida. Sei

que não posso dizer isso à Courtney, nem lhe posso explicar o porquê de nem sequer querer falar sobre este dia, por isso tento arranjar a melhor desculpa que consigo:

Obrigada, Courtney.

Adorava! Mas já combinei coisas com a minha mãe.

Celebramos noutro dia?

Que pena!

Eu percebo, vai celebrar com a tua mãe!

Vocês merecem!

Mas não te escapas de irmos apanhar

uma bebedeira noutro dia!

Torço o nariz só de pensar em ingerir mais uma gota de álcool, nem que seja noutro dia qualquer. A desculpa da família costuma resultar sempre e tal como suspeitava Courtney não insiste. Sinceramente, a ideia de adiar o meu aniversário é o melhor compromisso com a situação, quem me dera que desse para mudar a data oficialmente nos registos, tal como podemos mudar o nosso nome. Respiro fundo e continuo a vaguear pelo telemóvel, tentando que o tempo passe o mais rapidamente possível. O meu plano para hoje é apenas marcar a minha primeira consulta num psicólogo ou algo semelhante, ficar na cama a comer chocolate e a ver filmes ou séries.

Demoro algum tempo a procurar por alguém que me possa ajudar, não sabia que isto ia ser assim tão difícil e cada vez que abro uma página no Google já tudo me parece a mesma coisa. Sento-me rapidamente na cama e bufo bem alto, um pouco frustrada e pronta para desistir desta estupidez. Atiro o telefone para o lado e preparo-me para me levantar e ir até à casa de banho. Já com os pés para fora da cama, ouço baterem à porta. Volto a entrar na cama de forma a tapar os pensos nas pernas e ajeito o cabelo rapidamente:

— Sim? — A minha mãe entra no quarto com um sorriso largo e os braços bem abertos.

— Parabéns, filha! — exclama entusiasmada. Todos os anos faz o mesmo, talvez à espera de uma reação diferente da minha parte. Como é óbvio retribuo o abraço, qualquer carinho da minha mãe é sempre bem-vindo, mas tenho de me preparar psicologicamente para responder-lhe.

— Obrigada — respondo com um suspiro. O sorriso da minha mãe

desvanece e os seus olhos parecem derrotados.

— Gostava que me explicasse o porquê de ficar tão triste no seu aniversário, minha querida. Se fosse velha como eu, dava para perceber, mas uma jovem linda como você devia estar na rua com os amigos a celebrar. — Largo um pequeno sorriso tenso. Ela está a tentar perceber o porquê de eu ficar assim e esse é exatamente o motivo da minha ansiedade. Eu nunca lhe vou poder contar, ou seria o meu fim e o dela.

— Simplesmente acho um pouco deprimente celebrarmos o facto de estarmos mais perto de morrer. É apenas mais uma volta ao sol, um dia como os outros. — A minha mãe parece arregalar os olhos um pouco preocupada com a minha afirmação. Não é exatamente esse o motivo do meu descontentamento, mas não deixa de estar longe da verdade. As suas mãos passam a agarrar as minhas e os seus olhos azul-vivos focam os meus.

— Não é celebrar estarmos perto da morte, é celebrar mais um ano em que ela não nos bateu à porta. — Engulo em seco com as suas palavras. Solto as minhas mãos das dela e expiro com força.

— Eu não vejo as coisas assim — digo apenas. A minha mãe encolhe os ombros derrotada.

— O seu irmão contou-me que ontem à noite não estava bem... — Encho o peito de ar para a interromper mas a minha mãe faz um trejeito pedindo-me para esperar. Tenho vontade de matar o James, mas sei que o fez por estar preocupado.

— Ele não me contou pormenores e não vou insistir consigo para que os conte. Eu não sei o que se passa e como sua mãe sinto-me completamente impotente por não poder fazer a sua dor desaparecer. — Começo a dizer que não com a cabeça freneticamente, o que me faz gemer de dor. Levo a mão à testa e franzo os olhos, levando uns segundos antes de conseguir falar.

— Mãe, a culpa não é sua... É só que...

— A culpa é do seu pai e eu sei disso. — Gelo por completo. É a primeira vez que a vejo admitir que há algo de errado na relação com o meu pai. — Vou dar-lhe uma prenda de aniversário e não vai recusar.

— Eu não quero prendas, mãe, por favor, guarde para me dar outro dia, mas hoje não. — A minha mãe ignora completamente o meu pedido. Uma das suas mãos vai até ao bolso do casaco de caxemira azul-marinho e dele retira um pequeno cartão que me entrega.

Dr. Philip Maxwell

Psiquiatra certificado pela Ordem dos Médicos

Encaro o cartão alguns momentos. O presente da minha mãe é nada mais nada menos do que esperança. Era exatamente o que eu precisava e ela sabia disso, talvez pela enorme boca do meu irmão, mas independentemente disso ela acabou de me retirar um enorme peso dos ombros. Apresso-me a abraçá-la com tanta força que a sinto queixar-se, mas não quero saber, amo-a mais do que tudo nesta vida e admiro a sua força para enfrentar tudo.

— Obrigada, mãe — digo ao seu ouvido depois de depositar um apertado beijo na sua bochecha. Ela parece sorrir mais intensamente.

— Ele é o melhor que já tive, vai fazer-lhe muito bem falar com ele. Consegui uma consulta para sexta-feira, mas foi por ser minha filha. Ele já estava cheio até maio. — Por um breve momento fico confusa.

— A mãe tem consultas com ele?

— Todas as semanas, às vezes duas vezes por semana. É o nosso segredo, Emma, o seu pai não sonha com isto. — Engulo em seco. Mais um segredo para eu guardar. As perguntas rodam na minha cabeça cada vez mais confusa.

— O médico não diz nada em relação a... você sabe. Ele não a aconselha a deixar esta casa? Mãe, se sabe que precisa de ajuda porque é que não me deixa... — A sua mão toca nos meus lábios para me calar.

— Eu tenho os meus motivos, Emma, e você não é responsável pela minha segurança. Você é responsável por viver a sua vida, filha, não por resolver a minha. Mas já chega desta conversa, o que é que vai fazer hoje? — Ainda me sinto confusa com o que ela acabou de dizer. Que motivos pode uma pessoa ter para suportar anos de abuso físico e mental? Não consigo compreender.

— Nada. Ia passar o dia à procura de um médico, mas agora que já não tenho de o fazer acho que vou ficar por aqui. Talvez veja um filme daqui a bocadinho. — A minha mãe solta uma pequena gargalhada abafada.

— Filme? Emma, porque é que não vai passear? Ligue ao Tyler! Vá divertir-se um pouco! — *Tyler*. O seu nome ecoa na minha cabeça, gelando o meu corpo massacrado.

— O Tyler é apenas um amigo, mãe. Não temos nada um com o outro. — Tento ao máximo parecer convincente, mas a minha mãe não é burra e percebe facilmente o que se passa.

— Eu sei que houve alguma coisa entre vocês, e a sua cara quando disse o nome dele só confirmou. De certeza que não há nada que me queira contar? — Ela tenta esconder o sorriso que tem estampado, mas é em vão. Consigo ver perfeitamente que não há forma de a enganar, mas também não me

apetece minimamente explicar à minha mãe o que realmente aconteceu.

— Não somos compatíveis, o que quer que tenha acontecido não volta a acontecer, está no passado. — O meu telefone vibra na mesinha de cabeceira. Viro a cara e arregalo os olhos ao ver o seu nome escrito no ecrã. Mas que raio de sexto sentido tem ele para saber que eu estava a falar dele neste preciso momento?

— O seu passado está a telefonar, filha. — Carrego no botão vermelho para recusar a chamada, fazendo a minha mãe suspirar. Ela levanta-se da cama e passa a mão suavemente pela minha cabeça. — Não seja teimosa, Emma. Há oportunidades na vida que não devemos deitar fora. Um dia pode arrepender-se muito de não lhe dar uma hipótese. — Os seus lábios tocam a minha cabeça tanto quanto as suas palavras me confundem. Do que estará ela a falar? A minha mãe por vezes parece falar em código e isso confunde-me ainda mais.

Não digo mais nada. Ela não sabe a história toda e por isso qualquer conclusão que ela esteja a tirar será errada. Tudo o que importa é que queremos coisas diferentes. É estranho, estou neste momento na posição onde durante anos deixei todos os homens com quem estive. Talvez isto seja aquilo a que chamam de *karma*.

Quando ela sai do quarto, agarro o telefone e fico a olhá-lo por uns momentos. Uma nova chamada de Tyler volta a entrar e desta vez contemplo atender. Sei que deve estar apenas a ligar para me desejar um feliz aniversário, mas ficou claro na última vez que nos vimos que tudo o que eu achava que tínhamos era uma mentira. Provavelmente está apenas sozinho e à procura de entretenimento de novo, por isso volto a recusar a chamada. Pouso bruscamente o telefone ao meu lado. Só passou uma semana desde aquela noite, não é tempo suficiente para esquecer o que sinto por ele. Continuo a querê-lo mais do que algum dia vou conseguir entender. Saber que ele não sente isso por mim é apenas mais uma coisa na lista que tenho para falar ao médico na sexta. O telemóvel volta a vibrar, mas desta vez apenas um pequeno toque da SMS. Desvio o olhar para conseguir ler a notificação.

Queria apenas desejar-te os parabéns.

Precisamos de falar, Emma, por favor.

Preciso de ti.

Preciso de ti. Essa frase dá uma volta ao meu coração, talvez porque não sei ao certo o que ele quer dizer com isso. Isto não passa de mais um dos seus

truques para me levar para a cama. Levo a mão ao pescoço em busca do pendente azul, talvez tentando agarrar-me à única memória dele que ainda me confunde. Eu sei que isto não foi apenas um mero presente; sei que ele quis dizer algo mais com isto, mas também sei que sou uma idiota em agarrar-me a uma esperança que não existe. Apago a SMS e apresso-me a abrir a aplicação da Uber Eats para encomendar mais comida do que aquilo que consigo comer. Isto é o mais perto que vou chegar de celebrar o meu aniversário e sinceramente parece-me o dia perfeito.

Capítulo 21

Emma



A minha perna balança na poltrona num trejeito nervoso. Tinha acabado de contar a um completo desconhecido toda a história trágica a que chamo vida e consegui fazê-lo sem nunca retirar os olhos do chão. Não quero ver a expressão dele enquanto eu falo, não quero ver alguém encarar-me com pena pois isso não me serve de nada e não foi para isso que aqui vim. Ele praticamente não falou, apenas me perguntou o que me levava até ali e por algum motivo isso fez-me vomitar a minha vida inteira. O Dr. Maxwell vai tirando notas das coisas que vou dizendo, não sei exatamente o que escreve, mas tenho medo que esteja a chegar à conclusão de que sou um caso perdido e que o melhor mesmo é desistir já. A sua caneta dá leves pancadas no papel. Fico à espera de que ele diga alguma coisa, mas ele parece aguardar que eu continue.

— Não vai dizer nada? — pergunto.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta. — Finalmente atrevo-me a olhá-lo. O Dr. Maxwell é um homem de meia-idade, careca e magricela. Os seus olhos verdes parecem enormes debaixo dos óculos grossos que lhe pousam na ponta do nariz bicudo. Fico confusa e um pouco ofendida com a sua intervenção.

— Não ouviu o que lhe acabei de contar? — O Dr. Maxwell fecha o pequeno bloco de notas e cruza as pernas a olhar para mim atentamente.

— Eu ouvi a história do seu passado. Não a ouvi explicar o que a fez vir pedir ajuda. — Esfrego os dedos freneticamente um nos outros.

— Vim porque a minha mãe e irmão sugeriram e eu concordei que se calhar me podia ajudar — admito.

— Então não acha que precisa de ajuda? — Encolho os ombros. Olho em redor do seu escritório e admiro todos os diplomas pendurados nas paredes.

— Só tenho pesadelos, Dr. Maxwell. Tudo o que eu preciso é de dormir. — Ele olha todos os meus movimentos atentamente, como se me estivesse a estudar.

— Fale-me da sua vida amorosa. — Arregalo os olhos. *Mas a que propósito?*

— Não vejo a relevância disso para o que me trouxe aqui. — Ele sorri ligeiramente e aponta para todos os diplomas espalhados ao seu redor.

— Acho que isso cabe-me a mim decidir, Miss Montgomery. — Reviro os olhos com a sua observação.

— É inexistente. — Puxo os meus dedos, fazendo as junções estalarem. O Dr. Maxwell chega-se um pouco à frente e suspira antes de falar.

— Inexistente ou complexa? — O meu coração acelera. É impossível que a minha linguagem corporal diga tanto sobre mim quando eu nem disse uma

palavra sobre o que realmente se passa.

— Inexistente porque nunca me apaixonei por ninguém. — Não o consigo olhar nos olhos quando digo isto. — Qual é o objetivo do amor? Só traz dor e disso já tenho que chegue. — O Dr. Maxwell cruza os dedos e clareia a voz, chamando-me a atenção do que acabei de dizer.

— O seu problema não é apenas os pesadelos, Miss Montgomery. — Levanto o olhar para ele.

— Ouça, eu agradeço imenso ter aberto esta vaga para me ver antes de tanta gente que precisa mais que eu. Eu só quero dormir sem sonhar e fico bem. — Ele parece suspirar fundo, talvez cansado de bater na mesma tecla, mas eu não consigo ver o que mais há de errado comigo.

— A Emma tem de parar de colocar todos à sua frente. Alguém tinha de lhe mostrar que você também é uma prioridade. — Bufo alto e pouso a cara sobre as mãos.

— Mas eu não vejo as coisas assim. Eu sei que você acha que isto de eu não querer relacionamentos está relacionado com a minha vida familiar e tudo mais, mas não é nada disso. Eu já tentei, *OK*? Já tentei e não resultou portanto estou bem assim. — A minha paciência para estar aqui começa a esgotar-se, só quero que a hora acabe e que ele me mande para casa.

— Porque é que não resultou? — Reviro os olhos.

— Porque eu, feita burra, deixei-me entregar pela primeira vez, mesmo depois de admitir que só queria algo casual. Não correu bem. Queríamos coisas diferentes. Está a ver? Não foi por eu não confiar. — O Dr. Maxwell fica pensativo.

— Eu nunca disse que o seu problema era não confiar, Miss Montgomery. Mas esse homem de que fala deve ter sido bastante especial para merecer essa confiança. — Já chega, não vou ficar aqui a levar com isto. Levanto-me da cadeira e agarro as minhas coisas.

— O nosso tempo já está a acabar — afirmo.

— Isso sou eu que defino — riposta. Dou meia-volta e bato com o pé antes de me sentar novamente ainda com as coisas na mão.

— Eu não quero falar sobre ele. — O Dr. Maxwell abre novamente o bloco de notas para escrever algo. Tento esticar o pescoço para ver, mas é inútil. Quando acaba de escrever o seu caderno é fechado definitivamente e pousado na mesa ao lado da sua poltrona.

— Eu vou fazer uma coisa que não costumo fazer. Vou dizer-lhe o que acho que se passa consigo e no que temos de trabalhar. — Levanto o olhar para ele expectante. — Mas não o vou fazer hoje. Hoje, a Emma vai para casa e tentar chegar a alguma conclusão também. Considere isto o seu trabalho de casa. — Solto um leve sorriso ao perceber que ele está a fazer isto apenas para

me obrigar a voltar. Ele sabe que se me disser agora o que pensa que eu nunca mais aqui venho.

— De acordo — consinto.

— Ótimo. Quanto à questão do sono, acho que podemos tentar algumas coisas.

O resto da sessão é passada a praticar exercícios de respiração que o Dr. Maxwell acha que serão benéficos para me ajudar a dormir melhor. Ele decide que ainda não é altura de me dar qualquer medicação, o que me chateia um pouco. Eu só queria algum comprimido mágico que me adormecesse rapidamente. Ainda não estou certa se isto realmente me ajudará de alguma maneira, continuo a achar que ele está a ler mais do que realmente se passa. Ainda assim, sinto alívio por finalmente me sentir ouvida e por todos os meus medos e ansiedades terem sido validados. Por vezes não é fácil pedir ajuda, principalmente quando estamos habituados a cuidar dos outros, mas a verdade é que se eu quero ser feliz tenho de olhar por mim primeiro.

Quando o nosso tempo chega ao fim, saio da sala, dando um último aperto de mão ao Dr. Maxwell. Pouso o casaco e a carteira num banco da sala de espera e retiro o telemóvel e o porta-moedas. Enquanto a rapariga no balcão processa o meu pagamento e faz as próximas marcações, ligo novamente o telefone que tinha desligado para ter a certeza de que não ia ser incomodada. Pasmado ao ver três chamadas não atendidas de Tyler. Ele tem-me ligado todos os dias desta semana, mas esta foi a primeira vez que ligou mais do que uma vez seguida. Pensei em bloquear o número e simplesmente cortar o mal pela raiz, mas sou uma cobarde que não é capaz de o esquecer.

Quando tudo está resolvido na receção, agarro as minhas coisas e vou até à porta de vidro do pequeno escritório. O elevador chega até ao andar e a porta abre-se. O meu mundo volta a desabar quando encaro a figura despedaçada no interior do elevador. Tyler olha-me intensamente com os seus olhos castanhos ardentes. O ar foge-me do corpo, o meu coração dispara imediatamente e sinto toda a confiança que estava a sentir ser varrida pelo seu olhar abrasador.

— Olá — diz apenas. Tyler coloca as mãos nas portas de forma a impedir que fechem. Demoro algum tempo a perceber que isto está mesmo a acontecer e não é apenas fruto da minha imaginação.

— O que é que estás aqui a fazer? — Ele deixa cair a cabeça entre os braços que seguram as portas num suspiro audível. O seu cabelo está demasiado grande e despenteado, barba por fazer sabe-se lá há quanto tempo e veste umas calças de ganga escura combinadas com uma camisola de malha bege. Ele transpira sexo por todo o lado, o que me faz engolir em seco algumas vezes. O seu olhar volta a cruzar o meu com um leve sorriso.

— Não atendias as minhas chamadas, então tive de tomar medidas drásticas. — Uma senhora vinda de outro escritório do andar aproxima-se do elevador, fazendo Tyler soltar as portas e sair para lhe dar espaço. A mulher encara-o com a boca aberta, distraíndo momentaneamente a atenção de Tyler. Tento esgueirar-me para entrar no elevador também, mas a sua mão segura-me gentilmente. A porta fecha-se e eu solto um grunhido frustrado, batendo com um pé no chão.

— Talvez, Mr. McLain, eu não tenha atendido as tuas chamadas porque não quero falar contigo. E como é que sabias que eu estava aqui? Andas a seguir-me? — Ele coloca as mãos nos bolsos e aproxima-se um pouco mais de mim.

— Não, Emma, não te ando a seguir. O teu irmão fez o favor de me dizer onde estavas. — Abro a boca incrivelmente zangada não só com Tyler mas com James. Ele não tinha o direito de andar a falar da minha vida, muito menos andar a dizer onde é que eu estou.

— Ah não, isto não pode estar a acontecer-me. O James vai ouvir tanto logo... — Abano a cabeça algumas vezes ainda a processar o que está a acontecer.

— Eu sei que não mereço que faças isso, mas, por favor, vem comigo, vamos a qualquer lado conversar. Eu preciso de me explicar, Emma. — Ele deve estar mesmo a brincar comigo. A que propósito ia eu com ele ouvir mais das suas mentiras?

— Foste bem claro da outra vez, as tuas explicações a mim não me interessam para nada. — Volto a carregar no botão para chamar o próximo elevador e rezo para que chegue o mais rapidamente possível.

— Caramba, Emma. Eu liguei-te todos os dias, mandei-te mensagens, até te mandei flores! Eu estou a fazer figura de idiota por tua causa e tu estás a ser estupidamente difícil. — Mordo o lábio ao relembrar as flores que chegaram a minha casa na segunda-feira. Um enorme ramo de jacintos cor-de-rosa com uma pequena nota apenas com o nome dele. Rapidamente solto o lábio e endireito as costas, tentando elevar a minha postura, mantendo-me altiva e firme.

— Ah, as flores eram tuas? Nem me apercebi, mas a minha mãe gostou muito delas quando lhe entreguei o ramo. — Ele morde o lábio e os meus olhos focam o seu gesto. Estaria a mentir se dissesse que nada disto me afeta, mas afeta, mais do que consigo compreender.

— Por muito feliz que eu fique que a tua mãe tenha gostado das flores, aquelas eram para ti. — Aperto mais o meu casaco contra mim na expectativa que o elevador se digne a aparecer novamente neste andar.

— Eu não quero as tuas flores. De ti eu só quero distância, Tyler. Que

esta seja a tua última tentativa de estares perto de mim, porque quero que fique bem claro que eu não estou interessada em ter uma relação casual contigo. Vai procurar outra qualquer para te entreteres e deixa-me em paz.

A porta do elevador abre-se atrás de mim. Tyler investe sobre mim com a mão bem vincada no meu maxilar. O seu corpo empurra o meu para trás com força, enquanto rapidamente carrega no botão para descer. Assim que a porta fecha, a sua mão pousa sobre a parede, ao mesmo tempo que a outra afirma a sua presença no meu pescoço. O choque faz-me deixar cair o casaco e a mala ao chão. Os seus lábios estão a centímetros dos meus enquanto a sua testa pousa sobre a minha. Sinto-lhe o hálito aqui mesmo e começa a ser difícil resistir ao impulso de o beijar. Ambos os nossos peitos sobem com força no mesmo ritmo descontrolado.

— Eu fiz merda, Emma, mais merda do que imaginas, mas a maior asneira que fiz foi mentir-te naquela noite. Porra, não é claro o que eu sinto por ti? — Respiro pela boca com medo de que o ar me falte para me segurar.

Atrevo-me a colocar a mão na sua cintura e sentir o seu corpo por baixo da camisola. Engulo em seco com alguma força, com a mente a correr em todas as direções. Os sentimentos que tentei trancar num baú bem fechado explodiram novamente e estão a céu aberto. Só queria que fosse fácil resistir-lhe, queria não sentir mais, queria ser indiferente a ele como fui a todos os homens até aqui, mas isso não acontece. O facto de eu o querer tanto é exatamente o que mais me magoa.

— Tu magoaste-me, Tyler — digo num suspiro. O mesmo polegar que antes me segurava o pescoço com medo de me largar, agora acaricia-me e passeia pelos meus lábios como que a estudá-los cautelosamente.

— Eu sei, *baby*, perdoa-me, por favor. — Pasma com as suas palavras. *O que é que ele me chamou?*

Antes de ter tempo de falar, o elevador volta a abrir no rés do chão do prédio. Por esta altura já decidi que vou pelo menos ouvir o que ele tem para me dizer, por isso deixo-o ajudar-me a apanhar as minhas coisas do chão e a encaminhar-me para fora com o braço à minha volta. Tyler tem o carro estacionado numa rua mesmo ao lado do prédio onde eu estava. Por momentos fico feliz por ter decidido vir de táxi e não com o meu carro. Quando me sento ao seu lado, sinto-me estranha, como se tudo isto fosse uma gigante confusão. Como é que eu cedo tão facilmente? Eu não posso estar assim tão apaixonada por ele. Olho para o lado para a sua figura terna que me encara com dor e aí percebo que ele também está magoado. Respiro fundo e volto a olhar para a estrada sem fazer perguntas. Por um lado, tenho algum receio do que ele vai dizer, mas por outro a curiosidade está a matar-me. A sua mão agarra a minha quando para num sinal vermelho. Tyler levanta-a

ligeiramente e beija-a. O gesto apanha-me completamente desprevenida. Sinto-o respirar fundo como se estivesse com receio do que vai dizer a seguir.

— Queres ir até um restaurante ou preferes encomendar comida, em casa? — Fico a olhá-lo, ofendida com a pergunta. *Mas ele está a brincar comigo?* Se ele acha que a melhor maneira de me pedir desculpas por me usar para sexo é enfiar-me novamente na cama, está muito enganado. Ele arregala os olhos e rapidamente corrige-se. — Não! Desculpa, era só porque falamos mais à vontade. Emma, eu não vou fazer nada sem seres tu a pedir, tu estás em total controlo da situação. — Não consigo deixar de sorrir perante o seu desconforto. Pondero as opções e a verdade é que eu quero estar sossegada, quero ter a oportunidade de fazer o que quiser e de levar a noite como eu desejar e para isso temos de estar em casa.

— Vamos para tua casa. Concordo que estamos mais à vontade para falar lá do que no meio de um restaurante. — Tyler sorri-me gentilmente, consentindo com a cabeça.

A velocidade com que vira na próxima rua em direção ao seu apartamento demonstra o quanto quer que eu vá com ele para resolver a situação, isso ou porque estou novamente a cair nos truques dele. Eu sei que devia ser mais forte e que isto provavelmente vai acabar mal outra vez, mas algo em mim pede para eu lhe dar mais uma oportunidade e espero mesmo não me arrepender disto.

Capítulo 22

Emma



Quando saímos do elevador, Tyler faz questão de me deixar entrar à sua frente no corredor claro e airado. A casa está completamente arrumada e cheira maravilhosamente a produtos de limpeza frescos. Tyler pendura o seu casaco no bengaleiro e caminha até mim para retirar a minha mala e casaco da mão para pendurar no mesmo sítio. Estou prestes a tirar os sapatos para ficar mais confortável, quando reparo numa mulher a surgir da lavandaria ao lado da cozinha da casa. Parece ter alguma idade e anda atarefada com um grande rolo de lençóis brancos na mão:

— Boa-tarde, Mr. McLain — diz educadamente e com um sorriso. O seu olhar desvia-se para o meu e estou prestes a apresentar-me quando Tyler me interrompe um pouco engasgado.

— Boa-tarde, Mrs. Clark, esta é a Emma Montgomery, a minha namorada. — Pasma a olhar para ele com o queixo quase a bater no chão. *Namorada?*

— Prazer em conhecê-la, Miss Montgomery. — Mrs. Clark caminha até mim e aperta-me a mão gentilmente. O seu cabelo cinzento aos caracóis cresce no topo da sua cabeça bem redonda. Parece ser extremamente carinhosa e o carregado sotaque escocês ajuda à aura afável que emana. — Qualquer coisa que precise, por favor, não hesite em pedir. — Sorrio para ela ainda um pouco tonta com a afirmação de Tyler.

— Obrigada — consigo dizer apenas.

— Pode ir para casa, Mrs. Clark. Eu e a Emma vamos encomendar o jantar. Tire o resto do dia. — Os olhos dela arregalam de felicidade como se tivesse acabado de ganhar a lotaria. Caminho um pouco para longe deles, deixando Tyler resolver as coisas com a Mrs. Clark. Pareço uma barata tonta a andar de um lado para o outro, pronta para explodir.

— Mas ainda não está na minha hora, Mr. McLain, ainda há tanta coisa para fazer! — exclama.

— O que quer que tenha para fazer, pode esperar até segunda-feira — diz com um sorriso. Mrs. Clark parece ponderar, mas rapidamente sorri e consente com a cabeça.

— Vou só buscar as minhas coisas. Muito obrigada, Mr. McLain. — Mrs. Clark afasta-se sorridente e assim que a vejo caminhar até uma divisão no interior da casa, caminho até Tyler e dou-lhe uma palmada no braço com força.

— Ei! Para que foi isso? — queixa-se, enquanto segura o braço no sítio onde bati.

— Namorada? Estás mesmo convencido disso? — digo com sarcasmo. Tyler sorri e pousa a mão no meu rosto. Os seus olhos bloqueiam nos meus, transformando as minhas pernas em gelatina. Tento manter-me o mais quieta possível, sem mostrar qualquer reação.

— Não, mas vou estar. — Os seus lábios pousam na minha testa suavemente. Fico de boca aberta a olhar para ele. Não sei como reagir a esta sua mudança de personalidade, mas antes de poder pensar numa resposta, somos novamente interrompidos. Mrs. Clark volta a emergir do interior da casa, agora já com o casaco vestido e carteira posta.

— Tenham uma boa noite, até segunda! — exclama, sorridente.

Mrs. Clark sai de casa tão apressadamente que parece ter medo de que Tyler mude de ideias em relação a ela sair mais cedo. Tomo a liberdade de me sentar num dos bancos da ilha, ficando com as pernas a balançar por serem tão altos. Tyler abre o frigorífico e aproxima-se de mim com uma garrafa vinho branco bem gelado. Observo atentamente todos os seus movimentos, especialmente a forma lenta como ele abre a garrafa de vinho sem dizer uma única palavra. Tyler enche um copo que bebo quase de uma só vez. O ambiente ficou constrangedor demasiado rápido, não vou dizer nada até ele se decidir a falar comigo. Tyler agarra o telemóvel e aproxima-se de mim, ficando em pé à minha frente:

— O que queres jantar? — O seu corpo está tão perto de mim que a única coisa que consigo pensar em comer está mesmo aqui. Clareio a voz e digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Pode ser tailandês... — Falo tão baixo que não tenho a certeza se ele ouviu.

Ele respira fundo, fazendo o seu peito encher, e aproxima-se um pouco mais. Coloco a mão no seu peito para o fazer parar de caminhar. Tenho a boca tão seca que se a garrafa de vinho estivesse à minha frente bebia-a toda de uma só vez. Tyler dá mais um passo, ficando em pé entre as minhas pernas. As suas mãos seguram o meu rosto e obrigam-me a olhar para ele enquanto a minha mão teima em não o largar o seu peito. *Foda-se, foda-se, foda-se...* repito para mim mesma vezes sem conta. Tyler puxa o banco para se sentar à minha frente o mais perto de mim que é possível.

— É mesmo isso que queres? Basta pedires, Emma, eu sou teu. — Gaguejo algumas vezes antes de encontrar as palavras certas. Os seus olhos parecem pregados nos meus como se o azul fosse uma forma de hipnose. Já eu não sei ao certo para onde olhar. As minhas entranhas ardem com a ânsia de o ter novamente e com as palavras que lhe saem da boca que cada vez mais me apanham despercebida.

— Quero que me expliques o que se passou. Tyler, é difícil saber

exatamente o que tu queres. — Respiro fundo antes de prosseguir. Sinto-me tão confusa com tudo isto que só quero que ele fale de uma vez por todas. — Quando estivemos juntos as primeiras vezes, foste arrogante e distante, mas foi isso que concordámos em ser, apenas distantes. Mas depois dás-me um colar de safiras, levas-me a casa dos teus pais, dás-me um vestido caríssimo... E depois tratas-me como lixo uma noite inteira em frente aos teus amigos e dizes que só me queres para sexo? Eu não consigo acompanhar as tuas mudanças de humor. E se hoje estás assim e amanhã lembras-te que afinal não queres nada comigo outra vez? — concluo. Os meus braços caem exasperados ao lado do meu corpo. Tyler respira fundo e segura a minha mão cautelosamente.

— Ouve, o que eu fiz naquela noite foi uma asneira de proporções históricas, OK? Eu devia ter tido a coragem de admitir o que sinto e não tive, porque eu sou um covarde e porque eu queria que tu seguisse em frente. Eu não presto, sou um homem horrível e tu mereces muito melhor do que eu, mas eu preciso de ti. — Acho que desde que entrei neste apartamento, nunca mais fechei a boca. Ainda bem que não sou advogada, aparentemente fico sem palavras mais vezes do que gosto de admitir.

— Porque é que mudaste de ideias? — consigo perguntar. Tyler solta um pequeno riso que me faz franzir a sobrancelha, confusa.

— Eu não mudei de ideias Emma, eu simplesmente percebi que o que nós temos nunca foi nem nunca será apenas uma noite. — Aproximo-me um pouco mais dele, o que o faz arregalar os olhos.

— Porquê? — Atrevo-me a morder o lábio. Vejo-o engolir em seco e a apertar a sua mão no canto do banco da ilha.

— Eu não sei porquê, apenas sei que quando me deixaste naquela noite fiquei destroçado. Se havia alguma dúvida em mim sobre o que sinto, então aí desapareceu mesmo. — Ele diz isto tudo tão rápido que me custa a acreditar que seja mesmo isto que eu ouvi. Respiro fundo e baixo o olhar. Tenho medo de confiar nele novamente.

— O que é que sentes? — atrevo-me a perguntar.

— Emma, não me obrigues a dizê-lo, eu ainda não estou pronto para isso. — Ele está desesperado, consigo ver no seu olhar que me diz a verdade, mas isso não deixa de me confundir, principalmente a última parte.

— Dizer o que, Tyler?

— Isto. — Tyler puxa a minha cara até si e atira-se aos meus lábios ferozmente.

A princípio não consigo responder a este beijo louco e apaixonado que me apanha desprevenida, mas rapidamente coloco as mãos no seu tronco e começo a percorrê-lo por inteiro. Tyler levanta-me do banco e senta-me no

balcão, afastando as minhas pernas para ficar no meio de mim. Deixo cair a cabeça para trás, dando espaço a Tyler para beijar o meu pescoço e dar pequenas mordidas suaves. Não consigo evitar o suspiro que me sai da boca e decido agarrar o cinto dele e puxá-lo contra mim. Tyler grunhe alto e segura a minha mão com alguma força.

— Eu disse que não ia fazer nada sem tu pedires, mas se me voltas a puxar o cinto acho que vamos ter um problema, Miss Montgomery. — Sorrio com o som da sua ameaça e volto a puxar ainda com mais força. Tyler retesa o próprio maxilar, expondo a sua perfeição. Os seus lábios voltam a atacar os meus, sinto a sua língua a envolver-me a boca e a explorar-me por completo. Estou completamente rendida e não há nada mais que eu queira neste momento sem ser tê-lo só para mim. — Emma, pede.

— Pedir o quê? — Faço-me desentendida com um sorriso no rosto. A sua mão paira pelo botão das minhas calças, pronta para as desapertar a qualquer sinal meu.

— O que tu quiseses. — A sua voz sai-lhe cada vez mais rouca. Sei que ele está a chegar ao seu limite e eu gosto de sentir esse poder sobre ele. Quero que ele se renda a mim ainda mais, por isso, afasto mais as pernas, enquanto levanto ligeiramente o corpo para chegar ao seu ouvido.

— Prova-me — peço descaradamente. Ele solta uma leve risada arranhada, mas não pensa duas vezes no meu pedido.

Tyler rapidamente desaperta o botão e retira as minhas calças e cuecas de uma só vez. As suas mãos seguram o meu rabo e puxam-me até à berma da ilha, enquanto ele se ajoelha perante mim sem largar os meus olhos. Sem qualquer hesitação, os seus lábios beijam-me delicadamente antes de a sua língua me penetrar, preenchendo-me de prazer. Deixo escapar um suspiro bem audível que o faz cravar as unhas nas minhas coxas. A sua boca possuiu-me exatamente no sítio certo, deixando-me completamente descontrolada. Aperto os seus cabelos com força, impedindo que ele se mexa. Não quero que isto acabe, quero tê-lo desta forma para sempre. Os seus olhos encaram os meus, escuros e furtivos. Ele está a gostar de ver o prazer estampado no meu rosto e isso dá-lhe motivação para continuar a sua investida carnal. Uma das suas mãos solta a minha perna para me massajar ao mesmo tempo e rapidamente sinto o orgasmo formar-se. As minhas mãos apertam o seu cabelo ao mesmo tempo que todo o meu corpo se desfaz em prazer. Tyler espera uns breves segundos antes de vir ao meu encontro, beijando-me a testa vezes e vezes sem conta, à medida que a sensação maravilhosa começa a abandonar o meu corpo. Coloco as mãos no seu peito e sinto a sua respiração também descontrolada. Sorrio-lhe intensamente e atrevo-me a falar-lhe:

— Tyler, pede. — O seu rosto muda de intenso para irónico. Tyler

morde-me o lábio, dando-me a provar o meu próprio sabor.

— Eu não peço, Emma. — O seu corpo afasta-se de mim e vejo-o tirar a camisola e atirá-la para junto das minhas roupas. A sua mão sobe-me pela perna até formar uma concha em volta de mim. Sobressalto-me por todo o meu corpo ainda estar tão sensível por causa do orgasmo anterior. — Eu quero que sejas minha, percebes? Só minha. — O seu corpo sobrevoa o meu, apoiando-se com a mão livre no balcão de mármore escura. Sinto um dos seus dedos preencher-me, fazendo a minha boca abrir e implorar por ar enquanto as minhas mãos apertam a berma da ilha com mais força. — E se fores minha, isto também é meu, tudo meu. Então não vou pedir nada, tu é que vais implorar. — Contorço-me debaixo do seu corpo e levanto a anca na sua direção.

— Tyler, por favor — imploro.

Num ápice, Tyler levanta-me da ilha até ao seu quadril e beija-me desesperadamente. Enrolo as pernas em redor do seu tronco e puxo-lhe o cabelo desalinhado com alguma força. A barba desajeitada arranha-me o rosto. Tyler segura as minhas costas, permitindo-me despir a camisola e atirá-la para longe. Beijo-o como se não houvesse amanhã, como se este fosse o último respirar das nossas vidas. Eu quero-o tanto que só o pensamento de o voltar a perder destrói-me. Roço o meu corpo contra o seu, fazendo-o encostar-me à parede do corredor bruscamente. Tyler pousa-me no chão apenas o tempo suficiente para tirar as calças e os boxers, voltando a levantar-me sobre o seu corpo nu.

— Olha para mim — ordena. Os seus olhos encontram os meus, permitindo-me apreciar a sua expressão de prazer e alívio ao entrar em mim.

Estamos completamente despidos, não só de roupa, mas também de todos os problemas que tínhamos anteriormente. Os seus olhos não largam os meus à medida que entra e sai de mim, fazendo o fundo das minhas costas bater na parede a cada investida. As suas mãos passam para os meus pulsos, segurando-me fortemente. O seu rosto contorce-se a cada investida, completamente bêbedo de prazer. As minhas ancas tentam movimentar-se ao seu ritmo, mas é difícil mexer-me nesta posição. Ao aperceber-se disso, Tyler volta a segurar o meu corpo, enquanto caminha até ao quarto sem sair de dentro de mim. Nunca senti nada assim na minha vida, cada toque dele é um irradiar de sensações e tê-lo permanentemente aqui é melhor do que alguma vez imaginei. Quando entramos no quarto, Tyler senta-se na cama, deixando-me ficar em cima. Ele segura-me as costas para se conseguir encostar à cabeceira da cama e fica a olhar para mim como que à espera da minha reação.

— De certeza que queres assim? — pergunto.

— O que importa aqui és tu, o teu prazer. Eu sou teu, lembras-te? — As suas mãos afagam as minhas costas e agarram o meu cabelo suavemente.

Entrelaço os meus dedos na parte de trás do seu pescoço e começo a subir e a descer num ritmo lento e delicioso. Encosto a minha testa na dele, expirando com força a cada suave balançar de ancas. O seu nariz roça no meu e os seus olhos encaram-me como se eu fosse a mulher mais especial do mundo. Isto é diferente, apaixonante, intenso e completamente viciante. Cada investida envia pelo meu corpo faíscas que me fazem tremer e intensificar os meus movimentos. Sinto o seu coração bater contra o meu peito e cada gemido que lhe ouço é como um hino de vitória para mim. As suas mãos apertam-me com força e massajam-me por todo o lado, prendendo-me a si física e emocionalmente. Sinto-me praticamente a ceder e os meus gemidos intensificam-se cada vez mais:

— Quero que me olhes quando te vieres, Emma. — Luto contra os meus próprios impulsos para conseguir corresponder ao seu pedido e abrir os olhos. — És incrível, sabias? E minha, toda minha. — As suas palavras incendeiam o meu corpo já ardente e é preciso pouco tempo para ser impossível segurar mais o prazer acumulado.

O orgasmo mais intenso da minha vida apodera-se de mim, fazendo-me gemer como nunca antes gemi. Os meus sons parecem ser o suficiente para também levar Tyler ao êxtase. Grunhidos animais saem pela sua boca contra o meu peito suado e cansado. O meu coração está completamente descontrolado. Tyler segura o meu rosto à medida que me afasto, mas o seu olhar desvia para baixo.

— Não leves a mal a pergunta, mas tenho de me preocupar? — pergunta-me, ofegante. Fico algo confusa com a sua pergunta.

— Com o quê? — questiono. Tyler volta a olhar para mim e engole em seco.

— Nós não usámos preservativo. — Arregalo os olhos. Esquecemo-nos completamente desse pormenor, mas felizmente eu tomo a pílula há anos.

— Não, Tyler, está tudo controlado. — Apresso-me a tranquilizá-lo. Sinto-o sorrir ligeiramente de alívio e atrevo-me também a fazer-lhe uma pergunta talvez um pouco idiota.

— Foi bom para ti? — Arrependo-me imediatamente. Sinto as bochechas ruborizarem e aquecerem. Tyler fica com o olhar confuso, mas parece levar a pergunta a sério.

— É claro que foi, Emma, foi o melhor da minha vida! Porquê essa pergunta? — Tyler afaga-me o rosto, tentando acalmar a minha ansiedade.

— Porque se calhar foi muito diferente do que estás habituado. — Olho para as minhas próprias mãos enquanto falo com vergonha das palavras que

me saem da boca. Não sei ao certo onde quero chegar com esta conversa, acho que ainda me sinto confusa em relação ao que ele realmente sente. O seu dedo pousa no meu queixo e levanta-me a cabeça para me obrigar a olhar para ele.

— Foi muito diferente porque isto não foi sexo, Emma. Nós fizemos amor. — Abro a boca num círculo perfeito completamente arrebatada pelo que ele acabou de dizer. — Eu sei que não o consigo dizer ainda, mas, por favor, confia em mim quando te digo que tu és muito mais do que uma noite de sexo. — Tyler beija-me calmamente, segurando a minha cara com ambas as mãos. — Eu menti naquela noite para te afastar porque eu tenho medo destes sentimentos completamente novos para mim, mas eu quero-te de todas as maneiras possíveis. — Seguro o seu pescoço e espeto-lhe um beijo forte e apaixonado.

Tyler cai para trás na cama e segura o meu rabo, puxando-me para si. O seu corpo roda ficando sobre o meu, enquanto o beijo começa novamente a acender os nossos corpos já sedentos um pelo outro novamente.

— Queres mais, é?

— Sim, namorado. — O sorriso genuíno que a minha palavra lhe causa enche-me de felicidade.

— Os teus desejos são ordens, namorada. — Agarro o seu rosto e beijo-o. Ele é meu, todo meu, e agora que o tenho realmente nunca mais o vou largar.

Capítulo 23

Emma



Inspiro fundo contra a almofada fofa com fronha de seda. Sinto o corpo extremamente gelado e procuro o lençol para me tapar e dormir mais um pouco. Os dedos de Tyler passeiam pelas minhas costas, apreciando a suavidade da minha pele pálida e carregada de sinais. Deixo-me estar mais um pouco nesta posição, fingindo que continuo a dormir apenas para apreciar os mimos inesperados que vêm dele. Tyler puxa o lençol para me tapar e aconchega-o à minha volta. As suas mãos afastam o meu cabelo da cara e deposita um pequeno beijo na minha bochecha. Os seus braços rodeiam-me e puxam-me contra si, ficando em conchinha.

— Emma? Estás a dormir? — pergunta, baixinho. Permaneço calada e com os olhos fechados. Tyler suspira como se estivesse desiludido por eu estar a dormir, mas a sua mão continua a acarinhar suavemente a minha barriga e os meus seios que se começam a arripiar e enrijecer com o seu toque. O seu nariz enterra no meu pescoço e inspira com força o aroma do meu cabelo. — Não fazes ideia a falta que me fizeste. Não te posso deixar ir nunca mais. — A sua boca beija o meu pescoço e não consigo fingir mais. Viro-me para ele e enterro a cabeça no seu peito.

— Bom-dia — sussurro contra o seu peito.

— Estavas a fazer de conta que dormias? — Apenas confirmo com a cabeça. Tyler começa a fazer-me o maior ataque de cócegas de sempre. Solto uma forte gargalhada e tento parar as suas mãos com as minhas.

— Tyler, para! Eu vou gritar! — As minhas súplicas parecem ser o suficiente para o abrandar.

— Só vou parar porque és a mulher mais linda do mundo e porque eu faço qualquer coisa por ti. — Levanto-me ligeiramente da cama ficando apoiada nos cotovelos. Ergo uma sobrancelha e fico a olhá-lo sarcasticamente.

— Qualquer coisa? — Tyler atira-se para a almofada e encara o teto com um sorriso resplandecente.

— Eu vou arrepender-me de dizer isto, mas sim, qualquer coisa. — Viro-me de barriga para baixo e começo a desenhar o número 8 com o dedo no seu peito esculpido e suave. Apoio a cabeça com a outra mão e continuo a sorrir-lhe.

— Podias levar-me a tomar o pequeno-almoço... — As suas mãos passam para a minha cara e deposita-me um beijo carinhoso nos lábios. Sinto-me a sonhar e tudo o que quero é nunca acordar deste paraíso na terra.

— Eu já ia fazer isso. Gostava que ficasses comigo o fim de semana, podíamos ir onde quisessem. Passear, cinema, jantar fora... Eu deixo-te na

faculdade na segunda-feira antes de ir para a firma, a não ser que queiras arranjar uma gripe de um dia para o outro ou assim. — Volto a beijá-lo e não preciso nem de dois segundos para aceitar o seu pedido.

— É claro que fico, mas podemos passar na minha casa a seguir ao pequeno-almoço? Preciso de ir buscar roupa para segunda-feira e mais algumas coisas. — A sua mão continua a afagar o meu rosto como se tivesse medo de me largar. Deito a cabeça sobre a sua mão e beijo-lhe a palma com carinho.

— Porque é que não trazes mais coisas? Só para teres aqui sempre roupa para o caso de queres cá ficar mais vezes. — Olho-o confusa.

— Tens a certeza? Tyler, eu tenho a minha casa. — Por um lado eu espero que ele me convide a ficar frequentemente, viver naquela casa é completamente impossível.

— Emma, por favor, não duvides dos meus sentimentos por ti. Eu quero-te comigo o máximo de tempo possível. — Abraço-o inesperadamente. Tyler solta um trejeito por não estar a contar que eu me atirasse aos seus braços desta forma. A sua mão sobe até ao meu cabelo e afaga-o suavemente. Sinto-o inspirar fundo à medida que as suas mãos continuam a passear pelo meu corpo.

— Emma? — chama.

— Sim? — Tyler engole em seco e volta o olhar para mim com uma expressão sombria a pairar-lhe pelo rosto.

— Eu ontem não disse nada, mas... — Tyler hesita em continuar, precisando de respirar fundo. — O que é que aconteceu aos teus joelhos? — pergunta. Baixo a cabeça e suspiro, procurando a melhor maneira de lhe explicar.

— Caí em cima dos vidros de um espelho.

— Por acidente? — Bloqueio o olhar no dele. Acho que a única coisa que vou ter falta do Tyler antigo é a sua falta de perguntas.

— Não exatamente. — Ele suspira fundo e segura o meu rosto.

— É por isso que foste ao psiquiatra? Para não te voltares a magoar? — Expiro com força e sento-me na cama, olhando o horizonte coberto de prédios altos. Tyler continua a afagar as minhas costas o que me ajuda a relaxar um pouco.

— Ouve, há uma coisa que eu não acho que vai mudar, Tyler, pelo menos para já. — Olho para ele e reparo no seu rosto preocupado. — Há perguntas que vão continuar sem resposta. — Ele diz que sim com a cabeça levemente e segura a minha mão com a sua.

— Só quero que estejas bem, mas concordo que há coisas que ainda não podemos contar. — Eu sabia que ele ia compreender, pois também ele tem

segredos que quer guardar pelo máximo de tempo possível, senão para sempre. Apresso-me a beijá-lo com carinho, mas somos interrompidos pelo som do seu estômago a ranger.

— Estou a morrer de fome. — Abafo uma gargalhada e solto-o, dando-lhe espaço para ele se levantar. O meu sorriso é-me varrido ao reparar na ereção com que Tyler acordou, fazendo-me arregalar os olhos imediatamente. — É melhor habituares-te a isto, eu acordo assim todos os dias.

— Acho que estou no céu.

*

O Mr. Baker dá ordem para abrir o enorme portão da entrada. Tyler conduz pelo caminho de gravilha até à imponente fachada de mármore branco da mansão. Devo admitir que, apesar de toda a tristeza que esta casa me trouxe, não deixa de ser incrivelmente deslumbrante. O contraste dos pilares em mármore com os detalhes em ferro preto e o telhado escuro transbordam luxo. Seria o sonho de qualquer pessoa viver aqui, mas é apenas o meu maior pesadelo. O carro desliga-se e por algum motivo sinto-me apreensiva. Fico a olhar pela janela para a enorme porta em ferro preto, enquanto chocalho as chaves com a mão vezes e vezes sem conta. Tyler agarra a minha mão, fazendo-me parar com o barulho que provavelmente o estava a enervar.

— Estás bem? — Respiro fundo e desvio o olhar em direção a ele.

— Sim, está tudo bem. — Agarro na mala e preparo-me para abrir a porta, quando Tyler salta do carro mais rápido que eu e contorna-o para me ajudar a sair. Ele estende-me a mão e suspira ao ver-me claramente perturbada. — Podes ficar no carro, não precisas de vir comigo.

— Preciso, sim. És minha namorada, esta é a tua família e ainda por cima o teu pai é meu patrão, não tem lógica ficar aqui. — Não evito soltar uma pequena gargalhada o que o faz olhar-me, confuso.

— É só estranho o que acabaste de dizer. O meu pai é patrão do meu namorado, e essa palavra ainda me custa dizer. — Tyler beija-me delicadamente a parte de trás da mão enquanto retribui o sorriso.

Encho o peito de ar e começo a subir as escadas que dão acesso ao alpendre. Sinto-me exatamente como me senti na noite daquele maldito aniversário e demoro algum tempo a ganhar coragem para enfiar a chave na fechadura. Começo a estranhar nenhum dos empregados ter aparecido para abrir a porta, mas desvio o pensamento e concluo que estão apenas ocupados com outras coisas. Empurro a porta para trás, mas o ranger das dobradiças

pesadas é completamente mascarado pelo grito de socorro que vem da sala.

— Mãe! — grito. Corro até à sala onde vejo aquilo que sempre vi toda a vida.

John segura a minha mãe no sofá enquanto lhe dá um estalo. Agarro o seu braço, tentando parar a sua investida, mas acabo por ser atingida em cheio na cara. Sinto o sangue começar a cair na minha boca e tenho a certeza de que rebentei o lábio. Não desisto de o puxar com toda a minha força apesar de ser completamente em vão. Tyler puxa-me para trás e agarra John pelos colarinhos da camisa, empurrando-o contra a parede mais próxima com toda a força. Espeta-lhe um forte soco em cheio no maxilar, deixando-o tonto o suficiente para me dar tempo de segurar a minha mãe, que se senta no sofá e imediatamente me toca no lábio ao ver o sangue cair. Um dos empregados aparece na sala apenas para dar meia-volta e ignorar a situação.

— Vai virar as costas? Não vê o que se passa aqui, porra?! Arranje-me uns panos e chame a polícia! — grita Tyler. O empregado fica pasmado a olhar para ele, talvez com medo de violar o contrato que tem com o meu pai. Agarro a mão dele, fazendo-o olhar para mim.

— Ele não pode, Tyler, nenhum deles pode ajudar. — O seu olhar chocado e brilhante encara-me com pena, a mim e à minha mãe. Eu nunca o devia ter trazido aqui, ele nunca devia ter sido exposto a isto. Agora ele vai pensar que só quero estar com ele para fugir daqui. A minha mãe segura as minhas mãos com força, mudando a minha atenção para ela.

— Sai desta casa, Emma, vai-te embora, por favor. Isto não é sítio para ti. Já chega de sofreres desta maneira. — Pasma por ela me tratar por tu. No preciso momento em que a minha mãe acaba a frase, John levanta-se do chão e agarra Tyler com força.

— Quem é que tu pensas que és para me deitares as mãos? — Tyler levanta os braços no ar, tentando que isso acalme a situação e evitando mais conflitos, mas ele não sabe que a raiva de John não tem fim e que não há nada que ele possa fazer para controlar isto.

— Foi boa a sesta, Mr. Montgomery? Se quiser outra, já sabe, estou sempre às ordens. — A minha mãe aproveita a confusão para correr até uma das casas de banho e agarrar duas pequenas toalhas de rosto ensopadas em água. Quando regressa, dá-me uma a mim e as suas mãos agarram delicadamente o meu rosto com um olhar suplicante.

— Vai buscar uma mala, Emma. Não te estou a pedir, filha, estou a mandar.

— Mãe, eu não a posso deixar aqui! Venha comigo, por favor. — Não consigo ir embora e deixá-la aqui sozinha. O James não sabe de metade do que se passa. Ele é inútil a protegê-la e eu quero que continue a ser assim.

Já chega disto, chega de guardar o seu segredo, chega de o deixar controlar a minha vida, chega de viver com medo. Preciso de proteger a minha mãe. Ele não lhe pode tocar, nunca mais. Largo as mãos da minha mãe e corro até ao escritório do John. Abro todas as gavetas da secretária e tiro todos os papéis e dossiês para fora, até perceber que a última gaveta tem um fundo falso. Tal como eu suspeitava, ele guarda aqui uma arma. Lembro-me de ver algumas vezes como se abre uma pistola no YouTube. Eu sabia que ele mantinha uma arma em casa e achei pertinente aprender como a usar. Consigo ver que está carregada. Agarro-a com força para evitar que as minhas mãos tremam como estão a fazer agora. A raiva está a pilotar o meu corpo e não há um pedaço de mim que me impeça de entrar na sala com a arma na mão:

— CHEGA! — grito a plenos pulmões, enquanto ergo a arma para o teto e disparo, fazendo um barulho ensurdecedor por toda a casa que me faz doer os ouvidos.

O susto do som da arma e da minha voz é o suficiente para John parar petrificado. Baixo a arma e aponto-a diretamente a ele. John levanta as mãos e engole em seco. Consigo ver que está com medo e isso satisfaz-me. A única coisa que consigo imaginar é pôr um fim a tudo isto. Vê-lo finalmente pagar por tudo o que fez durante todos estes anos. Tyler caminha até mim devagar e põe as mãos atrás dos meus ombros com algum medo.

— Emma, não vale a pena! Não estragues a tua vida por causa dele. Vamo-nos embora... — pede-me calmamente. Consigo sentir as suas mãos tremerem sobre mim.

— Vamos, mas não antes de eu acabar com esta palhaçada. — Tyler arregala os olhos mas decide não soltar os meus ombros, talvez com medo de que isso me leve a disparar. John cerra a mão em punho, como se estivesse pronto a atingir-me se eu abrir a boca, mas eu caminho para a frente e seguro a arma mais próxima dele, reduzindo as minhas hipóteses de falhar.

— Emma, por favor, baixa a arma, filha, tu não queres fazer isso! — grita a minha mãe, desesperada. Desvio o olhar para ela e reparo nas pisaduras pelo seu corpo e no sangue no seu rosto. Eu estou a fazer isto por ela, eu tenho de a salvar deste monstro de uma vez por todas. Não me importo de ir presa se isso significa que ela está finalmente em paz.

— Emma, vê lá o que fazes, filha. Não queres causar mais estragos. — Contorço-me em náuseas ao ouvi-lo chamar-me filha.

— Eu não sou tua filha! Nunca mais me chames isso. — Coloco o dedo no gatilho e encosto a arma ao tronco de John, o que faz Tyler voltar para junto de mim e segurar o meu braço com alguma força.

— Emma, baixa a arma, não faças isto! Pensa no teu irmão, ele nunca te ia perdoar. Por favor, baixa a arma. — Olho para ele com os olhos em

lágrimas. A sua respiração está completamente descontrolada, tal como a minha.

Eu sei que o meu irmão me iria odiar para o resto da vida, mas seria o melhor para ele. Pensar no olhar triste do James ao perceber que eu matei o herói dele destrói-me mais do que qualquer coisa que esta besta possa fazer e, por isso, baixo a arma. Continuo a segurá-la na minha mão com toda a força, posso não o matar, mas tê-la aqui faz-me sentir segura. Se ele tentar alguma coisa, volto a levantá-la e não prometo não disparar. Respiro fundo e percebo que assim como Tyler me fez baixar a pistola que tenho na mão, também eu tenho de retirar todas as armas de John.

— Eu não vou disparar, por agora. Mas se volta a tocar na minha mãe, não prometo nada. — Ele parece rir ao sentir-se aliviado por já não ter uma arma apontada a ele. Mas isso vai mudar. — Acabou a sua vantagem sobre mim, já não sou uma criança e hoje foi a gota de água. — O seu rosto perde o sorriso apenas para se contorcer com a raiva que o começa a consumir.

— Emma, esteja calada! Já sabe o que acontece se falar. — Agora foi a minha vez de sorrir sarcasticamente.

— Não vai acontecer absolutamente nada e sabe bem disso. — A minha voz treme ao ritmo que o meu corpo comanda.

— John, do que é que a nossa filha está a falar? — pergunta a minha mãe. Viro-me para ela e respiro fundo, tentando encontrar a força para finalmente pôr um fim a tudo.

— Desculpa, mãe, mas eu não consigo mais. O que eu vou contar já devia ter contado há anos mas não podia, eu tinha de te proteger! — Viro o olhar para o de John que parece tão enraivecido como assustado. Durante anos as suas ameaças mantiveram-me calada, mas agora chegou a altura de lhe tirar a vantagem sobre mim. Apenas fico a olhá-lo e arranjo forças para lhe espetar com um sorriso sarcástico, confiante de que lhe estou a tirar as cordas que me prendiam.

— Na noite do meu décimo segundo aniversário...

Capítulo 24

Emma



O papá não me foi buscar ao restaurante. Esperei por ele tanto tempo, mas ele não apareceu. Tive de caminhar até aqui sozinha e tive bastante medo. E se aparecesse alguém para me fazer mal? Para me assaltar ou raptar? Ainda bem que não apareceu. Agora já vejo o portão e sei que estou segura. O papá vai-se chatear se aparecer no restaurante e eu não estiver lá, mas os empregados disseram que eu não podia lá ficar mais tempo, tinham de fechar e eu não podia estar ali sozinha. Lembrei-me de tirar as chaves do bolso e abrir o portão com o pequeno comando que trago junto a elas. O Mr. Baker já deve estar a descansar e não é preciso ele levantar-se só para me abrir o portão. Nunca percebi porque é que o papá tem tanta gente para tantas coisas diferentes. Temos pessoas para nos conduzir, fazer compras, cozinhar, abrir a porta, servir à mesa, tratar do jardim... é sempre uma enorme confusão dentro de casa com tanta gente atarefada com coisas diferentes. Eles ignoram quando o papá se chateia com a mamã e agora vão ignorar quando ele se chatear comigo.

Vou chutando as pedrinhas no caminho, tentando ver qual vai mais longe e mais depressa. Agora que estou dentro do portão sinto-me segura e por isso demoro mais algum tempo até chegar à porta da casa. Não gosto nada desta porta, é pesada, escura e custa muito a abrir. Normalmente é sempre o papá que a abre, mas ele faz de conta que é o James que está a conseguir. O meu irmãozinho fica muito feliz por achar que é grande e forte. Eu sei que o papá gosta mais dele do que de mim, ele queria que eu também fosse um rapaz. Às vezes, à noite, peço muito para o papá acordar a gostar mais de mim do que do James, mas se Deus existe, então não gosta de me ouvir, porque de manhã o papá grita sempre comigo e nunca com o James.

Passeio pelo pórtico da entrada há algum tempo, na esperança de que o papá apareça de repente e assim possa encontrar-me aqui sã e salva, mas está demasiado frio para ficar aqui fora. Se calhar o papá está em casa e adormeceu; se calhar está preso no trânsito por causa do acidente, ou se calhar esqueceu-se de mim. O que quer que seja, não posso ficar aqui fora mais tempo, por isso, enfio as chaves na porta e começo a empurrá-la com toda a minha força. Para minha surpresa, consigo abrir com facilidade, devo ter ficado mais forte por ter feito anos.

Entro em casa e estranho todas as luzes estarem apagadas, fazendo-me acreditar que o papá adormeceu e por isso é que não me foi buscar. Suspiro de alívio, assim o papá não se pode zangar comigo. Afinal foi culpa dele ter-se esquecido de mim e não minha. Fecho a porta com cuidado, tentando que não ranja nem faça barulho ao bater e começo a caminhar em passos pequeninos até à enorme escadaria central.

O pequeno salto das minhas sabrinas pretas faz muito barulho e por isso paro para me descalçar. Continuo em bicos dos pés até ser parada pelo som de algo a partir. Levanto imediatamente o olhar, tentando encontrar o que é que parti para apanhar os pedaços e esconder do papá, mas quando olho percebo que o som veio da sala e o que caiu foi o grande vaso azul e branco que estava pousado com flores na mesa de apoio. O papá está ali em pé e olha para mim, mas ele não está sozinho. Está com uma mulher que não é a mamã. Estão despidos.

Grito o mais alto que os meus pequenos pulmões me permitem. Grito de medo, de nojo, de confusão. Eu sei o que estão a fazer, mas não quero acreditar. O papá está a trair a mamã, eu estou a ver tudo. Eu não quero ver isto! Tapo os olhos com as mãos e começo a correr para as escadas. Ouço o papá vestir as calças e tirar-lhes o cinto e por isso tento correr mais rápido, mas sou agarrada pelo braço e puxada para trás. Olho ligeiramente para o lado e percebo que o papá está com o cinto na mão.

— Não! — grito. — Eu não vi nada papá, eu juro! — Eu vi, estou a mentir, por isso levo a primeira açoitada na lateral da perna. A dor é tanta que não consigo gritar. Não é a primeira vez que o papá me bate com o cinto, mas nunca doeu tanto como hoje. A mamã não sabe que ele me bate, mas agora vou ter de contar tudo.

— O que é que tu viste, Emma Adelaide?! Se mentires novamente, levas mais! — O papá agarra-me pelos cabelos e obriga-me a olhar para ele. Chamou-me Adelaide e isso significa sempre que estou em sarilhos. Tremo com o medo. Se mentir, ele vai-me bater, mas algo me diz que, mesmo que diga a verdade, aquela não foi a última açoitada que levei.

— Eu vi... — Não tenho coragem de dizer e por isso levo novamente. Desta vez grito e tento procurar a mulher com o olhar, pode ser que ela me ajude, mas não lhe consigo ver a cara.

— Eu não estou para brincadeiras! Fala de uma vez por todas! — Sinto-o puxar-me mais os cabelos e tento soltar-me, mas é impossível, o papá tem muito mais força do que eu.

— Vi-te com aquela senhora no sofá da sala! Papá, larga-me! Estás a magoar-me! — Olho-o nos olhos enquanto imploro que me largue. As lágrimas começam a rolar-me pela cara apesar de estar a fazer tudo para continuar forte.

— Tu não viste nada, Emma! Nada!! — grita-me. Fecho os olhos com força. Tenho medo dele, medo da dor. O cinto volta a atingir-me, desta vez no meu tronco do lado esquerdo. Acho que me bateu numa costela. A dor é muito maior do que antes e não consigo respirar. Fico com medo de desmaiar, nunca me aconteceu, mas acho que estou perto. Sinto raiva dele, ele está a

fazer-me mal e a trair a mamã!

— Vi, sim!! Eu vou contar tudo à mamã e ela vai deixar-te! — grito histericamente. A sua mão aperta o meu cabelo ainda com mais força enquanto começa a caminhar para as escadas sem me largar. O seu olhar desvia-se para o da mulher que continua em pé a ver a cena toda sem fazer nada. Ela é tão má como o papá, está a vê-lo a fazer-me mal e não me ajuda.

— Eu peço desculpa, vou só meter a minha filha no sítio dela e já volto. — Sou arrastada pelas escadas acima, tropeçando em alguns degraus pelo caminho. Nunca chego a cair porque o papá segura-me pelos cabelos e continua a puxar-me para cima.

— Não!! Não!! Socorro!!! — grito desalmadamente mas ninguém me ouve, ou se ouvem ninguém quer saber de mim o suficiente para me ajudar. Peço com toda a força para a polícia aparecer como que por milagre, para prenderem o papá e impedirem o que eu sei que está prestes a acontecer.

Quando chegamos à porta do meu quarto, ele finalmente solta-me o cabelo e empurra-me lá para dentro com força, fazendo-me cair ao chão. Por momentos acho que afinal ele só me vai fechar aqui, mas estou redondamente enganada. Sinto a primeira chicotada do cinto nas minhas costas ainda antes de ter tempo de me levantar da queda. Volto a cair no chão com a força do impacto e choro de dores. O papá senta-se na cama e agarra-me novamente, fazendo-me deitar sobre o joelho dele. Tento ao máximo soltar-me e continuo a gritar com pânico. Isto não me está a acontecer, isto tem de ser apenas o pior pesadelo da minha vida. Amanhã vou acordar e tudo isto foi mentira, o papá não traiu a mamã e não me bateu desta forma. Ele puxa-me novamente o cabelo com uma mão e obriga-me a olhar para ele.

— Ouve bem o que te vou dizer porque não vais querer que eu repita. — O cinto atinge-me com força nas nádegas, fazendo-me saltar para a frente e gritar novamente. — Sem gritos! — Mordo o lábio imediatamente para calar os gritos, mas não consigo ficar calada muito tempo.

— Papá, não faças isto, por favor! Eu não vou contar nada, prometo! — Não é verdade, eu vou contar tudo, mas preciso que ele pare de me bater ou não sei se chego até amanhã.

— Mas tu julgas que estás a falar com quem, Emma?! Eu sei que estás a mentir! Esta é por seres mentirosa. — Um. Mordo o lábio com muita força para não gritar, seria pior.

— Esta é por me desobedeceres e vires para casa sem mim. — Dois. O meu lábio começa a sangrar, tal é a força com que o mordo.

— Esta é para ficares com a boca fechada sobre isto o resto da tua vida. — Três. Sinto a cabeça a doer e os ouvidos zumbem num som agudo. Solto o lábio ensanguentado, estou tão fraca que já nem preciso de o morder para

não gritar.

— Esta é para saberes o que te vai acontecer se me desobedeceres. — Quatro. Tudo fica escuro, estou a perder consciência. Fico em pânico só de pensar em desmaiar. Sinto o coração bater na garganta, bate com mais força do que alguma vez bateu, tentando manter-me acordada.

— E a última é para nunca mais te esqueceres desta noite. — Cinco. Sou atirada para o chão com o corpo e a boca a sangrar.

Olho para o teto e levo a mão ao peito para ter a certeza que estou viva. O meu coração bate, mas eu sinto-me morta, ou pelo menos quero estar. Acho que é melhor não viver do que ficar aqui. O papá levanta-se da minha cama e vai até à porta. Sigo-o com o olhar à espera de que ele diga alguma coisa, que me peça desculpa e que diga que está arrependido, mas isso não acontece. Antes de sair olha para mim com raiva, fazendo-me fechar os olhos com força, com medo que me bata novamente:

— Só para ter a certeza de que ficamos claros, Emma Adelaide, se mesmo depois disto contares à tua mãe alguma coisa, eu mato-a. Prometo-te. — Estremeço quando ele bate a porta com toda a força.

Está decidido, não vou contar nada. Tenho de proteger a mamã, nada de mal pode acontecer-lhe. Ela vai tomar conta de mim e eu tenho de tomar conta dela. Levanto-me do chão a custo e caminho até à casa de banho para beber um pouco de água e tentar lavar o sangue do meu corpo. Não consigo parar de chorar e fico chocada assim que me vejo ao espelho. Tenho o lábio em ferida, um corte no canto do olho que nem sei como fiz, o cabelo no ar e dores como nunca senti por todo o corpo. Tento respirar fundo, mas uma pontada intensa atinge-me na costela esquerda que levou com o cinto quando ainda estava na sala. Levanto o vestido e vejo a ferida aberta que corre debaixo do meu soutien de desporto. Está a sangrar e aposto que vai deixar cicatriz. Agarro a toalha das mãos e molho-a na água quente da torneira. Por entre soluços e lágrimas, limpo as feridas gentilmente e tento ao máximo não pensar mais no que aconteceu, mas cada vez que tento, sinto uma chicotada atingir-me novamente, como se ele ainda estivesse aqui.

Meto a mão ao bolso e tiro todas as coisas que trazia lá guardadas. Vejo a tatuagem temporária que a Courtney me deu e choro com mais força. A minha melhor amiga foi-se embora, o meu pai deu-me a maior tarefa da minha vida, ameaçou-me e ameaçou a mamã. A minha vida nunca mais vai ser a mesma e agora nem posso fugir para casa da minha amiga de vez em quando. Limpo as lágrimas da cara e dispo o vestido por completo. Tiro a proteção à tatuagem e colo-a mesmo por cima da ferida na minha costela. Seguro o pano molhado sobre ela, tentando não gritar novamente com a dor. Olho-me no espelho e tento recompor-me. O papá não existe, aquele é o John

Montgomery e ele é um monstro. Nunca vou contar isto a ninguém. A mamã é a pessoa mais importante da minha vida e tenho de a proteger, ela não merece saber de nada disto, iria destruí-la.

Retiro a toalha, revelando a pena preta desfeita que agora tapa a marca que o John deixou em mim. Quando fizer dezoito anos, vou fazer uma verdadeira, exatamente igual a esta. Vai para sempre ser a lembrança desta noite. A partir de hoje, eu, Emma Adelaide Montgomery, deixei de ser perfeita, deixei de fazer o que o John diz, agora sou a protetora da minha mãe e do maior segredo desta família.

Visto o pijama e enfio-me na cama a custo. Enrolo-me nos lençóis o mais que consigo e enterro a cabeça na almofada, tentando abafar as lágrimas e o choro intenso que me deixa cada vez mais sem ar. Fecho os olhos e tento adormecer, mas é impossível, as lágrimas não param até ouvirem novamente barulho. Ouço passos pelo corredor e sei que só pode ser John e a tal mulher. Corro para a porta com a força que me resta e com as mãos a tremer tranco-a o mais rapidamente que consigo, mas ele não vem até mim. Há sons estranhos que se misturam com os passos, gemidos arranhados e descontrolados. Imediatamente percebo o que estou a ouvir e volto até à cama para usar a almofada como abafa orelhas. Acabo por adormecer com a exaustão, mas sem nunca deixar de ouvir os sons nojentos que vêm do quarto onde John se deita todas as noites com a minha mãe.

Capítulo 25

Emma



O silêncio que invade esta sala é ensurdecedor, dando-me vontade de disparar mais um tiro só para o quebrar. A minha respiração é talvez o único som capaz de ser ouvido por todos aqui presentes. O meu estômago fechou-se num nó e o meu coração bate ferozmente por todo o meu corpo. A minha visão está turva, não só pelas lágrimas mas também pela ansiedade que me consome por inteiro. O corpo parece doer-me exatamente da mesma forma como doeu naquela noite, nos mesmos sítios em que a fivela de metal me atingiu. Com a mão a tremer, agarro a bainha da minha camisola e levanto-a o suficiente para expor a tatuagem perfeitamente colocada em cima da cicatriz que este monstro, que me olha completamente desvairado, me deixou. Continuo a segurar a arma com a outra mão e nunca um objeto me trouxe tanta confiança.

Tyler agarra a parte de trás da poltrona de pele castanha com toda a sua força, deixando cair a cabeça entre os braços. Acho que o que o mais assombra é o facto de já ter visto as cicatrizes pelo meu corpo e eu não ter partilhado a sua origem, apesar de eu ter a certeza de que ele não se apercebeu que a tatuagem tapava também uma marca. Agora tudo é claro, os meus segredos estão expostos, nus, livres. Viro-me para a minha mãe que chora sentada no sofá. Estou a magoá-la como sempre prometi que não ia fazer, mas eu já não aguentava mais. Cheguei a um ponto sem retorno e se não contasse agora, isto ia continuar a consumir a minha vida. Engulo em seco e respiro fundo antes de continuar a falar, sem nunca enfraquecer a mão que segura o cabo da arma.

— Depois daquela noite, esta besta espancou-me mais vezes. Disse que era para ter a certeza que eu não me esquecia do que ele disse. Aliás, espancou-me durante anos. — Olho John nos olhos, agarrando-me a todas as gotas de coragem do meu ser. — Viste a tatuagem temporária na minha costela quando me batestes no dia a seguir, voltaste a agarrar no cinto e batestes-me por cima do desenho. Disseste que o ias destruir, que eu estava a ser rebelde, a afrontar-te ao tapar a cicatriz. Tornaste-a maior para teres a certeza de que eu não a conseguia tapar nunca mais. Tiveste azar, eu apenas aumentei o tamanho da tatuagem. — Para minha surpresa, a sua reação é apenas rir sarcasticamente, e esse som é mais arrepiante do que qualquer outro que ele poderia fazer.

— Mas tu achas que aqui alguém acredita em ti, Emma? Inventaste essa história na tua cabeça em miúda e agora decidiste contar, para quê? É tudo mentira e tu sabes. Não concordo que tenhas feito essa tatuagem, mas, pronto, já tens vinte e seis anos, lá sabes o que fazes. — A sua voz é calma mas não menos ameaçadora.

O facto de estar a tentar fazer-me passar por louca magoa-me mais do que qualquer grito ou chicotada. Volto a levantar a arma em direção a ele já com o dedo no gatilho. As mãos tremem-me como nunca tremeram e os olhos enchem-se de lágrimas. Só consigo ouvir o barulho do meu coração, apesar de saber que a minha mãe e Tyler me gritam para baixar a arma. Estou num transe, a visão apenas focada na trajetória da bala. Tudo à minha volta está desfocado, o som parece ficar cada vez mais longe. O meu olhar afunila no final do cano da arma, mas uma voz diferente entra na sala a gritar o meu nome, desviando a minha atenção.

— Emma, para! Não faças isso! Eu acredito em ti, mas, por favor, não o mates! — Olho para o lado e James está na entrada da sala a olhar-nos de punhos cerrados. Os seus olhos estão cobertos de lágrimas e raiados de vermelho.

Fico em choque. Não era suposto o meu irmão ouvir isto. Eu pensava que ele não estava em casa, ele vai sempre sair com a namorada aos sábados. Porque é que hoje está aqui? Eu tinha de o proteger. Ele nunca soube de nada para além das marcas que via no corpo da mãe, e que ela sempre lhe negou ser algo mais. Ele era feliz a fazer tudo para ignorar as coisas más e a concentrar-se apenas no bom. Falhei na minha missão de o proteger, assim como falhei com a minha mãe. O sorriso sarcástico é varrido da cara de John agora que percebeu que o filho viu pela primeira vez quem realmente ele é. Baixo a arma imediatamente e James caminha até mim esticando a mão.

— Dá-me a arma, Emma, confia em mim. — A sua mão pousa no meu ombro enquanto a outra continua esticada a pedir-me a arma. Fico de olhos arregalados algum tempo, hesitante em lhe entregar a arma, mas percebo que o seu pânico é o melhor. Pouso a arma na palma da sua mão e assim que a largo ele entrega-a a Tyler.

— Escritório, última gaveta da secretária — diz-lhe o meu irmão. Desato a chorar assim que a arma me sai da mão. É como se a minha capa de segurança me tivesse sido retirada e agora estou vulnerável.

James solta-me para correr a abraçar a minha mãe. Ouço-o suspirar algo como «desculpa» ao seu ouvido, talvez se sinta culpado por não ter prestado mais atenção. Quando viro a cara, vejo que John caminha ferozmente até mim. Agarra-me os braços com força, segurando-me no sítio.

— Para! — grito, enquanto fecho os olhos com força.

— Tu fizeste isto de propósito não foi?! Tu sabias que o teu irmão estava ali a ouvir! Vais pagar caro por isto, Emma Adelaide. — Estremeço com as suas palavras, à espera de ser atingida, mas rapidamente sinto-o ser afastado por Tyler.

— Você não lhe toca nunca mais, ouviu? Nem a ela, nem a ninguém! —

Tyler apressa-se a vir ter comigo e envolver-me no seu abraço apertado.

Escondo a cara no seu peito inundada pela vergonha de tudo o que se está a passar e pelo que contei. É tudo culpa minha, eu causei este caos todo. Tyler coloca os braços à minha volta e afaga-me as costas suavemente sem tirar os olhos do meu pai. Ele está perdido de raiva e sei que se pudesse o desfazia em porrada, só não o faz por ele ser o seu patrão e por causa do meu irmão.

— Tenho de ter cuidado contigo, Tyler, um dia ainda te roubam da firma para ires para Hollywood. — Fico extremamente confusa com a sua afirmação mas no meio de tanta algazarra parece-me indiferente o que ele quer dizer com aquilo.

Tyler solta-me, pronto para se dirigir ao meu pai novamente, mas o meu irmão mete-se no caminho e segura os ombros de Tyler com as duas mãos. Pela primeira vez reparo que o meu irmão é uma torre comparado com todos nós, incluindo Tyler. De um dia para o outro James cresceu, e neste momento sinto tanto orgulho dele como pena. Tanto desejei que este dia nunca chegasse e aconteceu.

— Já chega! Tyler, faz-me um favor e leva a minha irmã daqui contigo, ela tem de sair desta casa de uma vez por todas. — Tyler consente com a cabeça e volta a agarrar-me, começando a guiar-me até às escadas. Sinto a cabeça extremamente pesada e cada passo custa tanto como uma sessão de exercício físico. Do cimo das escadas ainda ouço o meu irmão falar:

— Agora tu vais explicar-me o que vem a ser isto! Eu ignorei muita coisa, pai, mas isto é de mais — ouço-o. Sei que o John vai negar tudo e tentar dar-lhe a volta, mas espero que James seja forte o suficiente para perceber quem realmente ele é. Ele agora tem a responsabilidade que eu nunca quis para ele, agora é ele quem tem de proteger a nossa mãe nesta casa que o vai também atormentar.

A minha mãe, ainda em completo choque, junta-se a nós. Entro no quarto e sento-me na cama, exausta. Não tenho forças para nada, muito menos para me pôr a arrumar uma data de roupa e coisas que nem sei se vou precisar ou se quero levar comigo.

— Tyler, dê-me só uns minutos com a minha filha, por favor. — Tyler consente ainda calado e sai do quarto, fechando a porta atrás dele. A minha mãe senta-se ao meu lado e abraça-me com toda a sua força. Sinto-me derrotada, mas ao mesmo tempo parece que um peso me foi retirado dos ombros. Estou finalmente livre. — Porque é que nunca me contaste isto, Emma? — Respiro fundo e encolho os ombros.

— Ele ia fazer-te mal se eu contasse alguma coisa, tinha de te proteger e a mim também. Se ele já me estava a espancar todos os dias sem eu dizer nada, imagina se eu dissesse. — A minha mãe solta um trejeito magoado e

levanta o meu corpo para eu olhar para ela.

— Oh, minha filha... — Coloca-me uma mecha de cabelo atrás da orelha e continua a afagar-me a cara. — Lamento tanto que tenhas vivido a tua vida assim. Eu estraguei tudo...

— Mãe, isso não é verdade. Tu achavas que me estavas a proteger aqui, a mim e ao James. Fizeste o que podias e eu também o fiz. — Ela suspira fundo e abana a cabeça algumas vezes, como se quisesse sacudir um pensamento.

— Eu devia ter feito mais e melhor por vocês. Devia ter estado cá para te proteger, mas agora é tarde de mais. — Ela deposita um pequeno beijo na minha bochecha e suspira fundo como se estivesse a reunir as suas forças.

Rapidamente levanta-se da cama e começa a agarrar algumas roupas minhas e a colocar em cima da cama, antes de abrir a porta para deixar Tyler entrar. Em silêncio, começamos a juntar o máximo de coisas possíveis em malas de viagem até eu perceber que provavelmente isto é demasiado. Devia levar apenas alguma roupa para ficar com Tyler alguns dias até arranjar uma solução. Paro de guardar as coisas e afasto-me para trás com a respiração a descontrolar-se por causa da ansiedade. Estou a deixar a minha casa à pressa, sem pensar no que devo levar e sem perguntar a Tyler se ele se importa de me receber. Vou ter de arranjar outro sítio para ficar. Tyler caminha até mim e segura os meus ombros com algum afinco, fazendo-me olhar para ele em desespero:

— Emma, está tudo bem, *OK*? — Ele olha-me nos olhos, desesperado e sem chão. Tudo isto deve ser um choque para ele e nem consigo imaginar o que ele está a sentir. Está a ser arrastado para esta confusão sem ter nada a ver com isto.

— Estou a arrumar muita coisa! Eu só preciso de uns dias até arranjar um sítio para ficar, vocês estão a guardar a minha roupa toda! Tyler, tu não és obrigado a deixar-me ficar contigo, eu vou arranjar um sítio eu prometo. — Tyler rapidamente agarra o meu rosto e faz-me olhar para ele.

— Mas que disparate é esse? Tu vens comigo, percebes? Se quiseses sair de minha casa, isso é outra história, mas, Emma, eu não te estou a levar por uns dias, estou a levar-te para viveres comigo, em minha casa, nossa casa. — Fico a olhá-lo completamente confusa. Ele só está a dizer isto por causa da situação em que estamos. Se não fosse isto, ele nunca me ia pedir para viver com ele. Não estou a pensar direito, não era suposto isto ser assim. Eu ia salvar a minha mãe, essa era a minha missão.

— Mãe, porque é que não vem comigo?! Vamos as duas para um hotel ou para uma das casas. Levamos o James também! — A minha mãe arregala os olhos.

— Não, Emma, nem pensar. O teu irmão não vai sair daqui e eu não o

posso deixar sozinho. Cometi muitos erros contigo e não posso cometer os mesmos com ele, tenho de o proteger. — Respiro fundo, sabendo que ela tem razão.

Tyler começa a levar algumas coisas até ao carro enquanto eu fico com a minha mãe, a abraçá-la mais um pouco. Parece que ninguém o interrompe no caminho que vai fazendo e também não consigo ouvir nem o meu irmão nem John falarem. Fico este tempo todo sentada na cama com a minha mãe, numa troca de mimos que me vai faltar durante algum tempo. Por muito que eu queira sair desta casa, vou sentir falta de ver a minha mãe todos os dias e não saber o que se está a passar na minha ausência vai matar-me.

Quando falta apenas uma mala, olho em redor do meu quarto e apercebo-me de todas as coisas que gostava de levar comigo. Provavelmente nunca as recuperarei e isso entristece-me, mas não tenho como levar mais nada. Descemos as escadas ao mesmo tempo e Tyler vai até ao seu carro guardar mais uma mala enquanto eu seguro uma última mais pequena na mão. James caminha até mim e abraça-me com força. Quando se separa de mim, aproveito para olhar em redor e avaliar tudo o que se passou. O teto tem agora um buraco com rachas à volta por causa do tiro que disparei. John está apenas sentado na sala a olhar-me com raiva. Sei que isto não é o fim de nada e que a minha guerra com ele está apenas a começar, mas a primeira batalha eu venci e isso deixa-me orgulhosa.

— Emma? — Olho o meu irmão assim que ele me chama. — Ele não te vai fazer mal, irmã, nem se vai impor à tua saída de casa. — Apenas consinto com a cabeça sem saber bem o que dizer. — Eu tomo conta da mãe, agora é a minha vez

— Desculpa, James, por favor, desculpa-me. — Apresso-me a abraçá-lo novamente com força. — Eu não queria que tu soubesses de nada, só queria que fosses feliz.

— Emma, tu não tens culpa de nada. Caramba, irmã, já aguentaste demasiado. Ele a mim não me vai tocar e duvido que se atreva a bater na mãe comigo em casa. — Solto-me dele e deposito-lhe um pequeno beijo na bochecha. Tyler volta ao interior da casa e aperta-lhe a mão com força, ambos acenam com a cabeça um ao outro como se estivessem a concordar com alguma coisa. A minha mãe está à porta com os braços a abraçar o próprio corpo. Quando chego perto dela, abraço-a gentilmente. Ela segura a minha cara e sorri genuinamente.

— Eu amo-te, Emma, mais do que consegues imaginar, minha filha. — Tento sorrir, mas é inútil. Sinto-me triste por a deixar aqui e egoísta por eu estar a ir viver a minha vida enquanto ela continua a sofrer.

— Mãe, eu vou tirá-la daqui, prometo. — Ela suspira e agarra as minhas

mãos.

— Tudo se vai endireitar filha, mas agora vai. — Solta-me as mãos e passa a agarrar o braço de Tyler com delicadeza. — Tyler, toma conta dela, por favor. — Ele suspira fundo e segura a mão da minha mãe com carinho.

— Eu prometo, vou cuidar dela. — A minha mãe abraça-o antes de nos acenar uma última vez e fechar a enorme porta.

Fico especada alguns segundos, até que Tyler me toca no ombro para me chamar. Quando ele abre a mala do carro, percebe que esta já está cheia e já não há espaço para mais nada. Carrego no comando das chaves e vou abrindo o portão da minha garagem, fazendo-o olhar para mim confuso.

— Emma? Que estás a fazer? — Retribuo-lhe a expressão confusa.

— A ir para o meu carro. Achas que o vou deixar aqui? Se fizer isso, amanhã está partido. — Ele pousa a mala no chão e apressa-se a caminhar até mim e a segurar-me a cara.

— Tu não estás em condições de conduzir! E se tens um acidente, Emma? — Ele parece extremamente perturbado. Eu ia jurar que tudo isto tinha apagado qualquer sentimento que ele tivesse por mim, mas a sua preocupação prova-me o contrário.

— Eu vou com cuidado, prometo. Por favor, eu preciso de levar o meu carro, Tyler, não posso ficar sem ele. E depois como é que vou à universidade? Eu sei que vais dizer que tu me levas, mas eu não preciso de motorista e gosto da minha liberdade. — Ele suspira fundo e levanta as mãos no ar.

— *OK*, levas o carro, mas qualquer coisa paramos. — Apenas digo que sim com a cabeça e agarro a mala que não cabia no carro dele para meter no meu.

Sento-me ao volante e respiro fundo algumas vezes antes de fazer sinal de luzes a Tyler para ele saber que estou pronta para ir. A verdade é que não estou. Esperava sair desta casa com a minha mãe e irmão para os levar para segurança e estou a sair como uma egoísta que vai viver com o namorado e deixar tudo para trás. Conteí tudo, já não tenho segredos, estão todos em aberto. O peso da responsabilidade pelo segredo que guardava foi embora. Olho para trás uma última vez antes de arrancar. Ninguém me avisou que era assim tão difícil deixar o lugar onde fomos tão infelizes, mas é um momento agri-doce, como o fechar de um capítulo.

Capítulo 26

Emma



A viagem até ao apartamento correu melhor do que eu esperava. De certa forma, conduzir ajudou a minha mente a relaxar, mas ainda me sinto com os nervos em franja. Acho que o que me mantém acordada é apenas a adrenalina e temo que quando também ela me abandonar, todo o meu corpo vá ceder à pressão. O portão da garagem do prédio abre-se e estaciono o carro mesmo ao lado do de Tyler. Fico alguns momentos sentada a olhar para a parede de cimento a processar tudo o que aconteceu. Sinto-me desfeita em mil pedaços e ao mesmo tempo mais livre do que nunca. Não consigo deixar de ter algum receio do que tudo isto pode fazer à minha relação com Tyler, mas principalmente de como vai ficar a casa agora que de lá saí. Será que James vai ser capaz de lidar com a situação? Ele não devia estar metido em nada disto, sempre quis mantê-lo na ignorância de tudo e acabou por descobrir da pior maneira possível, a ver a irmã a apontar uma arma ao pai.

No preciso momento em que estou a ser consumida pelos medos de tudo o que se está a passar, ouço Tyler bater com o nó dos dedos no meu vidro, fazendo-me sobressaltar. Abro a porta e fico sentada com as pernas para fora do carro alguns momentos, até que Tyler estende a mão para mim. Nenhum de nós diz nada, talvez por receio de dizer a coisa errada. Agora ele sabe a verdade sobre as cicatrizes que já viu pelo meu corpo, não o culpo se isto for demasiado para ele aguentar, afinal, só começámos oficialmente a ter um relacionamento ontem e eu já estou de malas aviadas à porta dele a pedir abrigo.

Assim que os meus pés tocam no chão, Tyler coloca os braços atrás de mim e levanta-me para me carregar no seu colo. Agradeço que o tenha feito, sinto o meu corpo tão mole e fraco que nem desconfio como fui capaz de conduzir. Coloco os braços à volta do seu pescoço e olho-o nos olhos, o que o faz parar de andar. A sua língua molha os seus lábios antes de depositar um pequeno beijo nos meus. Sinto o seu peito subir e descer com a força da sua respiração. O seu olhar feliz e ávido foi substituído por uma melancolia que só lhe vi no dia do seu aniversário. Ele está magoado e a culpa é minha. Quando Tyler recomeça a andar olho para trás para os carros e lembro-me que tenho todas as minhas coisas lá dentro. Talvez isto seja a maneira dele de me dizer que não quer que eu fique.

— Não levamos nada para cima? — pergunto. Tyler consegue carregar no botão para chamar o elevador sem me tirar do seu colo.

— Eu venho com o porteiro cá abaixo daqui a pouco, temos tempo para vir buscar tudo. — Tyler entra no elevador ainda comigo e não sei como lhe agradecer o que está a fazer por mim.

Acho que se tivesse de caminhar até casa, ia com certeza desmaiar pelo

caminho. Sinto os meus níveis de açúcar num mínimo histórico e neste momento fazia qualquer coisa por uma barra de chocolate. Remexo numa mecha do seu cabelo castanho-escuro que começa a querer mostrar alguns fios cinzentos, tentando que o gesto o relaxe um pouco.

— Tens chocolates em casa? — pergunto. Tyler sorri para mim e beija a ponta do meu nariz. Ver o seu sorriso é o suficiente para me animar e dissipar o medo do que tudo isto significa para nós.

— Alguma coisa vamos arranjar. Tudo o que tu quiseses, pede. — Forço um sorriso e abraço-o contra mim à procura de conforto no seu colo. O calor do seu corpo aquece o meu e o seu aroma natural é tudo o que eu preciso neste momento.

Quando chegamos ao seu apartamento, Tyler pousa-me no chão para tirar o casaco e os sapatos. Assim que entro pela casa, sinto todo o meu corpo mudar por completo. O resto das forças que me seguravam fogem-me do corpo e é como se tudo virasse gelatina. Caio de joelhos na entrada e desato a chorar como se não houvesse amanhã. Choro por tudo o que aconteceu, não só hoje, mas durante toda a minha vida. Sou inundada por imagens em *flash* de todos os meus maus momentos. Vejo John bater-me vezes sem conta, vejo-o bater e gritar com a minha mãe, vejo-o a falar comigo enervado quando alguma coisa não estava do seu agrado e volto a sentir a cânula da pistola bem vincada nas minhas mãos. É como se o meu corpo se estivesse a libertar de todos os eventos da sua vida pois agora está tudo em aberto. Tyler corre até mim e ajoelha-se ao meu lado, segurando os meus ombros com as mãos. Os seus olhos focam-se nos meus, ambos arregalados e em pânico. Levo a mão ao peito, tentando controlar a respiração, mas é em vão. Começo a hiperventilar, tentando puxar o máximo de ar para me manter acordada, mas parece estar a ter o efeito oposto. Cada vez me sinto mais leve e sem forças.

— Emma?! — Ouço a sua voz cada vez mais ao longe, como se estivesse a cair para dentro de um poço. *Oh, não!* Tudo começa a ficar escuro. A luz afunila-se num ínfimo ponto branco no fundo da minha visão e o chão parece fugir-me dos joelhos. Em poucos segundos sinto o corpo a cair e a perder a consciência de tudo o que se passa à minha volta.

*

Tento abrir os olhos mas sinto uma enorme pressão sobre eles. Dói-me imenso a cabeça, mas por um pequeno momento sinto uma paz completa, como se todo o meu corpo tivesse reiniciado como um computador. Levo as mãos aos olhos e começo a esfregá-los, tentando aliviar a dor, mas é quase

impossível. Queixo-me da dor, soltando um pequeno som vindo do fundo da garganta que sinto seca e arranhada, talvez pela excessiva quantidade de choro que saiu de mim. Quando finalmente recupero a visão, vejo Tyler sentado na mesa de centro a olhar para mim como se o seu mundo tivesse acabado de desabar. Estou deitada no sofá, e parece que passaram horas desde que desmaiei na entrada. Está definitivamente mais escuro lá fora. As enormes janelas de vidro estão agora decoradas pelos pequenos pontos de luz vinda de todos os prédios, semáforos e candeeiros do exterior. Tyler apressa-se a chegar até mim ao perceber que estou acordada e beija-me a cabeça.

— Emma? Estás bem? — Respiro fundo e agarro a sua mão com alguma força.

— Quanto tempo estive apagada? — Pela dor de cabeça que sinto, acho que foi mais do que uns meros segundos. Tyler beija a minha mão e reparo que o seu olhar brilha ao encarar o meu. Levo a mão aos seus olhos e limpo as pequenas lágrimas que vão caindo.

— Adormeceste depois de desmaiases. Passou uma hora. — Consigo perceber que está extremamente nervoso em relação a tudo isto. A culpa é toda minha, eu devia ter mantido o segredo.

— Desculpa... Eu prometo que vou arranjar uma solução. Estou aqui a atrapalhar a tua vida e a meter-te nos meus problemas e tu não mereces isso. — Tyler solta um trejeito frustrado e levanta-se para caminhar à volta da sala. Faço o esforço para me sentar no sofá, mas assim que o faço a dor de cabeça empurra-me novamente para me deitar. Ele para de andar à minha frente com as mãos pousadas nas ancas e os olhos cobertos de lágrimas.

— Emma, quando eu te disse que te quero de todas as maneiras possíveis, eu não estava a falar só das coisas boas. Sim, isto foi um choque. Eu nunca na minha vida pensei que tivesses passado por isto e não sei bem como reagir, mas sabes qual foi a parte mais assustadora disto tudo? — Tyler caminha até mim e ajoelha-se ao meu lado, segurando as minhas mãos com força. — Quando caíste nos meus braços aqui na entrada. Ter o teu corpo completamente sem força sobre o meu e eu não conseguir fazer nada para te ajudar. Se alguma coisa te acontecesse, eu não sei... — Respiro fundo e viro-me de lado, apoiando o corpo sobre o cotovelo. Tenho tanta coisa para lhe dizer e ao mesmo tempo não faço ideia por onde começar.

— Eu não queria que descobrisses assim. Eu ia contar-te, eventualmente, mas não sabia como nem quando. — Baixo o olhar ainda coberta de vergonha. — A culpa é toda minha, se tivesse ficado calada nada disto acontecia. — Tyler segura a minha cara gentilmente e obriga-me a olhar para ele.

— Tu não tens de ter vergonha de nada. A culpa não é tua, Emma. O teu

pai é que devia ter vergonha na cara pelo que te fez a ti e à tua mãe toda a vida. Eu não consigo perceber como é que alguém é capaz de magoar a mulher que supostamente ama e a filha desta forma. Quando eu percebi o que realmente são as tuas cicatrizes, eu... Emma, eu quis matá-lo. — Solto um sorriso algo sarcástico que deixa Tyler confuso.

— Eu quase matei. Não sei o que tinha na cabeça, mas vê-lo a bater novamente na minha mãe... foi a gota de água e eu só me queria ver livre dele para sempre. — Suspiramos fundo em uníssonos completamente arrasados por aquele dia.

— Quando é que isto começou? A violência... — Ele quer saber mais, mas parece ter medo de perguntar. Não há motivos para esconder o que quer que seja, agora tudo está em aberto e é normal ele ter perguntas.

— Com a minha mãe não sei, eu não me lembro de o ver bater-lhe até ter uns seis ou sete anos, mas talvez antes fosse demasiado nova para me lembrar. — Respiro fundo e finalmente consigo sentar-me completamente no canto do sofá em L. Tyler senta-se ao meu lado sem dizer nada, esperando que continue. — Eu sempre tive algum medo dele, mesmo em criança, não sabia bem porquê. Depois veio a mania da perfeição... — Calo-me. Tyler franze o sobrolho, talvez relembRANDO aquela conversa que tivemos no elevador do Manhatta. — Ele repetia constantemente que eu não era perfeita, que isso o fazia zangar-se e que por isso é que batia na minha mãe. Ele tentava sempre pôr as culpas em mim, até que começou também a ser violento comigo, na mesma altura que eu o comecei a questionar por o ver bater na minha mãe. Era sempre minha culpa... — Relembrar esses momentos quebra-me a voz. Tyler coloca a mão sobre a minha e aperta com força.

— Não precisas de contar mais nada, Emma. Eu acho que já consigo perceber tudo... — diz-me num tom impercetível.

— Eu fui ao psiquiatra porque eu não durmo bem, Tyler. Durante aquela semana antes do meu aniversário, eu tive pesadelos todas as noites, todas. Até que na madrugada do meu aniversário tive o pior de sempre. Apanhei uma bebedeira desgraçada e parti o espelho do meu quarto e... — Passo a mão pelos joelhos algumas vezes. As marcas estão melhores agora, mas os cortes mais fundos vão deixar cicatriz, apenas mais umas para juntar à minha extensa coleção. Tyler segura o meu rosto com ambas as mãos e respira fundo antes de me beijar. Quando levanto a minha mão para lhe tocar consigo sentir as suas bochechas molhadas. — Tyler...

— Tu estás segura agora, Emma, eu não deixo que nada te aconteça, prometo. — Tyler levanta-se do sofá e estende-me a mão para me ajudar a levantar. — Há sempre o caminho legal que podes tomar, mas para isso é preciso a tua mãe querer e sinceramente agora não é altura para falarmos

nisto. — Assim que me levanto, sinto uma pontada na cabeça e tudo fica turvo novamente. Seguro-me a Tyler com força e ele coloca os braços à minha volta, impedindo-me de cair. A visão volta ao normal em alguns segundos e respiro de alívio ao perceber que não vou desmaiar novamente. Quando me sinto mais segura, Tyler solta-me um pouco e roda o meu corpo para eu ficar em frente a ele.

— Fecha os olhos. — Inclino a cabeça para o lado, confusa com o seu pedido.

— Para quê?

— Porque eu tenho uma surpresa para ti e se não fechares os olhos, não é a mesma coisa. — Sorrio genuinamente. Só ele para me fazer sorrir neste momento. Fecho os olhos e sinto Tyler rodar o meu corpo e encaminhar-me até algum lado. — Nada de espreitar!

— Não estou a espreitar, prometo. Só não me deixes cair. — Tyler segura os meus braços com mais força.

— Nunca, eu estou aqui.

Vamos dando pequenos passos pela sala, sem eu saber ao certo para onde ele me está a levar. Continuo a sorrir, não que me apeteça fazê-lo e não que a felicidade que sinto neste momento seja maior do que a dor do resto do dia, mas é nela que me quero focar. No facto de ter Tyler ao meu lado a ajudar-me e por esta ser a primeira vez na vida que sinto apoio. Talvez eu nunca me tenha apaixonado por achar que não havia ninguém capaz de aguentar o fardo que é o meu passado, mas Tyler hoje provou que é capaz disso e muito mais.

— Pronta? — pergunta-me. Aceno com a cabeça levemente porque ainda me dói bastante. — Podes abrir.

Abro os olhos levemente, tentando evitar outra pontada da dor de cabeça, mas rapidamente arregalo os olhos com a surpresa. A enorme mesa da sala de jantar está cheia de vários tipos de chocolates e ainda uma bela refeição de hambúrguer com batatas fritas e batido para os dois. Levo as mãos ao rosto, tentando esconder o sorriso parvo que nele apareceu. Tyler coloca-se à minha frente e agarra as minhas mãos para as tirar da minha cara e as segurar com força. Salto para os braços dele e aperto-o com a pouca força que tenho. Sinto-o sorrir contra o meu pescoço e afagar o meu cabelo:

— Não sei como te agradecer, por tudo. — Afasto-me um pouco e espeto-lhe um beijo apaixonado com as mãos a envolver o seu pescoço. As nossas bocas abrem para receber os beijos que vamos trocando e que cada vez mais acendem os nossos corpos. Sinto Tyler grunhir ao mesmo tempo que me afasta relutantemente de si.

— Acho melhor comermos primeiro, sim? — As suas palavras não combinam com o que o seu corpo pede, consigo ver o que ele realmente quer

através da proeminente saliência nas calças de fato de treino cinzentas, que deve ter vestido enquanto eu estava em modo Bela Adormecida.

Planeio ripostar e continuar a pedir mais, mas o meu estômago trai-me ao ranger de fome naquele preciso momento. Tyler lança-me um olhar de «eu bem te avisei» que me faz revirar os olhos enquanto caminho para a mesa para devorar o hambúrguer que está à minha espera. Tyler liga a televisão na sala e dá-me o comando para eu escolher o que quero ver. Pondero algum tempo sobre o que ver, pois sinceramente não estou com cabeça para nada, mas acabo por escolher uma série nova da Netflix que tenho visto muita gente comentar nas redes sociais. Nunca pensei sentir-me tão confortável na presença de alguém. Estamos bem, felizes, um casal normal a ver uma série enquanto janta e conversa normalmente. Isto é mais do que alguma vez pensei ter.

— Como é que foste buscar isto tudo enquanto eu estava a dormir? — pergunto, enquanto molho uma batata na maravilhosa maionese de alho artesanal. Tyler sorri e chega a cadeira mais para mim. Agarra as minhas pernas e mete-as em cima das dele, deixando-me extremamente confortável.

— Liguei ao Howard, ele trouxe algumas coisas dos carros para cima e depois foi buscar isto tudo. — Viro a cabeça para um pouco confusa.

— Howard?

— O motorista e segurança do meu pai. Andei durante anos a tentar evitar contratar alguém como ele, mas se calhar é a melhor opção. — Ele quer contratar alguém por minha causa. Respiro fundo e como mais umas batatas, tentando empatar a continuação da conversa.

— Porque é que nunca contrataste ninguém? — Tyler encolhe os ombros e afaga a minha perna suavemente.

— Eu gosto de conduzir e nunca tive problemas com assaltos nem nada assim, mas agora tenho de te proteger a ti e se eu não estiver disponível, alguém tem de estar. — Os seus olhos castanhos fulminantes encaram os meus fazendo-me estremecer.

— Tyler, não tens de mudar toda a tua vida por minha causa. Se vais contratar alguém, tem de ser por ti e não por mim. — Ele chega-se a mim e beija-me a cabeça suavemente. Suspiro com o gesto e sinto o seu aroma invadir o meu nariz.

— Não é por mim nem por ti, é por nós, Emma. Vai facilitar a nossa vida e manter-nos seguros. Eu não acho que vá tardar muito até a imprensa descobrir que estamos juntos e não quero correr riscos desnecessários, muito menos contigo. — Ele tem razão. Os jornais vão andar atrás de nós quando souberem, mas mais importante que isso, eu tenciono tomar medidas legais com John e aí será um caos.

Digo que sim com a cabeça e beijo o canto do seu lábio levemente. Quando ele se começa a afastar agarro a parte de cima das suas calças e puxo-o até mim sem tirar os olhos de lá. Tyler apoia-se num dos cantos da mesa e o seu corpo fica a sobrevoar o meu.

— Se calhar hoje não é um bom dia, deves estar exausta. Podemos ficar a ver a série. — Sorrio e ignoro-o por completo.

Empurro os seus ombros para trás e obrigo-o a sentar-se novamente na cadeira, dando-me liberdade para me sentar sobre ele com uma perna para cada lado. As suas mãos seguram o meu rabo puxando-me para si, fazendo o meu corpo roçar no dele. A sua cabeça cai para trás enquanto expira com força. Seguro a bainha da camisola que Tyler me vestiu enquanto dormia e dispo-a pela cabeça. Não quero dar a oportunidade ao meu cérebro de me interromper, preciso de sentir que ele ainda me quer da mesma maneira, apesar de tudo o que se passou hoje, mas era expectável a sua reação. Tyler cessa todos os movimentos ao encarar o meu corpo. A sua mão passa do meu rabo para a pena tatuada e sinto-o massajar o local, como se estivesse à procura da cicatriz. Tyler estremece ao sentir o alto da cicatriz que corre todo o comprimento da pena. Respiro fundo e desvio o olhar para a sua mão, apreciando o carinho do seu gesto e tentando não dar demasiada importância à sua reação.

— Tyler? — chamo, gentilmente. Ele continua a olhar a minha tatuagem e parece engolir em seco. — Isto não muda nada — digo, baixinho. Ambos desviamos o olhar para encarar o outro. Tyler passa as mãos para a minha cara e aproxima-se de mim.

— É claro que muda, Emma, muda muita coisa. Se eu soubesse disto tudo, eu... Merda. — Tyler levanta-me do seu colo e pousa-me no chão. Rapidamente levanta-se e começa a caminhar pela sala desamparado. Reparo nele por um momento, os meus olhos desviam para a tatuagem que tem no braço esquerdo. Apresso-me até ele e seguro o seu braço com força.

— Estás a ver isto que tens aqui no braço? Também não é uma simples tatuagem que fizeste porque te apeteceu, pois não? — Por momentos esqueço-me de que estou em roupa interior, mas tudo o que quero é resolver esta situação e voltar ao normal com ele. Não sou capaz de lidar com tudo o que aconteceu hoje e ainda perder o que tenho com ele.

— Emma, para, eu não quero falar sobre isso, por favor. — Solto o seu braço e ergo as mãos no ar exasperada.

— Não entendes? Eu não quero obrigar-te a falar! O que quer que seja faz parte de ti e eu aceito, sabes porquê? Porque eu quero-te por inteiro, com todos os teus problemas e com todas as tuas cicatrizes. — Tyler deixa cair os braços ao lado do corpo completamente derrotado. Aproximo-me dele e

seguro as suas mãos levemente, encaminhando-as para as minhas ancas. Ele segura-me com força e começa a roçar os lábios levemente nos meus.

— Eu lamento tanto, Emma. Lamento que tenhas passado por tudo isto.

— Baixo a cabeça, o que faz os seus lábios encostar na minha testa suavemente. Eu sabia que isto ia ser difícil para ele, sabia que estas cicatrizes o iam lembrar da verdade que escondem.

— Já passou — respondo. — É algo do meu passado, tal como tu tens o teu.

— Tu não sabes as coisas horríveis que eu fiz, Emma. — Coloco o dedo sobre a sua boca e tiro-o em seguida para o beijar. As suas mãos envolvem-me e começam a explorar o meu corpo. Ele está a lutar contra o que quer fazer e eu vou ter de mudar isso. Continuo a beijá-lo e a inspirar o seu aroma tão masculino e sensual. As suas unhas estão a cravar as minhas costas, no limite do desespero que consigo sentir a cada respirar e cada mordida de maxilar que ele vai fazendo.

— Eu não quero saber do teu passado Tyler, quero saber do agora, aqui, comigo. Se preferires eu procuro outro sítio para ficar, mas isso não me vai tirar da tua vida. — Ele abana com a cabeça algumas vezes.

— Quero-te aqui, minha, toda minha. — Agarro os seus cabelos e puxo-o com força, enquanto intensifico o meu beijo. — *OK*, ganhaste.

Tyler agarra as minhas pernas e levanta-me para o seu quadril com uma destreza impressionante. Envolvero-o com todo o meu corpo e beijo-o desesperadamente. Preciso disto, preciso dele, preciso de me sentir normal ao seu lado e esquecer o desastre que é o resto da minha vida. Neste momento apenas ele faz sentido e tudo o que eu quero é ser apenas dele, sem complicações e sem as desgraças do exterior. Dentro desta porta somos só nós e nada mais importa.

Tyler deita-me no sofá e fico a admirar, enquanto despojo a *t-shirt* e as calças de fato de treino. Ele deita-se sobre mim e fica a olhar-me enquanto a sua mão me massaja no meu ponto sensível. Tento levantar-me e esconder a cara no seu pescoço, mas ele agarra o meu cabelo e puxa-me para trás. O seu dedo entra em mim e movimenta-se suavemente, fazendo-me contorcer de prazer. Ele sorri com cada gemido meu. Agarro as suas costas e não consigo evitar arranhar um pouco enquanto o meu corpo se desfaz debaixo do dele. Ainda estou a tentar recuperar o fôlego quando o sinto entrar em mim com os olhos pregados nos meus, ávidos e escuros. O suor faz as minhas costas colarem ao sofá de pele e cada investida do seu corpo no meu faz-me deslizar, causando alguma fricção. Uma das suas mãos segura o seu corpo, agarrando a parte de trás do sofá, enquanto a outra afaga-me o rosto suavemente. Os seus lábios beijam-me com cada investida, um beijo eletrizante e apaixonado.

Abraço o seu corpo com as pernas e movimento as minhas ancas ao seu ritmo.

— Tu fazes alguma ideia do que significas para mim, Emma? — Digo que não com a cabeça, consumida pelos movimentos lentos, mas fortes, que vamos fazendo. Ele sorri e começa a beijar o meu pescoço. — Vamos ser felizes, eu prometo.

— Tyler? — digo, baixinho.

— Sim? — Os seus grunhidos intensificam-se, indicando-me o quão próximo do seu limite ele está.

— Eu amo-te. — Os seus olhos arregalam e os seus movimentos param um instante. Rapidamente agarro o seu rosto para o acalmar. — Não precisas de dizer nada, eu sei que não estás pronto para isto, mas eu amo-te e não podia deixar de te dizer. — A sua boca invade a minha, ardente de paixão e desejo. Tyler volta a movimentar-se para dentro e fora de mim, agora com mais força e afinco. Não passam nem dois minutos até ambos chegarmos ao fim.

Eu amo-o e finalmente admiti-o. Sei que para ele não será tão fácil dizer-me o mesmo, se é que o sente, mas não me importo, tinha de lhe dizer ou ia explodir. Ficamos agarrados algum tempo, o seu corpo ainda no meu, suados e exaustos. Não quero sair daqui. Por mim ficávamos assim a noite inteira, mas Tyler levanta-se e pega-me ao colo para me levar até ao quarto. Os seus olhos não largam os meus, estão a brilhar intensamente como se o seu mundo tivesse mudado de direção. Pousa-me suavemente na cama e deita-se ao meu lado sem nunca dizer uma palavra. De todas as reações que ponderei que ele pudesse ter à minha confissão, esta é talvez a melhor. Eu sabia que ele não ia responder, mas pensei que fosse entrar em pânico ou simplesmente voltar a dizer que não era isso que queria comigo, mas não podia estar mais errada. Tyler aninha-me contra o seu peito, beijando-me a cabeça várias vezes e acarinhando todo o meu corpo com as mãos robustas. Não preciso que diga nada porque isto é mais do que suficiente. Tudo o que ele fez hoje é mais do que suficiente. Finalmente sinto o corpo a relaxar por completo e apercebo-me do quão cansada estou. Não demoro muito a adormecer, encostada ao calor do seu peito e com o coração agora mais curado de tudo o que o partiu.

Capítulo 27

Emma



Estou a olhar para este computador há mais de uma hora, mas é como se não estivesse a ver nada. A biblioteca da faculdade está praticamente vazia. Decidi vir para aqui um bocado para ver se finalmente consigo adiantar a porcaria dos trabalhos. Nestes últimos tempos, com tudo o que aconteceu, não tenho tido cabeça para nada e esta é a primeira tarde que me sento a fazer realmente alguma coisa. Passou quase uma semana desde o trágico episódio que me levou a viver com Tyler, e apesar de eu saber que isso não é tempo suficiente para realmente perceber como as coisas serão daqui para a frente, os últimos dias têm sido maravilhosos.

Quando saí da universidade, na segunda-feira, ele estava lá fora à minha espera, acompanhado por um jovem, que é agora o nosso motorista e segurança. Cole Harding foi-nos recomendado por Howard. Tyler disse que se era para contratar alguém, então que queria alguém novo que pudesse ser um pouco como um amigo. Continuo a achar tudo extremamente desnecessário e acho estranha a escolha de Tyler ser alguém inexperiente. Todos os dias, Cole vem trazer-me à universidade num extravagante *Porsche Taycan*. O meu querido *Tesla* deve estar a chorar na garagem, já ninguém toca nele desde sábado. Tentei convencer Tyler a pelo menos deixar Cole conduzir o meu carro, mas ele achou que seria melhor um carro novo e completamente diferente para não ser reconhecido. Estou tão distraída nos meus pensamentos que me assusto quando sinto alguém tocar no meu ombro. Levanto o olhar e vejo Courtney atrás de mim com um copo do *Starbucks* que me entrega sorridente.

— Ias-me matando de ataque cardíaco — ralho em tom de brincadeira. Courtney senta-se à minha frente e baixa o ecrã do meu computador. — Mas acho que o café compensou o susto, estás perdoada.

— Imagina como eu me senti quando me disseste que foste viver com o Mr. Advogado. — Abafo uma gargalhada e beberico o café levemente. — Eu é que ia morrendo de ataque cardíaco!

— Isto não foi assim uma coisa altamente planeada, mas estou feliz. — Ela sorri mas sei que está confusa com toda a situação e que não vai descansar enquanto não tiver detalhes.

— Devo dizer que foi um choque. Na semana passada vocês estavam zangados, nesta semana estão a viver juntos. Vais contar-me o que aconteceu? — Eu já sabia que ela ia querer saber mais. Não posso estar aqui a contar tudo, muito menos a situação com o meu pai. Courtney ainda não sabe nada sobre o assunto sem ser o estritamente necessário, ela é a minha melhor amiga

e um dia vai ter de saber, mas esse dia ainda não é hoje. Encolho os ombros e pondero como explicar as coisas da melhor maneira.

— Simplesmente fez sentido. Aconteceram uns problemas em casa e ele sugeriu ir para lá e ter uma chave e deixar lá roupa... Sei que isto parece que ele só me disse para ir para lá por causa da confusão, mas estamos bem e felizes e por agora isso é o que importa. — Não ando longe da verdade. Ela estende-me a mão e agarra a minha com alguma força.

— Eu estava a brincar, Emma. O que interessa é que estejas feliz! Fico mesmo contente que vocês estejam bem. — Courtney bebe um pouco do seu café ainda não satisfeita com a informação que lhe dei. — Mas conta lá como é viver com ele! Estás com muito boa cara, toda rosadinha e corada... — Tento disfarçar o sorriso idiota que claramente tenho estampado ao beber um pouco do café. A verdade é que nunca me senti tão bem na vida.

— Acho que nunca estive assim, sabes? Sei lá, é bom viver com ele e ter a nossa vida à parte do resto. — Ela acena com a cabeça como que a concordar.

— Sim, eu percebo-te. A mim custou-me muito deixar os meus pais e voltar para cá, mas gosto tanto de ter esta independência toda. Mal posso esperar por acabar o curso, começar a trabalhar e quem sabe conhecer assim um moreno jeitoso como o teu. — Desato a rir, fazendo o resto das pessoas aqui presentes soltar um «*shh*» para eu me calar. Sou distraída pelo vibrar do meu telemóvel. Agarro-o e desbloqueio para conseguir ver as notificações. O sorriso que me surge no rosto não deixa dúvidas para quem é o emissor da mensagem.

Estou cá fora, querida.

Vamos para nossa casa?

— Se essa é a cara com que ficas só por causa de uma mensagem, até estou para ver como ficas quando estás com ele. — Sorrio para ela e começo a arrumar as minhas coisas na mala.

— Ele está lá fora. Queres boleia para algum lado? — pergunto, enquanto me levanto com os livros e o computador debaixo do braço. Acabo de beber o café e deito o copo no balde da reciclagem da biblioteca. Courtney levanta-se também e segue-me à medida que caminho para a porta.

— Não é preciso, eu tenho o meu carro no parque de estacionamento. Mas quero ir ver na primeira fila o senhor advogado em modo apaixonado. — Ela dá-me um pequeno encontrão no braço e eu reviro os olhos com um

sorriso.

Fico aliviada por ela ter aceitado a situação e por não me julgar ou fazer demasiadas perguntas. Um dia, talvez mais cedo do que o esperado, vou ter de lhe contar a verdade por inteiro. Não quero que ela descubra porque viu a notícia num jornal ou numa revista qualquer, quando eu convencer a minha mãe a meter John em tribunal. Tyler falou comigo brevemente sobre o assunto ontem, ele não quer que eu fique nervosa com a perspectiva de levar isto para a frente, mas também sabe o quão importante é para mim fazer justiça. Infelizmente, a especialidade de Tyler é em Direito Executivo, ele lida mais com casos de fraude fiscal e lavagem de dinheiro de grandes empresas e dos seus donos. Direito Familiar não é algo a que ele esteja habituado. Também não seria bom tê-lo como advogado uma vez que estamos juntos, poderia tornar o caso muito fácil de fechar se o advogado de John alegasse que Tyler estava envolvido num conflito de interesses e que o mais provável era a história ser toda inventada.

Quando chegamos à porta, vejo Tyler encostado ao *Porsche* preto, vestido com o fato cinzento-escuro que eu escolhi para ele hoje de manhã. O fato assenta-lhe como uma luva e o seu sorriso reluz mesmo por trás dos óculos de sol *Ray-Ban*. Tyler vai falando com Cole até me ver à porta, aumentando ainda mais o seu sorriso. Dou por mim parada ao cimo das escadas da entrada da universidade a morder o lábio e a segurar o computador contra o peito com alguma força. Courtney abana a mão à minha frente e eu pestanejo várias vezes como que a sair de um transe.

— Isso está grave, amiga — diz Courtney com uma gargalhada. Fico com um sorriso tímido a olhar para ela e começamos a descer as escadas. Courtney chega-se a mim para me falar ao ouvido poucos momentos depois. — Quem é aquele homem que está com o Tyler? — Olho para ela algo confusa como a pergunta.

— O Cole? O Tyler contratou-o, é motorista e segurança. Um grande disparate na minha opinião mas ele insistiu... — Courtney abana a mão várias vezes para eu me calar.

— Não me interessa nada desses pormenores, era só o nome que eu queria saber. — Abafo uma gargalhada. Cole é realmente muito bonito, olhos azuis e cabelo escuro, alto... Pelas histórias que ela me contou dos rapazes com quem esteve, ele é mesmo o tipo de homem de quem a Courtney gosta. Quando chegamos à beira deles, apresso-me a beijar Tyler delicadamente.

— Olá — digo com um sorriso.

— Olá — responde com um enorme sorriso e dá-me mais um pequeno beijo nos lábios. Tyler desvia o olhar de mim e dirige-se a Courtney, estendendo-lhe a mão. — Olá, Courtney, como estás? — pergunta sorridente.

Não sei porquê, mas há qualquer coisa em vê-lo interagir com a minha melhor amiga que me deixa extremamente feliz, como se tudo estivesse certo no mundo.

— Olá, Tyler. Está tudo bem, fico muito feliz por vocês estarem tão bem!

— Antes de dar tempo a Tyler para responder, dirijo-me a Cole.

— Cole, a Courtney estacionou o carro dela um pouco longe daqui e já está a escurecer, importas-te de ir com ela até lá? — Courtney arregala-me os olhos com o rosto a ficar muito vermelho. Cole olha para Tyler como que a pedir autorização.

— Sim, parece-me boa ideia, eu e a Emma esperamos aqui no carro. É mais seguro assim. — Sorrio para Courtney e pisco o olho discretamente. Ela continua aterrorizada, mas com os lábios diz um «obrigada» mudo.

— Com certeza, Mr. McLain. — Cole permanece estoico, caminhando ao lado de Courtney com a sua postura profissional. Tyler destranca o *Porsche* e abre-me a porta de trás para eu entrar. Quando se senta ao meu lado, retira os óculos de sol e cruza os braços numa postura relaxada e divertida.

— Não sabia que a Miss Montgomery agora fazia serviços de casamenteira. — Chego-me mais a ele e beijo-o com força, fazendo-o descruzar os braços para segurar as minhas costas imediatamente e puxar-me para si.

— Sou muito multifacetada, tu ainda não viste nada. — O meu comentário fá-lo rir.

— O que me dizes a irmos jantar fora hoje? Esses teus talentos merecem ser celebrados. — Apenas consinto com a cabeça, a verdade é que com esta confusão toda ainda nem tivemos oportunidade de ir a um encontro como deve ser.

Ficamos no carro a conversar sobre os nossos dias, até que ouvimos o carro destrancar. Cole entra para o lugar do condutor com o rosto ruborizado. *Mas o que é que a Courtney lhe fez?* Penso com um sorriso no rosto. Tyler toca no banco do condutor para chamar a atenção de Cole que estava completamente distraído em pensamentos.

— Cole, leva-nos até casa mas não arrumes o carro, vamos só trocar de roupa e sair novamente. — Faço um trejeito com o rosto. Porque havia Cole de nos ir levar ao restaurante também? Ele precisa de descansar. Olho para Tyler e digo que não com a cabeça.

— Vamos no teu carro ou no meu. O Cole também tem a vida dele, tu estás comigo, o que raios vai acontecer? — Tyler parece ponderar mas suspira fundo e sorri.

— Como deseja, minha senhora. — Coro com a sua expressão mas sorrio feliz por ele me dar ouvidos. — Muito bem, deixa-nos só em casa e podes ir.

A Courtney chegou bem ao carro? — Cole clareia a voz e imediatamente pego no telemóvel para mandar mensagem a Courtney e perceber o que raio ela fez ou disse para o deixar neste estado. A minha amiga é sem dúvida uma mulher deslumbrante, isso é suficiente para deixar qualquer um neste estado, mas conhecendo-a como conheço de certeza que ela fez alguma coisa.

— Sim, Mr. McLain, não houve quaisquer problemas. — Tyler apenas afirma com a cabeça e seguimos o caminho até ao apartamento.

Tudo nestes dias tem sido perfeito, sinto-me feliz, como se finalmente tivesse encontrado o meu lugar no mundo. Podia passar o resto da minha vida assim e seria a mulher mais feliz do mundo ao lado deste homem que me preenche de todas as maneiras possíveis.

Capítulo 28

Emma



A nossa passagem por casa foi apenas um relâmpago, já saí da universidade muito tarde e ambos estávamos com fome, por isso decidimos ir jantar mais cedo do que o normal. Chegamos à garagem e Tyler dirige-se ao seu *Tesla* vermelho. Quando entramos, ele fica a agarrar o volante por uns momentos, como se estivesse com saudades de o conduzir. Já passou uma semana desde a última vez que ele pegou num carro e para alguém que gosta de conduzir, incluindo eu, uma semana é muito tempo. Arrancamos pela cidade até chegarmos a um espetacular prédio extremamente alto. Tyler entrega o carro ao paquete para ser estacionado e caminha sempre de mão dada comigo até à entrada. Quando estávamos prestes a passar pelo porteiro, sinto um *flash* de luz mesmo atrás de mim, fazendo-me virar a cara.

— Viste aquilo? — pergunto. Ele aperta a minha mão e caminha um pouco mais rápido até estarmos na segurança do interior do prédio. Tyler chama o elevador e passa a mão livre pelo cabelo com algum nervosismo.

— Acho que era um *flash* de uma câmara — admite. Por momentos fico horrorizada. Pensar que a nossa foto amanhã vai estar num tabloide qualquer enoja-me. Não seria a minha primeira vez numa revista ou jornal, afinal não deixei de ser filha do John Montgomery só por o mundo não saber a besta que ele é. Ainda assim, sempre preferi ficar fora de vista e tentar passar despercebida. Encolho os ombros e agarro-me ao braço de Tyler.

— Deixa lá, não podemos fazer nada. — Ele suspira em concordância e beija a minha cabeça. O elevador chega e entramos para seguir para o restaurante. Alguns outros casais entram connosco e reparo que uma das mulheres encara Tyler descaradamente. Agarro a sua mão e fulmino-a com o olhar, fazendo-a corar e olhar para a frente. Tyler ri baixinho e chega-se ao meu ouvido.

— Calma, tigre, não partas já para a matança. — Olho para ele seriamente.

— Ela estava a fazer-te olhinhos. — Tyler levanta a minha mão e beija-a com carinho.

— Nem sei para que contratei o Cole, tu sozinha já serves como segurança. — Desta vez já sorrio com o seu comentário.

O elevador para no último andar, onde se encontra o restaurante. Tyler coloca o braço à volta da minha cintura e caminha até ao pequeno balcão de madeira onde se encontra uma mulher com um livro. *Oh, não! Não fizemos reserva.* Fico um pouco triste pois já estou à espera de ser mandada embora, e o restaurante tem um ar incrível. Tyler aproxima-se da mulher e apenas acena com a cabeça.

— Mesa para dois, Mr. McLain? — Arregalo os olhos.

— Sim, por favor, Amy, se possível à janela. — Fico ainda mais confusa por ele saber o nome dela. Ela não tem nenhuma placa com o nome na lapela do casaco.

— Claro que sim, Mr. McLain. Sigam-me, por favor. — Caminhamos atrás de Amy até uma mesa para dois com vistas deslumbrantes sobre a cidade iluminada e atarefada. Tyler puxa a cadeira para eu me sentar. Continuo atônita com toda a situação e sigo todos os seus movimentos com o olhar, e ainda de boca aberta. Amy retira duas ementas debaixo do braço e entrega uma a cada um de nós.

— Já volto daqui a pouco para recolher os pedidos, entretanto, um *cocktail*, Mr. McLain? — Tyler dirige a mão a mim para eu pedir primeiro. Só consigo pensar em algo forte para me acalmar um pouco.

— *Cosmopolitan*, por favor. — Tyler sorri e olha-me bastante divertido. Volta a atenção para Amy e entrega-lhe a carta de vinhos.

— *Hendrix* para mim, Amy. E podes levar a carta de vinhos, eu sei a lista de cor. — Ela sorri completamente a babar-se para ele. Sinto-me a deitar fumo pelas orelhas e as bochechas ardem-me.

— Com certeza. Já volto com os *cocktails*. — Amy afasta-se e o olhar fulminante que tinha preparado para ela dirijo-o a Tyler.

— Alguma coisa que me queiras explicar, Mr. McLain? — Tyler morde o lábio e estende a mão para mim. Não a agarro, o que o faz levar mais a sério o meu descontentamento.

— E se eu te disser que sou dono de parte deste restaurante? — Inclino a cabeça para o lado e fico a olhar para ele como se estivesse a ouvir o maior disparate da minha vida.

— Respondia que deves achar que eu nasci ontem. — Tyler volta a morder o lábio, tentando abafar uma gargalhada. *Ele está a brincar comigo só pode.*

— Um dos meus melhores amigos quis abrir um restaurante mas não tinha os fundos. Eu ajudei-o e fiquei com parte da empresa e dos lucros para mim. Ele é o sócio maioritário e tudo o que eu faço é ajudar com a parte legal e contratar *staff* que não esteja ligado com a cozinha. Eu contratei a Amy e por isso é que ela me conhece. — Reparo que estou com a boca aberta a olhar para ele e rapidamente fecho-a.

— Por que raio foste tu investir num restaurante de luxo? Podia ter sido um enorme tiro no pé. — Fico com os braços cruzados a olhar para ele, estudando bem a sua reação. Ele encolhe os ombros e senta-se para trás na cadeira.

— Primeiro porque ele é meu amigo e queria ajudar, mas principalmente porque dinheiro como o nosso não deve ficar parado no banco, Emma, o

melhor mesmo é investir e ver no que dá. Podes perder, mas também pode correr bem, como foi o caso disto. — Concordo com a cabeça mas desvio o olhar dele para olhar em volta. O restaurante é extremamente moderno e elegante. A iluminação ambiente deixa a luz exterior sobressair e parece que estamos a sobrevoar a cidade pela forma como as janelas passam despercebidas. Há centenas de plantas bem verdes penduradas no teto e nas paredes, e todos os tons escuros e modernos contrastam com a sua beleza natural. A cidade emoldura todo o perímetro do restaurante e a música suave descontraí ainda mais o ambiente. — Tu nunca investiste o dinheiro em nada? — Engulo em seco mas preparo-me para responder, só que Amy aproxima-se com as bebidas e apercebo-me que nem decidimos o que comer.

— Então, já pensaram no que vão querer? — pergunta, simpática. Sorrio-lhe e agradeço quando pousa o *cocktail* à minha frente, dando imediatamente um gole.

— Sim, traz um *mix* de aperitivos à escolha do chefe para começar. — Amy vai anotando o pedido num pequeno aparelho que tem na mão. Tyler olha para mim antes de prosseguir.

— Queres bife? — pergunta-me. Apenas digo que sim com a cabeça, e Tyler volta a olhar para Amy. — Dois *rib-eye* malpassados e uma garrafa de *Henschke Cyril*. — Nem sei se é bife que me apetece comer, mas só quero que Amy vá embora daqui para me deixar a sós com Tyler. Ela volta a afastar-se alegremente e começo a perceber porque é que Tyler a contratou, ela é muito querida e profissional, exatamente o que um restaurante precisa. Dou mais um gole no meu *cosmo* antes de continuar o que ia dizer antes.

— O meu dinheiro sempre foi controlado pelo John, apenas o suficiente para não ser a vergonha da família, mas nunca demasiado para não conseguir sair de casa com a minha mãe. Eu fui conseguindo desviar a maior parte do dinheiro para uma outra conta que é a que uso para tudo. — Tyler baixa a cabeça um pouco arrependido da sua pergunta.

— Desculpa, não me lembrei disso. — A sua mão segura a minha e entrega-me um sorriso terno. O seu olhar é desviado pelo tocar do seu telemóvel. Tyler tira-o do bolso e fica a olhar para o ecrã algum tempo antes de desligar a chamada e voltar a guardá-lo. — Era o que mais faltava — diz, baixinho. Fico a olhar para ele de sobranceiras franzidas.

— Estão a chatear-te com trabalho a esta hora? — Tyler segura-me novamente a mão, mexendo com o polegar suavemente.

— Não deve ser nada importante, pode esperar até segunda-feira. — Ele parece nervoso quando fala e desvia o olhar do meu para examinar o espaço à nossa volta, como se estivesse com medo de alguma coisa.

— Tyler? Posso fazer-te uma pergunta? — Ele franze a sobrancelha e

encosta-se atrás na cadeira. Agarra o seu *gin* e começa a beber, preparando-se para a minha pergunta.

— Claro.

— Como foi esta semana na firma com o John lá? — Ele arregala um pouco os olhos e eu permaneço na minha postura altiva. Não quero que ele pense que isto me incomoda, simplesmente quero saber se o John não andou a abusar ou se pelo menos sente algum remorso, mesmo eu já sabendo a resposta à minha pergunta.

— Só o vi uma vez ou duas, eu estive sempre de um lado para o outro por causa de um cliente. Mas se o que me estás a perguntar é se ele está diferente em alguma maneira, lamento, Emma, a resposta é não. — Aceno com a cabeça e tento não parecer perturbada. Haverá sempre em mim uma esperança de que ele se redima, mas quanto mais tempo passa mais essa esperança esvanece. Sou distraída dos meus pensamentos pelo som do telefone de Tyler que volta a tocar. Ele retira-o do bolso e respira fundo. — Desculpa, dá-me um minuto. — Tyler levanta-se rapidamente e foge com o telefone no ouvido até sair para a parte exterior do restaurante.

Fico a observar a sua postura nervosa enquanto caminha de um lado para o outro pelo meio das mesas vazias no exterior. Vejo-o passar a mão pelo cabelo algumas vezes, chateado com quem quer que esteja a interromper o nosso serão de sexta-feira. Sou distraída pela presença de Amy, que coloca alguns pequenos pratos de aperitivos na mesa. Tudo parece extremamente elaborado e os pratos estão tão bonitos que até dá pena comer. Sinto-me um pouco constrangida por estar sozinha na mesa com o meu *cocktail*, enquanto Amy está aqui claramente à espera de que Tyler volte para explicar o que são as entradas. Respiro fundo e sorrio-lhe.

— Ele é capaz de demorar. Pode deixar os pratos, não se preocupe. — Ela diz que sim com a cabeça um pouco desiludida.

— Claro que sim, Miss Montgomery. — Gelo. *Como é que ela sabe quem eu sou?* Solto um suave «ei» para a fazer parar de andar e voltar a olhar para mim.

— Peço desculpa, mas como é que sabe quem eu sou? — Ela parece ficar confusa com a minha pergunta, como se fosse algo óbvio que eu nem devia estar a questionar.

— Ah, eu já a vi nas revistas e jornais. É filha do advogado, John Montgomery, também já servi o seu pai aqui no restaurante. — *O quê?*

— O meu pai esteve aqui? — Uso a expressão «meu pai» pela primeira vez há muito tempo, mas nesta situação é necessário. Ela está desconfortável com a conversa, mas eu não quero saber. Continuo com a postura altiva a segurar o *cosmo* com a mão. Ela diz que sim com a cabeça um pouco

reticente.

— Sim, veio almoçar com o Mr. McLain, aliás, com os dois Mr. McLain há uns meses, na altura do Natal penso eu. — Sinto o meu coração cair no chão. Engulo em seco, mas forço um sorriso para Amy e apenas abano com a cabeça, o que a faz afastar-se imediatamente.

Mas que raio esteve Tyler a fazer aqui com o John? Eu sei que ele é o patrão dele e que o pai dele também é sócio da firma. Provavelmente não passou de um almoço de negócios, mas eu não tinha a noção de que eles eram assim tão próximos ao ponto de Tyler se juntar a eles nos almoços típicos da semana de trabalho. A minha mente corre com milhares de cenários possíveis para o motivo desse almoço. Se eles são assim tão próximos, por que motivo é que Tyler nunca apareceu na mansão quando o seu pai lá ia? O meu comboio de pensamentos é interrompido quando Tyler se volta a sentar à minha frente na mesa do restaurante. As suas bochechas estão vermelhas e não sei se é por causa do vento frio ou se foi a conversa que o exaltou a esse ponto.

— Boa, as entradas já vieram. A Amy explicou o que eram? — Acabo o meu *cosmo* num só gole e lanço-lhe um olhar feroz.

— Não, mas eu tenho a certeza de que ela é uma rapariga inteligente, até sabia o meu nome de cor. — Pouso o copo com alguma força na mesa e tomo a liberdade de me servir de vinho tinto. Tyler copia-me depois de eu pousar a garrafa na mesa.

— É normal, a tua cara já andou em algumas revistas.

— Sim, e a cara do senhor meu pai também já andou por este restaurante. — Tyler para o copo a meio do trajeto que este fazia até à sua boca. Inclino-me para a frente intensificando a minha sensação de poder sobre a situação. — E aparentemente tu e o teu pai estavam com ele.

— Almoço de negócios, Emma, ele é meu patrão. — Tyler dá um gole prolongado no vinho e tira uma entrada de salmão fumado que começa a comer. Copio exatamente o que ele faz e retiro um pequeno canapé com caviar de esturção.

— Eu sabia que ias dizer isso e, sim, realmente seria uma explicação lógica, se tu não tivesses já sido claro muitas vezes que não tens uma boa relação nem com o teu pai nem com o meu. Se fosse mesmo um almoço de trabalho, porque é que eras o único advogado presente? O assunto era tão sério que tinha de ser discutido num restaurante de 5 estrelas? E eu que pensava que não se podiam discutir assuntos desses em público. — Ele respira fundo e coloca ambos os braços sobre a mesa com os dedos entrelaçados entre si. A sua cabeça cai à sua frente exasperado pela conversa. Quando volta a levantar o olhar para mim a minha expressão não mudou, continuo a fulminá-lo com o olhar à espera de uma explicação.

— Emma, por favor, estamos aqui os dois tão bem a jantar e estamos agora a falar de uma porcaria de um almoço que aconteceu há meses? Eu já nem me lembro do que raio foi isso mas provavelmente foi sobre aquele caso de fraude que eu falei no jantar de Natal da empresa. — Relembro a conversa desse jantar como um *flash*. Respiro fundo ao perceber que estou a ser uma idiota e a criar um mau ambiente sem necessidade nenhuma.

— Desculpa... — digo, apenas antes de beber um pouco mais de vinho. Tyler segura a minha mão livre e afaga-a gentilmente.

— Não peças desculpa. — Tyler leva a minha mão até ele e beija-a com carinho enquanto me sorri. — Mas agora vamos aproveitar o jantar que depois em casa vou tratar de ti. — Coro por ele falar assim em público e abafa uma risada.

O jantar está realmente maravilhoso. Rapidamente esqueço o que raio me está a invadir a cabeça e consigo desfrutar deste momento com ele. A minha paranoia é algo que vou ter de falar com o Dr. Maxwell na próxima semana. Por muito que eu ache que está tudo bem comigo, sei que há traumas que preciso de séria ajuda para curar.

Capítulo 29

Emma



Saio da universidade atarefada e a remexer na minha mala. Devia ter trazido o carro, o Tyler esteve todo o dia no tribunal, que é ainda longe daqui. Cole ficou de me vir buscar, mas claramente está atrasado por causa do trânsito infernal desta cidade. Encosto-me à porta e olho em redor à espera de que ele chegue. Hoje consegui acabar alguns trabalhos e depois das semanas afincadas de trabalho que tive só quero ir para casa descansar. Sinto o telefone vibrar e assumo ser Cole a avisar-me que está aqui. Começo a caminhar até ao passeio e procuro pelo *Porsche* preto, mas não o vejo em lado nenhum. Aproximo-me mais da berma do passeio na esperança de ver o carro e nesse momento alguém me toca no ombro:

— Miss Montgomery? — Inicialmente acho que é Cole que me está a chamar, mas esta não é a sua voz.

Viro-me e vejo Owen à minha frente com o seu fato preto e óculos escuros. Preparo-me para sair dali rapidamente, mas ele agarra-me o braço e tapa a minha boca com a mão. Em menos de cinco segundos, estou a ser empurrada para o interior do *Bentley* azul-escuro de John. A porta fecha-se assim que entro e ouço-a trancar-se. Eu sei que ele está aqui ao meu lado, provavelmente a rir das minhas tentativas falhadas de abrir a porta para sair daqui. Acho que finalmente sei como se sentem as pessoas que são raptadas, é uma sensação horrível de desespero.

— Emma, é inútil estares a tentar sair. Só me estás a estragar o carro. — A sua voz arrepia-me mas não posso deixar que ele me intimide desta forma.

Viro o olhar para ele com um sorriso irónico e começo a pontapear a porta com o salto do sapato, deixando algumas marcas na pele branca e no vidro. Os seus braços agarram os meus e seguram-me no banco com força. O meu corpo gela ao lembrar-se do que ele é capaz. Se não parar, vai ser pior para mim, por isso, fico apenas a olhar para ele sem demonstrar qualquer emoção.

— Quanto mais depressa estiveres quieta, mais depressa vais embora.

— O que é que queres? Abre esta porta e deixa-me sair! — Elevo a voz.

— Sair para ires para a brincadeira de vida que estás a levar? — Eu já sabia que isto ia ser o plano dele. Vai começar com acusações sem nexo apenas para me magoar.

— Se achas que é assim que vais a algum lado, estás muito enganado. Não há nada que possas fazer comigo agora. O que foi? O James já não olha para ti da mesma maneira, é? Finalmente percebeu a merda de pessoa que és? — A sua mão levanta-se na minha direção e o seu olhar fulmina-me.

O meu corpo encolhe-se por completo com medo da dor que lhe é tão familiar, mas a mão de John para a meio e apenas vejo a sua expressão mudar para voltar ao sorriso sarcástico que tinha antes. Tyler tinha razão em querer contratar Cole, se ele estivesse aqui, nada disto acontecia.

— Tu achas mesmo que sabes quem é o homem com quem estás? És tão ingénua, Emma. Eu sabia que ele não te ia contar nada, mas achei que uma filha minha fosse mais inteligente para perceber a verdade. — Cruzo os braços e levanto a sobrelanceira num jeito trocista.

— Eu sei bem quem é o Tyler, não preciso dos teus esclarecimentos. Já estamos resolvidos? — Seguro a maçaneta da porta e aguardo o som do destrancar, mas não acontece.

— Ah, sabes? Então ele contou-te que já dormiu com mais mulheres do que alguma vez vais imaginar? — Reviro os olhos.

— Acho que o Tyler também não imagina com quantos homens eu já dormi. — Os seus olhos arregalam a olhar para mim por um breve momento. — Ah, achavas que eu era freira num convento? Desculpa desiludir. — O olhar de choque desvanece-se quando se aproxima mais de mim e entrelaça os dedos das mãos apoiadas nos joelhos. Chego-me atrás até ficar encostada à porta, quero estar o mais longe dele possível.

— Emma, eu vou direito ao assunto... — Deixo de ouvir.

As palavras que saem da boca de John acabam comigo. É como se um enorme terramoto mandasse abaixo todos os prédios à minha volta, como se a terra mudasse a sua trajetória. O meu coração despega-se do meu peito e tenho de levar a mão até ele para o impedir de cair. Não consigo responder, não consigo reagir. John fica a olhar-me com um sorriso irónico. Ele está a mentir, isto tem de ser mentira. O meu cérebro volta à terra no momento em que ouço a porta do carro destrancar. Saio tão rápido que quase tropeço na berma do passeio. Fecho a porta do carro com toda a minha força e seguro-me ao candeeiro de rua, enquanto o vejo afastar-se pela estrada. Inspiro com toda a minha força e tento que o meu corpo se aguarde em pé. Todas as minhas memórias com Tyler passam à minha frente como um filme a alta velocidade e tudo agora parece fazer sentido.

— Miss Montgomery? — ouço chamar. Sobressalto-me, pois sou completamente distraída dos meus pensamentos. Olho para o lado e Cole para de andar quando chega até mim. — Peço desculpa pelo meu atraso, estava imenso trânsito desde casa até aqui. — Largo o candeeiro e começo a caminhar com ele.

— Não se preocupe, Cole. — Relembro que me disse que veio de casa e olho-o confusa. — O Tyler já está em casa? — pergunto. A minha voz sai seca e arranhada, como se eu já não usasse as cordas vocais há anos. Cole

franze o sobrolho ao ver-me claramente perturbada, mas nada diz.

— Sim. O julgamento acabou mais cedo. — Chegamos ao carro e Cole abre a porta para eu entrar. Apenas aceno com a cabeça e sento-me no banco de trás ainda completamente tonta.

À medida que o carro se vai aproximando do apartamento, o meu coração começa a bater cada vez mais depressa. Sinto a respiração alterada e as mãos tremem só de pensar na pequena possibilidade disto ser verdade. Cole vai falando comigo, mas quando vê que eu estou noutra planeta acaba por se calar e ligar o rádio nas notícias. Agradeço mentalmente que o faça, não tenho qualquer vontade de conversar. Respiro fundo algumas vezes e a minha perna abana freneticamente com os nervos. *Não vai ser verdade, não vai ser verdade...*

Chegamos à garagem e digo a Cole para ir para casa, não me parece que ele vá ser preciso mais hoje. Quando subo até ao apartamento, ando para trás e para a frente no corredor. Não tenho coragem de o confrontar com isto, só vou criar um conflito, mas a minha mente não consegue desligar das palavras de John e isto vai consumir-me se não fizer nada. Encho o peito de ar e caminho decidida a falar com ele o mais rapidamente possível, para podermos esquecer isto e seguir em frente. Começo a procurar por ele na sala, mas apenas encontro Mrs. Clark na cozinha atarefada com o jantar.

— Boa-noite, Miss Montgomery — diz-me com o seu usual sorriso. Aproximo-me da cozinha e sorrio-lhe com algum esforço.

— Boa-noite, Mrs. Clark. O Tyler está em casa? — pergunto, enquanto me sento num dos bancos da ilha. Não quero que ela sinta que a estou a controlar, mas não quero estar sozinha.

— Mr. McLain está lá para dentro no escritório, vinha com muito trabalho ainda para fazer. — Apenas concordo com a cabeça sem saber bem o que dizer. Não posso interromper o trabalho dele e também não quero ter esta conversa com Mrs. Clark aqui, por isso vou ter de esperar. Esfrego as mãos sobre as pernas, tentando controlar os seus tremores e respiro fundo. Vejo Mrs. Clark pousar um copo de vinho tinto ao meu lado com um sorriso.

— Tem cara de quem está a precisar — diz-me com um sorriso terno e compreensivo.

— Obrigada — respondo, baixinho. Agarro o copo e dou alguns goles antes de ouvir uma porta no interior da casa abrir e fechar, seguido de passos fortes pelo corredor.

Tyler surge na sala pouco depois, ainda com as calças do fato preto e a camisa branca vestidas. Parece bastante cansado, e, por momentos, penso se não será melhor deixar esta conversa para amanhã. Ele sorri assim que me vê e caminha para mim, beijando-me a testa. Tem a barba por fazer, e sentir o

toque áspero contra a minha testa dissipa todos os meus pensamentos. Tudo o que quero é esquecer isto e apenas amá-lo. Olho para cima e respiro com força. A ansiedade está a tomar conta de mim e sei que ele vai reparar. Solto um trejeito nervoso que o faz largar o sorriso e segurar a minha cara.

— Está tudo bem? — Engulo em seco mas digo que sim com a cabeça. Não quero ter esta conversa agora, por muito que me esteja a comer viva.

— Sim, estou cansada, só isso — minto. Ele suspira e afaga-me o rosto suavemente.

— Foi um dia longo para os dois. — Suspiro e passeio o dedo pelo rebordo do copo de vinho, mas sorrio para ele e beijo-o suavemente.

Mrs. Clark desliga todos os bicos do fogão e retira do forno dois bifes que deixa numa tábua de madeira a descansar. Tyler agradece-lhe pela ajuda e Mrs. Clark vai até à sua divisão buscar as suas coisas para ir embora. Durante os minutos que demoram até ela reaparecer, fico apenas a encarar o vazio com o copo na mão, bebericando de vez em quando com a mente a correr sobre pensamentos e memórias. Pondero vezes e vezes sem conta se devo dizer alguma coisa, principalmente porque eu acho que não sou capaz de lidar com uma discussão neste momento e sei perfeitamente que é o que vai acontecer. John queria entrar na minha cabeça e conseguiu. Quando dou por mim, Tyler colocou os pratos na ilha e sentou-se ao meu lado para começarmos a jantar, mas eu não consigo sequer pensar em comida. Nem sequer vi Mrs. Clark sair e nem lhe disse boa-noite. Tyler pousa os talheres e toca no meu ombro.

— Emma? — chama. Pestanejo várias vezes e olho para ele nos olhos. Sinto-me a derreter de nervosismo e apesar de não ter comido nada estou extremamente enjoada. Isto vai matar-me se não disser nada. — Emma, o que se passa? Estás estranha.

— Não é nada, é só que... — Faço uma pausa. É agora ou nunca. Olho para ele e respiro fundo. — O John apareceu na universidade hoje. O Owen meteu-me para dentro do carro para me obrigar a falar com ele. — Tyler arregala os olhos e levanta-se imediatamente, fazendo-me sobressaltar.

— O quê?! Isto foi agora enquanto o Cole estava preso no trânsito, não foi? Merda, eu devia ter ido com ele logo buscar-te em vez de vir para casa... — Ele caminha pela sala de forma irritada. Tem as mãos na cintura, mas de vez em quando passa-as pela parte de trás do pescoço. Fico a olhar para os meus pés ainda a pensar na melhor maneira de falar, mas Tyler não quer perder tempo. — Ele fez-te alguma coisa Emma?

— Não! — apresso-me a responder, um pouco exasperada e já cansada da conversa que ainda nem aconteceu. Levanto o olhar para ele e molho os lábios antes de continuar, o nervosismo secou-me por completo e dou outro gole no vinho.

— Ele queria falar comigo. — Tyler fica confuso a olhar para mim, ainda com as mãos na cintura.

— Sobre o quê? — pergunta. A sua voz sai-lhe trémula, ele está nervoso. Franzo o sobrolho e percebo que ele está com medo da conversa. O meu coração volta a acelerar. Decido levantar-me da cadeira e manter uma postura altiva.

— Tyler, eu vou fazer-te uma pergunta e tens de me prometer que me vais responder, nada de mentiras, nada de rodeios. — Os seus braços caem ao lado do seu corpo derrotados e o seu olhar desvia do meu para encarar o chão.

Ele sabe o que lhe vou perguntar. Os meus olhos enchem-se de lágrimas e levo a mão à boca, tentando abafar os sentimentos por mais um pouco. Eu sei qual é a sua resposta, nem é preciso perguntar. Solto um soluço e aperto a parte de trás da cadeira da ilha com alguma força, tentando que esta me segure em pé no momento que me vai quebrar para sempre.

— Tu aceitaste o acordo dele, não foi? Tu só estás comigo porque ele mandou! — As lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto intensamente, e a dor que sinto é maior do que alguma vez senti. Levo a mão ao peito, tentando ampará-lo para que o coração não caia e não se estilhace antes de ele ter a oportunidade de responder.

— Emma, as coisas não são bem assim. — Ele caminha na minha direção, o que me faz recuar imediatamente. — Eu posso explicar! — Os seus braços seguram os meus ao chegar até mim, mas rapidamente solto-me. A dor está a apoderar-se de mim e o seu toque causa muita confusão ao meu coração.

— É que nem te atrevas a chegar perto de mim! — Tudo começa a fazer sentido na minha cabeça. O jantar de Natal, os presentes, as mensagens, a persistência... Ele não estava a mentir naquela noite na discoteca, ele estava bêbedo e não conseguiu mentir. Caminho à volta da cozinha, preciso de sair daqui, mas não posso voltar para casa. Não sei o que fazer e tudo o que consigo sentir é o nojo de tudo o que fiz com ele, pensando que ele era uma pessoa que não é.

— Ouve-me, por favor! Se me deres uma oportunidade, eu consigo explicar tudo! — Levanto a mão para ele se calar, o que também o faz parar de andar atrás de mim pela cozinha.

— Como é que foste capaz, Tyler? Como é que fazes isto a uma pessoa? — Agarro os meus cabelos com força e sinto a raiva apoderar-se de mim. Inspiro o ar com força, tentando que o oxigénio seja capaz de segurar o meu coração no sítio. Ele usou-me e eu caí como uma idiota. Caminho até ele com afinco e empurro-lhe o peito com força, fazendo-o cambalear para trás.

— Emma, por favor, não faças isto! — As suas mãos agarram os meus

braços no sítio e sinto o meu corpo desmoronar, caindo de joelhos no chão, consumido pela dor e o sofrimento.

O único homem que alguma vez amei mentiu-me, arruinou-me. Os seus braços envolvem-me enquanto o meu corpo sem forças se ajoelha no chão. Pouso a cabeça no seu braço e continuo a chorar, completamente arrasada. A única ponta de felicidade que eu tinha era apenas mais uma das mentiras do John, *do meu próprio pai*.

— Ele falou comigo antes do Natal, naquele almoço no restaurante de que a Amy te falou. Mandou-me estar contigo, conhecer-te e manter-te afastada de casa o mais possível. De certa forma controlar-te. Eu recusei fazer isto ao início, Emma, não queria fazer isto a ninguém. — Levo as mãos aos ouvidos para não ouvir. A raiva apodera-se de mim e empurro-o para longe.

— Tu metes-me nojo, Tyler McLain. — Levanto-me rapidamente do chão e arranco o colar do pescoço e atiro-o para longe. Nunca o devia ter aceitado, é apenas mais uma corrente na minha vida. Abano com a cabeça, ainda em negação. Isto é um pesadelo, não pode ser verdade. — Eu amo-te tanto, porra... Porquê, Tyler? Que mal é que eu te fiz? — Ele levanta-se do chão e agarra os cabelos com força a olhar para mim.

— Tu não me estás a ouvir, isso foi no início! Ele chantageou-me, Emma, com coisas da empresa... — Solto um trejeito exasperado e de completo choque. Levanto as mãos no ar e aponto para ele.

— E tu de bom grado aceitas, não é? Não mintas, Tyler! Ele pediu-te para me controlares! Ele queria-me longe de casa para fazer tudo à vontade, e tu querias sexo fácil! Eu sou uma *estúpida* que me deixei apaixonar por ti! — Ele vira as costas enquanto eu falo, como se quisesse evitar ouvir o que lhe estou a dizer.

Tyler vira-se repentinamente e corre para mim, agarrando a minha cara com força. O beijo que me espeta usa toda a sua boca, preenchendo-me com a sua língua. Sinto o sabor salgado das lágrimas que não sei ao certo se são minhas ou dele. O seu sabor é incomparável e agora percebo que esta é a última vez que o vou provar. Este é o nosso último beijo e por isso deixo-o apoderar-se de mim por um breve momento. Os soluços do meu choro interrompem-nos, mas Tyler não larga a minha cara, roçando o seu nariz no meu gentilmente.

— Eu não tive opção, Emma, acredita em mim, *baby*. Tudo mudou, percebes? Eu não te conhecia. Por favor... — As memórias dos nossos momentos invadem-me de uma só vez. As suas palavras dobram-me o estômago de uma forma que nunca antes senti. Eu não sei no que acreditar, mas sei que não posso confiar numa única palavra do que ele diz. Solto-me do seu abraço.

— Não te atrevas a chamar-me isso, Tyler! Tu estragaste tudo, percebes? Tudo! A minha vida está pior do que alguma vez esteve por tua causa. Qualquer coisa que o John faça não me surpreende e já nem me magoa, mas tu... — As palavras estão confusas na minha cabeça.

— Emma, isso não importa agora! Nós vivemos juntos, estamos felizes! O que é que interessa como é que começou? Não interessa mais o presente? — Abano a cabeça, completamente incrédula com o que ele me está a dizer.

— Tu não estás bem da cabeça, Tyler. Tu achas mesmo que isto não muda nada? Achas que eu vou esquecer tudo? — Abraço o meu próprio corpo. — Tu nunca me ias contar, pois não? Ias manter-me na ignorância só para eu não sair daqui, para teres o teu brinquedo aqui. — Sinto-me a perder completamente a cabeça, estes últimos meses passam pela minha mente e tudo o que consigo ver é o quão idiota eu fui por acreditar que algo nisto era verdade.

— Por favor, perdoa-me, Emma. Nós conseguimos superar isto, eu sei que sim. — A minha mente não consegue suportar mais isto e a única reação que consigo ter é rir. A gargalhada desesperada que solto parece chocá-lo mais do que o choro, fazendo-o afastar-se e dar-me espaço. Abano a cabeça com alguma força, chorando e rindo ao mesmo tempo, numa montanha-russa de dor que me está a destruir.

— Tu és louco em pensar que eu alguma vez te vou perdoar por isto. — Olho em direção ao quarto e percebo que tenho de sair daqui o mais rapidamente possível. Tyler segura o meu braço ao perceber a minha intenção.

— Emma, por favor. — Solto o meu braço imediatamente e corro.

O caminho até ao quarto pesa e dói como nada antes doeu na minha série de eventos terríveis a que chamo vida. Assim que estou lá dentro, tranco a porta e deixo-me cair no chão com as costas ainda apoiadas na madeira escura. Perdi-o e ele nunca foi meu, foi apenas uma ferramenta, uma distração. A minha mãe está a sofrer sozinha naquela casa por causa do meu egoísmo, porque eu saí para ser feliz quando tudo não passava de uma mentira. Pelo meio das lágrimas e da dor, agarro na maior mala que trouxe comigo e começo a arrumar tudo freneticamente. Tenho as mãos a tremer tanto que dobrar o que quer que seja seria impossível, além disso tenho de sair daqui o mais rapidamente possível. O ar que me entra pelo nariz não é suficiente, estou a hiperventilar, deixando-me cada vez mais tonta. Sinto-me tão enjoada que o estômago dá milhares de voltas sobre si mesmo. Ele quebrou-me, sem retorno, sem conserto, sem misericórdia. Entreguei-me a ele como nunca antes, confiei, amei-o e agora ele deu cabo de mim. Sobressalto-me ao ouvir o seu punho bater na porta.

— Emma, abre a porta. Caramba, deixa-me falar contigo! — A sua voz

está tão desesperada que perceber que ele é capaz de mentir tão bem é perturbador.

A minha barriga começa a contorcer-se, não aguentando mais todo o nervosismo. Corro para a casa de banho e vomito a pouca comida que ainda tinha no estômago. Ouço Tyler continuar a bater na porta e a chamar pelo meu nome, tornando tudo isto ainda mais difícil. Agarro a sanita, tentando recuperar as forças. Assim que me recomponho, limpo-me à velocidade da luz e agarro as últimas coisas que consigo levar comigo. Eu trouxe tudo e agora vou sem nada, incluindo o meu coração. A Emma desapareceu, foi destruída, queimada, arruinada para sempre. Olho-me ao espelho da mesma maneira que fiz naquela noite, mas agora em vez de ter o corpo marcado pelas cicatrizes, carrego-as na alma. Havia uma leveza no meu olhar que agora desapareceu. Uma suavidade que agora endureceu e um olhar calmo que virou fogo.

Agarro a mala e destranco a porta para encontrar Tyler sentado no corredor à minha espera. Passo por ele, ignorando as inúmeras vezes que ele chama o meu nome até à porta da casa. A sua mão agarra o meu braço e obriga-me a olhar para ele. Encarar o rosto do homem que amo, sabendo que ele me usou como um brinquedo é algo que nunca pensei sentir. É uma dor inexplicável, preferia levar com dez chicotadas de cinto do que isto. A sua mão parece enfraquecer a força com que me agarra, percebendo que não há nada que ele possa fazer que me impeça de sair por aquela porta. Puxo o braço e solto-me dele, caminhando para trás, engolindo as lágrimas que cortam os meus olhos como facas.

— Ganhaste, Tyler. Tiveste a tua diversão e agora és o responsável pela minha dor. Vive com isto para o resto da tua vida, a saber que me destruíste por completo. — Ele abana a cabeça várias vezes e tenta aproximar-se, mas assim que o faz caminho para trás, fazendo-o parar.

— Emma, raios, ouve-me! Eu só me aproximei de ti porque o teu pai pediu; eu só te dei o colar porque ele sugeriu; eu só te segui e convidei para sair porque ele me telefonava a dizer onde tu estavas, mas correu mal para ele, e sabes porquê? Porque eu me apaixonei por ti! — Continuo a caminhar até à porta sem tirar os olhos dele.

— Não acredito em nada do que dizes, Tyler — consigo dizer.

— Emma, confia em mim, porra. — Ele volta a segurar-me a cara de repente, fazendo todo o meu corpo parar. O seu toque é tudo o que eu quero e nunca mais vou ter. Tyler engole em seco e olha-me nos olhos. — Emma, eu amo-te. — Gelo a olhar para ele.

— O quê?

— Eu amo-te. Precisas que diga isto mil vezes? Porque eu digo, Emma, confia em mim. — Relembro a noite do jantar de Natal, a última coisa que ele

me disse antes de ir embora. Disse-me para não confiar em ninguém, incluindo nele. Tanto desejei ouvi-lo dizer que me ama e ele sabe disso. Apenas disse agora para me prender aqui, o que substitui um pouco da minha tristeza por raiva.

Solto-me dele determinada a sair daqui com a pouca força que me resta. Ele não me segue à medida que chamo o elevador. Olho-o uma última vez, os seus olhos castanhos brilhantes e tristes. Eu amo-o e isso nunca vai mudar, por mais que ele me tenha magoado. Encho o peito de ar para lhe falar com a coragem que me resta.

— Eu não confio em ninguém, Tyler, Foste tu que disseste para não o fazer, não foste? Aí tens. — Saio o mais rapidamente que consigo. Vejo Tyler tentar chegar ao elevador, mas este fecha-se antes de ele ter tempo de me impedir de ir embora.

Carrego no botão para a garagem e assim que as portas se fecham caio de joelhos agarrada ao cabo da mala de viagem. Mais uma manipulação de John, mais uma das suas chicotadas em cheio no meu peito. O meu coração está cansado de ser partido, a minha mente cansada de ser castigada e o meu corpo cansado de me levantar durante tudo. Ele queimou-me com a chama que eu achava ser amor e eu senti-me no céu, cega e completamente perdida no que eu pensei ser o caminho para a minha felicidade. Estou quebrada, ele quebrou-me, todos o fizeram. Enfio a mala no carro e entro logo de seguida. Encosto a testa ao volante, chorando desalmadamente por tudo o que sempre me aconteceu. Eu já devia saber que tudo isto era bom de mais para ser verdade. Eu não fui feita para ser feliz e quanto mais depressa o aceitar, melhor. Agora não há tempo para me sentir assim, tenho de acabar o que comecei. John Montgomery vai pagar por tudo o que sempre me fez.

Capítulo 30

Emma



Se este carro fizesse barulho, acredito que toda a cidade ia ouvir a velocidade com que o conduzo. Sei que é um perigo estar a conduzir desta forma enquanto tenho os olhos cobertos pelas lágrimas, mas só consigo pensar em chegar à mansão e acabar com isto tudo. À medida que chego aos subúrbios, percorro por momentos os sítios onde passei a minha infância. Faço-o como uma espécie de ritual em que tento dizer adeus à Emma do passado. Vou até ao restaurante italiano onde foi o meu aniversário. Durante anos evitei passar por aqui, aliás, acho que nunca mais voltei aqui desde aquela noite. Paro o carro mesmo em frente à entrada de tijolo, adornada por toldos com riscas vermelhas e brancas. É como se conseguisse ver-me sentada naquelas escadas de pedra cinzenta, vulnerável. Aquela menina inocente foi completamente destruída e só gostava de poder voltar atrás para a avisar. Dir-lhe-ia para não ir para casa naquela noite, para fechar os olhos a tudo e especialmente para nunca se apaixonar. Cada vez que fecho os olhos, apenas consigo ver o rosto de Tyler sempre da mesma forma, deitado a meu lado com a pouca luz da rua a sombrear os seus contornos perfeitos. A raiva começa a apoderar-se de mim. Vejo em *flashes* os anos da minha vida desde a noite em que caminhei por esta rua em direção à mansão. Vejo todas as chicotadas do cinto, todas as lágrimas, todas as vezes que a minha mãe chorou, a inocência do meu irmão ser destruída.

Agarro o volante com força e viro o carro tão rápido que os pneus chamam no alcatrão. Subo a rua em menos de segundos. Quando dou por mim estou no portão de ferro, e julgo que esta será a última vez que vou entrar aqui. O leitor de matrículas reconhece o carro, abrindo o portão automaticamente, não tenho de tocar à campainha e isso significa que ele não me vai ver a chegar. Estou cega com a raiva, tão cega que nem me dou ao trabalho de estacionar o carro, simplesmente paro-o e este ainda desliza uns centímetros depois de eu o travar. O John destruiu a minha vida, e agora eu vou destruir a dele. As minhas mãos tremem em torno das chaves que felizmente me lembrei de trazer. Sinto a cara arder e o coração bater por todo o meu corpo. Desta vez não há nada que me vá parar e não é com armas que vou resolver isto.

Arranjo a coordenação para enfiar as chaves na porta e empurro-a para trás com toda a minha força. A porta abre completamente, encostando com força no batente que a impede de esmagar por completo o espelho e a mesa que estão por detrás dela. Lembro-me de achar que esta porta era pesada, de não ter força para a abrir e de pensar que apenas o John era capaz de o fazer facilmente. Agora quase a parto e isso relembra-me da minha força. Vejo os

olhos do John saírem da sala e focarem nos meus. O sorriso sarcástico e vitorioso que me apresenta não deixam enganar, ele estava à espera de que eu fizesse isto.

— Então, Emma, já de volta tão cedo? Pensei que tinhas ido viver com o amor da tua vida — diz-me com a voz mais calma que lhe é possível. Retribuo o sorriso e agarro o candeeiro de mesa que está ao meu lado, atirando-o contra ele com toda a força. O candeeiro atinge em cheio uma escultura de mármore da sala, ambos caindo e desfazendo-se em mil pedaços. John encolhe-se ao ver o candeeiro voar, mas volta ao normal assim que se apercebe que eu falhei. Os passos apressados que vem do piso superior enchem a sala.

— Eu vou destruir-te. Vais ficar no lixo, John Montgomery, nem que para isso eu tenha de ir para lá contigo. — A minha mãe e o meu irmão surgem na sala poucos segundos depois. Sinto as mãos de James nos meus ombros, virando o meu corpo para o encarar. Fico a olhá-lo durante uns segundos, o meu ser enraivecido incapaz de reagir.

— Emma, o que se passa? O que estás aqui a fazer? — pergunta-me, um pouco em pânico. A minha mãe aparece ao meu lado e segura a minha mão com força.

— Filha?

— Foi tudo mentira, mãe, foi tudo um esquema dele. — Levanto a mão para apontar para John. Ele parece rir-se da minha situação, mas rapidamente o seu sorriso é varrido quando James o encara de olhos raiados de vermelho e começa a caminhar na sua direção com afinco. Tapa a boca com a mão ao ver James empurrar o John contra a parede.

— Filho! James, não faças isso! — grita a minha mãe. Seguro-a nos meus braços, procurando também apoiar-me.

— Não faço? Ele mentiu-me toda a vida! Enganou a minha irmã! Ele era o meu herói! — As lágrimas escorrem-lhe pelo rosto e as suas mãos começam a ficar roxas por causa da força que exercem sobre o colarinho da camisa azul de John.

— James, eu fiz o que tinha de fazer para proteger a nossa família. A tua irmã ia destruir-nos, eu tinha de a tirar daqui rápido. — Solto um som exasperado ao mesmo tempo que o meu irmão, incrédula com o que estou a ouvir. A minha mãe tapa a cara parcialmente com a mão, tentando esconder as lágrimas que lhe vão caindo. Não posso desmoronar agora, tenho de me manter firme.

— Como é que és capaz de dizer isso? Ela é tua filha e tu deste cabo da vida dela! Bateste na tua mulher durante anos e ainda me mentiste! — John coloca uma mão no ombro do filho.

— James, por favor, acalma-te e vamos conversar sobre isto. A tua irmã vai ter de resolver a vida dela. Eu ainda a tentei avisar sobre o Tyler, ela não me quis ouvir. — James abre a boca em completo espanto. Apenas abano a cabeça. Nada do que ele me diz me choca, eu já estava à espera de que ele reagisse assim. A verdade é que eu não tenho para onde ir e o dinheiro que tenho não chega para me sustentar sozinha em Nova Iorque. Simplesmente não é uma opção continuar aqui e sinceramente nunca tive tanta vontade de deixar tudo para trás. Esta cidade não me trouxe nada senão sofrimento. Admiro-a quando estou no topo de um prédio alto, mas neste momento é como se a vida me tivesse empurrado desse mesmo prédio até ao alcatrão, só que não morri, fiquei apenas com a dor do impacto.

Solto-me da minha mãe e agarro um pequeno vaso de vidro que está na mesa de apoio atrás do sofá. Simplesmente deixo-o cair no chão, desviando a atenção de todos para mim. James larga os colarinhos de John que me encara com o seu olhar fulminante. Já não me assusta, não sinto medo dele. Estou destruída ao ponto em que nada me faz sentir.

— Eu lamento interromper a quantidade de merda que te sai da boca mas eu não vim aqui à procura de pena, eu vim aqui para acabar contigo e é isso que tenciono fazer. — Olho para a minha mãe e respiro fundo antes de dizer as palavras que vão mudar para sempre a minha vida. — Eu tentei durante anos que saíesses desta casa, que me levasses a mim e ao James para longe dele. — A minha mãe chega-se até mim e inspira como se fosse falar, mas levanto a mão no ar, impedindo que ela me interrompa. — Eu sei que não sabias de nada do que se passava comigo e que nos querias proteger, mas eu não aguento mais. Este homem não só me fez a vida num inferno enquanto eu cá vivia, ele também destruiu tudo o que achava ter de bom. — Engulo as minhas próprias lágrimas e tenho de morder o lábio para impedir-me de sufocar no ar que me resta. A minha mãe segura as minhas mãos com força, procurando coragem para ouvir o que tenho para lhe dizer. — Eu amo o Tyler, mais do que alguma vez vou perceber, mas foi tudo um esquema dele. Não há nada que reste nesta cidade para mim. Foda-se, não há nada que reste na vida para mim — A minha mãe arregala os olhos com as minhas palavras, talvez com medo do que vou dizer a seguir. — Portanto esta é a última vez que te vou dizer isto: sai desta casa comigo, agora, eu vou ajudar-te e vamos meter esta besta atrás das grades. — Desvio o olhar de esguelha para John que como é óbvio está a sorrir. Ele pensa que isto é tudo uma enorme brincadeira, mas eu não estou a brincar.

— Emma, eu não posso... — começa a minha mãe. Solto as mãos dela e ergo as minhas no ar. Dou voltas à cabeça sem saber o que lhe dizer a seguir, esfregando a cara vezes sem conta.

— OK, sabes que mais? Eu vou ser direta contigo, ou saís comigo por aquela porta ou saio eu sozinha, mas se eu for sozinha, eu não volto mais, nunca mais. — Digo-o de uma só vez com as emoções a travar-me a voz.

— Tu estás louca? Emma, vais para onde?! — grita-me James. Levanto-lhe a mão para ele se calar e continuo a focar os olhos da minha mãe. Eu também não quero ir embora assim, mas tenho de o fazer. Sei que John está a rir, pensa que a minha mãe vai negar o meu pedido uma última vez, mas para choque de todos ela respira fundo e consente com a cabeça. Arregalo os olhos ao vê-la subir as escadas apressadamente para reunir as suas coisas.

— Mas é que nem pensar nisto! — grita John que corre na minha direção e segura os meus braços com força. Tento ao máximo não reagir de forma nenhuma, mantendo o olhar confiante e furtivo apesar de todo o meu ser se estar a desfazer.

— O que foi, John? Está tudo a cair à tua volta? Agora sabes como é — afirmo com a voz mais calma que consigo encontrar em mim.

— Talvez eu não tenha sido claro quando te disse que meti o Tyler na tua vida para te mandar para bem longe daqui. Se tu pensas que vais ganhar esta batalha, menina, estás muito enganada. — Rio na sua cara, um pouco de nervos e um pouco por me sentir finalmente com poder.

— Veremos, pai. — Coloco ênfase na palavra «pai», deixando um trejeito enojado no meu rosto e um de choque no dele. Abano os meus braços com força suficiente para me soltar dele e caminho para trás, aumentando a distância entre nós. O que é que nos sobra para perder quando tudo o que importava parou de existir? A única coisa que me resta é a minha família, a minha verdadeira família. Ergo os braços no ar e mordo o lábio inferior para prender as lágrimas um pouco mais. — Não há muito que possas fazer a alguém a quem já fizeste tudo. Por isso força, faz o teu pior. — John respira fundo e de repente o seu rosto começa a ficar extremamente vermelho, como se a raiva estivesse finalmente a apoderar-se dele.

— Naquela noite eu fiz-te uma promessa. Se tu abrisses a boca, eu matava-a. — Sinto a vida sair-me do corpo como se a própria morte tivesse passado por mim. Ele caminha até mim e agarra a gola da minha camisola com força, puxando-me até ele para sussurrar o resto da sua ameaça. — Achavas que me ia esquecer disso? Eu não quebro a minha palavra, menina.

James aproxima-se de nós e empurra John com alguma força. O seu braço envolve-me e puxa-me contra ele. Não consigo largar os olhos de John, as suas palavras repetem-se em eco na minha mente. Inspiro com alguma força várias vezes, tentando manter a compostura por mais alguns momentos. *Aqui não, aqui não, aqui não...* Repito para mim sem parar, tentando que a adrenalina continue a comandar o meu corpo até sairmos desta casa. Reparo

que o meu irmão tem na mão uma mala preta de ginásio e o casaco vestido. Não consigo acreditar que ele vem connosco.

— Já chega! As tuas ameaças não te vão servir de nada neste momento. Acabou-se, *OK*? Eu e a mãe vamos sair daqui com a Emma e não há nada que possas fazer. — O meu pai levanta os braços no ar completamente exasperado. Não consigo evitar sorrir e sentir-me finalmente vitoriosa depois de tudo o que tem acontecido.

— James, eu nunca achei que fosses assim tão parvo. Tu não percebes que isto é tudo para ficarem com o que é meu? Com o meu dinheiro? — Ambos soltamos uma pequena gargalhada. É ridícula a sua tentativa de mudar o que está a acontecer. Quando o meu irmão está prestes a responder, ouvimos o som dos passos da nossa mãe a descer as escadas. Trocou as suas roupas elegantes por algo mais casual e traz consigo uma pequena mala ao ombro.

— Acabou-se, John, tu não vais fazer mais nada a mim nem aos meus filhos. A próxima vez que nos vires vai ser num tribunal com certeza. Dizia para ficares bem mas a verdade é que não me importo muito como ficas ou deixas de ficar. — Nunca vi a minha mãe falar assim. James agarra a mala dela e corre até ao exterior para meter tudo no carro.

— Achas mesmo que consegues ganhar uma batalha legal contra mim? Não há nenhum advogado que me faça frente. — Engulo em seco algumas vezes, sabendo perfeitamente que nada disto será fácil, mas que não há alternativa. A minha mãe solta a minha mão e retira a aliança de casamento do dedo, atirando-a para o chão junto dos pés do John.

— Veremos — diz serenamente. Gostava de perceber como é que ela consegue manter esta calma quando eu estou prestes a desmoronar. — Vamos? — Os seus olhos focam os meus, tentando quebrar o meu transe.

Sem darmos tempo a John para responder, apressamo-nos até ao carro onde o meu irmão aguarda encostado à porta traseira. Olho para trás uma última vez e vejo John apanhar a aliança do chão com o rosto vermelho, prestes a explodir na sua própria raiva. Fecho a porta com tanta força que o eco do ferro faz-se ouvir por toda a entrada e exterior. Fico a encará-la um momento. A semana passada saí daqui empurrada por Tyler, na expectativa de uma vida melhor. Afinal consegui ser eu a empurrar as pessoas que amo para uma vida melhor. John queria que eu estivesse distraída com Tyler e me esquecesse da minha mãe, mas isso nunca iria acontecer. Tyler deve ter-lhe contado que eu estava a pensar levá-lo a tribunal e então ele contou-me a verdade, à espera de que isso me trouxesse de volta, apenas mais submissa. Sinto um breve orgulho em mim mesma pela forma como lidei com tudo, estou finalmente a fazer o que sempre quis, salvar a minha família.

— Vá lá, Emma, mexe-te! — grita-me James. Corro para dentro do carro

e assim que estamos todos lá dentro de cinto posto, arranco o mais rápido que o meu carro consegue.

— Para onde é que eu vou? — pergunto, um pouco em pânico. A minha mãe olha para mim confusa e respira fundo.

— Não sei, filha, um hotel talvez? Se calhar é melhor sairmos de Nova Iorque. — A minha mãe parece tão em pânico como eu, a voz calma com que falou à pouco desapareceu e sei agora que está com medo de tudo isto. Apenas consinto com a cabeça e começo a acelerar para chegar à autoestrada o quanto antes.

— Emma, vai para a *brownstone*. — Olho para James pelo espelho retrovisor. Vejo-o abanar umas chaves na mão e inspiro com a surpresa.

— Tu tiraste-lhe as chaves? — pergunto, ainda pasmada. Começo a mudar a rota em direção à *brownstone* em Upper West Side. Engulo em seco algumas vezes devido à proximidade com a casa de Tyler, são apenas lados diferentes do Central Park e isso deixa todos os meus ossos em gelatina. A minha mãe estende a mão para James que a agarra com força.

— Não íamos para um hotel quando ele tem mil casas. Era o que mais faltava! — Sorrio levemente e aceno-lhe com a cabeça em forma de agradecimento, incapaz de pronunciar o que quer que seja.

O percurso até à casa é feito sem eu me aperceber da condução. Várias vezes dou por mim parada num semáforo vermelho sem me lembrar de travar. Sei que é um perigo estar a conduzir desta forma distraída, mas não consigo evitar deambular nos meus pensamentos. James vai explicando à nossa mãe tudo o que vamos ter de fazer em termos legais, enquanto ela vai mexendo no telemóvel à procura do contacto de uma amiga que lhe costuma encontrar os empregados. Não consigo perceber bem como ela tem todo este dinheiro, mas não tenho sequer energia para perguntar. Tudo parece uma névoa, e apesar de ouvir o meu irmão e a minha mãe falarem, não consigo perceber o que estão a dizer, é como se as palavras passassem em meu redor como fumo no ar. Sinto-me novamente como naquela noite em que deixei a mansão com Tyler e acabei por colapsar nos seus braços, mas agora não os tenho aqui para me amparar. O meu coração arde no meu peito, é um nível de dor que nunca na vida tentei afogar e sei que mais cedo ou mais tarde isto vai apanhar-me e deitar-me ao chão. Tenho de reunir as forças para me voltar a levantar e continuar a batalha que agora iniciei, independentemente do meu coração estar focado no amor que perdeu.

Capítulo 31

Emma



Estaciono o carro num lugar à porta da casa. Toda a rua é emoldurada por casas tradicionais *brownstones*, cuidadosamente desenhadas e enfeitadas por árvores de cada lado. Os candeeiros de rua de ferro preto e formato tradicional iluminam gentilmente todo o cenário. É como se cada canto fosse uma fotografia perfeita de tudo o que Nova Iorque representa. Fico especada a olhar para a imponente fachada do número 21. A pedra castanha esculpida cuidadosamente em detalhes do século xix, contrasta com as janelas e porta em ferro preto, claramente mais moderno que o resto. A historiadora em mim não é capaz de não sonhar com os tempos em que nesta casa viveram tantos tipos de pessoas diferentes, cada uma com a sua história pessoal para contar. John comprou-a em 2008, quando o setor imobiliário colapsou. Desde então tem estado sempre arrendada. Franzo o sobrolho ao lembrar-me disso e olho para James que vai retirando as malas do carro.

— James? A casa não é suposto estar arrendada a alguém? — pergunto com os braços cruzados que me tentam aquecer nesta noite fria de maio.

— Vocês acham que eu não pensei nisso? As últimas pessoas saíram há uns meses. A casa foi toda remodelada e decorada. Já estava com o agente imobiliário para arrendar outra vez mas eu liguei para ele e mandei-o cancelar tudo, fingi ser o pai. — Não consigo deixar de sorrir. James não tem a voz nada parecida com John, mas ainda bem que o seu plano resultou.

— Quando é que fizeste isso? — pergunto. Começamos a subir os dois lanços de escadas de pedra igual à da casa com as nossas malas na mão.

— Há umas semanas. Eu sabia que isto ia acontecer mais cedo ou mais tarde, só não pensei que fosse à custa da tua felicidade com... — Olho para ele com os olhos arregalados, o que o faz parar de falar imediatamente e engolir em seco.

— Não voltes a falar nele, James, acabou, percebes? Aliás, nunca começou. — Engulo algumas vezes entre palavras como se estas me estivessem a engasgar. James suspira fundo e leva a mão ao bolso para retirar as chaves e estende-as na minha direção. Fico a olhar para elas um pouco confusa.

— Faz tu as honras, Emma, tu mereces abrir esta porta. — Respiro fundo. Retiro as chaves da mão dele e forço um sorriso. Estas chaves simbolizam o nosso novo começo, uma nova vida para todos. Por muita dor e pelas marcas que o nosso trajeto tenha deixado em nós, o nosso caminho é apenas um, para a frente.

Pouso a mala no chão de pedra castanha do patamar e enfio a chave na

porta de ferro preto. Abro-a com afinco, na esperança de sentir algum alívio assim que entro. As luzes estão todas apagadas e a casa ainda cheira a tinta fresca. A porta principal dá acesso a um pequeno *hall* de entrada com mais uma porta, desta vez branca e com janelas de vidro fosco. Ajudo a minha mãe a trazer o resto das coisas até essa pequena entrada e procuro com James o quadro da luz. Abro a porta branca e assim que o meu irmão acende todas as luzes da casa, sou consumida pela sua beleza e paz. Inspiro fundo ao ver o longo corredor branco com paredes esculpidas e chão em madeira natural. O som dos meus sapatos ecoa pelo corredor e vou passando a mão pelos móveis e quadros da entrada. A casa está extremamente bem decorada num estilo contemporâneo e tipicamente nova-iorquino. As escadas à minha direita enrolam-se sobre si mesmas por todos os andares da casa, tão alta que não parece ter fim. Ouço a minha mãe fazer exatamente o mesmo som que eu ao entrar pelo corredor, dirigindo o olhar para o escritório extremamente clássico e escuro à sua direita, que contrasta com a suavidade do resto da decoração. Para além de esta casa ser deslumbrante, ela é também uma tela em branco, um novo começo. Nesta casa não há memórias, não há a figura do John na sua poltrona a controlar todos os meus movimentos, não há Tyler em nenhuma divisão, não há tristeza nem mentiras. Apanho a lágrima que me rola pela bochecha e sei que a minha energia está no seu limite. Sinto os olhos pesados, mas sei bem que vai ser extremamente difícil eu dormir hoje. Vou ter de marcar um café com a Courtney para lhe contar tudo. Por muito que eu queira negar, sei que vou precisar da sua ajuda para ultrapassar tudo o que aconteceu e tudo o que ainda está para vir.

— O quarto de cima é o quarto principal, tem casa de banho e *closet*, acho que a mãe devia ficar com ele. — Concorde com o meu irmão, mas vejo a nossa mãe dizer que não com a cabeça.

— Não é preciso isso tudo, James, eu fico em qualquer quarto. — Ignoro momentaneamente a sua resistência e viro-me para ver o resto da casa. Continuo a andar em frente até ver a sala de estar e outras escadas que apenas dão acesso à cozinha. No canto mais ao fundo está um divã rodeado por estantes com centenas de livros. Toco as lombadas até encontrar algo que me interesse ler e acabo por agarrar um livro sobre o Império Romano e a sua queda. Acho apropriado, uma vez que me sinto tal e qual como Júlio César, traída por aqueles que me deviam ser mais próximos e apunhalada pelas costas. Volto para trás ainda ouvindo a minha mãe discutir com o meu irmão sobre o quarto. Respiro fundo, um pouco farta da conversa.

— Mãe, já chega, ficas com o quarto de cima e acabou. Eu só não sei é como é que nós vamos tratar desta casa, ninguém aqui sabe cozinhar e a casa é enorme... — A minha cabeça começa a pendular para todos os problemas

que consegue arranjar.

— Nós vamos arranjar alguém, mas agora que tal uma *pizza*? — Baixo o olhar e pondero a oferta, afinal de contas nem cheguei sequer a jantar e devia ter fome, mas não tenho.

— Comam vocês, eu vou-me deitar. James? Qual é o meu quarto? — Olho para o meu irmão com expectativa que ele não tente impedir-me de estar sozinha. Ele mete as mãos nos bolsos e parece ponderar, mas acaba por suspirar e aceitar a minha decisão.

— Terceiro andar, ficas com o que tem casa de banho só para ti. — Coloco uma mão no seu ombro e forço um sorriso, é o máximo de agradecimento que vou conseguir dar neste momento.

Agarro a minha mala e abro a porta branca que está ao lado das escadas, revelando um pequeno elevador. Há sete andares nesta casa, dois em baixo deste e quatro para cima. Carrego no botão 3 e fico à espera de que o lento elevador decida levar o meu corpo cansado. Sei pelas caras com que a minha mãe e irmão ficaram que estão preocupados comigo. Eles sabem que estou apenas a disfarçar e a pôr uma máscara de força até poder estar sozinha. A raiva comandou todos os movimentos que fiz desde o apartamento de Tyler até à mansão, sendo substituída pela adrenalina que me trouxe até aqui, mas agora nada me resta, estou apenas eu.

O elevador para e quando volta a abrir olho em redor em busca do quarto. O corredor branco com chão escuro é adornado por um candeeiro elaborado e pelos detalhes do teto. Algumas pinturas cobrem as paredes, conferindo um ambiente extremamente elegante. À minha frente está uma pequena *kitchenette*. Vai ser bom guardar aqui alguns *snacks* e chás, evitando ter de estar sempre a ir à cozinha principal para comer ou beber. Do lado esquerdo está uma sala enorme rodeada por espelhos, parece um estúdio de dança ou *yoga*.

Tudo está extremamente silencioso, não consigo ouvir a minha mãe ou o James falar nos andares de baixo. Achei que isto fosse exatamente o que eu precisava, de silêncio, mas cada segundo que passa em que estou sozinha, a dor aumenta. Assim que entro no quarto, deixo as luzes do corredor invadir a divisão. Espanto-me ao ver a decoração extremamente elegante e moderna. A casa ia ser alugada completamente mobilada e pronta a habitar, o que é uma enorme sorte para nós. Nunca me senti tão grata por ver uma cama na minha vida. Encosto a mala a um canto do quarto e atiro o casaco para cima da poltrona castanha que lá se encontra. Não trouxe nem metade das minhas coisas, ficou tudo dividido pela casa de Tyler e pela mansão. Começo a pensar no que ficou para trás, mas mais do que roupa foram os pedaços do meu coração que foram caindo pelo caminho. As janelas altas do quarto dão para

as traseiras da casa, onde consigo ver não só outras casas mas também o pátio bastante grande para uma casa de cidade em plena Nova Iorque. Se fosse dia, certamente era para lá que ia para estar com os meus pensamentos.

Sou imediatamente invadida por uma enorme sensação de vazio. O estômago parece cair e dar uma volta sobre si mesmo à medida que a minha cabeça começa a processar tudo o que aconteceu. Coloco as mãos sobre o parapeito da janela e deixo cair a cabeça entre os ombros. Sinto a minha boca inspirar o ar que o meu nariz não consegue. Que o John é um monstro isso eu já sei e infelizmente nunca vai mudar. Mais cedo ou mais tarde a bolha iria explodir e felizmente a minha mãe teve a coragem de deixar aquela casa de uma vez por todas. Sei que aqui estamos seguros, só que para chegarmos aqui eu perdi tudo. Perdi amor, o homem com quem queria passar o resto dos meus dias. Tudo porque o John queria afastar-me de casa e eu feita estúpida acreditei que podia ser amada daquela forma. Vejo os pequenos círculos redondos que as minhas lágrimas deixam no parapeito branco. Tyler é tudo para mim, deixei-me levar até sítios da minha mente onde nunca antes tinha estado, amando perdidamente e com todo o meu ser, apenas para ser traída da pior maneira possível.

Puxo os cabelos com alguma força, soltando um grito desesperado, à medida que todos os sentimentos que reprimi desde que saí da *penthouse* me invadem como um *tsunami*. Eu preciso dele, preciso de sentir o seu abraço perto de mim, como é que eu vou ter forças para enfrentar esta batalha? Eu não quero envolver o meu irmão nisto e sei que se não for eu a dar a mão à minha mãe o tempo todo, ela não vai conseguir, mas quem é que me vai segurar a mim? O meu porto de abrigo destruiu-se e sou agora um barco à deriva num mar revolto. É como se ainda conseguisse sentir o seu cheiro aqui ao meu lado, como se ainda o visse deitado na cama a olhar-me com os seus olhos castanhos penetrantes, por entre o sorriso mais deslumbrante que o mundo alguma vez viu.

Viro-me abruptamente e empurro todos os pequenos objetos decorativos que estavam em cima da cómoda de madeira para o chão. O som dos estilhaços satisfaz-me a vontade que tinha de gritar, mas não é o suficiente para secar as lágrimas do meu rosto. Baixo-me, ficando a abraçar o meu próprio corpo, tentando confortar-me. *Nunca vais ser feliz, Emma*, repete o meu subconsciente vezes e vezes sem conta. Dou por mim a abanar com a cabeça, a concordar com o que a voz na minha cabeça me diz. Eu sei que não vou ser feliz, ele era a minha hipótese e essa hipótese nunca foi verdade. Sei que estou a chorar alto de mais e o meu corpo começa a ficar cansado de estar nesta posição encolhida, mas não consigo levantar-me, não tenho forças. Não tarda até a porta do quarto abrir bruscamente, inundando-o com a luz do

corredor. Olho para lá e entre as lágrimas vejo a minha mãe ajoelhar-se ao meu lado e a colocar as mãos sobre os meus ombros:

— Emma?! Oh, filha... — Os seus braços envolvem-me com força, fazendo-me largar o meu próprio corpo para me segurar a ela. Encosto a cabeça ao seu peito e sinto a sua mão passar para a minha cabeça, afagando o meu cabelo suavemente. — Chora, Emma, chora tudo, mas vamos ali para a cama, *OK*? Estás melhor lá. — Sinto-a tentar levantar-me e reúno as poucas forças que me restam para caminhar até à cama, agarrada aos braços da minha mãe.

Tapo a boca com a mão, tentando abafar o choro desesperado que teima em não parar, mas que a pouco e pouco vai retirando a dor. É como se as lágrimas estivessem a limpar toda a porcaria que está dentro de mim, tentando recompor a Emma perdida no meio de tantos problemas. Atiro os sapatos para fora dos pés e sento-me na cama encostada à cabeceira, deitando a cabeça esgotada sobre os braços entrelaçados em cima dos joelhos. A minha mãe apenas segura uma das minhas mãos com força até que finalmente as lágrimas começam a acalmar. Sei que ela quer que eu partilhe os meus sentimentos, mas não sei se estou pronta para isso. Ainda assim, ela insiste:

— Emma, fala comigo, filha. — Sinto a sua mão afagar o meu rosto quente e molhado pelas lágrimas. Olho para o teto e inspiro fundo antes de falar.

— Hoje perdi muita coisa, mãe, mas também ganhei muita coisa. — Olho-a nos olhos e engulo em seco, procurando a minha coragem. — Sabes bem o quanto eu tentei tirar-te dali, só não sabia que ia ter de chegar a este ponto para isso acontecer. — Ela suspira, sabendo do que estou a falar.

— Há coisas que não sabes, filha, coisas que nunca vais saber, que me impediram de sair dali, não devia ter chegado a este ponto, mas eu pensei que agora ias ser feliz, ter uma família com ele, os teus próprios filhos... — Ela para de falar assim que percebe que as lágrimas voltaram a cair-me. Tento limpá-las rapidamente com a mão.

— Isso agora não importa para nada, acabou sem nunca ter começado. Eu é que fui burra em acreditar que era a sério. — Olho a minha mãe nos olhos.

— Não desistas do amor. Emma, a vida dá muitas voltas e tu ainda és tão jovem. — Solto um som nervoso. Será que ela não percebe?

— Mãe, acabou! Eu não quero mais ninguém porque era o Tyler, percebes? — Dou por mim a falar um pouco alto de mais para a minha mãe, e por isso respiro fundo. — Desculpa, não devia ter levantado a voz. — A minha mãe suspira e levanta-se da cama para me dar um beijo prolongado na testa.

— Eu sei, filha, eu sei exatamente o que estás a sentir, mas acredita que

vais tentar refazer a tua vida com alguém e podes ser feliz. — Olho para ela confusa com a sua afirmação. Será que ela amou alguém antes do John? Se não estivesse tão exausta, continuava a perguntar o que ela quer dizer com isto, mas a cabeça dói-me tanto que só quero dormir.

— Vou tentar descansar — digo, enquanto baixo o corpo para me deitar sobre o edredom com a cabeça na almofada. A minha mãe agarra a manta que está aos pés da cama e aconchega-me, beijando-me a cabeça vezes sem conta.

— Eu estou lá em baixo, filha, podes sempre vir dormir comigo se precisares. — Sorrio-lhe e vejo uma lágrima rolar-lhe pelo rosto.

— Mãe? — pergunto. — Algum dia vai parar de doer? — Encosto a mão ao peito, dando a entender ao que me refiro. Esta dor agonizante no peito que não me deixa respirar, como se o mundo tivesse parado de girar na mesma direção. A minha mãe agarra a mão que tenho contra o peito e aperta-a com força.

— Se é verdadeiro, então não, nunca. Apenas vais aprender a viver com ela e seguir em frente. — As suas mãos afagam-me calmamente, enquanto a sinto beijar-me a cabeça. — Tenho muito orgulho em ti. És uma mulher cheia de força. Vamos ultrapassar tudo isto, *OK*? Juntas.

Forço um sorriso e espero até a minha mãe sair do quarto para apertar a almofada e enterrar nela a cara, abafando novamente o som do choro. Cada vez que fecho os olhos só consigo pensar nele, só consigo desejar que ele estivesse aqui a segurar-me contra ele. Perdi mais do que algum dia vou perceber, mas por agora preciso de o esquecer, preciso de forças para começar esta batalha e amanhã vai ser o dia de encontrar um advogado neste país capaz de enfrentar John Montgomery. No meio de tanto choro, começo a sentir os olhos pesados e cansados, acabando por adormecer e sonhar com momentos felizes com Tyler que nunca vão acontecer.

Capítulo 32

Emma



Pensava que quando hoje abrisse os olhos, tudo não ia passar de um dos pesadelos que o meu cérebro gosta de inventar. Virei-me na cama e com um sorriso procurei por Tyler ao meu lado para o abraçar, mas ele não estava lá. Estava apenas eu, deitada sobre os lençóis ainda com a mesma roupa vestida e os olhos a arder de todas as lágrimas. Assim que acordei, entrei logo na banheira de onde só saí quando a pele dos meus dedos estava tão enrugada como a de uma pessoa idosa. Demorei a sair do quarto, pois todos os pequenos movimentos, sons e cheiros despertam em mim as memórias. Não consegui comer os restos da *pizza* de ontem porque vinha do restaurante preferido de Tyler. Não consegui ligar a rádio porque a estação das notícias passava sempre no caminho que fazíamos no carro com Cole. Sinto-me ridícula por estar assim, mas agora entendo porque é que nunca me apaixonei por ninguém antes, o meu coração não conseguiria lidar com isto mais do que uma vez.

Eram cinco da tarde quando desci pelo elevador com o cabelo num puxo e de fato de treino para me sentar na secretária do escritório do primeiro andar. Já são agora oito da noite e não há sinal de esperança em encontrar algum advogado capaz de lidar com um caso destes. Agarro um pequeno caderno vazio que encontro dentro de uma das gavetas da secretária e começo a fazer listas com nomes de advogados. Decido dividir a lista por Estados, caso ninguém em Nova Iorque nos aceite. James vai entrando aqui a medo, trazendo-me chás e comida que acabam ignorados no canto da secretária de madeira maciça. Esfrego a cana do nariz entre os olhos, tentando acabar com a dor de cabeça gigante que me consome desde manhã e fecho o portátil com alguma força, bufando alto. A minha mãe entra no escritório num passo decidido, com um copo de água na mão que pousa com alguma força junto a mim.

— Vais beber esse copo de água inteiro, Emma — diz-me seriamente. Não comi nada todo o dia e a verdade é que também pouco bebi. Passo a língua pelos lábios e consigo senti-los secos e gretados. Respiro fundo e relutantemente agarro o copo e bebo toda a água de uma só vez.

— Obrigada... — balbucio, sabendo perfeitamente que vou levar um sermão agora que estou mais hidratada.

— Agora vais comigo até à cozinha e vais comer qualquer coisa. Não podes passar o teu dia assim, filha, por muito que te custe fazer o que quer que seja. — Já sabia que algo assim ia sair da sua boca. A verdade é que até sinto fome, mas não tenho vontade de me levantar daqui e ir comer. Todos os

passos que dou parecem pesados e forçados, apenas quero dormir e ao mesmo tempo sei que só vou descansar quando resolver a situação do advogado.

— Eu vou, mãe, prometo, mas agora preciso de arranjar uma solução! Nós precisamos de arranjar um advogado o quanto antes! — exclamo alto. Acho que a exaustão está a apoderar-se de mim, deixando-me irritada. Cruzo os braços e coloco-os em cima da secretária, deitando a cabeça sobre eles. Bufo alto, completamente exasperada e sem saber como lidar com as minhas próprias emoções. Sinto a mão suave da minha mãe afagar o meu ombro, o que me faz relaxar e levantar um pouco o olhar para a encarar.

— Não precisamos de nos aventurar em grandes cozinhados, mas acho que uma sandes conseguimos fazer — diz-me solenemente enquanto empurra o meu ombro para fora da cadeira de pele castanha da secretária. Suspiro alto um pouco frustrada com a sua insistência, mas acabo por me levantar e entrelaçar os meus braços no seu.

Retiro o puxo que segurava o meu cabelo. A força com que me estava a puxar pela raiz só estava a piorar a dor de cabeça. Sinto o cabelo cair-me desalinhado pelas costas, mas neste momento não sinto o menor desejo de o endireitar. É como se cada toque pelo meu corpo lhe provocasse um arrepio, num sentido literal da frase «as emoções à flor da pele». As luzes do corredor estão agora acesas. Passei tanto tempo dentro daquele escritório que nem me apercebi de quando é que as luzes artificiais tomaram o lugar do sol.

A minha mãe beija o meu rosto com carinho e sorri, tentando que esse mesmo sorriso me contagie, mas até o seu sorriso cai ao ouvir alguém bater na porta da entrada com força. O meu coração para no mesmo momento em que ambas nos encaramos de olhos arregalados. Temo o pior, se for o John à porta não sei como vamos lidar com ele e a sua ira. Procuro o telemóvel no bolso das calças de fato de treino cinzentas e seguro-o na mão com força, enquanto caminho lentamente até à porta de vidro fosco branca que nos separa da porta principal. Faço sinal à minha mãe para não fazer barulho e vejo James surgir da sala ao fundo deste corredor. Faço-lhe o mesmo sinal para se manter calado, mas James parece calmo, muito calmo. Olho-o confusa, será que ele não entende que pode ser o John? As pancadas na porta continuam, agora com mais desespero. Apresso-me a marcar 911 no telemóvel sem pressionar o botão da chamada. O meu coração bate tão rápido que juro conseguir vê-lo no meu peito, exaltado e desesperado. Se o som parar, pode ser que seja apenas alguém na casa errada, ou alguém a pregar uma partida, mas uma partida deve ser o que os meus ouvidos me estão a pregar assim que ouço a voz rouca do outro lado da porta:

— Emma, sou eu, abre a porta — ouço Tyler dizer. Imediatamente fulmino o meu irmão com o olhar. Sei perfeitamente que foi ele quem lhe

disse onde estávamos. A minha mãe relaxa assim que ouve Tyler falar, mas a sua expressão de medo é agora substituída por tristeza. Levo a mão à boca, tentando afagar o som da minha própria respiração, como se isso fosse impedi-lo de saber que estou mesmo aqui. Todo o meu corpo treme como varas verdes, o nervosismo da possibilidade de o voltar a ver a consumir-me por inteiro.

— Tu não me deixaste falar, eu preciso de te explicar tudo. Porque é que estás a ser tão difícil! — *Difícil?* Ele deve estar a brincar.

Rapidamente, abro a porta branca e desço o degrau para o pequeno *hall* da entrada. Em menos de três segundos a enorme porta principal está aberta e à minha frente está ele. O seu fato preto brilhante assenta-lhe que nem uma luva e a gravata cinzenta, perfeitamente engomada e larga, torna-o ainda mais elegante. Preciso de alguns segundos para processar a sua presença à minha frente. Estou tonta, desconcertada. Nenhum de nós diz nada, ficamos apenas a olhar-nos como se o mundo dependesse dessa troca de olhares para continuar a girar. Quando o meu cérebro finalmente me relembra de tudo o que ele me fez, consigo desviar o olhar e clarear a voz para falar:

— O que quer que estejas aqui a fazer, podes dar meia-volta e ir embora. Não temos nada para falar. — A minha voz treme a cada palavra. Nada do que digo parece estar ligado ao que penso. O abraço que tanto desejo está a centímetros de mim e não o posso ter. Isto é tortura, física, emocional... É tortura em todos os sentidos da palavra. Tyler arregala o olhar ao ver-me, como se estivesse surpreendido pelo meu aspeto derrotado.

— Não, tu vais ouvir o que eu tenho para dizer e não vai ser aqui à porta. — Ele insiste em pousar a mão na ombreira da porta, impedindo-me de a fechar. O seu sapato preto engraxado apressa-se no interior do acolhedor *hall* da entrada. É como se o seu corpo enorme empurrasse o meu sem nunca lhe tocar, apenas com a sua presença.

— O que é que estás a fazer? — exclamo, enquanto me coloco à sua frente, barrando mais a sua entrada no meu espaço.

— Se quiseres que algum *paparazzo* me tire uma foto aqui nesta porta para toda a gente saber onde estás, incluindo o John, a escolha é tua. — Abro a boca de espanto com a sua afirmação, mas imediatamente afasto-me para o deixar entrar. Num rápido movimento fecho tanto a porta da rua como a do corredor da casa, onde James e a minha mãe ainda nos olham atentamente. Sei que eles vão ficar ali a ouvir tudo, mas neste momento não me posso preocupar com isso. Estou tão enervada que nem sei por onde começar a falar.

— Quando eu acho que não podes descer mais baixo, ainda usas a minha situação para conseguires o que queres. Não tens limites, pois não? — Cruzo os braços e encosto-me ao canto mais distante dele. Preciso que esta distância

se mantenha, preciso que ele perceba que a Emma que ele conheceu já não existe, e assim pode ser que ele se vá embora mais rápido.

— OK, admito que passei da linha. — Vejo-o dar um passo até mim. Já estou encostada à parede, não tenho mais por onde fugir. Os seus olhos castanhos encaram-me desesperados, brilhando como um lago escuro. A cada passo que ele dá até mim, o aroma do seu perfume aproxima-se do meu corpo fragilizado. Abano a cabeça com alguma força e faço um esgar desesperado.

— Para! — grito-lhe. Tyler fica no sítio onde está de olhos arregalados. — Não percebeste ainda, Tyler? Eu não te quero ver, nunca mais! Não sei o que raios o meu irmão te disse nem porque se atreveu a dizer-te onde...

— Vais parar com isso e ouvir-me de uma vez por todas? Eu disse-te que posso explicar tudo. — Tyler retira uma das mãos do bolso do fato para conseguir gesticular a sua evidente frustração comigo.

— Vais dizer-me que afinal não foi o John que te mandou sair comigo? — pergunto, sabendo perfeitamente qual é a resposta.

— Não, mas...

— Então? Não me digas que tiveste um bom motivo para me usares? — continuo. Tyler vira-me as costas e passeia pelo *hall*, enquanto puxa os cabelos com a mão.

— Eu tive um motivo, sim! — exclama.

— Já sei, o John apontou-te uma arma à cabeça! Ou, não, já sei, deu-te uma coça como as que deu a nós toda a vida! Ou melhor, ameaçou a tua mãe de morte! — Tyler vira-se de repente e decide ignorar por completo o meu grito por espaço. Ambas as suas mãos agarram os meus braços, parando todo o meu discurso por completo. O meu corpo enrijece ao sentir o seu toque e os meus olhos vão ao encontro dos seus. Ele fulmina-me de uma maneira perturbada, como se eu tivesse dito algo que não devia.

— Tu nunca, mas nunca mais na tua vida me digas isso, percebeste? Nunca! — A sua voz é rígida, zangada. Vejo a sua testa brilhar com o suor que lhe escorre. Inspiro para falar, mas ele solta um audível «*shh*», fazendo-me engolir o meu próprio ar. As suas mãos soltam os meus braços, mas o seu corpo não se move, continuando próximo de mim. — Eu não te posso explicar o que foi, a única coisa que te posso dizer é que te deixei naquela noite na discoteca porque tinha de parar de te enganar, OK? Eu fiz tudo para te enervar, mas eu não sabia a dimensão dos teus sentimentos, nem dos meus. — Abano a cabeça em negação, não quero ouvir isto.

— Tyler, para, por favor...

— Não vou parar, Emma, eu nunca vou parar de lutar por ti. — Sinto-o aproximar-se um pouco mais.

Todo o meu corpo treme com a ânsia de o ter junto a mim, o meu coração

acelera como um motor tão alto que julgo ser possível ele ouvi-lo bater fora do meu peito. Eu não deixei de o amar, provavelmente nunca deixarei. Ele é o meu tal, mas eu sou a sua mentira, o seu delírio. A sua mão pousa no meu rosto e o seu polegar afaga a pele suave da minha bochecha. Uma lágrima rola até ao seu dedo carnudo, fazendo-o ampará-la com um gesto nervoso e a mão a tremer. Agora sei que ele consegue ouvir o meu coração, pois neste momento eu consigo ouvir o dele pulsar loucamente. Vejo-o inspirar fundo como se ganhasse coragem para falar.

— Tu não fazes ideia do quanto eu preciso de ti. — *Tu precisas de mim?* A enchente de lágrimas que preenchiam os meus olhos cessam de imediato. Retiro a sua mão bruscamente de mim e contorno-o para me conseguir afastar dele novamente.

— Tu não percebes, pois não? Isto não é sobre ti! Eu estou numa guerra, Tyler, uma guerra que não sei se tenho forças para ganhar e tu tens a lata de me dizer que tu precisas de mim? — Os seus braços caem junto ao seu corpo completamente derrotados. Agarro a maçaneta da porta da rua e abro-a para trás rapidamente.

— Tu não sabes muita coisa, Emma, sobre mim, sobre o pior acordo que alguma vez fiz na vida. — Levanto a mão para ele se calar. Não aguento mais tê-lo aqui provavelmente a mentir-me novamente.

— Espero que ao menos com a próxima tenhas a decência de ser honesto. — O seu rosto triste de há três segundos transforma-se agora numa face zangada que me fulmina. Retribuo o olhar, limpando as lágrimas com a ponta do dedo.

— Eu estava bem antes de ti, sabes? Antes desta porcaria que os nossos pais nos arranjaram, eu era feliz, Emma. Vivia sossegado, sem compromissos com nada nem ninguém para além do meu trabalho. — Não consigo evitar engolir em seco com as suas palavras um pouco com receio do que ele vai dizer. Tyler respira fundo e sai da entrada com afinco, ficando parado a olhar para a rua por um breve momento, antes de voltar a olhar-me ferozmente. — Mas tu tinhas de ser perfeita, não é? — As suas palavras são uma faca no meu peito.

— Não digas...

— Que és perfeita? Mas és! Viraste a minha vida do avesso. Raios, eu amo-te, Emma! — As lágrimas correm pelo meu rosto e tudo o que quero é acreditar nele, mas ele traiu a minha confiança e não há nada que ele possa dizer para mudar isso.

— Vai-te embora, por favor. Sai da minha vida, Tyler, para sempre. — Sem o deixar responder empurro a porta com força.

Tudo isto é demasiado para a minha cabeça. Fico com as mãos pousadas

sobre a porta, suportando todo o meu peso nela. Ganho coragem para me encaminhar pelo corredor fora até ao elevador que me leva até ao andar do quarto. *Tinhas de te apaixonar por um homem assim, não era? Um homem normal não servia!*, grita-me o meu subconsciente. Atiro-me para a cama e assim que a minha cabeça toca na almofada fofa, desfaço-me nas lágrimas que vinha a segurar desde que percebi quem estava à porta desta casa. Aperto a almofada contra mim com força, escondendo a cabeça nela, tentando que esta me abafe o choro e a dor que carrego. Quando é que isto vai passar? Será que algum dia vou conseguir voltar a deitar-me sem sentir isto? Sem sentir a sua falta?

Capítulo 33

Emma



A cozinha da casa tem um pequeno balcão resguardado com um computador. A minha mãe insistiu que hoje estivesse ali para ter mais acesso à água e a comida e não ter mais desculpas para não tratar de mim. A verdade é que me sinto bastante mais produtiva, já não sinto dores de cabeça como nos últimos dias. A minha mente pêndula entre o trabalho e as memórias de Tyler. Às vezes acho que a minha mente deve estar como uma cidade depois de um desastre natural, completamente destruída e cheia de pedaços da vida dos seus habitantes para apanhar da rua. Esses pedaços são as minhas memórias e sentimentos. Tudo o que quero é que a limpeza seja feita o mais rápido possível para conseguir seguir em frente.

A minha lista de possíveis advogados está finalmente concluída. Cheguei a contactar alguns durante a tarde, mas assim que eu menciono o meu nome ou o de John rejeitam o caso ou simplesmente desligam o telefone. Eu sabia que ia ser difícil encontrar alguém capaz de tomar conta disto, mas nunca pensei que fosse perto do impossível. O John tem inimigos em todo o lado e os advogados de quem ele sempre falou mal foi por onde comecei, mas nem aqueles que têm motivos para o ver atrás das grades são capazes de me ajudar. Bufo alto, um pouco farta de procurar e de falar ao telefone. Ouço passos no andar de cima e pouco depois a minha mãe entra na cozinha com um terno sorriso no rosto:

— Gosto de te ver assim, a sorrir — digo-lhe. Desde que saímos de casa ela parece muito mais feliz e calma. Nunca cheguei a contemplar o alívio que isto deve ser para ela, mesmo que neste momento toda a situação esteja parada por não termos advogado.

— Contratei uma pessoa para nos vir ajudar. Chama-se Mrs. Walker e começa já amanhã — responde, alegremente. Por muito bom que seja finalmente termos alguma ajuda, não consigo deixar de torcer o nariz. — Que cara é essa, filha?

— Nada, é só que... — Rodo a cadeira e levanto-me ainda a coçar a cabeça. Caminho até à ilha no meio da cozinha e sento-me num dos bancos a olhar para a minha mãe ainda confusa. — Como é que vamos pagar a alguém para trabalhar aqui? — Se John controlava as minhas contas, imagino o que fazia com as da minha mãe. Todo os centimos gastos por mim ele sabia e questionava quando era algo que não achava próprio ou necessário à minha imagem. Quando digo à minha, quero dizer à sua e à da família perfeita que ele pintou. «*Mas tu tinhas de ser perfeita, não é?*» Abano a cabeça, tentando abafar o eco da voz de Tyler.

— Emma, eu tenho dinheiro para isso e muito mais, não tens de te preocupar. Se estás a limitar a escolha de um advogado por causa do preço,

não estejas. — Ela senta-se ao meu lado e pouisa a mão sobre o meu ombro, afagando-o gentilmente. Engulo em seco, tentando engolir também todas as perguntas que flutuam pela minha cabeça. Quero saber mais sobre esse dinheiro que ela diz ter, mas vou criar confusões e francamente não estou com paciência para grandes conversas.

— Não é isso que está a tornar a procura impossível, assim que explico a situação ou desligam o telefone ou recusam. Basta ouvirem o nome Montgomery que fogem logo a sete pés — digo num suspiro algo frustrado.

— Também tentei ligar a algumas pessoas que conheço mas tive a mesma reação. Se calhar devíamos começar a ver noutros Estados? — sugere a minha mãe. Viro-me para trás e agarro o caderno que está na secretária. Coloco-o entre mim e a minha mãe e aponto para o topo de uma página.

— Estes foram os de Nova Iorque, todos recusaram. — Viro a página e suspiro. — Estava a pensar tentar DC agora. A capital deve ter alguém com experiência e que possa exercer em Nova Iorque, não? — Ela apenas concorda com a cabeça. Rapidamente somos distraídas pelo som dos passos apressados no piso de cima.

— Emma?! Mãe?! — pergunta James, ofegante.

— Na cozinha, filho! — responde a minha mãe, um pouco alto para ele nos conseguir ouvir do andar de cima. Os passos apressados descem as escadas e James atira a mala da universidade para um canto qualquer, fazendo a minha mãe lançar-lhe um olhar chateado por ele estar a fazer tanto barulho e confusão. — Mas o que raio se passa contigo para estares assim tão apressado? — James olha para mim de olhos arregalados, enquanto tenta recuperar o fôlego.

— Emma, encontraste algum advogado hoje? — pergunta-me rapidamente. Suspiro por saber que o vou desiludir com a resposta.

— Não, nem eu nem a mãe tivemos sorte. Já estava até a pensar procurar noutros Estados. Estávamos a pensar começar por DC, mas...

— Tens uma lista para a Califórnia? — interrompe-me. Franzo o sobrolho e olho a minha mãe, que parece tão confusa como eu. Viro o caderno até à página seguinte onde tenho a lista de advogados da Califórnia.

— Sim, está aqui, mas porquê tanto interesse neste sítio em particular? Conheces alguém? — Fico um pouco mais entusiasmada com a perspectiva de uma solução. James agarra o caderno e sorri ao apontar para um nome da lista.

— Este, experimenta este. — Ele vira o caderno para mim e o seu dedo pouisa sobre o nome *Markus Steinman*. Franzo um pouco o sobrolho com a sua recomendação. Ele nem sequer está no topo da minha lista para a Califórnia.

— Não sei, James, ele não está sequer no topo da lista... — James senta-

se num outro banco e abana os braços para eu me calar. Ele parece extremamente confiante e não consigo não sorrir ao vê-lo tão entusiasmado.

— Eu hoje tive uma aula de preparação para os estágios que vamos fazer. Tenho colegas que estão interessados em ir para Direito Familiar, um deles é o que tem as melhores notas da turma. — James abre a mala que deixou no chão e retira alguns papéis dados pela universidade. — O Steinman é o parceiro sénior mais jovem da firma onde trabalha, um dos mais jovens do país, e sabes porquê? — Os seus olhos arregalam e brilham à medida que fala, contagiando-me a mim e à minha mãe com o seu entusiasmo. — Ele esteve envolvido em todos os casos de acusações de violência e abuso sexual em Hollywood. Experimenta! — Não consigo evitar rir com a maneira como James aborda a situação, mas se de facto o que ele diz é verdade, esta pode mesmo ser a resposta aos nossos problemas.

— Eu gostava de saber como é que tu descobres estas coisas todas. Obrigada, James — digo-lhe, enquanto agarro a sua mão gentilmente.

— Ele é um dos meninos de ouro da Columbia, Emma. Hoje só sabiam falar nele em Direito Familiar. Eu já estava a ficar doido para vir para casa contar-te! — Isso lembra-me de olhar para as horas e perceber que ele ainda não devia estar em casa. Eu fiquei de o ir buscar daqui a uma hora. Abano a cabeça e aponto-lhe o dedo num jeito trocista.

— Tu faltaste a uma aula, não foi, menino James? — A minha mãe abre a boca de espanto.

— James! — exclama ela. James começa a corar e coça a cabeça, despenteando o cabelo todo.

— Foi só uma aula e foi por um bom motivo. Vá lá, Emma, telefona-lhe! — James estende-me um pequeno cartão com o telefone da empresa.

Agarro o cartão e subo as escadas até ao andar de cima, onde há um telefone fixo na mesa junto ao sofá da sala de estar. Hesito um pouco antes de telefonar, talvez por saber que é um advogado jovem e apesar de James garantir que ele tem experiência neste tipo de casos, gostava de encontrar alguém que tivesse mais anos de vida. Respiro fundo e percebo que estamos a ficar sem opções. Este homem pode ser o único com coragem suficiente para aguentar o desafio. Marco o número rapidamente antes de dar tempo ao meu cérebro para se inundar com dúvidas e medos. O telefone é rapidamente atendido por uma secretária:

— *Kline & Calbot, em que posso ajudar?* — Engulo em seco e decido manter o meu nome em segredo até conseguir falar diretamente com o advogado.

— Bom-dia, seria possível falar com o Mr. Steinman, por favor? — Faz-se um silêncio do outro lado, não sei se a ligação está má ou se ela está a

ponderar passar a chamada. Normalmente, todos os advogados dizem sempre estar ocupados quando simplesmente não querem falar ao telefone.

— *Quem devo dizer que está a telefonar?* — *Merda.* Como é óbvio, ela precisa de saber quem quer falar com ele, mas eu não posso revelar o meu nome, ou ele nem vai atender a chamada.

— Diga apenas que é alguém que tem um caso para ele. Algo que pode mudar para sempre a carreira dele. — Encho o peito de ar e confiança para dizer isto.

— *Vou passar ao escritório. Só um momento.* — A chamada fica novamente em linha de espera sem eu ter tempo de agradecer a quem estava a falar comigo. O meu coração acelera com a perspectiva de falar com ele. Demora alguns momentos até o telefone ser atendido.

— *Escritório do Mr. Steinman, em que posso ser útil?* — *Mas será impossível haver algum advogado neste país que atenda os próprios telefonemas?* Volto a expirar com alguma força, um pouco farta de andar de um lado para o outro sem chegar a lado nenhum.

— Seria possível falar diretamente com o Mr. Steinman? — A minha voz sai demasiado rígida, mas neste momento já nem me importo com isso.

— *Ele neste momento encontra-se ocupado, mas pode deixar mensagem.* — Sento-me abruptamente no sofá com o telefone ao ouvido e percebo que vou ter de ser ainda mais forte se quero chegar a algum lado.

— Ouça, eu sei perfeitamente que ele está sentado perto de si à espera de que desvie a chamada para depois decidir se lhe interessa atender ou não, mas pode dizer-lhe que tenho um trabalho que ele não vai querer recusar. — O silêncio que se segue dá-me a entender que o telefone foi colocado em silêncio para que eu não consiga ouvir a sua interação. Ele é a nossa melhor hipótese, não posso deixar que ela me desligue a chamada sem sequer tentar. — Diga-lhe apenas que o meu nome é Montgomery e que, sim, é exatamente esse Montgomery que ele está a pensar. — Em pouco tempo o telefone volta a ser retirado do silêncio, mas desta vez quem atende é exatamente com quem quero falar.

— *Mrs. Edith Montgomery, daqui Markus Steinman.* — Solto um sorriso por finalmente conseguir chegar a algum lado. Ele não soa nada como eu estava a pensar. Não sei o que tinha em mente, mas a sua voz é clara e melodiosa, grossa o suficiente para arranhar no final das palavras. É uma voz agradável e cheia de confiança. Sinto imenso alívio por ele pelo menos se ter dado ao trabalho de atender. Não evito soltar um pequeno riso por ele achar que quem está do outro lado da linha é a minha mãe.

— Emma Montgomery, Mr. Steinman, mas estou a ligar em nome da minha mãe. — Ouço-o soltar uma pequena risada do outro lado da linha.

— *Peço desculpa, Miss Montgomery, em que posso ajudar?* — Engulo em seco. É agora ou nunca, tenho de escolher bem as minhas palavras.

— Você sabe precisamente quem nós somos e eu sei perfeitamente a sua especialidade. O Mr. Steinman lidou com casos mediáticos de violência e assédio... Acho que não preciso de dizer mais, até porque esta é a história da minha mãe, cabe-lhe a ela contar os pormenores. — O som das rodas da cadeira de escritório indica-me que ele se está a mexer no seu próprio lugar, este é provavelmente o maior desafio da sua carreira e ele sabe disso.

— *O seu pai é um homem poderoso, Miss Montgomery... Isto não seria nada fácil.* — O tom calmo da sua voz transmite-me imensa tranquilidade. Quer ele seja a pessoa indicada para o trabalho ou não, consigo perceber que ele levaria isto a sério e com a frieza necessária.

— Mr. Steinman, você é o décimo advogado a quem eu telefono hoje. Todos recusaram assim que o meu nome surgiu na conversa, mas nenhum deles tinha o seu historial. Acho que ambos temos a ganhar com isto. — Ele respira fundo e clareia a voz algumas vezes.

— *Fazemos o seguinte, na próxima segunda-feira, você e a sua mãe vêm ter comigo aos escritórios da minha firma em Nova Iorque. Conversamos aí para eu perceber bem do que tudo isto se trata. Eu garanto-lhe que se eu aceitar este caso, vou até ao fim do mundo para ganharmos isto. Dou-lhe a minha palavra.* — Salto do sofá e preciso de alguns momentos para celebrar silenciosamente esta pequena vitória. Coloco a mão sobre o peito e pela primeira vez desde que tudo isto aconteceu sinto algum alívio.

— Eu... Eu nem sei como lhe agradecer... Não faz ideia do que eu passei hoje. — Ouço-o rir levemente o que me faz sorrir também.

— *Diga-me o seu e-mail e número de telefone para eu enviar todos os detalhes da reunião e, então, aí agradece-me pessoalmente, combinado?* — Levo a mão ao peito e rapidamente dou todos os meus contactos necessários, antes de desligar o telefone com o maior sorriso no rosto. Sinto-me feliz, o mais feliz que consigo neste momento.

Desço as escadas apressadamente e apenas pelo meu sorriso tanto a minha mãe como o meu irmão saltam dos bancos alegremente. A minha mãe abraça-me com força e sussurra um «obrigada» terno ao meu ouvido.

— Vamos ter calma, ele ainda não aceitou, mas concordou ter uma reunião connosco — apresso-me a esclarecer.

— Então, mas e agora? — pergunta James, depois de deixar os ânimos acalmarem um pouco. Seguro as mãos da minha mãe e olho para ela enquanto falo.

— Eu deixei os meus contactos com ele. Ele vem a Nova Iorque para a semana, a empresa tem escritórios cá. Nós vamos lá ter uma reunião com ele e

explicar tudo. — A minha mãe confirma com a cabeça e beija-me a testa com carinho.

— És o meu anjo, sabias? — Depois vira-se para o meu irmão e replica o gesto nele. — Vocês os dois são tudo para mim, obrigada, meus queridos. Sem vocês, não estava aqui hoje. — Não consigo evitar sorrir ao vê-la tão feliz.

As minhas emoções nos últimos dias têm estado ao rubro. Os últimos tempos têm sido os maiores altos e baixos da minha vida. Sim, a farsa de Tyler é a coisa que me causa mais dor, mas a verdade é que nos momentos da minha inocência fui feliz com ele. O meu coração pode estar permanentemente estragado, mas a minha família precisa de mim, só me resta esperar que Steinman seja capaz de nos tirar desta embrulhada.

Epílogo

Tyler



A cidade que em tempos reinei já não brilha da mesma maneira. O meu apartamento já não é o meu trono, é apenas um mar de memórias. Puxo a gravata apenas o suficiente para chegar ao botão de cima da camisa, desapertando-o para ver se o ar me chega melhor aos pulmões. É exatamente por isto que nunca me quis apaixonar, só me trouxe dor e sofrimento. Olho em volta do quarto. As coisas dela estão em caixas num canto, mas tudo o que eu quero é retirar tudo e voltar a pôr no meu armário, na esperança de que ela volte.

Sinto-me um verdadeiro palerma, mas sempre houve algo nela que me deixou assim. Talvez seja o seu olhar hipnótico, o seu corpo eletrizante, a sua alma torturada... Abano a cabeça, tentando retirar a sua imagem da minha mente. Volto para a sala e encho um copo de *whisky*, não há nada capaz de me fazer sentir melhor, mas talvez o álcool me ajude a dormir. Ela era a cura para os meus pesadelos e eu agora sou mais uma causa dos seus. Abro uma das portas de vidro e dirijo-me para a varanda que contorna a *penthouse*. Pouso o copo numa pequena mesa de vidro e seguro o meu corpo exausto com as mãos no corrimão de vidro. Olho para baixo e vejo a vida continuar pela cidade, com multidões de pessoas apressadas para chegar ao seu destino, completamente alheias à destruição que eu causei.

Eu nunca devia ter aparecido naquele almoço com o meu pai e com John. Sabia perfeitamente que dali nunca ia sair boa coisa, mas achei que fosse apenas trabalho, nunca imaginei que me fossem meter nesta posição de *merda*. Tentei tanto recusar, tentei tanto não ter de a conhecer, mas não havia escapatória possível, estava demasiado em jogo. O pior foi que, assim que a vi, eu soube que nada disto seria normal. Fui obrigado a conhecê-la, mas quando o seu olhar cruzou o meu naquela casa de banho eu quis tudo o que aconteceu a seguir. O plano de John nunca foi tirá-la de casa, nunca foi que ela contasse o seu segredo, ele queria apenas controlá-la e eu estava na posição perfeita para ser a sua marioneta. Eu achava que era feliz, achava que a vida que levava era exatamente quem eu queria ser. Um solteirão mulherengo que estala os dedos e tudo lhe cai aos pés, mas com ela tudo mudou.

Sento-me na ponta de uma das espreguiçadeiras da varanda e volto a agarrar o copo. Deixo cair a cabeça entre os meus ombros e vejo o líquido âmbar ondular com o tremer das minhas mãos. Nunca devia ter deixado as coisas chegarem a este ponto, assim que a beije a primeira vez devia ter contado tudo, deixar que fosse ela a decidir se queria ficar comigo, mas tive tanto medo da sua reação que deixei as coisas continuarem. Pensei que quanto mais nos conhecêssemos menos fâmos gostar um do outro, que fôssemos

completamente incompatíveis, mas ela é tudo o que eu sempre precisei sem nunca saber.

Aquela noite na discoteca foi a minha tentativa desesperada de a afastar de mim, queria tanto que ela me odiasse, que ela fosse embora por si só. Ela assim o fez, mas eu não consegui funcionar sem ela. Quando a vi a ser ameaçada por aquele *gajo*, foi como se o meu mundo girasse numa direção oposta, puxando-me para ela em vez de para o chão. Tentei tudo para a contactar depois disso, precisava de a ter de volta, mas desta vez a sério, sem ser mandado por ninguém. Eu sabia que John ia continuar a achar que tudo era obra dele, mas eu apaixonei-me...

Só a queria manter longe de tudo, longe do pai dela, longe daquela casa que tanto a magoa, longe de tudo sem ser eu. Eu quis que o seu mundo fosse eu, como ela se tornou o meu. Quis esquecer tudo, enterrar a mentira que foi o nosso início e apenas me focar no momento, mas ainda por cima demorei a admitir que a amo, gritei a plenos pulmões quando a vi sair pela porta, mas como é óbvio ela acha que é mentira. Tudo o que sair da minha boca agora é mentira. Traí a confiança dela e sair daqui vai ser quase impossível.

Emma é agora o que eu sempre quis que ela fosse, um pássaro livre. Não foi ao acaso que lhe meti o pássaro no colar, era uma mensagem. O pai dela queria prendê-la e apesar de naquela altura os meus sentimentos não serem o que são hoje, tudo o que eu queria era que ela fosse feliz. Só agora consigo admitir isto tudo, mas ela sempre foi especial, ou não a teria levado comigo à minha casa de infância de onde fugi assim que tive oportunidade. Queria poder contar-lhe tudo, os meus segredos, os meus medos, os meus pesadelos... Com ela não os tenho, é como se o meu vazio fosse finalmente preenchido.

— És um idiota, Tyler McLain. — O meu devaneio é interrompido pela vibração do meu telemóvel. Sobressalto-me com a ínfima hipótese de ser Emma do outro lado da linha, mas assim que agarro o telemóvel vejo o nome da última pessoa com quero falar.

— O que é que quer agora? — John suspira fundo antes de dizer o que quer que seja.

— *Ainda estás a fingir que choras ou podemos tratar de trabalho?*

— Deve estar a brincar comigo, só pode. Para além de ser de noite, eu não quero saber da merda do trabalho neste momento, OK? Com licença. — Preparo-me para desligar o telefone mas ouço a sua voz irritada do outro lado da linha.

— *Tyler! Não estou para aturar as tuas merdas! Temos um problema e tu vais ter de nos ajudar quer queiras quer não, és parceiro sénior nesta firma, isso nunca vai mudar.*

Engulo em seco e volto a encostar o telemóvel ao ouvido. Bebo o resto do meu copo de *whisky* e atiro-o para longe, estilhaçando o cristal em mil pedaços. Se continuar a fazer isto, vou ficar sem copos em casa. Talvez devesse começar a praticar boxe para aliviar toda esta raiva que tenho acumulada.

— Vai falar de uma vez por todas ou nem por isso?

— *A minha filha passou o dia de hoje a telefonar a advogados pela cidade, ingénua como é não pensou que alguém me vinha contar, mas eu sei que elas tencionam levar isto para a frente e por isso a nossa firma vai estar em risco.*

— Ah, sim? Claramente vai ser um choque enorme para o mundo descobrir que você é uma besta, os seus clientes vão fugir a sete pés e eu vou-me rir na plateia. — John ri-se do que acabei de dizer. Odeio quando ele faz isto, rir das coisas importantes. Ranjo os maxilares um no outro, tentando conter a vontade de partir uma parede.

— OK, Tyler, *já vi que estás sem paciência por isso vou direito ao assunto. O teu pai vai ser o meu advogado e eu vou estar indisponível. Estás a partir de amanhã à frente da firma, e se eu ouvir sequer uma palavra de discussão sobre este assunto, já sabes o que acontece.*

— Não pode usar isso contra mim agora, seria o fim da firma. Eu faço o que eu quiser e não estou interessado em dirigir coisa nenhuma. — Ele tem uma lata dos diabos, ele acha mesmo que ainda me pode dar ordens?

— *A tua carreira como advogado depende de eu manter a boca fechada, McLain, ou fazes isto ou, em vez de acordares como parceiro gerente, acordas como advogado fora da Ordem e desempregado. Podes dizer adeus à tua vida.*

Paraliso por um momento, ciente de que ele está completamente em controlo desta situação. Se ficar à frente da empresa, estou em controlo de tudo, posso fazer o que quiser, incluindo apagar as provas do que ele me quer incriminar.

— A partir de amanhã, você responde a mim. Até este assunto em tribunal estar encerrado, eu vou lidar com todos os seus clientes. Espero os dossiês todos em cima da minha secretária antes de eu ter tempo de ir buscar um café. — John respira fundo, claramente a ponderar se esta foi a melhor decisão. Isto vai ser a minha réstia de felicidade, fazê-lo sofrer a cada dia que ele respira em liberdade.

— *Talvez seja melhor assim, o nome dos meus clientes fica limpo até esta porcaria acabar. Espero que saibas que isto vai acabar mal para elas.*

Desta vez sou eu quem rio. Tenho a certeza que a Emma não vai descansar até arranjar o melhor advogado para lidar com tudo isto, e que esta

situação só vai ter um fim.

— Ou vai acabar consigo atrás das grades. Aproveite a liberdade, Mr. Montgomery, ela não vai durar para sempre. — Desligo o telemóvel sem lhe dar tempo para responder.

Volto a aproximar-me da berma de vidro da minha varanda, olhando a cidade do seu topo. Estou em controlo da firma, no sítio onde sempre quis estar, e mesmo assim sinto-me vazio. Nada disto me satisfaz agora que sei o que é ter amor, e por isso prometo a mim mesmo que vou recuperar a Emma, custe o que custar.

Continua...

Agradecimientos



Quem me conhece pessoalmente sabe que não sou uma pessoa lamechas, daquelas que se desfaz em agradecimentos por tudo e mais alguma coisa, então, quem tiver a honra de aparecer nesta página deste meu primeiro livro é bom que saiba que ocupa um lugar bem especial no meu coração. A viagem até aqui não foi simples, nem numa linha reta, se o fosse, nem teria a mesma piada, mas estas são as pessoas sem as quais tenho a certeza que não estaria aqui a escrever esta página. Portanto, e antes que isto fique demasiado piegas, cá vamos enunciar todas as pessoas a quem devo este momento:

— À Edições Saída de Emergência, ao Luís, Célia, Cláudia e toda a equipa que tornou este sonho realidade. A verdade é que se vocês não achassem que tinha escrito alguma coisa de jeito, não estávamos aqui agora. Os amigos e família não costumam ser os melhores juízes do nosso trabalho, mas saber que vocês acreditam em mim e acharam que esta história merecia aparecer nas prateleiras de Portugal, faz-me acreditar que realmente não me estavam a mentir quando me disseram que isto tinha potencial.

— À minha mãe, avó, Tété e toda a minha família, sem os quais, com certeza, não seria a pessoa que sou hoje. Obrigada por me obrigarem a apagar os trabalhos de casa vezes sem conta, por corrigirem os meus erros e lerem para mim. Se tenho gosto por ler e escrever, a vós o devo.

— Às minhas amigas e primeiras *beta readers*: Alexandra Cruz, Beatriz Silva, Andreia Ramos, Clara Novo, Mariana Nunes, Mariana Mendes e todas as pessoas que me ajudaram neste caminho, um obrigada especial. Sem vocês o meu livro teria malas supersónicas, carros a abrir sozinhos e personagens sem nome. Um obrigado especial à Alexandra, que me acompanha desde o tempo em que a minha carreira literária se resumia a imaginar que era uma lobisomem em Forks ou uma atriz em Hollywood; não és minha amiga, és minha irmã.

— Já que estamos a falar em amigas que são irmãs, à Rita Oliveira, a minha confidente, a minha muleta, a minha voz da razão, o meu ombro para chorar e a minha melhor amiga, não há palavras para te agradecer. Tudo o que eu poderia dizer, tu já sabes. Sem ti, a minha vida não era de todo a mesma.

— *To all of my non-Portuguese-speaking friends, this paragraph is for you. To M.E. Carter, Ryan Cooper, and all the people I met during my Cooperfit journey, you were undoubtedly crucial at the very end of my writing journey, making me feel welcome and supported and giving me the final push I needed to finish this. ME, getting to meet you in Florence was one of the highlights of my year and I'm beyond grateful to have you in my life. Mr.*

Cooper, thank you for letting me exploit your lovely face in my reels and aesthetics and for inviting me to be a part of your Cooperfit family, it changed my life. And lastly, in this English paragraph, to Tímea Földesi, my sweet Hungarian friend who has been there for me through thick and thin for God knows how many years now. Thank you for always being there for me and hearing my thoughts and craziness, I'm so glad Tumblr brought us together all those years ago.

— Por último, mas não menos importante, ao amor da minha vida, David. Não vamos aqui entrar em lamechices, mas sabes perfeitamente que sem ti a minha vida não era a mesma e que foste e sempre serás o meu maior fã em tudo o que eu decidir fazer. O teu apoio e amor são indispensáveis para a minha vida e para a concretização dos meus sonhos.

A ti, leitor, que chegaste até esta página e te deste ao trabalho de ler este festival de pieguice, obrigada por estares desse lado e por teres este livro nas tuas mãos. Lembra-te sempre que no amor e na vida nada é o que parece.

Biografia



MARIANA FARIA nasceu em 1996 e é natural da invicta cidade do Porto. Licenciada em Ciências da Comunicação, mudou-se para Londres em 2019, onde trabalha em finanças, mas passa os dias a sonhar com as suas personagens e histórias. A paixão pela escrita está presente desde a escola primária, onde a melhor parte da semana era sempre a composição de português. Esta paixão ganha outra dimensão quando começa a escrever histórias em 2010 baseadas na saga Crepúsculo. O seu maior sonho é continuar a compor histórias que façam os leitores sentir para além do que sabiam ser capazes e acreditar no amor.

Mais informações em
www.sde.pt

Publicidade

TRÊS SUECOS NA MONTANHA

Lily Gold

UM DELICIOSO ROMANCE DE MATÉM INVERTIDO



TRÊS SUECOS NA MONTANHA



LILY GOLD

12 de maio 2015, sexta-feira

Este livro é perfeito da primeira

à última página

GOODREADS



TRÊS ATRAENTES SUECOS. UMA MULHER EM FUGA.
UMA CABANA ISOLADA ONDE A TEMPERATURA
PODE AQUECER RAPIDAMENTE...

Daisy está em fuga. Os amigos e a família abandonaram-na, e o namorado persegue-a depois de uma atitude imperdoável. A única solução é afastar-se para umas férias forçadas na Suécia. No entanto, Daisy não contava com o alce que lhe destrói o carro... nem com o deus nórdico que a resgata.

O olhar azul e duro de Cole esconde um coração generoso e compassivo. E é por isso que decide dar abrigo a Daisy na cabana que partilha com Riven, o médico sereno e de comportamento irrepreensível, e Eli, o namorado instrutor de esqui com um sorriso encantador e covinhas adoráveis.

Com uma tempestade a aproximar-se, a cabana é o único refúgio seguro. E entre uma fogueira crepitante e a proximidade forçada de três suecos deslumbrantes, amigáveis e que adoram partilhar, as coisas começam a aquecer rapidamente. Parece demasiado estranho para ser verdade. Ou demasiado bom?

No entanto, Daisy não é quem aparenta. Quando a sua verdadeira identidade for revelada, serão eles capazes de perdoar as mentiras? Ou irá o seu segredo sombrio e doloroso deitar tudo a perder?

Mais informações em
www.sde.pt